
"Victoria Lavine is at the top of her game and I adore everything she writes!"
—CHELSEA CURTO, USA Today bestselling author of In Stormy Weather
NOT THAT KIND OF PROPOSAL
A Novel
Victoria Lavine
Internationally bestselling author of
Any Trope but You

AVISO

Esta tradução foi realizada de fã para fã, tratando-se de uma obra sem previsão de lançamento no território nacional. Não mantemos acervo e não compactuamos com qualquer método de comercialização. O lucro obtido por terceiros ocorre sem o apoio ou parceria do grupo Tradução EPUB. O uso deste material destina-se exclusivamente ao consumo privado, nos termos da Lei nº 9.610/98.

Siga nosso grupo no Telegram



Sinopse

Da autora best-seller internacional de Qualquer Clichê Menos Você, chega uma comédia romântica de inimigos a amantes sobre uma organizadora de casamentos romântica incurável e o advogado de divórcio cínico que é forçado a ajudá-la a planejar o casamento do ex.

Gracie Holland consegue planejar o final feliz perfeito — a menos que seja o dela. Depois de um término devastador, ela reconstruiu sua vida organizando casamentos em Larkwood — uma propriedade coberta de hera em Rhode Island, onde mora na casa dos funcionários (e só ocasionalmente chora até se enrolar em um cobertor). Mas quando sua amada chefe falece e deixa a propriedade para o neto, Gracie se vê de repente em conflito com um advogado de divórcio avesso ao amor, determinado a vender Larkwood até o final do verão — mesmo que isso signifique destruir o legado da avó e o emprego de todos sob seus sapatos impecáveis.

Como alguém que ganha a vida limpando desastres românticos, Jude Larkwood não tem a menor intenção de manter a propriedade como local para casamentos, não importa...

Data de lançamento: 21/07/2026

Elogios antecipados para "Não é esse tipo de proposta"

“Repleto de diálogos hilários e tensão eletrizante, 'Não É Esse Tipo de Proposta' entrelaça cenas hilárias com momentos tranquilos e reflexivos sobre luto e autodescoberta de uma forma comovente, bela e terna… Victoria Lavine está no auge de sua carreira, e eu adoro tudo o que ela escreve!” —Chelsea Curto, autora best-seller do USA Today da série D.C. Stars e de '*Em Tempo Tempestuoso*'. “Cheio de charme, sagacidade e momentos de tirar o fôlego, 'Não É Esse Tipo de Proposta' tem tudo o que você pode pedir em uma comédia romântica… Este livro vai te fazer rir, chorar, suspirar e corar até altas horas da noite — eu sei que eu fiquei!” —Lana Ferguson, autora best-seller do USA Today de '*A Babá*'. “'Não É Esse Tipo de Proposta' é tocante, emocionante e MUITO QUENTE! Victoria Lavine escreveu uma história de amor brilhante que todo leitor de romance vai adorar.” —Joss Richard, autora best-seller internacional de *It’s Different This Time*: “Victoria LaVine fez isso de novo! Comovente e doce, com personagens complexos e bem construídos, adorei acompanhar a jornada de Gracie e Jude!” —Naina Kumar, autora de *Say You’ll Be Mine*: “Adoro tudo neste livro… A leitura perfeita para românticos incuráveis (como eu), *Not That Kind of Proposal* é um sucesso absoluto. Gracie e Jude conquistaram um lugar permanente no meu coração.” —Ellen O’Clover, autora de *The Heartbreak Hotel*: “Me apaixonei por este livro no momento em que Jude colocou aquele chapéu de festa… Uma comédia romântica terna, hilária e incrivelmente emocionante. Eu amei.” —Georgia Clark, autora de It Had to Be You e *Play It Again* “Libere sua agenda, jogue fora sua lista de livros para ler — este livro é encantador e engraçado, inteligente e incrivelmente sensual, e comovente de uma forma que prende seu coração e não o solta muito depois de você chegar ao fim. Se Victoria Lavine escreve, eu leio, sublinho trechos inteiros, faço dele toda a minha personalidade. Eu amo este livro!” —Laura Piper Lee, autora de *Pot Shot* e *Doomsdate* “Estas páginas estão repletas de tudo que eu preciso e amo em um livro — comédia, emoções humanas complexas e uma onipresente sensação de esperança. Prepare-se para Victoria Lavine se tornar sua nova autora de romance favorita.” —Tarah DeWitt, autora best-seller do USA Today de *Left of Forever*

Obrigado por baixar este ebook da Simon & Schuster.

Ganhe um ebook GRÁTIS ao se inscrever em nossa lista de e-mails. Além disso, receba atualizações sobre novos lançamentos, ofertas, recomendações de leitura e muito mais da Simon & Schuster. Clique abaixo para se inscrever e ver os termos e condições.

CLIQUE AQUI PARA SE INSCREVER

Já é assinante? Forneça seu e-mail novamente para que possamos registrar este ebook e enviar mais conteúdo do seu interesse. Você continuará recebendo ofertas exclusivas em sua caixa de entrada.

NOT THAT KIND OF PROPOSAL

A Novel

Victoria Lavine

ATRIA PAPERBACK
New York Amsterdam/Antwerp London
Toronto Sydney/Melbourne New Delhi

Para o Éden.
Se eu incluísse todos os motivos, teria que cortar o livro inteiro por causa do limite de palavras. Obrigada por me amar, amiga.

NOTA DO AUTOR

Prezados leitores, esta história, embora seja inegavelmente uma comédia romântica, também explora temas mais complexos que podem ser sensíveis para alguns leitores, incluindo a discussão sobre violência doméstica. Embora não haja violência explícita, os efeitos a longo prazo e as memórias de crescer em um ambiente inseguro são abordados por personagens adultos, principalmente no capítulo 24. Leiam com atenção.

Embora meu objetivo seja sempre fazer você rir e se encantar, também espero lançar luz sobre assuntos que me são muito caros. Assim como muitas pessoas, minha vida e a de alguns dos meus entes queridos foram impactadas pela violência doméstica em suas diversas formas. Ao contar essa história, espero sinceramente que aqueles que passaram por essa experiência (independentemente da forma que ela tenha assumido ou continue a assumir) se sintam menos sozinhos. Uma lista detalhada dos avisos de conteúdo pode ser encontrada no meu site, www.victorialavine.com.

1 GRAÇA

Um conselho não solicitado: ao escolher sua equipe para o apocalipse zumbi, considere contratar um organizador de casamentos. Eu sei, eu sei — à primeira vista, as duas coisas parecem não ter nada a ver uma com a outra. Mas, como organizadora de casamentos e fã de filmes de zumbis, me escute. Casamentos, assim como o apocalipse zumbi, são situações de altíssima responsabilidade.

No grande dia, cada momento tem o potencial de se tornar uma lembrança preciosa para a vida toda ou um desastre que será relembrado em todos os jantares de Ação de Graças para sempre. Quer dizer, tecnicamente, ninguém vai ter que se defender de zumbis durante o coquetel, mas posso citar pelo menos três das minhas noivas (incluindo a que está prestes a subir ao altar) que provavelmente prefeririam uma briga com um zumbi do que as urticárias de estresse que eu tive que disfarçar antes das fotos do primeiro olhar. Mas, graças à Kit, isso não foi um problema.

Por reflexo, repouso a mão na pasta de couro preta que parece uma extensão do meu corpo. Dentro dela, itens essenciais para emergências: um kit de costura, colírio, fita adesiva para os seios, um gole de uísque, um grampeador, comprimidos para enjoo e diarreia. Há muito mais, claro, tudo organizado em um labirinto de bolsos com zíper por cor, mas o que quero dizer é que uma boa cerimonialista está preparada para tudo (basta me perguntar quantas utilidades existem para um creme para hemorroidas extraforte — duvido que você consiga imaginar).

Do meu esconderijo sob um pórtico de pedra ornamentado, observo a grande multidão sentada para esta cerimônia de casamento ao ar livre e dou uma olhada rápida no meu relógio. Sete para a meia-noite. Você ainda está adiantada. Meu fone de ouvido está no silencioso, o que significa que meus dois assistentes, Mark e Phoebe, não estão lidando com nenhuma emergência lá dentro. Solto um suspiro e

forço meus ombros para baixo, afastando-os da posição em que estavam tentando se aconchegar nas minhas orelhas. Normalmente, a essa altura, eu me comporto como um daqueles peixes ajudantes super solícitos que se agarram a criaturas marinhas mais majestosas, prontos para limpar qualquer coisa que possa incomodar meu cliente. Mas minha noiva, Jasmine, pediu um momento a sós com a mãe, então saí.

Estava pensando em voltar para ver como estavam as coisas quando um lampejo branco chamou minha atenção. Virei-me e vi Jasmine caminhando em minha direção, seu vestido esvoaçando como um sonho de pintor renascentista. A luz dourada do entardecer atravessava o extenso jardim de rosas, acariciando sua pele e seus cabelos presos. Era um momento perfeito para estampar a capa de uma revista de noivas da Nova Inglaterra, e bem que poderia ser.

A propriedade Larkwood — onde moro em uma pequena casa de hóspedes e também trabalho — é uma mistura de estilos arquitetônicos que eu, pessoalmente, classificaria como "Conto de Fadas". Trepadeiras de hera e roseiras se entrelaçam em uma batalha romântica sobre as paredes de calcário cinza-creme, enquanto torres e vitrais parecem garantir a existência de uma biblioteca secreta.

É o tipo de lugar com que você sonha morar quando tem seis anos e *A Bela e a Fera* está gravado para sempre em suas retinas. Ou quando você tem trinta anos, ainda se recuperando do pior término de relacionamento da sua vida e desesperado por um lugar para viver seus sonhos dissociativos de Romantasy. Não que eu esteja falando por experiência própria, claro.

"*Gracie!*" Jasmine me chama em um sussurro enquanto se aproxima. Afasto meus pensamentos negativos e retribuo seu sorriso radiante.

"Você está radiante", sussurro de volta, olhando para a multidão sentada enquanto ela segura minhas mãos. "Como você está se sentindo?" pergunto, puxando-a para mais perto do pórtico sombreado. "Pronta para ir?"

"Claro. Desculpe por ter saído — eu só precisava de um pouco de ar. Não consigo acreditar que o momento chegou." Os olhos de Jasmine se enchem de lágrimas, ameaçando transbordar, e minhas mãos já estão soltando as dela para abrir a bolsa Kit.

"Você não tem nada pelo que se desculpar. Aqui", digo, assim que encontro um delicado lenço branco. "Dê leves batidinhas — não esfregue."

“Gracie, você pensa em tudo.” Ela engasga com o riso, enxugando delicadamente os cantos dos olhos.

“Esse é o meu trabalho”, respondo com um sorriso, mesmo enquanto minha onda de tristeza, já habitual, começa a me invadir. Jasmine tenta me devolver o lenço, mas eu balanço a cabeça negativamente. “Fique com ele. Você provavelmente vai precisar dele de novo.”

Enquanto Jasmine o guarda no corpete do vestido, eu aperto um botão no meu fone de ouvido.

“Ei, Mark, estamos quase prontos. Você poderia chamar o cortejo nupcial? Estou com a Jasmine.”

“Pode deixar, já estamos a caminho.”

Os próximos minutos parecem os bastidores de um espetáculo da Broadway, se todos os atores estivessem um caos emocional, mas com a ajuda de Mark, consigo lidar com a situação. Este é apenas meu terceiro ano coordenando casamentos, mas aprendo rápido. Precisei aprender desde que planejei o casamento da minha meia-irmã aqui, e a dona do Larkwood decidiu me contratar em definitivo.

A proposta dela não poderia ter vindo em melhor hora, e minha gratidão — aquela eterna e inabalável — é o motivo pelo qual cada "grande dia" que me é confiado precisa ser perfeito.

Depois de orientar o cortejo nupcial, peço a Mark que verifique com a banda. Enquanto ele se apressa, cruzo o olhar com Kyle, o violinista principal do quarteto de cordas que sempre contrato, apesar de sua firme posição de não pentear o cabelo ("As madrinhas adoram, Gracie!"). Levanto um dedo em sinal de aviso de um minuto e aperto o botão do meu fone de ouvido para falar com Sofia, minha melhor amiga de infância e fotógrafa principal.

"Temos zumbis", digo baixinho, sabendo que só ela entenderá minha referência a The *Walking Dead*. "Repito, temos zumbis."

"Entendido, Portadora do Anel", responde sua voz familiar. "Em posição."

Minhas palmas começam a suar, apesar do clima perfeito de junho em Rhode Island. Já mencionei que casamentos são eventos de alto risco? A qualquer momento, a paixão secreta da madrinha pelo noivo pode explodir. O pequeno pajem de quatro anos pode confundir sua preciosa carga com cereais brilhantes. A

questionável decisão do noivo de beber cerveja com os padrinhos pouco antes da cerimônia pode resultar em um arroto inoportuno.

Mas até agora, todos estão se comportando bem. Respiro fundo. Finalmente, após um sinal de positivo para Kyle, corro para trás de um pilar para não aparecer nas fotos enquanto as primeiras notas do Cânon em Ré Maior se elevam do quarteto. A multidão se vira em uníssono em direção ao pórtico, e eu sinalizo para a mãe de Jasmine começar a caminhar. A procissão se desenrola até que chega o grande momento. A multidão suspira ao avistar Jasmine e seu pai pela primeira vez, perfeitamente enquadrados pelo arco de pedra esculpido coberto de hera. No momento exato, meus olhos se fecham.

Depois de meses planejando um casamento que deixaria a própria Martha Stewart em êxtase, este momento deveria me fazer sentir triunfante. Mas, em vez disso, só me lembra de tudo que perdi. A música aumenta de volume e minhas glândulas lacrimais disparam numa reação pavloviana dolorosa. Não é algo que eu possa controlar — acredite, como uma virginiana assumida, eu tentei. Então, em vez disso, abraço Kit contra o peito como se isso pudesse remendar a ferida aberta no meu coração — infelizmente, a única coisa para a qual não há cura.

Houve um tempo, antes de Larkwood se tornar meu refúgio pós-término, em que o único casamento que eu imaginava planejar era o meu. Naquela época, eu estava lançando uma linha de vestidos de noiva, ignorando minha crescente montanha de dívidas e torcendo para que ele me pedisse em casamento.

Tanta coisa mudou desde aqueles dias ingênuos. Agora, como uma solteira endividada, vivendo isolada em um chalé a poucos metros do trabalho, ter meu próprio "felizes para sempre" parece tão provável quanto esse noivo em particular não suar a camisa de novo (ele já está na terceira).

Antes que eu seja tentada a deslizar por este pilar e me encolher em posição fetal, ouço uma voz que só posso descrever como nítida e rouca (muito parecida com a dona).

"É melhor você estar relembrando o ménage à trois que teve com aquele carpinteiro e acrobata, e não se lamentando pelo Kevin de novo."

Um sorriso relutante surge em meus lábios enquanto olho para minha chefe, Agatha. Eu mesma sou relativamente alta, mas Agatha é mais alta. Com seus vigorosos oitenta e quatro anos, ela é toda ângulos retos e membros longos, sempre

envolta em cores incrivelmente vibrantes. Hoje, ela está com um conjunto fúcsia da cabeça aos pés que provavelmente foi enviado diretamente de Paris. Combinado com seus cabelos prateados lisos como régio e sua expressão característica de "tente me desafiar", eu provavelmente teria medo dela se não a amasse como uma avó.

"É Calvin, não Kevin", lembro-lhe, embora dizer o nome dele seja como abrir o zíper do meu peito e ver tudo cair no chão frio de pedra. "E definitivamente não estou relembrando um ménage à trois que nunca aconteceu."

Ela me olha com desconfiança. "Tem certeza de que não contou? Juro que você me deu os detalhes mais sórdidos sobre o acrobata—"

"Não, Agatha, não contei", sussurro nervosamente, dando uma olhada rápida nos convidados do casamento. Felizmente, eles estão tão encantados com a noiva que não a ouvem. Agatha não tem o hábito de falar baixo. Nunca.

"Hum. Deve ser uma lembrança minha. Me perdoe, querida. Estou ficando senil", diz ela com uma piscadela.

"Agatha, se você está senil, então o resto de nós está perdido", digo distraidamente. Jasmine e seu pai estão a meio caminho do espetacular caramanchão vitoriano coberto de rosas brancas, e ninguém vomitou ou começou a soluçar incontrolavelmente. Estamos quase a salvo.

"Nunca me canso disso", comenta Agatha suavemente, desviando minha atenção da cerimônia. "Ver minha casa se tornar o ponto de partida para o 'felizes para sempre' de alguém." Ela faz uma pausa antes de dizer, quase para si mesma: "Larkwood foi feita para ser um lugar de esperança. De novos começos."

Meu coração se aperta. Um novo começo é exatamente o que Larkwood e essa mulher me proporcionaram.

Na noite do casamento da minha meia-irmã, ela me encontrou chorando num canto do salão de baile enquanto toda a minha família dançava cha-cha-cha com toda a desenvoltura na pista de dança — completamente alheia ao fato de que eu estava no meio de uma crise existencial. Entre o término com o Calvin e a falência repentina do meu negócio, que se seguiu, o chão da minha vida tinha subido aos pedaços e pegado fogo.

Mas depois de me abrir com Agatha — uma estranha compreensiva que eu jamais esperaria reencontrar — ela me ofereceu um emprego na hora. E mesmo que ela não esteja a par do custo de vida atual e quase cada centavo precioso que eu

ganho seja engolido pelas garras negras da minha dívida, Agatha é a única razão pela qual eu não continuo dormindo no sofá-cama irregular no porão da minha mãe.

"É mesmo", concordo, tentando não deixar o suspiro que escapa soar muito autocomiserativo. Por reflexo, deslizo o polegar pelo meu dedo anelar sem adornos.

Os olhos de Agatha encontraram os meus, e o olhar que ela me lançou era demasiado onisciente para o meu conforto. "Ele nunca seria o seu final feliz, querida", disse ela, como se fosse um fato óbvio. "Isso é algo que você terá que construir por si mesma."

O nó na minha garganta se transformou num nó completo. Nossa relação sempre foi assim — ela pode ser minha chefe, mas há momentos em que suspeito que, quando me contratou, ela queria mais uma neta do que uma organizadora de casamentos. Talvez ela soubesse que eu também precisava dela.

"Eu sei disso", respondi suavemente. "Mas às vezes eu só..."

Seu semblante suavizou-se com compreensão. "Quer transar?"

Não consegui conter completamente o riso surpreso, e a violoncelista lançou-me um olhar nervoso.

“Não, Agatha”, sussurro assim que me recomponho. “Eu ia dizer que às vezes também gostaria de encontrar a minha pessoa.”

Admitir isso para alguém é humilhante, mas Agatha já me viu com a minha calça de moletom mais velha e me ajudou a remediar a minha decisão de cortar a franja sozinha, então só pode melhorar daqui para frente.

“A única maneira de você conseguir isso é esquecendo o Kevin e conhecendo alguém novo”, ela diz.

Não quero parecer arrogante, mas meu nariz acaba fazendo isso mesmo assim. A menos que meu encontro casual aconteça na seção de Comida Triste para Solteiros Sonhadores do supermercado local, conhecer alguém novo parece altamente improvável. "Eu não sou como você, Agatha." Olho para o vestido preto simples e o blazer que escolhi justamente para me misturar à multidão. "Não transmito a sensação de estar procurando por solteiros fabulosos."

"Ah, bobagem. Você parece a Audrey Hepburn com um bumbum", ela diz sucintamente. "Quem não gosta de uma Audrey com um bumbum? Ninguém com

quem eu me associaria." Ela funga. "Você é inteligente, trabalhadora e boazinha demais para o seu próprio bem. O Kevin não faz ideia do que está perdendo."

"O nome dele é Calvin, mas… obrigada, Agatha", digo, um pouco emocionada. "Ele definitivamente não sabe o que está perdendo."

Digo isso com convicção porque não tivemos nenhum contato desde que nos separamos. A menos que você conte aquela uma — tá, três vezes — em que entrei escondida no Instagram dele para me torturar com fotos dele confraternizando com os colegas do mercado financeiro em um happy hour.

"É isso aí, querida", diz Agatha, acariciando minhas costas. "Sabe, pensando bem, meu neto é absurdamente lindo e solteiro…" Ela para de falar, como se estivesse tendo essa ideia pela primeira vez, e não pela quinhentésima desde que a conheço. "Ele mora—"

"Ele mora em Providence e não vem com a frequência que gostaria", completo por ela, pensando nos poucos vislumbres que tive dele por trás das janelas da minha casa. Sei que ele é alto. Que tem cabelos escuros e ondulados, cuidadosamente penteados. Ele também está sempre de terno, sempre traz peônias para ela, e Agatha se recusa terminantemente a nos apresentar até que eu peça. O que nunca vai acontecer.

Ela me lança um sorriso malicioso, como se soubesse que estou repassando mentalmente cada olhar que já recebi dele. "Não estou pressionando", insiste ela. "Mas é só dizer uma palavra e eu o trago sem querer enquanto você estiver com pouca roupa."

Não é... a pior ideia. Não a parte de usar pouca roupa — isso é terrível. Mas talvez conhecê-lo. A verdade é que não tentei namorar ninguém desde o Calvin, e sim, sei muito bem o quão patético isso soa.

Meu celular começa a vibrar e, rapidamente, dou uma espiada por trás da coluna para ver Jasmine e seu noivo de mãos dadas enquanto o celebrante fala. "Desculpe, Agatha, estou recebendo uma ligação."

Tiro o celular do bolso, mas o deixo cair imediatamente sobre as pedras frias ao ver quem está ligando. Porque não é o Mark nem a Phoebe. É uma chamada de vídeo... do *Calvin*?

"Meu Deus", digo, agachando-me e pegando o telefone com cuidado, como se fosse explodir. Meu coração dispara. *Calvin* está me ligando por vídeo. Por quê?

Será que essa é a ligação acidental mais trágica do mundo? Ou será que meu desejo secreto — de que ele amadureça um pouco e perceba que deixou escapar a única pessoa que mais o amava — está prestes a se realizar?

Remanescentes da nossa última conversa voltam à minha mente como dardos no peito. Estamos em momentos diferentes agora, amor. Não estou pronta para a vida de família tradicional. Talvez quando formos mais velhos... quem sabe?

“Então, você vai atender e mostrar o dedo do meio para ele, ou eu atendo?”

A voz de Agatha é nítida e profissional, trazendo-me de volta à realidade. Tento engolir a saliva inexistente. "Vou atender. Por favor, Agatha. Fique de olho na cerimônia e me avise se alguma coisa, sei lá"—gesticulo com a mão—"pegar fogo."

Ela resmunga algo sobre o que gostaria de ver pegar fogo enquanto caminho rapidamente para dentro do pórtico sombrio. Com um último movimento ansioso da minha franja curta, respiro fundo e atendo à ligação.

2 GRAÇA

“Gracie!” O rosto bonito de Calvin preenche a tela, e dez mil memórias que tentei manter enterradas vêm à tona. Ele está sorrindo, seus cabelos loiros escuros levemente úmidos, como se tivesse acabado de tomar banho. Respiro fundo e juro que quase consigo sentir seu perfume de sândalo e menta. “Faz um tempão, como você está?”

Falar. Palavras. Conversa. As últimas três décadas de experiência nessas áreas de repente se mostram insuficientes. “Cal, oi”, digo finalmente. “Isso é inesperado.”

Ele faz uma careta de desculpas, as sobrancelhas franzidas acima dos olhos azuis profundos. “Eu sei, me desculpe... não te liguei em uma hora ruim, né?”

Dou uma olhada na cerimônia de casamento que fui contratada para garantir que transcorra perfeitamente e, em seguida, vejo Agatha ouvindo a conversa descaradamente, com uma cara de poucos amigos.

"Hum, está tudo bem! Ótimo, quer dizer. Estou coordenando um casamento agora, mas tenho um minuto. Está tudo certo?" E com isso, quero dizer claramente: Você está ligando para revelar a paixão inabalável que nutre por mim todo esse tempo?

O sorriso dele voltou, desta vez mais largo do que antes. Eu tinha me esquecido de como ele lhe dá aquelas linhas de expressão ao redor dos olhos e—

“Está tudo ótimo! Na verdade, estou ligando para falar sobre um casamento. Sei que perdemos o contato — totalmente culpa minha, você sabe como sou ruim com essas coisas — mas dou uma olhada nas suas redes sociais de vez em quando e sei que você anda organizando casamentos. Aliás, você está fantástica.”

Com a admissão completamente desinibida de que deu uma olhadinha rápida nas suas redes sociais, possibilidades brilhantes surgem na minha mente como

conclusões óbvias. Imagino ele me contando que a irmã dele vai se casar e perguntando se eu teria interesse em organizar o casamento. Talvez a gente converse sobre isso durante um jantar com uma garrafa de vinho tinto?

“Obrigada, Cal, você também está ótimo”, digo com um pouco de seriedade demais. “De quem é o casamento?”

O sorriso dele se transforma em algo envergonhado, e ele coça a nuca, deixando os cabelos úmidos num gesto que me lembro muito bem. "A questão é... bem, acredite ou não, é meu." Ele solta uma risada nervosa, como se mal conseguisse acreditar.

Por um longo momento, tudo o que consigo fazer é encará-lo, torcendo para ter entendido errado ou que isso seja algum tipo de pesadelo de castigo por achar coletes de financista minimamente atraentes. Distraidamente, percebo que meu queixo caiu, junto com o que parece uma bola de boliche, no meu estômago. Tenho quase certeza de que é meu coração.

"Eu sei." Ele ri baixinho, alheio a tudo. "Sou a última pessoa que alguém esperaria que ficasse noiva, mas acho que quando você encontra a pessoa certa..." Ele solta um suspiro, e juro que seus olhos se arregalam. "Você está perdida."

“A pessoa certa”, repito com os lábios dormentes. Todo esse tempo, eu disse a mim mesma que ia deixar para lá e seguir em frente. Mas agora, tudo em que consigo pensar é naquela única frase à qual me agarrei desde que ele terminou tudo. Talvez quando formos mais velhos… quem sabe? Seis palavras. Seis palavras que alimentaram minhas fantasias mais patéticas. Nunca me senti tão envergonhada. Começo a tremer e, de repente, encerrar essa ligação é mais importante do que respirar. “Parabéns, Cal. Eu… eu estou feliz por você”, consigo dizer. Mal e porcamente. “Mas escuta, eu preciso ir. A cerimônia está terminando e—”

Calvin se senta, sua postura relaxada desaparecendo. “Gracie, espera. Eu nem cheguei a explicar por que estou ligando. É que eu e a Brooke estamos numa enrascada.”

Brooke. De repente, meu pior pesadelo ganhou um nome. *Por que não poderia ser Mildred?*

"A questão é", ele continua, "estamos pensando em nos casar no início de agosto. Talvez até no final de julho, se possível."

Meu cérebro de organizadora de casamentos calcula automaticamente quanto tempo ele teria para planejar. "Parece viável", digo. "Quinze meses é mais do que suficiente."

"Não, não o próximo agosto", ele me corrige. "Este agosto. Ou seja, um pouco mais de dois meses a partir de agora."

Eu pisquei. "Cal, isso é..."

"Agressivo?" Ele ri. "Eu sei. Mas o local onde você trabalha é deslumbrante, e eu juro que seríamos os clientes mais fáceis. Brooke e eu não temos tempo para planejar isso de qualquer forma, então você teria total liberdade criativa."

"*Eu?*" pergunto, tentada a olhar em volta, caso haja outra organizadora de casamentos escondida entre as roseiras. Até então, era plausível que ele estivesse ligando para pedir conselhos ou uma recomendação. Mas, ao descobrir que ele acha que sou a pessoa certa para o trabalho, minha temperatura corporal começa a subir rapidamente.

"Olha. Eu não teria te pedido, mas temos que nos casar em agosto, e eu não conheço mais ninguém que possa, ou queira, nos ajudar."

Por um milésimo de segundo, meu coração traiçoeiro sente uma forte vontade de intervir e salvar o dia, só para tê-lo de volta na minha vida. Só para obter a aprovação que sempre desejei dele. Mas a indignidade dessa tarefa rapidamente sufoca o sentimento e depois o esmaga com um martelo.

"Mas por que tanta pressa?" pergunto, desviando a conversa de mim e da sugestão absurda de que eu o ajudaria com isso. Se ele marcasse uma data razoável, poderia escolher o local e o cerimonialista que quisesse — especificamente, qualquer um, menos eu. A *ex-namorada* dele. "Com certeza vocês dois querem aproveitar o seu—" Faço uma pausa, controlando a súbita vontade de vomitar. Ou de ligar uma motosserra. "Noivado", completo.

Dessa vez, não sou a única que parece um pouco enjoada. "Ah, bem, a questão é..." Ele faz uma pausa, olhando para os joelhos antes de me encarar novamente. "Eu vou ser pai." Ele solta aquela risada incrédula de novo, o rosto corando de admiração e alegria nervosa.

Uma lágrima solitária escorre pelo meu rosto. "Meu Deus", digo fracamente. Pisquei para mim mesma, tentando clarear os olhos e quase esperando ver uma lança bem apontada saindo do meu peito. "Um bebê. P-parabéns."

As palavras saem automaticamente. Uma gentileza automática, enquanto todos os meus pensamentos são interrompidos no meio do caminho.

"Ah, Gracie! Olha só você toda emocionada. Isso significa muito", ele diz, como se não se lembrasse dos meus sonhos de ter filhos com ele um dia. De criar a família estável e afetuosa que eu nunca tive. Ele sorri, e a primeira faísca de raiva no meu peito parece uma chama tentando pegar fogo em uma garoa.

"A Brookey está grávida de apenas algumas semanas", ele continua, "mas quer se casar antes do bebê nascer. Ela tem uma família muito conservadora." Ele faz uma careta, e eu penso em encerrar a ligação em protesto contra aquele apelido nauseante. "Um casamento grande é importante para ela, então..." Sua voz suaviza. "É importante para mim também."

É demais. A audácia dele é inaceitável, e antes que eu possa me controlar, as palavras escapam das minhas defesas num tremor silencioso de mágoa e incredulidade. "Isso é algum tipo de piada cruel?"

Ele parece horrorizado. "Gracie, não. Deus, claro que não. Eu não queria—" Ele suspira e passa a mão pelos cabelos.

"Você não queria dizer o quê?" pergunto, enquanto a raiva começa a se dissipar em meio ao choque. "Pedir para o ex que você ignorou completamente planejar seu casamento?"

Para o crédito dele, ele parece genuinamente envergonhado.

"Gracie, por favor", ele implora. "Me desculpe. Eu sei que você é a última pessoa a quem eu deveria pedir isso, mas nunca conheci ninguém tão organizada ou criativa quanto você. Você é a única pessoa que eu conheço que conseguiria fazer isso, e eu estou desesperado."

Diante de seus elogios, o velho e familiar desejo de agradá-lo ressurge como um boneco de jogo de bater em toupeiras para o qual sou lento demais. Desta vez, preciso de mais esforço para lembrar que ele sabe que nunca consegui dizer não a ele. Mas até eu reconheço que o que ele está pedindo é ridículo a ponto de ser absurdo. Não existe um organizador de casamentos no universo disposto a aceitar um prazo de dois meses.

Finalmente perdendo a paciência, digo: "Por que vocês não fogem para se casar? Tenho certeza de que existe um Elvis por aí mais do que disposto a fazer o trabalho."

Calvin balança a cabeça. "De jeito nenhum. Os pais da Brooke nunca nos perdoariam, e eu não vou deixar que eles envergonhem minha esposa."

Minha esposa. É mais uma lança no peito, mas a essa altura, eu sou basicamente um arranjo de frutas sem as frutas. Que diferença faz mais um espeto estéril no coração?

"Eu não consigo fazer isso", sussurro, meio para Calvin, meio para mim mesmo.

Ele balança a cabeça e se inclina para a frente. "Escuta", diz ele, desesperado. "Eu sei que estraguei tudo entre nós. Eu fugi quando não devia, e você não merecia isso. Mas a Brooke também não, e nem... nem a minha filha." Ele me encara profundamente, vulnerável como nunca antes, e meu coração dispara como um motor que não pega. "Eu a amo, Gracie. Amo as duas, e quero fazer isso direito. *Por favor*, me ajude a acertar desta vez. Você é minha única esperança."

Engulo em seco, com a sensação de que algo está errado na minha garganta, enquanto uma compaixão equivocada me deixa sem palavras. Ele está pedindo demais. Já tenho problemas suficientes sem o trauma adicional de ajudá-lo a se casar com a mulher que eu esperava ser um dia. É claro que vou dizer não. Eu preciso.

Mas diante do seu rosto desesperado, dos elogios cautelosos e do primeiro sinal de desculpas que já recebi dele, de alguma forma não consigo apertar o botão de encerrar a chamada, mesmo sabendo que deveria. Em vez disso, mordo o lábio, travando uma batalha desesperada contra o desejo intrínseco de não decepcionar ninguém — incluindo Calvin e sua noiva grávida, que só querem as mesmas coisas que eu sempre quis. Segurança. Proteção. Um final feliz.

Já começam a surgir justificativas para a minha má decisão. Os romances não me ensinaram que todos merecem um final feliz, mesmo que tenham cometido erros? Calvin e Brooke nunca vão encontrar outro organizador de casamentos ou local disposto a trabalhar com esse cronograma. Sinceramente, nem sei se conseguiria dar conta do recado. Solto um suspiro preso. Preciso dizer não, mas...

"Você pode me dar alguns dias para pensar?"

Sua cabeça loira surge como a de um suricato. "Sim! Claro! Gracie, você não tem ideia do que isso..."

"Eu não disse sim", respondo. "Preciso checar minha agenda e... outras coisas." E por outras coisas, quero dizer minha sanidade.

“Tudo bem, leve o tempo que precisar. Só não demore muito.” Ele ri nervosamente. “Mas obrigado, Gracie. Da Brookey também.”

Reprimo a vontade de vomitar. “Tchau, Calvin.”

Encerro a ligação e me encosto imediatamente na parede de pedra fria. Fecho os olhos e ouço uma ovação, como se 150 pessoas estivessem aplaudindo minha idiotice. A cerimônia acabou. Por puro instinto, aperto o fone de ouvido e falo com Mark e Phoebe. Quando eles confirmam que estão prontos, sei que tenho aproximadamente dois minutos para me recompor antes de precisar fazer com que mil detalhes cuidadosamente cronometrados se encaixem perfeitamente.

Abro os olhos marejados de lágrimas, tentando me manter ereta, apenas para encontrar Agatha vindo em minha direção, furiosa e vestida de rosa. Espero uma repreensão. Talvez um tapinha no rosto. Mas, em vez disso, ela me puxa da parede e me abraça. O perfume Chanel Nº 5 me envolve e solto um soluço baixinho.

Quando ela sussurra em meu cabelo, sua voz é suave. "Aquele homem merece ser castrado."

Engulo um riso abafado. "Agatha, não—"

Ela se afasta um pouco, me abraçando pela distância de um braço. Seus olhos escuros examinam meu rosto enquanto ela franze seus lábios vermelhos vibrantes. "Mas você ainda vai ajudá-lo, não vai?"

Quando não confirmo nem nego, o rosto dela suaviza. "Bem, ele estava certo em uma coisa. Você é gentil. Gentil demais para o seu próprio bem, às vezes."

"Eu poderia dizer não a ele, se você for contra. Eu poderia dizer que estamos com a agenda lotada", digo, mesmo enquanto a culpa que sei que não deveria sentir começa a me invadir.

"A decisão é sua, Gracie. O Larkwood está aberto a eles, mas só porque acho que isso pode te dar o encerramento que você precisa. Se você fizer isso, precisa me prometer que vai tentar seguir em frente."

Encerramento. A palavra esquiva que me persegue há três anos. Talvez seja assim que eu finalmente a encontre. "Eu prometo", digo a ela.

Ela sorri e dá um tapinha na minha bochecha. "Essa é a minha garota. Agora enxugue as lágrimas e vá atrás dos noivos antes que eles pisoteiem meus roseirais. Vou subir para tomar champanhe na minha banheira."

Não consigo conter o sorriso. "Claro que vai."

O olhar que ela me lança é longo e terno. "Você vai ficar bem, querida. Você levou uma surra hoje, mas se levantar é o que vai te fortalecer."

"Você acha que eu vou encontrar, Agatha?", pergunto em voz baixa. "Meu próprio 'felizes para sempre'?"

Ela sorri. “Você encontrará o seu grande amor, Gracie. Algo me diz que ele será a última pessoa em quem você suspeitaria. Mas lembre-se do que eu disse antes. O seu ‘felizes para sempre’ depende de você. Não de mim, não do futuro amor da sua vida e certamente não do *Kevin*.”

Eu aceno com a cabeça, trêmula, sentindo uma vontade quase irresistível de dizer a essa mulher, que tem sido mais carinhosa comigo do que a minha própria família, que a amo. Mas então ela se vai, saindo de fininho num brilho de joias antes de desaparecer atrás da pesada porta de madeira.

Eu… não estou bem. Estou o oposto de bem elevado à potência de infinitos *Brookies*. Mas eu também não estava bem na noite em que Calvin me deixou, e eu consegui, não é? Construí uma nova vida para mim, e agora, Jasmine e sua família dependem de mim. Enxugo meu rosto manchado de lágrimas e endireito as costas com a confiança de alguém que sabe que — no mínimo — seu dia não poderia ficar pior.

E é nesse momento que uma das lindas pombas brancas soltas na cerimônia voa sob o pórtico, fica confusa e defeca diretamente no meu blazer preto.

3 GRAÇA

Dizem que quando você pensa que as coisas não podem piorar, é aí que pioram. Na verdade, não sei se "dizem" mesmo, mas é o pesadelo que estou vivendo agora, então acho que deve ser verdade. Porque Agatha... se foi.

Pisquei rapidamente, tentando não chorar de novo enquanto o terceiro orador do funeral divagava sobre as generosas doações de Agatha para instituições de caridade. Quase todos aqui são políticos, já que a filha de Agatha é a procuradora-geral de Rhode Island. Mas, nesse mar de terninhos discretos e condolências artificiais, a dor era como um soco esmagando lentamente minhas costelas. Ninguém mencionava o jeito como ela jogava a cabeça para trás quando dava uma gargalhada ou como Elizabeth Taylor costumava ligar para ela pedindo conselhos amorosos. Ninguém sabe o quanto ela significava para mim.

Ela foi encontrada na banheira na semana passada, um dia depois do casamento de Jasmine. Insuficiência cardíaca, de todas as coisas. Mesmo agora, parece absurdo, quase impossível, que a mulher que eu conhecia — com sua política de tolerância zero para besteiras e sua crença inabalável no poder do amor — tenha sucumbido à insuficiência cardíaca. Após sua perda, o coração que bate no meu peito parece enfraquecido. Como se, de repente, estivesse se perguntando que chance teria contra o aríete da vida se o coração *de Agatha Larkwood* simplesmente pudesse falhar? Respiro fundo para me acalmar, alisando meu vestido feito à mão.

Na última semana, deixei de lado todos os sentimentos complexos que a costura me traz e recriei o único vestido preto que Agatha teria aprovado. Senti que era uma forma de homenageá-la, já que ela sempre pedia para ver meu trabalho da Grace & Veil — minha empresa fracassada de design de vestidos de noiva que alegremente me rebaixou ao nono círculo do inferno (também conhecido como

pagamento de dívidas com juros altíssimos). Costurar depois de tanto tempo foi catártico, e mesmo sem poder comprar o cetim genuíno do modelo original, acho que fiz jus a ele. Acho... acho que Agatha teria adorado.

O político se afasta do púlpito, e eu espero que seja o último discurso insosso que terei que aturar quando alguém do primeiro banco se levanta. Imediatamente reconheço o cabelo. A altura. O terno impecavelmente cortado. O neto de Agatha.

Ele caminha lentamente até o púlpito, de cabeça baixa. Na luz fria e tênue da igreja, seus cabelos cuidadosamente domados são quase tão escuros quanto o terno. Uma curiosidade irreprimível de finalmente ver seu rosto, e talvez um vislumbre do de Agatha, faz meus músculos do estômago se contraírem.

Ele se vira, finalmente encarando a sala, e minha mandíbula cai. A primeira coisa que vejo é seu perfil pálido. Sobrancelhas escuras, nariz reto como uma régua e boca macia. Seu queixo liso parece ter sido desenhado com um esquadro e plantas arquitetônicas. As palavras "*incrivelmente bonito*" me vêm à mente com a voz de Agatha, e isso antes mesmo de ele se virar completamente para nos encarar. Quando ele o faz, perco qualquer pretensão de olhar educadamente e passo a admirá-lo sem cerimônia.

Sem olhar para ninguém, ele coloca uma caixa de madeira no pódio e levanta o microfone uns trinta centímetros. Ele abre a caixa e, por um instante, penso que vou ver as cinzas de Agatha. Mas então ele tira de lá... *um chapéu de festa*?

Eu me inclino para a frente, certa de que estou enganada, mas não — é um cone de papel dourado metálico com um pompom rosa no topo. A igreja fica em silêncio. Nenhum farfalhar de tecido, nenhuma tosse abafada, nada, enquanto, com total seriedade, este homem solene em seu terno solene estica o elástico e posiciona cuidadosamente o chapéu na cabeça em um ângulo elegante. Ele completa esse espetáculo alcançando a caixa e tirando de lá uma estola de penas rosa-choque, que ele passa precisamente por trás do pescoço e sobre um ombro.

Então ele levanta o olhar. Seus olhos são impressionantes, mas não apenas pela cor de caramelo queimado. É o jeito como ele nos encara com clara desaprovação, usando um chapéu de festa infantil e um estola de penas combinando. Como se fôssemos nós que estivéssemos agindo de forma inadequada.

“Boa tarde”, diz ele com uma voz grave e séria. “Meu nome é Jude Larkwood e tive a sorte de ser neto de Agatha.” A emoção aperta brevemente os músculos ao

redor de seus olhos e ele engole em seco. Jude. Giro seu nome na minha mente como se fosse um rubi, percebendo só agora que Agatha se referia a ele exclusivamente como *meu neto*. Nunca lhe pedi mais detalhes. Nunca quis demonstrar interesse por ele quando meu coração estava tão firmemente em outro lugar. Mas agora, ao vê-lo se esforçar para controlar uma dor tão incontrolável quanto a minha, a vontade de me conectar de alguma forma com ele — com alguém que também a amava — é irresistível.

"Como outros já mencionaram antes de mim", continua ele, "minha avó era uma mulher notável, conhecida por seu generoso mecenato às artes e por seu compromisso em preservar a propriedade Larkwood — um dos maiores tesouros arquitetônicos de Rhode Island. Mas esses são aspectos da vida dela que pouco importavam para mim como seu neto." Ele rapidamente passa a mão sob os olhos. "Vocês podem estar esperando que eu fale sobre a ternura dela. O calor do seu abraço. Talvez sobre os biscoitos que ela fazia para mim quando eu era criança. Mas ela nunca foi esse tipo de avó. A verdade é que a avó com quem eu cresci era muito mais propensa a me levar escondido para um bar de coquetéis com seus amigos do teatro e me manter comportado com goles do seu martini sujo."

Um pequeno grito de desaprovação ecoa no fundo da igreja, onde se reuniram os amigos do teatro que chegaram atrasados. Uma onda de desaprovação percorre a multidão, mas tudo o que sinto é uma corda invisível e um gancho de escalada se lançando diretamente do meu peito em direção a esse homem. Ele a conhecia. A conhecia de verdade.

"Não conto essa história para denegrir o caráter dela", continua ele, "mas sim para celebrá-lo. E também para servir, em parte, como explicação para a última parte do meu elogio fúnebre." Ele retira um pedaço de papel dobrado da caixa. "Fui um dos poucos sortudos que a visitaram nas semanas que antecederam seu falecimento. Quando o fiz, ela insistiu que não sabia quando o mundo seria privado de sua presença radiante, mas me deu ordens firmes para usar estes… acessórios em sua homenagem quando o dia chegasse. Ela também me instruiu a ler um poema que havia escrito para — e cito — 'dar um pouco de vida à ocasião'. Então, sem mais delongas", continua ele, desdobrando o papel à sua frente, "as palavras pelas quais minha avó escolheu ser lembrada." Ele pigarreia, ergue o queixo com covinha e diz com sua voz ressonante:

“Havia uma velha senhora de Larkwood, que era frequentemente incompreendida. Exceto quando levantava suas belas saias e insistia que cavalheiros bonitos fizessem um tour por seus atributos. Agora ela se foi e é um choque para todos os rapazes que vinham em bando. Eles sentirão falta de seus sorrisos doces, seu dinheiro e seus encantos, mas principalmente de como ela os fazia bater no peito.”

Ele termina num tom mais apropriado para ler Sylvia Plath, enfia a mão na caixa pela última vez e tira uma corneta de festa. Ele a toca uma vez, o papel se desenrola com um apito alto, e a risada que me escapa num espasmo de alegria e tristeza é incontrolável.

Os olhos de Jude se voltam para os meus, e percebo, com crescente constrangimento, que o resto da igreja está em completo silêncio — até mesmo seus amigos do teatro conseguiram manter o respeitoso silêncio. Seus olhos se arregalam ligeiramente ao me observar bem, e meu rosto se torna a nova fonte primária de calor da Terra. Mas então, ele sorri. É apenas um leve sorriso no canto de sua boca larga, mas transforma aquele cordão invisível entre nós em um condutor elétrico, pulsando com uma conexão inesperada. Um canto da minha própria boca se curva para cima, como um puxão em nossa corda.

Jude pisca como se sentisse algo, depois baixa os cílios. "Obrigado a todos por terem vindo." Sem olhar para mim ou para qualquer outra pessoa novamente, ele junta os itens do pódio, tira seus acessórios de festa e volta para o seu lugar.

Solto um suspiro quando ele se senta. Uma mulher com ondas castanho-avermelhadas escuras e um queixo igualmente quadrado, que presumo ser sua mãe, acaricia seu ombro enquanto o padre retorna. Ele encerra a cerimônia, mas mal consigo ouvir algo. Meus olhos estão fixos na nuca de Jude, e eu já estou planejando a melhor maneira de encurralá-lo na mesa de canapés mais tarde. Provavelmente — não, definitivamente — é um plano péssimo. Ele está de luto, e tenho certeza de que não quer ser abordado por uma estranha que basicamente foi ao funeral da avó fantasiada de Halloween.

Mas, na semana desde que Agatha faleceu, não houve ninguém com quem eu pudesse realmente compartilhar o luto. E talvez eu esteja apenas projetando desesperadamente minha própria necessidade de conexão, mas a maneira como ele sustentou meu olhar, em um gesto de compreensão mútua, me pareceu como se

estivesse passando um bilhete em segredo. E, mais do que qualquer outra coisa, preciso desvendá-lo.



Entrando no salão de baile de Larkwood em meio a outros convidados do funeral, sou uma mulher com uma missão. Desde que saí da igreja, minha necessidade de conversar com Jude se condensou em uma esperança aguda e específica: que talvez, se eu disser ao neto de Agatha o quanto a amava, o arrependimento de nunca ter dito isso a ela pessoalmente seja um pouco menos devastador.

Graças à sua altura, ele não é difícil de localizar. Ele caminha lentamente pela multidão, respondendo às saudações com uma reserva que desencoraja fortemente as pessoas a conversarem. Mas eu me recuso a ser dissuadido por isso, ou por suas maçãs do rosto, que parecem biologicamente projetadas para intimidar.

Esquivando-me de outros convidados que olham boquiabertos para o esplendor dos afrescos e das cortinas de veludo do salão, posiciono-me atrás de uma planta alta, de aparência tropical, perto do bar para onde Jude está indo. É a escolha errada. A fila anda surpreendentemente rápido, e antes que eu consiga me desvencilhar e me aproximar casualmente do bar, Jude já está recebendo uma bebida e se virando. Ele está a poucos instantes de ser cumprimentado por outro grupo de convidados, e eu me levanto rapidamente de onde estava escondida.

"Jude?"

Ele se vira ao ouvir seu nome, mas, naturalmente, a planta espinhosa em que esbarrei na pressa decide que quer me agarrar para sempre. As longas folhas em forma de lâmina se prendem no meu cabelo cuidadosamente penteado para trás, e eu recuo um passo. Algo afiado perfura meu couro cabeludo.

"*Droga*", praguejo baixinho enquanto estendo a mão e descubro folhas afiadas como navalhas, totalmente capazes de arruinar tanto o cabelo quanto vidas. Tentando desesperadamente me desembaraçar enquanto, de alguma forma, mantenho a calma, acabo cometendo um desastre duplo espetacular. Sou a própria imagem da graça, meio curvada com os braços acima da cabeça enquanto Jude abandona sua bebida no bar e caminha em minha direção.

"Aqui, solta, você vai—"

“Ai!” exclamo quando uma das pontas da folha corta a ponta do meu polegar.

“Se machuque”, completa Jude. Automaticamente, levo a boca ao corte superficial entre meus lábios, e então ele está bem ao meu lado. Perto o suficiente para que eu sinta o cheiro do seu perfume, que lembra explicitamente uma brisa de outono farfalhando as páginas de um livro ao lado de um copo de uísque. O que é ridículo e— “Você se importa se eu tentar?”

Sua voz é profunda e suave. Como aquele tipo de travesseiro de penas que parece uma boa ideia até engolir sua cabeça inteira. Solto meu polegar machucado e levanto os olhos para encará-lo. Conforme meu olhar sobe — e sobe ainda mais — percebo cada detalhe do seu terno. A lã cortada com maestria, a elegante curvatura das lapelas, a gravata cinza com covinhas perfeitas. Uma pequena pena rosa brilhante repousa em sua gola. Quase me faz sorrir, apesar da situação com a planta, mas quando meu olhar encontra seu rosto, toda a atividade cerebral se dissipa.

Porque o neto de Agatha é lindo. De longe, era difícil não ficar olhando. De perto, quase me sinto constrangida em não comentar. Como quando você se depara com o corte de cabelo horrível de um amigo, só que exatamente o oposto. Meu olhar hesita em encontrar seus olhos, mas eles estão parcialmente sombreados enquanto ele faz sua própria observação curiosa. Demoro muito para perceber que ele está educadamente esperando minha resposta à sua pergunta. Meu Deus.

"Hum, sim", consigo dizer. "Isso seria ótimo. Quer dizer, útil. E também maravilhoso."

Me mate agora, Agatha. Me leve com você para aquele banho de espuma infinito no céu e depois me afogue para garantir.

Um canto da boca dele se curva para cima, acompanhando o sangue que sobe ao meu rosto. Quero explicar que não saio muito de casa. Que uma terapia de exposição a homens bonitos que amam suas avós provavelmente me faria bem.

"Ok, fique parada", ele instrui, antes de levantar as mãos para explorar delicadamente meus fios emaranhados com um toque que sinto nos dedos dos pés. Ele crava seus dentes brancos perfeitos no lábio inferior.

"Desculpe, não tem jeito", ele diz depois de um momento, olhando para mim. "Você se importa se eu soltar seu cabelo?"

Sou como uma peixinha. Incapaz de fazer mais do que piscar e abrir a boca algumas vezes, sem nenhum propósito. Finalmente, aceno com a cabeça, mas o cabelo puxa meu couro cabeludo e eu faço uma careta.

“Não se mexa”, ele murmura, olhando de volta para o meu cabelo. Ele dá um passo à frente e, em seguida, suas mãos começam a arrancar grampos do meu coque, um a um. A metade de baixo cai pesadamente sobre meus ombros, onde não fica presa pelas mechas espinhosas. Ele hesita por um instante e, então, seus dedos afundam no meu cabelo, raspando meu couro cabeludo e libertando as mechas afiadas como lâminas. Tento não gemer. Estou em um funeral. Mas, em minha defesa, a última pessoa que me tocou assim foi minha cabeleireira, e o rosto dela não faz meu cérebro parecer queijo derretido.

“Ai meu Deus, obrigada”, digo, quando finalmente consigo me soltar.

“Tudo para ser gentil”, ele responde com um sorriso irônico, estendendo a mão.

A princípio, tenho a estranha impressão de que ele está prestes a me girar para dançar. Mas então vejo os grampos de cabelo na palma da mão dele e coro. *Certo.* Porque eu não sou uma debutante eloquente em um baile. Estamos no funeral da avó dele, e eu sou uma mulher que se enrosca em vasos de plantas e inventa palavras novas e brilhantes. Pego os grampos e os coloco na minha carteira.

"Eu diria que você superou o 'grelpful'", digo a ele, sem outra opção a não ser me entregar ao meu jorro de palavras. "Isso foi quase 'neroico'."

Uma de suas sobrancelhas escuras se ergue. "E isso é alguma variante de... neurótico?"

“Não!” exclamo. “Não, é uma combinação de gentil e *heroico. Neroico*”, repito, como se dizer de novo pudesse tornar a situação menos humilhante. Não torna.

Ele me dá um sorriso gentil. Como se já estivesse acostumado com pessoas que perdem completamente a capacidade de falar naturalmente na frente dele. “E eu que pensava que você já tinha uma boa noção da minha personalidade.”

Isso me arranca uma risada inesperada. “Tenho certeza de que você não deve ser tão ruim assim”, digo. “Afinal, você é neto da Agatha.”

O sorriso dele vacila e meu coração dispara. “Você a conhecia bem?”, pergunta ele, esperançoso.

Atrás dos meus olhos, uma rápida retrospectiva dos meus momentos mais preciosos com Agatha passa como um passe de mágica. O dia em que ela insistiu para que eu me mudasse para a casa de hóspedes e parasse de ir e voltar de Providence todos os dias. A primeira vez que ela desenterrou a história de Calvino e me assegurou que "Toda grande vida precisa de pelo menos uma grande

decepção, querida". A última vez que ela me abraçou, quando perdi a chance de dizer o quanto a amava.

Uma lágrima escorre pelo canto do meu nariz. "Sim", sussurro. "Eu a conhecia."

O passo que Jude dá em minha direção é quase imperceptível.

"Eu percebi", diz ele baixinho. Com fervor. "Quando você riu na igreja."

Meus ombros se curvam em direção às orelhas. "Sinto muito por isso—"

"Não, não fique assim", diz ele, com os olhos arregalados e sinceros. "Foi um alívio saber que eu não era o único que—"

"Sabia que ela teria preferido estar espalhada pelo mar num cruzeiro temático de *Chicago* com muita bebida?"

Dessa vez, ele ignora todos os sorrisinhos que deu até agora e me presenteia com um sorriso tão largo e caloroso que me sinto como um gato se aconchegando num raio de sol. O sorriso forma linhas de expressão em suas bochechas e rugas ao redor dos olhos, e eu estou... perfeitamente bem. Ambivalente, até. Totalmente neutra em relação a esses acontecimentos relacionados ao seu rosto. "Exatamente", diz ele com uma risada que se transforma num olhar terno. "Eu deveria ter imaginado, pelo seu vestido, que vocês eram próximos."

Olho para a minha réplica impecável do vestido preto mais icônico do mundo, e uma sensação calorosa começa a crescer dentro de mim. "Você reconhece?"

"Claro. Vovó me obrigava a assistir 'Bonequinha de Luxo' sempre que eu estava de mau humor."

"Para mim, era 'A Princesa e o Plebeu'!" Exclamo, radiante, meio feliz, meio triste. Isso. Era exatamente o que eu esperava: uma conexão com alguém com quem eu pudesse compartilhar minhas lembranças de Agatha Christie. O que eu não esperava era essa palpitação constante no meu peito, depois de anos de... sei lá o que seja o oposto de palpitação. Talvez uma espécie de engasgo. Seu olhar percorre minha silhueta.

"É uma réplica linda", diz ele, com os olhos demorando no decote alto, logo abaixo das minhas clavículas.

Passo a mão nervosamente pela minha franja. "Obrigada", digo. "Foi divertido costurar."

Seus olhos se voltam para os meus. "Você fez o seu vestido?"

Dou um ombro de apoio. "Sempre adorei costurar. Parecia que—" Faço uma pausa, tentando conter a emoção. "Uma boa maneira de homenagear Agatha Christie."

Jude engole em seco. "Ela teria adorado. Mas você está sem suas pérolas." Seu olhar percorre um dos meus ombros nus, até chegar à minha mão, e de repente me sinto como uma vitoriana reprimida, mostrando um pouco demais do meu cotovelo. "E suas luvas."

Uma sensação pequena e vergonhosa se insinua no meu estômago. Não quero admitir que, depois de comprar o tecido, não consegui comprar as bijuterias ou as luvas. "Pensei que as pessoas pudessem se ofender se eu aparecesse vestida como se tivesse ido a uma festa à fantasia", digo em vez disso.

"Sinceramente, estou surpresa que a vovó não tenha exigido que todos viessem fantasiados."

Meus olhos se fixam na pequena pena rosa ainda presa à gola da jaqueta dele, e antes que eu possa repensar a ideia, estendo a mão para arrancá-la, meus dedos roçando a lã macia do seu casaco. Seguro-a entre nós, o coração palpitando pela minha ousadia. Desde quando eu tomo a iniciativa? As únicas iniciativas que tomo são aquelas que surgem da segurança da minha mente, quando bebo um pouco demais e penso em ligar bêbada para o Calvin.

Calvin. Com um sobressalto, percebo que ele não me passou pela cabeça nenhuma vez desde que Jude me salvou da planta infernal. Deve ser um recorde, mas de repente me dou conta de que consegui esquecer não só meu ex, como também onde estou — no velório da minha querida amiga. A culpa me aperta o coração como uma fisgada. Deve haver algum tipo de punição cármica por flertar em um funeral, certo? Mas aí penso em Agatha, e um arrepio na nuca me faz sentir como se ela estivesse aqui, com os olhos brilhando de alegria enquanto nos observa. Se alguém aprovaria meu flerte no velório, seria ela — especialmente se fosse com o neto dela.

Então, reunindo coragem, girei a pena entre os dedos enquanto olhava para Jude. "Acho que sua fantasia teria roubado a cena de qualquer jeito."

Ele pareceu atordoado, levando a mão distraidamente ao lugar onde eu havia tirado a pena. Depois, balançou a cabeça. "Me desculpe. Você sabe meu nome, mas eu não sei o seu."

Eu sorri. "É agora que eu digo que preciso ir embora e, sem querer, acabo perdendo um sapatinho de cristal?"

"Depende. Você tem alguma meia-irmã assustadora? Porque você precisa saber que, como filha única, sou completamente despreparada para lidar com a dinâmica de uma meia-irmã malvada."

Faço uma careta, torcendo para que ele não perceba o quão perto chegou da realidade. Quando minha mãe, obcecada por esportes, se casou de novo, ganhou meu padrasto fanático por futebol americano e o tipo de filhas que sempre quis. Se eu tivesse que resumir a personalidade de Brianna e Josie, seria com o grito de guerra: "Sejam AGRESSIVAS! S-E-R-E-S AGRESSIVAS!"

"Infelizmente, sim. Ambas são campeãs de vôlei da primeira divisão e poderiam facilmente usar seus músculos para o mal."

Ele suspira. "Droga. Acho melhor treinar meu saque."

Estou com um sorriso bobo no rosto e tento me controlar. "Ou, eu poderia simplesmente pegar leve com você. Meu nome é Gracie. Gracie Holland."

"Gracie", ele repete suavemente. "Esse nome caiu como uma luva."

A palpitação no meu peito logo se transforma em uma explosão de emoções, e de repente fico nervosa com a possibilidade de ele ver uma luz estroboscópica pulsando sob a minha pele.

"E como você conhecia a minha avó?"

Eu suspiro. Uma pergunta fácil. "Na verdade, eu trabalho aqui. Sou a coordenadora de casamentos da propriedade. Sua avó me contratou há três anos", conto a ele.

Nesse instante, toda a cordialidade desaparece de sua expressão. "Você é a organizadora de casamentos? Aquela que mora na propriedade?"

O alarme repentino em sua voz vem acompanhado de desagrado, e eu me atrapalho para responder. "Hum, sim? Minha reputação me precede?"

Jude esfrega o queixo, encarando um ponto vago acima da minha cabeça, como se estivesse mentalmente destruindo a boa opinião que tinha de mim ou se perguntando se eu caberia no saco para cadáveres que ele guarda no porta-malas. *Que diabos?*

"Há algum problema com a minha... existência?", pergunto, meio brincando, meio desesperada para voltarmos ao ponto em que estávamos antes.

Finalmente, ele olha para mim, a frustração acentuando cada traço do seu belo rosto. "Francamente, sim."

Dou um passo para trás e, de repente, estar mais perto da planta espada não parece nem de longe tão ameaçador quanto Jude. *E é por isso que não flertamos com estranhos!*, uma voz melodiosa ressoa dentro de mim.

Eu me levanto, mostrando toda a minha altura. "Bem, já que estou te incomodando tanto, vou procurar outro lugar para respirar."

Ele solta um som de exasperação. "Espere, não", diz ele enquanto começo a passar por ele. Ele coloca a mão no meu cotovelo e eu paro, me livrando dele. Ele solta imediatamente. "Desculpe. Eu só estava—" Ele fecha os olhos por um instante. "O que eu queria dizer é que o problema é o seu trabalho e a sua situação de vida. Não você."

Meus olhos se estreitam com a amargura com que ele enfatizou a palavra "emprego", porque esse emprego basicamente define toda a minha personalidade atualmente. Os primeiros sinais de pânico começam a se formar no meu estômago. Depois que Agatha faleceu, eu naturalmente me perguntei como seria trabalhar para o novo dono de Larkwood, mas manter meu emprego não era uma questão. Não quando compartilhar Larkwood como local para casamentos era tão importante para ela. Assim como os jardineiros e a equipe de manutenção da propriedade, que continuaram trabalhando normalmente, eu presumi que era essencial. Minha boca fica tão seca que poderia ser um risco de incêndio.

"O que há de errado com meu emprego e minha situação de vida?", tento perguntar, mas sai como um coaxar.

Por um instante, ele parece se desculpar. Mas logo sua expressão se endurece, como se ele se sentisse completamente justificado em desferir o golpe fatal que está por vir. “A questão é que seu emprego e sua moradia estão prestes a desaparecer. Larkwood nunca deveria ter sido um local para casamentos, e daqui para frente, não será mais. Seu aviso de demissão seria entregue na segunda-feira.”

Não sei ao certo se o rugido que ouço vem da multidão ao redor ou do sangue pulsando nas minhas orelhas. Não. Isso deve ser outra brincadeira. A qualquer momento, ele vai sorrir e dizer: "Te peguei!". Porque depois da semana que eu tive — depois do que aconteceu com Calvin e da perda de *Agatha* — perder minha casa e meu sustento, além de tudo isso, parece catastrófico demais para ser permitido.

"Não", eu deixo escapar, quando a pressão dentro de mim se transforma em um calor sufocante. "Não, você deve estar enganado. A maior alegria de Agatha era compartilhar sua casa como local para casamentos."

A boca de Jude se contrai. "Bem, infelizmente, não é mais a casa dela."

"Quem está tomando essa decisão?" pergunto, olhando ao redor para os convidados do funeral, como se pudesse ver alguém se apoiando casualmente em um forcado. "Gostaria de conversar com essa pessoa."

Jude franze a testa. "Você vai conversar com essa pessoa. Eu sou o novo herdeiro de Larkwood."

Meus olhos se arregalam, e tenho quase certeza de que o som dramático de "*DUM-DUM-DUM*" não foi apenas imaginação minha. Ele não está carregando um forcado, mas meus olhos imediatamente se voltam para seus cabelos escuros e ondulados, procurando por chifres.

"Mas você não pode fazer isso!" exclamo. "Tenho casamentos agendados até o outono. Clientes que nos contrataram há mais de um ano!" Não menciono a questão mais urgente, que é depender deste trabalho para pagar minhas dívidas e, de modo geral, evitar morar debaixo de uma ponte.

Ele olha ao redor do opulento salão de baile em que estamos, e não há como negar a amargura em sua expressão. "Sinto muito, Gracie, mas estou cancelando todos os casamentos futuros. A pessoa interessada na propriedade precisa dela até agosto, e eu preciso preparar o imóvel para a transferência."

Lágrimas brotam em meus olhos. "Mas nossos clientes assinaram contratos! É legal cancelar os casamentos deles?"

Jude se endireita. "Como Larkwood também é uma residência particular, existe uma cláusula que garante o direito de cancelar todos os eventos durante uma crise familiar."

"Então, é isso? Sua avó sumiu por três segundos e você já decidiu transformar a casa que ela tanto amava em… em apartamentos de luxo, ou algo assim?"

"Não, não apartamentos", diz ele, com a decência de parecer um pouco envergonhado. "Não exatamente."

"Ah, 'não exatamente'? Que reconfortante. E o que vai acontecer com todos os meus clientes que pretendem se casar aqui? Você tem noção do estresse que isso vai

causar a eles? Ninguém precisa que o casamento comece com o pé esquerdo. Relacionamentos já são difíceis o suficiente!”

Diante disso, ele se mostra frio e impassível. "Sei que é um inconveniente, mas terei prazer em dar a notícia e providenciar o reembolso caso vocês não estejam à altura da tarefa."

“Não estou à altura do—” gaguejo, furiosa. “Nem pense em contatar meus clientes, estou perfeitamente capacitada—” Paro com um suspiro, porque acabei de perceber outra coisa. “Você entende que se me demitir”, digo com crescente horror, “você também estará demitindo dezenas de fornecedores de casamento locais que dependem da Larkwood, certo? Temos relações exclusivas com tantas pessoas incríveis que ficariam arrasadas em perder essa renda.” Respiro fundo ao pensar em Angie, da The Love Notes, sustentando sua filhinha com necessidades médicas especiais. Na minha amiga Valerie, da Sweetly Ever After Cakes, que está se reerguendo depois de se tornar mãe solteira, e em tantas outras. “Isso não pode estar acontecendo”, digo, sentindo-me fraca.

Jude muda o peso de um pé para o outro, num gesto universal de culpa. Mas antes que eu possa me animar e pensar que talvez ele seja uma pessoa decente, ele insiste: "Eu te garanto, vai acontecer."

"Mas e a sua avó?", pergunto, agarrando-me à minha última carta na manga. "Você não se importa com os desejos dela?"

O olhar de Jude endurece, e me pergunto se eu apenas imaginei toda a ternura que havia demonstrado antes. "Infelizmente, eu e a vovó nunca chegamos a um acordo sobre o melhor uso para a propriedade."

"Melhor uso?", repito, incrédula. "Larkwood foi feita para ser um local de casamentos — só falta um candelabro para superar o castelo da Disney em contos de fadas! Sua avó queria que Larkwood fosse o lugar que todos os nossos clientes lembrariam ao recordar o melhor dia de suas vidas."

Em vez de ter o impacto que eu queria, meu discurso apaixonado só provocou uma revirada de olhos de tédio épico. "Até que eles estejam se matando na mediação, brigando pela custódia da Peloton."

Suas palavras amargas me deixaram boquiaberta. Agatha Christie era a personificação do romance, e esse rabugento supostamente é neto dela. Se não fosse

pela altura idêntica e pela estrutura óssea inalcançável que ela lhe transmitiu, eu não acreditaria.

"Você... você é um cínico", eu finalmente digo, horrorizada.

Ele enfia a mão no bolso interno do paletó. "Receio que isso não seja suficiente." Ele tira um cartão e me entrega. "Aqui. Caso o caminho se mostre muito difícil para seus clientes."

Atordoada, pego o pesado cartão.

JUDE LARKWOOD, ESQ., Advogado de Direito de Família e Divórcio na Califórnia

"Você só pode estar brincando."

"Infelizmente, não. Cuide-se, Gracie. Sinto muito que não tenhamos podido nos conhecer em melhores circunstâncias."

Mas mal estou prestando atenção às suas falsas platitudes. Às suas desculpas repugnantes. Esse homem é meu nêmesis natural, e eu já estou planejando como resolver isso, porque uma coisa é certa: não vou abrir mão da minha casa, do meu futuro e do legado de Agatha sem lutar.

"Ah, você ainda vai ouvir falar de mim", ameaço. "Você pode não se importar com esta propriedade, mas eu me importo, e Agatha também se importava. Se houver alguma maneira de salvar Larkwood das suas… das suas garras, então é isso que eu vou fazer. E pode ficar com o seu cartão." Eu o arremesso nele e percebo que ainda estou segurando a pequena pena rosa que, vergonhosamente, eu planejava guardar. "E a sua pena." Eu a atiro nele também, mas ela tem a força de um projétil… de uma pena.

Ele fica sem palavras enquanto ambos caem no chão, e eu aproveito a oportunidade para passar por ele, com os ombros em volta do meu pescoço. Quanto mais rápido eu estiver no meu chalé — na minha casa —, melhor. Aí poderei descobrir como diabos vou salvar este lugar — não só para mim, mas também para os meus clientes, os meus fornecedores e para a memória de Agatha. Porque se há uma coisa que ela me ensinou, é que novos começos e esperanças frágeis também precisam de um lar. Larkwood me deu o meu, e que se dane se eu deixar que ele tranque essas portas para sempre.

4 JUDE

A primeira vez que vi meu melhor amigo, Henry, ele estava desmaiado e de cabeça para baixo em um escorregador infantil, com um pênis desenhado na lateral do rosto. Era seu aniversário de dezenove anos e a primeira vez que bebia. Você jamais imaginaria que é o mesmo homem que estou vendo agora. Não com seus óculos de aro grosso, com aquele ar de "*números são divertidos!*", ou com sua expressão sombria, de "isso vai doer".

"Só me diga", eu digo em tom de voz enquanto entramos na cozinha aconchegante e bagunçada de Larkwood. Quando eu era criança, era um dos meus refúgios, já que era um dos poucos cômodos que não pareciam precisar de ingresso.

Henry atira o grosso fichário de couro que contém o testamento da minha avó na bancada da cozinha com um tapa. "Vou fazer um sanduíche de pasta de amendoim e geleia primeiro", diz ele, caminhando em direção à despensa.

Reprimo um suspiro. Não adianta tentar impedir Henry quando ele quer te alimentar. Ele só vai te dizer que você está fazendo a herança indígena e italiana dele doer até você comer.

Ele volta com os ingredientes antes de dar a volta na ilha até a geladeira, que ainda está coberta por uma galeria humilhante de todas as fases da minha infância, com dentes salientes, cabelo encaracolado e espinhas. Não tenho coragem de tirar tudo, apesar de saber que vou morar em Larkwood todos os fins de semana por um bom tempo. Só de pensar nisso, meu estômago se revira, mas não tem jeito. Vovó me nomeou como sua executora do testamento, e não há ninguém em quem eu confiaria para administrar seus bens e seus últimos desejos. Fecho os olhos enquanto a dor de perdê-la me invade tão rápido que sinto vertigem.

Por que você não me disse que estava morrendo, vovó? Por que eu não consegui parar de falar besteira e te visitar mais quando tive a chance?

"Viu? Você está morta de cansaço." Meu amigo estala a língua como uma galinha protegendo seus pintinhos. "Você precisa comer alguma coisa." Ele coloca quatro fatias de pão na torradeira.

"Você não precisa torrar o pão", resmungo.

Um sorriso paciente se abre em seu rosto. "Você vai me agradecer daqui a pouco, seu idiota."

Me jogo num banco de bar. Estou cansada demais para discutir. Entre terminar meus casos atuais, brigar com minha mãe sobre os desejos da vovó, ter que morar no mesmo maldito CEP que meu pai e perder uma das pouquíssimas pessoas que eu realmente amo, foram duas das piores semanas da minha vida. E isso sem contar o que aconteceu com a cerimonialista. *Gracie*.

Uma pontada de vergonha e raiva me atinge na nuca ao lembrar disso, e automaticamente olho para a janela mais próxima. Afinal, ela ainda mora aqui. Mas além do vidro, a horta exuberante está vazia. O que isso diz sobre mim, se estou decepcionada? Que eu não me importaria de ser encarada novamente por aqueles olhos escuros?

Provavelmente que eu preciso transar.

O som da torrada estourando me faz estremecer, e Henry estala a língua baixinho. "Você sequer ouviu o que eu acabei de dizer?"

Desvio o olhar da janela bruscamente. "Desculpe. Foram duas semanas longas."

"Perdoado." Henry coloca a torrada na tábua de cortar antes de começar a cortar a geleia com uma faca. "Eu estava dizendo que você tem muito trabalho pela frente. Sua avó deu instruções para as coisas mais importantes, mas ainda há muita coisa para organizar e cuidar, incluindo os últimos desejos da família."

Se eu fosse mais ingênua, esperaria que essa fosse a pior notícia que me aguardava. Mas quando Henry começa a preparar comida reconfortante, geralmente significa que eu deveria marcar uma consulta com minha terapeuta.

"Ela não terceirizou a administração da propriedade para o *Dancing with the Stars*, né?" digo, com um tom sombrio.

Henry dá uma risadinha, agora colocando batatas fritas em cima dos dois sanduíches. "Bom palpite, mas não."

“Quem coloca batata frita em um sanduíche de pasta de amendoim e geleia?” pergunto, distraída.

“Santos incompreendidos”, ele responde, antes de começar a passar a pasta de amendoim. “A propósito, como está o caso Rocher?”

Apoio a testa no balcão de madeira, balançando-a lentamente para frente e para trás. “Pensei que você estivesse tentando me animar”, digo, com a voz abafada pela madeira.

“Tão ruim assim?”

Sim, tão ruim assim. Em boa parte do meu trabalho, consigo lidar com pessoas que não são um saco. Noventa e nove por cento das vezes, essas pessoas são meus clientes pro bono. Não posso dizer o mesmo daqueles que pagam minhas contas. Felizmente, minha equipe foi incrivelmente compreensiva quando a vovó faleceu, e este é o último caso faturável que preciso concluir antes de tirar seis semanas de folga para cuidar do inventário. Mas até lá, estarei mediando disputas sobre quem fica com a Hay Girl Hay — a égua puro-sangue que nem minha cliente nem seu futuro ex-marido veem, mas pela qual, aparentemente, estão dispostos a duelar ao amanhecer. Relutantemente, me sento e o encaro com um olhar vazio.

"Coma seu sanduíche", diz ele, empurrando o prato em minha direção. "Você vai se sentir melhor."

Dou uma mordida e, de alguma forma, ele tem razão. O recheio quente e cremoso está perfeitamente equilibrado com a crocância salgada das batatas fritas. "Caramba", resmungo com a boca cheia. Quando foi a última vez que comi?

"Cara, que nojo. Se eu quisesse ouvir seus gemidos de prazer, teria te trazido um catálogo da Neiman Marcus", diz ele, jogando um guardanapo de pano em mim antes de dar uma mordida no próprio sanduíche.

Dou de ombros. Henry me zoa por me vestir bem desde que o conheci. Mas, no fundo, sei que ele é grato por eu tê-lo ajudado a superar as camisas polo e calças cáqui que eu considero sua "fase do golfe".

Ele também sabe que foi a vovó quem me ensinou a valorizar empresas que realmente pagam um salário digno aos seus funcionários e produzem roupas que duram mais de seis meses. Ao perceber que provavelmente nunca mais terei a oportunidade de discutir costuras francesas com ninguém, meu coração afunda ainda mais no vazio que se abriu com a sua partida.

E então me lembro de um vestidinho preto, perfeitamente ajustado para abraçar cada curva que chamava a atenção. Gracie. Gracie, que amava minha avó. Gracie, que me dava fôlego suficiente para rir quando minha dor era sufocante. Gracie, que ficaria encantada em me ver rolando nua na hera venenosa. Empurro o prato agora vazio para longe, enojada de mim mesma. Será que eu realmente dei meu cartão de visitas para ela?

Sim, você fez. Porque ela perguntou se você se importava com os desejos da vovó, e você simplesmente teve que explodir. O arrependimento aperta meu peito, mas eu tive que responder à mesma maldita pergunta da minha mãe a cada instante, e infelizmente para a Gracie, eu finalmente cheguei ao meu limite. Porque a vovó significava mais para mim do que praticamente qualquer pessoa, e embora eu tenha 90% de certeza de que ela apoiaria meus planos para a herança, os outros 10% estão repletos de dúvidas. Mas eu não posso perguntar a ela sobre isso. Porque ela se foi, e tudo o que restou é esta maldita casa que sempre me pareceu um monumento a segredos e mentiras.

"Meu Deus, Judy. O que aquelas migalhas fizeram com você?"

Levanto os olhos do prato, para o qual tenho estado a lançar um olhar fulminante. Solto um suspiro lento. "Desculpe. Já faz—"

"Duas longas semanas", completa Henry, colocando os nossos pratos na pia. "Bem, lamento dizer isso, mas vai prolongar-se ainda mais."

"Vamos lá", digo, endireitando a postura.

Ele abre o zíper da pasta, revelando uma pilha volumosa de papéis, com abas coloridas nas bordas. "Então, a boa notícia", começa ele, folheando algumas páginas, "é que Agatha deixou-lhe a propriedade principal e os seus terrenos por completo. Como era propriedade privada e ela recusou que fosse incluída no Registo Nacional de Lugares Históricos, Larkwood não está sujeita às leis de preservação, no sentido tradicional."

Assinto. *Graças a Deus.*

"Contudo."

Não importa.

“Ela estabeleceu sua própria cláusula de preservação. É bastante detalhada e estipula uma série de empreiteiros específicos especializados em restauração

histórica, e um carpinteiro que é, e cito, 'melhor que um Patrick Swayze de trinta e dois anos'".

Aperto a ponte do meu nariz enquanto a dor de cabeça que tem sido minha companheira constante nas últimas duas semanas pulsa em um cumprimento amigável. Meu Deus, Nana. Penso na pessoa interessada na propriedade. Não será novidade para ela que a propriedade implicará em arcar com certos encargos de manutenção, mas com uma cláusula de preservação... Mordo o lábio. Será mais um obstáculo a superar, mas não impossível. Não quando estou preparada para doar qualquer órgão que ela precise, se isso significar me livrar deste lugar.

"Certo. Tudo bem", digo, acenando com a mão para que ele continue.

"Tem certeza de que não está com fome?", ele hesita.

"Vamos lá. Não pode ser tão ruim assim."

Ele suspira e tira os óculos, dobrando-os cuidadosamente.

Droga.

"Certo. A má notícia é que, embora a maior parte da propriedade tenha sido deixada para você, há uma pequena parte que não foi. Sei que você tinha planos de vender para um comprador cuja privacidade é de extrema importância, e esse acontecimento... complica as coisas."

"Do que você está falando?" pergunto calmamente, apesar do pânico que começa a me dominar. A privacidade não é importante apenas para a pessoa que está considerando a aquisição — o interesse dela depende disso.

Henry pigarreia, folheando as páginas do fólio até encontrar a certa, marcada com uma aba vermelha. Adequado. A cor das emergências e do traseiro do Satanás. "Diz aqui que a casa de hóspedes foi legada integralmente a uma tal de Gracie Holland." Henry levanta os olhos. "Não faz ideia de quem seja, né?"

De repente, sinto que preciso me sentar. Mas estou sentado, caramba. Com a cabeça girando, luto para formar palavras. Para formar pensamentos.

"Jude. Ei, cara, você está bem?"

Quando não respondo, ouço-o se afastar rapidamente e, em seguida, o som de água corrente. Momentos depois, ele me cutuca. "Beba."

Atordoada, faço o que me mandam, mas quando o copo está vazio, ainda não aceitei o fato incompreensível de que a vovó deixou uma parte essencial da herança para a organizadora do casamento. Por quê? Meus preconceitos contra toda a

instituição do casamento se acumulam como uma película acre na minha garganta, mas minhas opiniões pessoais não importam. O que importa é que a pessoa disposta a assumir esse poço sem fundo de dinheiro não o aceitará se outra pessoa estiver morando na propriedade. Droga, droga, droga.

"Fala comigo, Judy."

Henry parece prestes a me transformar em uma lasanha de estresse, então faço o possível para me sentar e responder. "Conheço a Gracie Holland. Ou pelo menos, já a encontrei."

“Ok, isso é um começo”, diz ele, batendo palmas e esfregando as mãos como se fosse meu próprio coach de positividade pessoal. “Ela era amiga da sua avó? Se ela for idosa, talvez não queira se mudar. Ela pode estar disposta a te vender a casa.”

Penso em Gracie saindo furiosa com seu vestidinho justo, seus cabelos escuros e brilhantes despenteados sobre os ombros. Sinto um calor subir pela nuca e minha mão se move bruscamente para afrouxar a gola. “Não, ela definitivamente não é idosa.”

Os olhos de Henry se estreitam, me avaliando. “Você quer dizer que ela é bonita.”

“Não foi isso que eu disse.”

“E isso não é uma negação”, ele diz arrastado, com um sorriso presunçoso.

“Reconhecer se ela é atraente ou não não tem relevância para esta conversa, nem para a questão de convencê-la a me vender a casa de campo”, disparo.

A boca de Henry se curva para baixo enquanto ele pondera. “Não necessariamente. Você sempre pode seduzi-la para conseguir isso.”

Sei que ele está brincando, mas o pensamento cria imagens de tocá-la novamente na minha mente como algodão-doce, obscurecendo toda a razão e o bom senso. Até que me lembro do que aconteceu. Uma risada amarga escapa de mim. “Improvável. Eu não mencionei a melhor parte de tudo isso.”

“Qual é?”

Passo a mão pelo meu rosto cansado e arranhado. “Ela não me suporta.”

Henry solta um longo suspiro de resignação. “O que você fez?”

Então eu conto para ele. Não sobre a risada cristalina dela na igreja, ou como isso me fez sentir que eu não estava sozinha pela primeira vez desde que a vovó faleceu. Definitivamente não menciono o que aconteceu comigo ao tirar grampos

do cabelo dela durante o almoço em memória da minha avó, de todos os lugares. Não, não conto nada disso para ele. Em vez disso, conto sobre o trabalho peculiar dela e a situação de vida dela, e como arruinei qualquer chance de conseguir a casa de campo destruindo a vida dela e me tornando menos simpática que uma unha encravada.

"Pelo amor de Deus", murmura Henry, esfregando uma sobrancelha escura até os pelos ficarem espetados para todos os lados.

"Não ajuda em nada, Hen."

“Não sou útil? Discordo! Dou más notícias com sanduíches de pasta de amendoim e geleia. Não viro um *Exterminador* do Futuro com mulheres inocentes e enlutadas que por acaso são a chave para toda a minha felicidade futura.”

Ele tem razão. Em minha defesa, eu não sabia que ela era a chave na época, mas duvido que Henry se importe. Ele dá a volta na ilha e começa a guardar papéis de volta na pasta com agressividade. Raramente o vejo com raiva, mas agora, a frustração que emana dele é palpável.

“Você tem razão. Eu fui um idiota”, digo, esperando que a admissão o acalme. “Me arrependi do que fiz no segundo em que ela foi embora.”

“Então peça desculpas. Ela mora aqui, não é?”

Ao pensar em ver Gracie novamente, mesmo que seja para implorar por perdão, sinto como se tivesse engolido um raio. Mas não. Preciso de tempo para...

"Vou vê-la", anuncia Henry.

Levanto a cabeça bruscamente quando ele começa a andar. Quase derrubo o banquinho na pressa de segui-lo. "Não, espere. Pare."

Mas ele está caminhando a passos largos em direção à porta da cozinha que dá para o jardim, que não fica longe da casa.

"Henry, por favor", digo enquanto ele abre a porta, deixando entrar uma lufada de ar perfumado com rosas e a luz do sol. "Deixe-me pedir desculpas a ela sozinha."

Ele finalmente se vira para me olhar. “Jude, como advogado responsável pelo caso, preciso falar com ela sobre o testamento. Além disso, se você quiser ter alguma chance de vender Larkwood para o Bono ou quem quer que seja, você vai precisar daquele chalé. Faça um favor a si mesma e deixe que eu cuide disso.”

“Eu posso cuidar disso muito bem”, digo entre dentes.

Seu olhar se torna de pena. “Escute. Há muito tempo parei de esperar que você me contasse por que odeia tanto este lugar. Tudo bem. Guarde seus segredos. Mas eu sei que você vai considerar seriamente incendiar o lugar até se livrar dele, e eu quero evitar que você vá para a prisão.”

“E como exatamente você vai convencê-la a vender o chalé para alguém que ela adoraria jogar de um penhasco?”

“Fácil. Imposto predial.”

Ele recomeça a andar, e eu coloco a mão no ombro dele. “Espere.”

Ele para, e eu respiro fundo, tentando encontrar as palavras para explicar sentimentos que mal compreendo. “Eu sei que errei. Ela não merecia ser tão decepcionada, e eu quero me redimir, se puder. No almoço do funeral, antes de eu —”

“Dei a ela seu cartão de advogado de divórcio para ela distribuir para todos os clientes recém-casados dela?” Henry pergunta secamente.

Eu me encolho. "Sim. Antes disso, nós... nos conectamos." A palavra soa estranha na minha boca e me deixa constrangida quando as sobrancelhas de Henry se erguem. Ele sabe que eu normalmente não me conecto com ninguém a menos que envolva deslizar para a direita e enviar uma foto da minha carteira de motorista. Eu insisto. "Gracie conhecia muito bem a vovó. Acho que contar a notícia para ela pessoalmente poderia ajudar a consertar as coisas. Talvez."

Henry me olha com desconfiança, mas antes que ele possa tomar uma decisão, nós dois avistamos alguém do outro lado do jardim. É a Gracie.

"Droga, é ela?" Henry sussurra, e de repente me sinto como se fôssemos dois adolescentes espionando uma garota.

Observamos enquanto ela caminha pela trilha ensolarada do jardim que serpenteia por boa parte da propriedade, parando ocasionalmente para se alongar. Ela usa tênis de corrida, calças de ioga azuis desbotadas que revelam cada centímetro de suas longas pernas e uma camiseta branca curta que mal esconde seu top esportivo rosa-choque.

Tento pigarrear, mas minha garganta está tão seca que não faz diferença. "Sim. É ela."

"Gracie!" Henry grita imediatamente, e eu preciso me controlar para não empurrá-lo para dentro de um arbusto e pular atrás dele.

Alarmada, Gracie vira a cabeça bruscamente em nossa direção, seu rabo de cavalo grosso e escuro balançando. Mesmo daqui, percebo o instante em que ela me vê. Seus olhos arregalados se estreitam enquanto ela cruza os braços sobre o peito.

"Gracie, você tem um segundo?", Henry chama novamente, já caminhando em sua direção. Não tenho escolha a não ser segui-lo.

Quando chegamos perto dela, ela está tão adorável quanto no funeral, mesmo com a calça legging surrada e com buracos nos joelhos. De repente, me lembro da folha de pagamento da propriedade que tenho analisado e do salário miserável que minha avó, bem-intencionada, mas desatualizada, pagava a Gracie, e franzo a testa. Ela retribui o gesto.

"Deixe-me adivinhar: você está aqui para me despejar", diz ela, os olhos escuros alternando entre mim e Henry.

“Não, claro que não”, responde Henry com um sorriso. “Jude só queria te cumprimentar, já que te vimos passando. Ele disse que vocês, ah, se conheceram no funeral da Agatha.”

Vou matá-lo. Na verdade, é a solução perfeita — vou para a prisão perpétua e nunca mais preciso lidar com essa confusão toda. Gracie me lança um olhar que deixa claro que ela sabe muito bem que eu teria preferido uma auditoria fiscal a um simples cumprimento.

“De certa forma”, ela murmura.

“Desculpe, mas ainda não nos apresentamos. Sou Henry Khan”, diz ele, estendendo a mão.

Gracie a aperta com desconfiança. “E você é a pessoa para quem ele está vendendo Larkwood?”

Henry dá uma risada charmosa enquanto eu continuo espreitando ao lado deles como uma árvore com problemas de ansiedade. "Não, definitivamente não. Primeiro, porque meu bolso não é tão fundo assim, e segundo, porque um lugar como este merece alguém melhor do que um solteirão com um vício secreto em Bagel Bites."

Nesse momento, os lábios de Gracie se curvam num quase sorriso, e uma pontada inesperada de ciúme me faz falar pela primeira vez. "Henry é meu melhor amigo. Ele também é o advogado responsável pelo inventário e pela transferência

da herança. Henry, esta é a Gracie Holland, a organizadora de casamentos do Larkwood."

“Você não quis dizer ex-organizadora de casamentos?”, ela pergunta, me encarando com um olhar tão penetrante que poderia cortar minha camisa. “Ou você decidiu que realmente se importa em preservar o legado da sua avó?”

Henry me lança um olhar nervoso. Uma pequena parte racional do meu cérebro grita para eu não cair na armadilha. Mas toda a minha mágoa, tristeza e raiva rugem mais alto, e eu me sinto como um dragão que ela acabou de cutucar no olho.

“A responsabilidade de preservar o legado da minha avó é exatamente essa: minha. E embora você possa achar que a conhecia, eu agradeceria se confiasse que eu era um pouco mais próxima dela do que uma funcionária.”

Nesse momento, Gracie endireita a postura, o leve rubor em suas bochechas se intensificando para uma cor tão bonita que eu a noto mesmo em meio à minha raiva. Até que ela diz: "Que engraçado, porque eu só a ouvi se referir a você como o 'neto que não vem com frequência suficiente'".

Suas palavras penetram como adagas, e eu luto para me recuperar. Ela não faz ideia. Não faz ideia de como é difícil para mim sequer ficar na sombra desta casa, quanto mais entrar nela. Ela não faz ideia de como me senti covarde cada vez que recusei um convite para visitá-la, ou como a vergonha de cada oportunidade perdida agora me acompanha a cada passo.

Ela continua: "Se você fosse realmente próxima de Agatha, não estaria destruindo tudo o que ela trabalhou tanto para construir."

Nesse momento, a culpa que ela despertou em mim no memorial volta à tona, mas minha fúria se intensifica ainda mais. Dou um passo à frente, impulsionada por uma raiva incontrolável, até que ela precisa inclinar a cabeça para trás para me olhar. "Você acha que eu não sei que ela adorava transformar este lugar em um espaço para casamentos?", disparo, áspera. "Claro que adorava. Ela era sentimental e solitária e, francamente, era um bom negócio." Seus olhos se arregalam em indignação, mas continuo, incapaz de parar. "Mas se há algum lado positivo em sua morte, é que finalmente posso encontrar uma utilidade para Larkwood que não alimente alguma fantasia comercial de 'felizes para sempre'."

Ela pisca, incapaz de esconder a mágoa que minhas palavras lhe causaram. A culpa me invade instantaneamente, mesmo que tudo o que eu tenha dito seja

verdade. Considerando a atual taxa de divórcios, é absurdo que as pessoas gastem tanto em um único dia que provavelmente terão que desfazer legalmente mais tarde. Na minha opinião, admito, impopular, a indústria de casamentos é uma máquina cruel e exploradora, e românticos incuráveis como a Gracie só a perpetuam. E não, eu também não sou a pessoa mais divertida em festas.

"Bem, pelo menos agora sei com quem estou lidando", diz ela, encarando meu rosto como se finalmente tivesse me avaliado, e não é nada impressionante.

"Você quer dizer a pessoa mais qualificada para tomar decisões sobre o patrimônio?", pergunto, esclarecendo.

“Eu ia dizer o Scrooge dos casamentos, mas o que importa é que te ajude a dormir à noite, Ebenezer”, ela dispara para mim.

À minha esquerda, Henry bufa, e Gracie e eu nos assustamos, pois tínhamos esquecido completamente da presença dele. Gracie parece confusa e diz: “Enfim. Se você ainda não está aqui para me expulsar de casa, então vou correr. Henry, foi um prazer te conhecer.”

E com um último olhar fulminante para mim, ela sai correndo. Tentando não correr atrás dela para discutir mais ou implorar, me viro para Henry, que está cobrindo o sorriso com o punho. Ao ver meu olhar, ele abaixa a mão, forçando uma expressão semineutra que consegue manter por menos de três segundos.

“Bom, ainda bem que você lidou com isso com tanta delicadeza. Você poderia ter se ferrado se—”

“Cala a boca, por favor”, resmungo, virando-me para voltar para casa.

Ele caminha ao meu lado, ainda sorrindo. “Sabe, eu ficaria mais do que feliz em assumir as negociações, Ebenezer.”

“Não”, respondo bruscamente. “Deixa que eu resolvo isso.”

Henry chega primeiro à porta e a abre para mim, mas murmura: “Só estou tentando ajudar, cara.”

Exalo, passando a mão pelos cabelos. “Desculpa. Eu sei.”

“Olha”, diz Henry enquanto fecha a porta atrás de si. “É óbvio que vocês dois estão sofrendo por causa da Agatha. *Use* isso a seu favor, Jude. Conectem-se por essa perda mútua em vez de ficarem discutindo sobre quem sabe o que é melhor para Larkwood.”

“Mas eu sei o que é melhor.”

Henry suspira, pegando sua pasta na bancada da cozinha e caminhando em direção à saída. "Boa sorte, Judy. Mande mensagem quando precisar que eu salve sua pele."

Ele se afasta sem esperar por uma resposta, acenando com a mão. Tristemente, meu olhar se volta para a janela, observando o lugar de onde Gracie literalmente fugiu de mim.

Reconquistar a confiança dela não será fácil. Mas se eu quiser ter alguma chance de conseguir aquela casa de campo, preciso encontrar um jeito de voltar a agradá-la — mesmo que seja apenas um pequeno precipício do qual estou destinada a cair repetidamente.

5 GRAÇA

Sete Semanas Antes do Casamento

"Então, quem precisamos enfeitiçar?" são as primeiras palavras que saem da boca da minha melhor amiga quando entro no apartamento dela e me jogo no sofá improvisado do Marketplace, que suspeito já ter acomodado metade de todas as pessoas em Providence. Faz dois dias desde meu encontro com Jude e Henry, e quase nada me tentaria a sair de casa quando estou quase esperando um aviso de despejo e um rolo de sacos de lixo aparecerem na minha porta — exceto as empanadas do pai da Sofia.

"Ninguém", respondo firmemente, sem a menor vontade de uma queimadura de cera de vela ou de uma leitura de tarô que garanta meu sofrimento futuro. Sofia e eu passamos por uma fase bruxa na RISD, a faculdade de artes que frequentamos, mas enquanto minha crença em magia foi esmagada pelo peso da vida adulta, a dela permanece intacta. Meus músculos relaxam enquanto observo a decoração familiar — metade velas e cristais, metade empresária organizada. Além de trabalhar como fotógrafa do meu casamento, Sofia também administra uma comunidade artística onde artistas alugam estúdios.

"Aliás, não há consequências para quem faz feitiços?", pergunto. "Tipo sete anos de azar?"

Sofia volta da cozinha com um prato cheio de folhados que eu sei que são recheados com carne de porco cozida lentamente em molho de tomate com canela. Minha boca enche d'água. O Sr. Morales não os faz com frequência, mas quando faz, sabe que precisa preparar uma quantidade suficiente para sobrar.

"Viu? Eu sabia que conseguiria despertar a bruxa em você", diz Sofia, encantada, colocando o prato na mesa de centro. "Mas não, sete anos de azar é o efeito colateral. O que você está mencionando é a Lei da Triplicação — toda energia que você emite para o universo retorna três vezes mais forte."

"E você está disposta a arriscar levar a pior lançando feitiços para mim?"

"O livro '*The Threefold Shaft*' parece ser o tipo de livro erótico que eu quero ler", ela responde, dobrando seu corpo franzino para sentar de pernas cruzadas no sofá ao meu lado, de modo que seu joelho fica pressionando meu quadril.

Dou uma risadinha enquanto pegamos empanadas ao mesmo tempo. A primeira mordida na massa quente e macia é como uma explosão de nostalgia na minha boca. Fecho os olhos e me vejo de volta à cozinha dos Morales — meu lugar favorito no mundo, além de Larkwood.

Quando eu era criança, a casa da Sofia parecia muito mais um lar do que as duas casas entre as quais meus pais me levavam como se eu fosse uma hóspede inconveniente. Depois da escola, eu me deliciava com o amor e o conforto de pessoas que enchiam meu prato com mais comida e me mimavam como se eu fosse importante. Eu observava o pai da Sofia girando a Sra. Morales na cozinha, apesar dela revirar os olhos, e ansiava pelo tipo de amor e estabilidade que eles tinham. Mesmo agora, eles são a razão pela qual ainda acredito que finais felizes existem.

Sinto uma ardência nos cantos internos dos meus olhos, e sei que estou a segundos de desmoronar novamente. Sofia apoia a cabeça no meu ombro, seus cachos escuros fazendo cócegas na minha bochecha. "Me conta o que está acontecendo, Gracie. E não omita nada."

Pisco para afastar a ardência nos olhos. "Bem, resumindo, estou prestes a gastar cada centavo que tenho em um outdoor com as palavras 'LIMPA-BUNDA' estampadas na testa de Jude Larkwood."

Ao ver suas sobrancelhas arqueadas, suspiro e começo a contar meu relato de infortúnios. Depois de atualizá-la sobre tudo o que aconteceu, a mão delicadamente tatuada de Sofia sobe até a boca, roçando seu pequeno piercing de prata no septo. "Gracie, isso é... demais. Tipo, a maior quantidade de azar do mundo, especialmente depois da morte da Agatha. Mas escuta." Ela segura minha mão, que ainda não tinha comido empanada, e aperta com força. "Quando a poeira baixar e você tiver um plano, acho que pode ser o melhor."

"O melhor?", repito. "Em que possibilidade isso não seria o pior cenário possível, o apocalipse, para mim?"

Sofia faz uma careta, mas continua. "Não estou dizendo que isso não seja péssimo de uma forma monumental. Mas já se passaram três anos", diz ela, deixando o passado em silêncio. Três anos desde que Calvin a deixou. Três anos desde que seu negócio implodiu e você fugiu do mundo. "Eu sei que você ama Larkwood, mas não acho que seja saudável para você agora."

Quando me esforço para encontrar palavras, apesar da mágoa, ela logo continua. "Quer dizer, acho que todo mundo tem o direito de se isolar em um chalé encantado, usando camisolas compridas, para curar as feridas depois de uma coisa dessas, mas..." Ela suspira. "Talvez seja hora de deixar essa vida de chalé para trás e tentar a sorte com a Grace & Veil de novo. Você sabe que eu daria um jeito de você na KILN."

Durante todo esse discurso, minha espinha foi ficando cada vez mais rígida. Só de ouvir o nome do meu negócio falido, ela parecia capaz de sustentar um cais de concreto.

"Então, você está dizendo que eu nem deveria lutar contra isso?", pergunto. "E simplesmente reabrir um negócio que vai me custar uma montanha de dinheiro que eu não tenho?"

Sofia aperta os lábios quando sua mão solta a minha. "Sempre há custos iniciais para um novo negócio."

Balanço a cabeça, repentinamente exausta. "Eu não conseguiria correr esse risco de novo, mesmo se quisesse. Nenhum banco no mundo me daria um empréstimo agora. A essa altura, duvido que me ajudariam se eu fracassasse miseravelmente no saguão deles."

"Certo, mas e o *Randy*?", ela exige, sacando a carta na manga.

Sinto uma pontada no peito. Batizado em homenagem ao apresentador do programa "*Say Yes to the Dress*", minha obsessão na época do ensino fundamental, meu Randy é uma caixa de lembranças cravejada de pedras, repleta de cadernos de desenho, amostras de tecido e sonhos desfeitos. Pensar nisso agora é como um chute certeiro na minha criança interior.

“Eu ainda costuro!” insisto. “Costurei meu vestido para o funeral da Agatha.”

“Que ótimo”, Sofia concorda. “E quando foi a última vez que você fez alguma coisa antes disso?”

“Eu fiz aquela bandeirola personalizada para a despedida de solteira da minha irmã, lembra?”

Sofia me lança um olhar sério. “Costurar as palavras MESMO PAU PARA SEMPRE em triângulos para a sua irmã postiça assustadora não conta.”

Eu solto um som de exasperação. “Eu sei que você está tentando me apoiar, mas nem todo sonho de infância está destinado a se realizar, tá? Talvez o meu fosse para ser um trampolim para uma estabilidade de verdade, pelo menos uma vez na vida.”

Sofia ajeita o cabelo atrás da orelha com um gesto impaciente da mão. “Um trampolim, uma ova. Acho que toda aquela baboseira que o Calvin falava sobre arranjar um ‘emprego de verdade’ finalmente te afetou. Acho que você estava prestes a construir uma reputação para a sua marca, e aí o término destruiu sua confiança.”

“O Calvin não estava errado, Sof. Conseguir pagar meus empréstimos estudantis em dia e mais do que o mínimo nos meus cartões de crédito… mudou tudo. Só preciso me reerguer, e quero fazer isso em Larkwood.”

“Mas, Gracie”, ela diz lentamente, “como você pretende lutar contra isso? Se o neto da Agatha quiser vender a propriedade, o que você pode fazer para impedi-lo?”

Me remexo na cadeira e pego minha empanada novamente para evitar contato visual, murmurando: "Bem, eu meio que tenho um plano."

Estou prestes a levar a empanada à boca quando ela a arranca de mim. "Nem pensar", repreende Sofia. "Nada de guloseimas até você revelar esse tal plano."

Resmungo, me forçando a virar para ela. "Você não vai gostar."

Suas sobrancelhas se franzem. "Em uma escala de um a 'isso-precisa-de-uma-intervenção'?"

"Provavelmente mais perto de 'isso-precisa-de-uma-lobotomia'", aviso.

Sofia fecha os olhos e respira fundo, concentrando-se. Com uma empanada em cada mão, apoiada nos joelhos, ela parece uma instrutora de meditação com excelente gosto para lanches. Quando abre os olhos novamente, está pronta. "Ok, pode falar."

Sem nenhum doce reconfortante para me consolar, puxo a manta de bebê desbotada que a avó da Sofia fez do encosto do sofá e arranco o Band-Aid de uma vez. "O Calvin me ligou."

"O QUÊ?" A voz da Sofia está tão alta no apartamento vazio que quase jogo o cobertor sobre a cabeça dela para abafar o som.

"Eu nem te contei a pior parte ainda!"

"Ai meu Deus, tá bom." Ela enfia a empanada na boca e dá uma mordida enorme, que imagino ser para evitar que ela grite.

Antes que eu perca a coragem ou que ela tenha a chance de engolir, digo: "Ele vai se casar, vai ter um bebê e me pediu para organizar o casamento no Larkwood."

Num instante, a mordida para evitar que ela gritasse se transforma numa obstrução respiratória que coloca a vida de Sofia em risco, e ela começa a engasgar. "Sofia, meu Deus!", exclamo, me ajoelhando no sofá. "Eu não conheço a Manobra de Heimlich!"

Mas então ela começa a tossir, com o rosto vermelho vivo. Sento-me novamente e coloco as mãos em seus ombros, precisando saber se ela está bem. Para minha surpresa, ela começa a rir.

"A Manobra de Heimlich?", ela sussurra com dificuldade. "Acho que você quis dizer Manobra de Heimlich."

Meu próprio rosto fica vermelho. "Pare de rir — você quase morreu, e você sabe que eu falo errado quando estou nervosa!"

Lembranças constrangedoras de Grelpful vêm à tona, mas não me demoro nelas. Não quando a alegria de Sofia se dissipa rapidamente e ela diz: "Que diabos, Gracie? Por que você atendeu a ligação dele? Ele é o rei dos babacas de colete e financistas!"

Com as bochechas ainda rosadas, seus olhos parecem prontos para lançar lasers em qualquer um que ouse usar um colete na presença dela. "Eu sei", digo, covarde demais para admitir que tenho chorado ao som de baladas tristes sobre términos de namoro todas as noites nas últimas duas semanas. "Eu também fiquei muito brava quando ele ligou, e a princípio, eu disse que não, de jeito nenhum. Mas ele implorou para que eu reconsiderasse, e então Agatha faleceu, Jude... aconteceu, e eu tive essa ideia de como salvar Larkwood."

"Ok, vamos lá", ela diz, mal-humorada.

“Bem, como já expliquei, Jude está tentando arruinar minha vida. Mas antes de eu saber dos planos dele para a propriedade, nós meio que… criamos um vínculo por causa da Agatha”, digo, decidindo não mencionar os sentimentos iniciais e a atração que ele prontamente esmagou com seu cartão de visitas. “Ele a amava, mas acho que ele simplesmente não entende o quão importante Larkwood era para ela. E sim, talvez ele seja um advogado de divórcio cínico”, continuo rapidamente, ignorando o olhar dela, que se arregalou com esse detalhe inconveniente, “mas também sei que ele se sente culpado por todos os fornecedores que está prejudicando — você inclusive”, ressalto. “Ele estava praticamente se contorcendo nas botas quando mencionei todos que ficariam devastados com o fechamento de Larkwood.”

“Tá bom, mas como exatamente isso se relaciona com o planejamento do casamento do seu ex-babaca? Por que você não implora para ele manter um dos casamentos que ele cancelou só para provar o seu ponto?”, ela pergunta.

“Porque aparecer num casamento que já foi planejado é como ir a uma festa”, explico. “Mas se eu conseguir convencê-lo a me deixar planejar o casamento do Calvin, posso incluí-lo no processo e apresentá-lo a todos os fornecedores que seriam afetados. E quem sabe? Talvez ele até se torne mais compreensivo no processo.”

Por um instante, ela apenas me encara, enquanto uma esperança irracional praticamente emana dos meus poros. “Gracie, ele é advogado de divórcio”, ela finalmente diz. “Seu predador nato.”

“Depois de todos os meus planos brilhantes, é nisso que você decide se concentrar?” pergunto, pegando minha empanada de volta e dando uma mordida.

“Bem, sim, já que todo esse plano ridículo depende de você convencer um homem que literalmente destrói casamentos para ganhar a vida a, de repente, enxergar o lado romântico da vida e ficar com uma propriedade que ele não quer porque *casamentos são mágicos*. E isso se ele deixar você planejar tudo, ponto final.”

O desespero me invade. “Você está se esquecendo da parte brilhante: eu o convenço com culpa!”

O semblante de Sofia suaviza. "Tudo bem, Gracie. Eu sei que você vai tentar isso, não importa o que eu diga, então estarei do seu lado. Prometo que nem vou

usar Photoshop para colocar olheiras e espinhas nas fotos do casamento do Calvin se você conseguir."

Eu sorrio, sentindo um alívio imenso. "Bem, talvez só uma espinha."

Ela sorri antes de seu rosto se fechar novamente em preocupação. "Mas se ele concordar, como você vai planejar um casamento em menos de dois meses? Você geralmente trabalha com os clientes por um ano ou mais."

Esse dilema também me ocorreu. "Eu me viro. Vai ser como a semana de provas finais, só que por uns dois meses."

"E o aniversário da sua mãe? Não vai ser nessa mesma época também?"

Droga. Eu não tinha pensado nisso, mas agora que ela mencionou, sim: a festa extravagante de sessenta anos que minha família me obrigou a planejar também vai acontecer no final de julho.

Sofia deve ter percebido a minha reação, porque ela diz: "Ah, não..."

"Vai dar tudo certo!", insisto, enquanto meu cérebro já começa a priorizar as tarefas. "Quer dizer, obviamente vou precisar improvisar em algumas coisas", digo, enquanto minha perfeccionista interior franze os lábios e me lança um olhar severo, "mas eu me viro."

Sofia me olha com algo parecido com pena. "Tá bom, mas essa não parece a oportunidade perfeita para dizer não para eles pela primeira vez?"

"É o aniversário de sessenta anos dela", argumento. "Você sabe que se eu não ajudar, serei deserdada."

“E perder todos aqueles enfeites infláveis de jardim?”, ela pergunta secamente. “Diga que não é verdade.”

“Sof, por favor”, eu digo. “Eles ainda são minha família.”

“Gracie, eles só entram em contato quando precisam de alguma coisa, e você nunca diz não.”

“Bem, nem todos nós crescemos com pais perfeitos como os seus. Isso não significa que eu queira cortar relações com eles”, respondo, sentindo uma mágoa profunda por dentro.

Quando éramos crianças, era impossível não desejar que meus próprios pais fossem tão emocionalmente presentes quanto os dela. E mesmo quando cresci e percebi que isso nunca aconteceria, não me impediu de tentar ser vista e valorizada por eles.

Com um semblante constrangido, Sofia pisca várias vezes enquanto cruza as pernas com mais força. "Desculpe", diz ela. "Eu sei o quanto sou sortuda, mas eles estão longe de ser perfeitos, sabe?", diz em voz baixa. "Eles também têm seus problemas."

Seu semblante se fecha enquanto ela desvia o olhar, e meu coração acelera. "Como assim?", pergunto, parando. "Está tudo bem?"

Ela me olha de relance e observa minha expressão. "Sim, está tudo bem. A mesma coisa de sempre", garante, mas seu sorriso é forçado. "Então, o que você acha que devemos assistir hoje à noite?"

Ciente de que ela está mudando de assunto, a encaro antes de dizer: "*Evil Dead*?"

Ela me dá um sorriso — um sorriso verdadeiro desta vez — e um alívio me invade.

“Você provavelmente é a única romântica incurável do mundo que não preferiria assistir ao Diário de Bridget Jones agora.”

“É preciso ter equilíbrio”, digo, dando outra mordida na empanada. “Sou como uma batata frita coberta de chocolate. Doce e salgada.”

“Você é a minha esquisita favorita, Gracie Holland.”

Me inclino e beijo sua bochecha. “Você também é a minha.”

Ela sorri, e pelo resto da noite, não se fala mais sobre minha iminente crise de carreira, Jude ou minha dinâmica familiar questionável. Com o apoio tênue de Sofia, sei qual será meu próximo passo.

Mesmo que isso possa me destruir.

6 GRAÇA

Sete Semanas Antes do Casamento

Concordar em planejar o casamento do meu ex-namorado é algo para o qual nem meus piores pesadelos me prepararam. Quem me dera. Uma dica de como aguentar isso teria sido muito útil. Mas depois de sair da casa da Sofia ontem à noite e ponderar todas as minhas opções (não, eu não descartei a possibilidade de me acorrentar à casa de campo), não consegui bolar um plano que me pareça moralmente melhor do que este.

Obviamente, o caminho mais convencional seria simplesmente aceitar o que está acontecendo e começar a procurar emprego enquanto resisto à tentação de jogar papel higiênico no carro do Jude. Mas depois de anos lutando com meu negócio, finalmente encontrei algo em que sou ótima e com pessoas com quem adoro trabalhar.

E ainda assim, enquanto me revirava na cama ontem à noite, tentei me convencer a desistir sem fazer barulho. Sei que esse plano é ridículo e provavelmente será rejeitado por Jude num instante. Mas não tentar me deixa com uma imagem que não consigo esquecer. Larkwood, definhando como a quinta casa raramente usada de alguma celebridade, enquanto Agatha observa lá de cima, amaldiçoando o amor deles por tons neutros sem graça e carpete de parede a parede. Então, embora minhas chances de salvar Larkwood sejam piores do que as de uma barata encontrar o amor verdadeiro (e por "barata", quero dizer Jude), ainda não estou pronta para desistir.

Abro o aplicativo de videochamada no meu celular. Na tela, meus olhos escuros, meu cabelo escuro e minha pele pálida me fazem parecer uma vampira anêmica.

Aposto qualquer coisa que a Brooke é naturalmente loira, bronzeada e tão cheia! depois do seu café da manhã diário com suco verde. Mas como o universo é um governante bondoso e benevolente (você ouviu isso, Universo?), provavelmente minhas suspeitas não se confirmarão nesta chamada. *Certo?*

Engoli em seco e apertei o botão de chamada.

"Gracie, oi!", disse Calvin, atendendo depois de um toque. "Já estava começando a achar que nunca mais ia ouvir falar de você!"

Forcei meu rosto a não demonstrar o quão adorável teria sido essa alternativa enquanto me deparava com a mesma cozinha onde costumava fazer café, vestindo apenas a camiseta dele. "Oi, Cal. Tudo bem?"

"Depende totalmente de você, eu acho", ele diz, me lançando um sorriso nervoso. "Já tomou sua decisão?"

"Direto ao ponto, hein?" pergunto, pegando um pequeno brinquedo de zumbi na minha mesa. Seus olhinhos e cérebro saltam para fora quando você aperta, como a bola antiestresse mais estranha do mundo.

"Desculpe", ele diz, passando a mão pelos cabelos loiros e lisos. "Essa ligação é tudo em que tenho pensado."

Uma onda de prazer inconsciente me invade ao pensar que ele quer conversar comigo. Eu a reprimo. "Claro", digo, esperando parecer compreensiva e não como se quisesse atacá-lo. *Lá vou eu.* "Bem, pensei bastante sobre isso e decidi ajudar você e a Brooke, se o novo dono aprovar o casamento."

Calvin solta um suspiro como se estivesse prendendo a respiração há duas semanas. "Ah, graças a Deus. Você está me salvando, Gracie."

"Nada está definido ainda", aviso. "O Larkwood está em processo de mudança de proprietários, e o novo dono não quer mais casamentos aqui. Mas vou conversar com ele e ver se ele abre uma exceção."

“Nossa”, ele diz, arqueando as sobrancelhas castanhas-claras com preocupação. “Você tem alguma ideia de quando saberá com certeza?”

“Espero vê-lo ainda esta semana. Mas também dependerá dos meus fornecedores — o prazo para eles é extremamente apertado.” E para mim também, acrescento mentalmente.

Ele assente com uma expressão culpada. “Entendo perfeitamente. Mas farei de tudo para que ela tenha o dia que merece.” Seus olhos se enchem de lágrimas e

desespero. “Ela é o amor da minha vida, Gracie.”

É possível sentir náuseas? A resposta é sim. “Você já tem uma ideia aproximada do número de convidados?”, pergunto com a voz embargada.

Ele faz uma careta novamente. "Provavelmente uns duzentos." Nesse momento, sinto a pouca cor que me resta sumir do rosto, enquanto meus olhinhos e cérebro de zumbi ficam paralisados pelo meu aperto. "Mas eu sei que se tem alguém que vai conseguir fazer isso, é você—"

"Eu ainda não te dei minhas condições", interrompo, minha voz ficando tão estridente quanto a de qualquer solteirona que se preze.

Ele fica sério imediatamente. "Qualquer coisa", diz ele. "É só dizer o preço."

Pisquei, surpresa com a oferta sem limites. Calvin nunca passou por dificuldades financeiras. Ele cresceu com um pônei de verdade, que Deus me concedeu, e que depois trocou de pelo e se transformou em uma série de Land Rovers cada vez maiores. Mesmo sabendo disso, pedir o que preciso não fica mais fácil — me tornei especialista em não causar problemas, nem mesmo pequenas ondas.

Mas até quem gosta de agradar a todos precisa pagar as contas. Então, depois de lhe dizer a tarifa padrão da Larkwood para um evento de cinco horas, endireito-me na cadeira, com a coluna arrepiada, e me obrigo a olhar nos seus olhos. "Como precisarei coordenar fornecedores com tão pouco tempo de antecedência e fazer a mesma quantidade de trabalho em uma fração do tempo que normalmente levo, precisarei de uma taxa adicional de urgência de dez por cento. Adiantada. Sem incluir a gorjeta", acrescento rapidamente.

É um esforço físico não me desculpar, mas, no fim das contas, não tenho nada com que me preocupar. Calvin parece um pouco surpreso com minha demonstração incomum de assertividade, mas então acena com a cabeça, dando de ombros casualmente. "Sem problema. E devo pagar essa taxa de urgência diretamente para você ou para a Larkwood?"

Minhas axilas estão praticamente jorrando água quando gaguejo: "Só para mim. Por favor."

"Claro", ele diz com um sorriso. Ouço uma porta se fechar ao fundo da casa dele, e Calvin olha na direção do barulho.

“Amor, você chegou cedo!” ele grita, e o carinho em seu tom é como um soco no estômago daquela parte teimosa do meu coração que ainda deseja ser eu a entrar

pela porta da frente. “Vem conhecer a Gracie — ela acabou de nos dar a melhor notícia.”

Meu cérebro aperta repetidamente um botão de ejeção de emergência enquanto eu solto: “Ai, droga, estou recebendo uma ligação da minha… dermatologista!” Obviamente, uma mentira. Mesmo que consultórios médicos fizessem ligações às sete e meia da noite, ter um dermatologista implicaria ter plano de saúde e um orçamento para produtos de cuidados com a pele. “Entrarei em contato em breve, obrigada, Calvin!”

Desligo o telefone antes que ele possa dizer qualquer coisa, com o coração disparado. Que diabos há de errado comigo? Não é como se eu nunca fosse conhecer Brooke — ela também é minha cliente agora, assim como Calvin.

Calvin é meu cliente.

As implicações me atingem como um naufrágio em chamas. Se Jude concordar, estarei ajudando meu ex a dizer "sim" na tênue esperança de salvar o legado de Agatha, a renda dos meus fornecedores e meu próprio futuro aqui em Larkwood.

Cubro o rosto com as mãos e tento não chorar. Honestamente, não tenho tempo para isso. Com essa ligação, meu prazo para organizar um casamento de gala para duzentas pessoas começou oficialmente a contagem regressiva — se Jude me deixar. Dou uma olhada no meu laptop surrado, com o cabo de alimentação remendado com fita adesiva. O que eu deveria fazer é adiantar o trabalho e criar um novo arquivo de cliente. Mas então meus olhos se voltam para minha minúscula cozinha, onde uma garrafa empoeirada de um vinho suspeitosamente barato, rotulado como BIG RED, me chama com um canto de sereia. Você acabou de concordar em planejar o casamento do seu ex-namorado, parece dizer. Você merece se lamentar um pouquinho.

Engulo em seco. Amanhã começa a Operação Salvar Larkwood. Mas hoje à noite, vou ouvir Big Red.

7 JUDE

Sete Semanas Antes do Casamento

A primeira regra para quem fica andando de um lado para o outro, nervoso, na porta de uma mulher, no escuro, é bater na porta como um adulto de verdade. Solto o ar, mas meus pés continuam inquietos. Desde que disse ao Henry que "daria conta" da herança para a Gracie, me tornei o maior especialista em evitar o assunto. Mas hoje à noite, quando cheguei a Larkwood para o meu fim de semana e vi as luzes acesas na casa, minhas desculpas acabaram. É hora de contar a ela sobre a herança da vovó e, de alguma forma, convencê-la de que vender a casa para mim — o ser humano que ela menos gosta no mundo — é o melhor para ela.

Droga, vovó, o que você estava pensando?

Soltando o ar novamente, reúno todo o meu autocontrole e paro em frente à porta da Gracie. É a consciência de que posso assustá-la com a minha ronda que finalmente me faz bater. De dentro da casa, ouço uma música indistinta diminuir de volume e meu coração acelera. Rapidamente, empurro meus óculos para cima do nariz e tento não parecer que estou suando no frio da noite.

Quando a porta se abre, inundando o caminho escuro do jardim, leva um segundo para meus olhos se ajustarem. Enquanto isso acontece, meu cérebro registra os tons melancólicos de "All by Myself" vindos de dentro da casa. Então Gracie entra em foco. Ela está segurando uma garrafa de vinho tinto e vestindo quase nada além de uma camiseta larga com os dizeres "É um prazer te comer" sobre um zumbi de desenho animado. Acima da camiseta, seu rosto está ligeiramente obscurecido por... um *véu de noiva*? É extremamente transparente e não disfarça em nada o olhar de leve desgosto que ela me lança.

“Desculpe. Você parece ocupada”, digo rapidamente. “Volto quando—” Meus olhos descem involuntariamente para a barra da blusa dela, onde roça o topo de suas coxas longas e nuas. Droga. Forço meu olhar para longe e começo a me virar. “Outra hora. Desculpe.”

Para minha surpresa, ela se lança, ligeiramente desequilibrada, e agarra minha manga. “Acho que não, querido.”

“*Querido?*”, repito, divertido apesar de mim mesmo.

Ela ignora, mas talvez seja porque perde o equilíbrio por um instante e tropeça em mim. Ela cheira a flores aquecidas pelo sol e vinho tinto, mas a proximidade avassaladora dela é atenuada pela minha preocupação. Quanto dessa garrafa ela já bebeu?

“Por que você está aqui?”, ela exige, me encarando. “Você achou que podia simplesmente aparecer de óculos e me expulsar no meio da noite? Achou que isso me impediria de causar um escândalo?”

“São apenas oito e meia”, aponto, segurando-a pelo braço que ela está agarrando. “E não sei como minha miopia é relevante, mas eu não vim aqui para te expulsar.” *Ainda não,* penso sombriamente.

“Ainda não”, ela retruca, como um eco dos meus pensamentos de culpa. Desnecessariamente, empurro meus óculos para cima novamente, e seus olhos captam o movimento nervoso. Ela engole em seco. “Se você não está aqui para me expulsar, então o que você quer?”

Solto o ombro dela quando tenho certeza de que ela não vai cair e pigarreio. "Eu queria conversar. Tenho novidades para te contar sobre o testamento da minha avó."

Por um breve instante, seus olhos escuros perdem o olhar acusador e nossos olhares se encontram. Acho que não sou a única que prende a respiração quando a dor compartilhada que nos uniu no funeral da vovó aperta. Então ela estremece, e eu me arrependo de tê-la mantido lá fora. Quando se mora tão perto do oceano, até uma noite de verão pode ser fria. "Você vai congelar aqui fora", digo. "Posso esperar se você quiser vestir algo mais quente ou—"

Ela pisca, parecendo perceber só agora que está descalça e sem calças. Quase espero que ela discuta, mas então ela suspira. "Entre", diz em tom derrotado. Ela se

vira cambaleando enquanto manobra a garrafa de vinho sob o véu para tomar um gole.

Entrar? Isso… não estava nos planos. Uma sensação ácida e desagradável se espalha pelo meu peito. Não entro na cabana desde criança. Mas a qualquer momento, Gracie vai se virar e se perguntar por que diabos estou parada aqui, como se não conseguisse atravessar um campo de força para idiotas. Solto um suspiro difícil. São só quatro paredes e um teto, digo a mim mesma com firmeza, antes de segui-la para dentro e fechar a porta com a graça desajeitada de um brinquedo de corda enferrujado. Enquanto me esforço para respirar devagar, começo a notar as coisas.

Para começar, o quarto não cheira a poeira e abandono, mas sim a ela. Mel quente e os últimos vestígios das flores de macieira do lado de fora da janela. O quarto em si é arrumado, mas com cara de habitado, com uma quantidade alarmante de romances espalhados, uma coleção incongruente de objetos com temática zumbi e móveis descombinados que parecem ter sido descartados da propriedade. Encostada à janela da sala de estar, há uma escrivaninha, e além dela, vários rolos de tecido envoltos em plástico, um manequim de costura e caixas empilhadas.

Meus ombros relaxam. De alguma forma, sem fazer nenhum dos exercícios que minha terapeuta recomendou, sinto meu coração começar a desacelerar sozinho. Este não é o mesmo chalé escuro de que me lembro, abarrotado de armários fantasmagóricos cobertos por lençóis. É… uma casa.

Minha atenção é capturada quando a música para. Vejo Gracie deixar o celular cair no balcão da cozinha antes de voltar para a sala de estar com a garrafa de vinho ainda na mão. Seus lábios carnudos estão manchados de vermelho pelo vinho, e o véu de noiva que ela usa está torto. É um contraste tão grande com sua aparência impecável no funeral da vovó, e não consigo evitar a sensação de que a culpa é minha.

"Desculpe interromper sua…" Minha voz se perde quando ela passa por mim e se joga no velho sofá de veludo amassado.

"Festa da autocomiseração?" ela completa por mim. "Não se preocupe, eu e o Big Red ficaremos felizes em recebê-la, contanto que você não precise de nada." Ela tenta dar outro gole no que presumo ser "Big Red", mas se esquece de que sua boca

está coberta por um véu. Com a pressão do tecido transparente entre a garrafa e seus lábios, ela coloca o vinho entre os joelhos e se estica para desabotoar o véu. Mas, claramente, isso exige mais coordenação do que ela possui no momento.

“Droga”, ela geme, tentando arrancar o véu dos cabelos emaranhados sem sucesso. Depois de mais algumas tentativas, seus braços perdem a força e ela os deixa cair ao lado do corpo antes de olhar para mim. “Socorro?”

Ela parece prestes a chorar, e eu automaticamente me sento ao seu lado, apesar de saber que a última coisa que preciso fazer é tirar uma peça de roupa dessa mulher.

“Acho que você consegue. É só puxar aquele alfinete da esquerda e—”

Ela se vira para mim no sofá, e o algodão branco da sua blusa sobe tanto pelas coxas que quase consigo ver — *PARE DE OLHAR*, grito mentalmente para mim mesma. Como uma santa, levanto os olhos para encontrar os dela, mas a escuridão profunda e líquida por trás do véu não me protege. "Você está tentando me fazer implorar?", ela pergunta.

"Não", respondo em voz alta, desejando ter um saco de papel para respirar. "Por favor, não faça isso."

Ela revira os olhos enquanto estendo a mão para desembaraçar o véu. Mantenho meus movimentos o mais precisos possível, removendo os grampos que ficaram presos no pente enfiado em seu cabelo. Assim que o véu se solta, não deixo minhas mãos demorarem no ato de puxá-lo, mas não importa. Observar o tecido branco e transparente deslizar para revelar seus cabelos castanhos ondulados e a extensão pálida de seu longo pescoço ainda me causa uma pontada de desejo quase dolorosa.

"Aqui", digo, jogando o véu para ela como se tivesse me picado.

Seus longos cílios se levantam sonolentos, e noto que suas bochechas estão coradas de um rosa peônia. É só por causa do vinho, digo a mim mesma. Não tem como ela ter gostado...

“Obrigada”, diz ela, puxando a blusa para baixo, como que por misericórdia. “Se você quiser me fazer mais um favor, jamais pergunte, mencione ou pense no véu… nunca.”

“Nem pensar nisso.” Mentira.

“Ou no Big Red.”

“Obviamente.” Hesito. “Mas posso perguntar se você bebeu água ultimamente?”

O jeito como ela semicerra os olhos, tentando se lembrar, a entrega. Aliviada por me distanciar um pouco, vou até a cozinha pegar um copo d'água. Já que estou lá, abro os armários para ver se ela tem biscoitos, mas me deparo com prateleiras quase vazias. Talvez ela coma fora com frequência? Parece improvável, considerando o isolamento de Larkwood da civilização.

Continuo minha busca na geladeira, mas, assim como nos armários, não há muita coisa lá dentro, exceto alguns frios e um litro de — estremeço — leite com café. Minha preocupação é interrompida por outro soluço vindo da sala, mas, felizmente, encontro manteiga e um pacote de pão de forma quase vazio.

Quando volto com um copo d'água e torradas com manteiga, ela me olha desconfiada. "Por que você está tão gentil de repente?"

Uma onda de vergonha me percorre. "Não há perigo disso. Se eu fosse gentil, teria jogado seu leite com café fora."

Ela faz uma cara de indignação. "Leite com café é a bebida oficial de Rhode Island."

"É também o berço do 'sopa de mariscos', caso você também goste de mariscos aguados."

“Você não é filho do procurador-geral? Deveria estar tomando café com leite em todas as refeições.”

“Obrigado, mas prefiro que minhas bebidas não venham da teta do Satanás.”

Ela geme de exasperação e levanta a garrafa de vinho.

“Por falar nisso…” digo, “acho que essa safra em particular também não está te fazendo bem.”

Ela franze a testa. “Sabe, esnobismo era algo que sua avó detestava.” Ela toma um gole significativo. “Mas, pensando bem, defender os valores dela não parece ser sua prioridade.”

A defensiva surge com força, mas logo se dissipa. Depois do nosso desentendimento no jardim, fiz um esforço para ignorar a acusação de que eu não me importava com os desejos da minha avó. Não foi difícil — pelo menos, não depois de algumas voltas dolorosas e um pouco angustiantes na piscina.

Honestamente, não deveria ter levado tanto tempo para superar minha raiva injustificada da Gracie. Ela levantou preocupações válidas sobre meus planos, e isso

não me dá o direito de atacá-la — não quando sou eu o idiota que está arruinando a vida dela.

Com um aperto no estômago, me sento novamente enquanto ela dá uma mordida delicada na torrada.

"Eu entendo por que pode parecer assim, e sinto muito que minha decisão tenha sido tão estressante para você", digo a ela baixinho.

Seus olhos cautelosos encontram os meus, mas quando ela não retribui o olhar, continuo.

"Foi horrível da minha parte te dar a notícia de forma tão brusca, e não tenho desculpa para ter sido tão rude. Você provavelmente vai achar difícil de acreditar, mas eu não estou exatamente feliz com a perda do seu emprego."

Seus olhos brilham. "Então, este pedido de desculpas é um brinde? Algo no testamento de Agatha te fez reconsiderar a venda de Larkwood?"

Balanço a cabeça negativamente. "Infelizmente, não. Já me decidi." A esperança em seu rosto se esvai e, por um breve instante, com um mínimo de lógica, quero prometer que ela pode ficar nesta casa de campo indefinidamente. O que me traz de volta à realidade, porque, tecnicamente, de acordo com o testamento da vovó, ela pode. Isto é, até eu usar todas as táticas de intimidação legal do meu arsenal para assustá-la e fazê-la me vender a casa.

Meu *Deus*. Ela só pensa que me odeia agora.

"Então, o que você queria me dizer?", ela exige. "Você veio me oferecer um novo emprego como seu capanga? Ou me informar que estou vivendo com amianto há três anos e que posso ganhar uma indenização enorme se ligar para o 1-800-OMG-FML?"

Eu mal consigo conter o riso. "Tenho quase certeza de que está faltando um dígito nesse número e não, eu não sou esse tipo de advogada, Gracie."

"Ah, é mesmo. Esqueci. Você é o tipo que cobra quinhentos dólares por minuto para dançar sobre os túmulos dos sonhos e da felicidade."

Não consigo conter meu sorriso irônico. "Posso garantir que meus serviços de dança sobre túmulos são totalmente gratuitos."

Ela me encara e dá outra mordida na torrada. Enquanto isso, tento não demonstrar a satisfação alarmante de ver Gracie comer a comida que eu preparei para ela. Em vez disso, aproveito a deixa para mencionar o motivo da minha

presença ali. "Mas tenho algumas notícias sobre o espólio que são relevantes para você. Você se lembra do meu amigo Henry, que está cuidando do processo de inventário?"

“O rapaz bonito com covinhas?” Ela acena com a cabeça, engolindo a torrada. “Ele era um amor.”

O Henry tem covinhas? Se tiver, nunca se notaram completamente. Desconcertada, continuo com um hesitante "Certo. Bem, depois de ler o testamento da vovó, ele descobriu que, num ato de generosidade equivocada, ela lhe legou esta casa de campo." Respiro fundo antes de prosseguir. "Digo equivocada porque, infelizmente, a propriedade acarreta uma série de exigências financeiras significativas, incluindo impostos sobre um imóvel histórico, além de uma cláusula de preservação que exigiria que você financiasse a restauração e a manutenção da propriedade segundo padrões rigorosos." Aqui, faço uma pausa, permitindo que a gravidade das minhas palavras se faça sentir enquanto avalio a sua reação.

Gracie pisca rapidamente, lágrimas brotando em seus olhos escuros e expressivos. Sim, ótimo, penso, plenamente consciente de que poderia muito bem estar torcendo o bigode de um vilão malvado.

"Eu sei que é difícil de aceitar", digo, adotando o tom gentil que uso com clientes após uma derrota no tribunal. "À primeira vista, parece que possuir a casa de campo resolveria todos os seus problemas, mas vendê-la para mim na verdade—"

A voz trêmula de Gracie me faz parar abruptamente. "Agatha se lembrou de mim em seu testamento?"

Mentalmente, recuo. "Hum, sim. A casa de campo foi deixada para você, juntamente com as responsabilidades financeiras da propriedade."

Com um pouco de desajeitamento, Gracie coloca o prato com a torrada meio comida e o copo d'água em uma mesinha lateral. Estou prestes a sugerir (ou implorar) que ela termine de comer quando ela derruba a garrafa de vinho que estava ao seu lado.

"Droga", ela diz. Rapidamente, nós duas nos abaixamos para pegar a garrafa, que, felizmente (e preocupantemente), está vazia demais para ter derramado. Nossas mãos se tocam acidentalmente, e a breve sensação da pele dela contra a minha expulsa violentamente todos os meus pensamentos.

“Desculpe”, ela murmura enquanto pego a garrafa, abraçando-se como se não confiasse mais nos próprios membros. “Eu normalmente não sou assim... eu não faço isso o tempo todo, nem nada”, diz ela, e fico horrorizada ao ouvi-la fungar. “Foi a pior semana, e tudo parece pior sem a Agatha. Agora ela deixou este lugar só para mim e eu...” Ela faz uma pausa, e observo o contorno do seu lábio inferior carnudo tremer. “Eu nunca vou poder agradecê-la”, ela sussurra, com a voz embargada. “Assim como nunca pude dizer a ela o quanto eu...”

Ela para de falar e cobre o rosto com as mãos. Só consigo perceber que está chorando pelos soluços silenciosos que sacodem suas costas. Minha mão se move para pairar sobre seus ombros tensos, mas hesito. No momento, tenho quase certeza de que ela preferiria uma massagem nas costas feita por um cacto.

"Vou ficar com ele", ela sussurra enquanto me afasto silenciosamente.

A voz de Gracie está tão baixa que espero ter entendido errado. "Como assim?"

Ela se senta, o rímel borrado sob seus olhos desafiadores. "Eu sei que você está tentando me assustar para que eu o venda. Mas se Agatha me deixou este lugar, então confio no julgamento dela. Ela não teria me dado se achasse que seria um fardo."

Não. O medo me aperta a garganta ao pensar que meu acordo para Larkwood pode fracassar. Num lampejo de frustração avassaladora, gostaria de poder explicar tudo a ela. Fecho os olhos e respiro fundo, algo que preciso muito fazer.

"Não tenho dúvidas de que minha avó tinha boas intenções", digo com uma calma forçada, antes de olhá-la, "mas ela também estava completamente alheia ao custo de vida atual para pessoas sem os recursos dela. Então, a menos que você tenha dito explicitamente a ela qual era o seu salário, não consigo imaginar que ela estivesse lhe pagando muito bem."

Tentando preservar sua dignidade, não mencionei que sabia exatamente quanto Nana lhe pagava. Mas mesmo que eu não tivesse acesso aos livros contábeis da propriedade, os armários vazios de Gracie e o rubor de constrangimento que ela sentiu ao ouvir minhas palavras teriam me dado todas as informações necessárias. O que é menos claro é por que ela nunca se defendeu. Me odiando, aproveitei a vantagem.

“Estou falando de dezenas de milhares de dólares em impostos prediais anuais e custos de preservação histórica.” Ela engole em seco visivelmente, e a sensação de

aperto nas minhas vias respiratórias diminui um pouco. “Mas a boa notícia é que estou disposta a ficar com a casa. Você não precisaria arcar com nenhuma das responsabilidades financeiras de possuir um imóvel histórico. Além disso, você nunca mais precisaria me ver.”

Nesse momento, seus olhos se voltam para mim. “De tudo o que você acabou de dizer, essa é a coisa mais atraente da lista.”

Ai. Mas quem está na chuva não pode escolher, então eu digo: “Já mencionei que estarei aqui o tempo todo até que ela esteja livre de mim?”

Ela torce o nariz. “Eca, por quê?”

“Porque tenho uns trinta cômodos cheios de tralha para organizar e projetos de restauração para supervisionar antes da transferência”, digo, tirando os óculos e esfregando os olhos.

“Por que não contratar alguém para fazer isso?”

Olho para ela e percebo seu olhar fixo na gravata e na gola frouxas que eu me esqueci de arrumar antes de vir para cá. Seus olhos encontram os meus, e a resposta sincera escapa das minhas defesas. “Porque sinto falta dela. E por mais que eu não goste de estar aqui, parece… parece uma forma de dizer adeus.”

Gracie me encara por um longo momento. “Não te entendo. Como você pode amá-la assim e não querer salvar o que era tão importante para ela?”

Minha mandíbula se contrai enquanto uma onda de dor, pressão familiar e amor pela minha avó se chocam com essa oportunidade de ouro para Larkwood. "É complicado."

"Isso é um jeito mal-humorado de dizer 'não se meta na minha vida'?"

"Acho que sim", respondo, perdendo um pouco da minha paciência. Coloco meus óculos de volta no rosto a tempo de vê-la franzir a testa.

"Bem, infelizmente para você, agora é da minha conta. E embora eu não possa pagar esses impostos ou taxas imediatamente, não vejo por que deveria me apressar em vender para você enquanto tento descobrir como evitar morar no porão da minha mãe."

“Você não entende”, eu disse, rangendo os dentes. “A pessoa interessada na propriedade quer adquiri-la em agosto, custe o que custar, e eu pretendo que seja Larkwood.”

“E por que é tão importante que sejam eles que a comprem?” Seus olhos percorrem minha roupa e sua boca se fecha. “Você claramente não está sem dinheiro. Não vejo por que você não pode simplesmente tornar minha vida um pouco menos miserável e esperar alguns meses por outro comprador.”

Aceito a alfinetada sobre minha situação financeira privilegiada e balanço a cabeça enquanto ela se aproxima demais dos planos que não posso revelar a ninguém. Há um motivo para Larkwood ter que ir a essa festa em particular e para a transação ter que ser feita com a máxima discrição, mas já falei demais. "Não posso te contar o porquê, mas tem que ser por causa deles."

"Então acho que terei novos vizinhos", diz ela docemente. "Vou garantir que eles recebam alguns biscoitos de boas-vindas junto com minha lista interminável de motivos pelos quais Larkwood deve continuar sendo um local para casamentos."

"Gracie, por favor", quase rosno. "Privacidade é crucial para eles, e este negócio não acontecerá sem a casa de campo incluída."

Ela cruza os braços sobre o peito, roçando meu ombro no processo. Quando foi que me aproximei tanto dela? "Então acho que estamos num impasse, porque ainda não desisti de salvar Larkwood."

"Não adianta tentar 'salvar Larkwood'. Vou dar um jeito de vender a propriedade, com ou sem a sua cooperação."

"A menos que eu consiga te fazer mudar de ideia", diz ela com uma determinação que deveria ser passível de punição legal.

"Não estou entendendo", respondo secamente.

"Sem surpresas, mas escute. Quero te fazer uma proposta."

Encaro-a com uma expressão impassível. "Não acha que estamos indo rápido demais, querida?"

“Não esse tipo de proposta”, ela resmunga, com as bochechas coradas. “Eu esperava um momento melhor para ter essa conversa — tipo, um momento totalmente sóbrio, sem estar de pijama”, diz ela, levantando-se, cambaleando um pouco, e caminhando para o outro lado da sala. “Mas acho que é agora ou nunca.”

Não percebo o que ela pega na mesa. Mal consigo perceber o que ela disse, porque meu olhar está fixo nas duas tatuagens de laço preto logo acima da parte de trás dos seus tornozelos. São pequenas, delicadas, e há uma boa chance de eu precisar de um desfibrilador.

Quando ela se senta novamente, está segurando o que parece ser um álbum de recortes. Ela suspira. "Então, tenho uma nova cliente que quer se casar em Larkwood antes de agosto, e preciso que você concorde em me deixar planejar o casamento dela."

Minha boca já está formando a palavra "não", mas então ela coloca uma mão delicadamente no meu joelho. Eu não só paro, como quase engulo a língua. "Eu sei que você está louca para me dispensar, mas me escuta por um segundo, tá bom?"

Quando mal consigo acenar com a cabeça, ela tira a mão. O oxigênio volta a circular no meu cérebro.

“Os últimos dias foram…” Ela morde o lábio. “Tão difíceis. Passei incontáveis horas ao telefone consolando meus clientes por causa de seus casamentos cancelados. Sinceramente, sinto que deveria ter uma licença para exercer a profissão de terapeuta depois dessas ligações”, ela murmura, e a culpa me atinge como um peso enorme.

Ela continua. “Estou fazendo o que posso pelos clientes que iriam se casar em breve, e a maioria já encontrou novos locais. Parques públicos, pomares de maçãs e qualquer outra coisa que eu consiga imaginar”, diz ela. “Mas este novo casal está… bem, eles estão desesperados. Estão esperando um bebê e precisam se casar o mais rápido possível em um lugar como Larkwood, por causa das expectativas da família.” Ela me olha com uma expressão de dor difícil de decifrar.

“Normalmente, eu nunca concordaria com um prazo tão apertado. Mas quando você me disse que queria se desfazer da propriedade, tive uma ideia. Talvez, se eu planejasse este casamento antes da venda, seria uma oportunidade de mostrar exatamente por que os casamentos em Larkwood significam tanto não só para mim, mas também para sua avó, nossos clientes e todos os fornecedores que trabalham aqui.”

Abaixo o olhar enquanto Gracie abre o álbum de recortes em seu colo. Meu peito se aperta dolorosamente ao contemplar a colagem. Gracie brindando com taças de champanhe com a vovó no final de uma recepção, seus rostos cansados, mas radiantes de satisfação. A vovó segurando uma noiva sorridente pelos ombros, seu rosto enrugado extasiado com o belo vestido de noiva. Foto após foto da minha avó em seu elemento, radiante de felicidade.

“Não havia nada que ela amasse mais do que isso”, diz Gracie com a voz embargada, e eu, relutantemente, levanto os olhos das fotos para encontrar o seu olhar. “Eu sei que você era próxima dela, mas eu trabalhei com Agatha por anos, Jude. Ela realmente acreditava que Larkwood era o lugar certo para isso. E eu sei que você tem outros planos para a propriedade, mas eu não conseguiria viver comigo mesma se não tentasse, pelo menos, convencê-la a mantê-la.”

“É por isso”, diz ela, antes de respirar fundo para se acalmar. “Se vocês quiserem este chalé, terão que me deixar planejar este casamento. Também precisarão se encontrar com todos os fornecedores — meus amigos — que ficarão financeiramente devastados com a perda de Larkwood. Com sorte, ver este casal trocar votos poderá até provar a vocês que o amor verdadeiro existe.” Ela engole em seco, e lá está aquele olhar complexo novamente, entre angústia e resignação. “Mas se eu ainda não conseguir mudar a sua opinião até o casamento, então considerarei vender para vocês.”

Franzo a testa enquanto tento controlar a culpa e a tristeza que ela despertou em mim. "Deixa eu ver se entendi. Você quer tentar me manipular emocionalmente para que eu fique com Larkwood, me obrigando a planejar um casamento com você?"

Ela se endireita na cadeira e tenta me olhar com desdém. "Prefiro pensar nisso como uma forma de reidratar seu coraçãozinho murcho e frágil, mas sim. Gostaria que você compreendesse completamente a dimensão das suas ações antes de tomar uma decisão precipitada. Mesmo que eu não consiga te impedir, pelo menos você saberá o que fez."

Puta merda. Quando entrei nesta casa de campo hoje à noite, estava convencida de que seria eu quem consolaria a Gracie — de preferência com uma oferta generosa pela casa dela — mas agora sou eu quem precisa de um maldito abraço. Se eu tivesse que escolher a última maneira como gostaria de passar meu pouco tempo livre, ser culpada por destruir o legado da minha avó enquanto planejo o casamento de uma estranha seria a vencedora. Mas, infelizmente, a Gracie está no controle. Preciso desta casa de campo até agosto, e se ela me dissesse que eu teria que ser seu capacho para consegui-la, eu provavelmente só perguntaria se ela me queria de barriga para cima ou para baixo.

“Não acredito que estou dizendo isso… mas tudo bem”, finalmente respondo, sem conseguir deixar de admirar sua determinação. Infelizmente, ela não faz ideia de que, embora eu respeite todos os seus argumentos, meus motivos para me livrar de Larkwood são prioridade absoluta — por mais terrível que eu me sinta sabendo que haverá danos colaterais. Por isso, digo: “Mas se você não me fizer mudar de ideia, terá que me vender a casa. Sem meio-termo.”

O medo toma conta de seu rosto, e uma onda de autodepreciação me invade o estômago ao considerar fazê-la assinar um contrato de verdade.

Mas então ela ergue o queixo, estende a mão para um aperto de mãos e diz: “Quem ganhar leva tudo no dia do casamento. Fechado?”

É uma péssima ideia. Principalmente porque significa passar mais tempo com uma mulher que me causa frustração e obsessão na mesma medida. Mas, de alguma forma, sei que ela cumprirá sua palavra quando eu finalmente fechar esse negócio. Tudo o que preciso fazer é deixar o tempo passar. Então, com o futuro de Larkwood em jogo, pego sua mão na minha e tenho a estranha sensação de que a vovó está observando, batendo os pés e gargalhando enquanto joga pipoca na boca. "Fechado."

8 GRAÇA

Sete semanas antes do casamento

Brianna: Gracie, a mamãe quer saber se você consegue um pula-pula de graça pra gente. Mãe: Pergunta pra ela se tem algum com tema dos Patriots. Bem grande. Josie: Mãe, você tá no grupo. Pergunta pra ela você mesma. Mãe: Gracie, você consegue um pula-pula dos Patriots pra gente? Precisamos de um GRANDE. Brianna: Eu ainda acho que a gente devia assar um porco inteiro. Como são seus contatos com porcos, Gracie? Mãe: Já decidimos o tema de futebol americano? Talvez um pula-pula dos Bruins. Brianna: Mãe, o tema é PASSE A BOLA FRESCA. Josie: É aniversário da mamãe, Bri. Mãe: A gente conversa sobre isso quando a Gracie trouxer as lembrancinhas. Brianna: Já estão prontas, Gracie? Gracie: Estou providenciando! Vou ver se consigo o porco. Quão importante é esse pula-pula? Josie: Teremos 19 crianças menores de 10 anos. ME diz o quão importante ele é. Mãe: CRUCIAL. Brianna: Ela estava perguntando para a Gracie, mãe. Gracie: Vou ver o que posso fazer.

9 GRAÇA

Seis Semanas Antes do Casamento

São apenas 10h da manhã e o tema de hoje já é "O Pior". Na verdade, aplique isso a toda a semana passada. Depois de fechar meu acordo com Jude e trocar números com ele no sábado passado, tenho tido que lidar sem parar com a situação, tentando ajudar meus ex-clientes em pânico e planejando a festa de sessenta anos da minha mãe sob a ameaça de ser deserdada.

É por isso que passei a manhã na casa dela, convencendo minhas irmãs postiças de que contratar o mascote do time dos Patriots não vai acontecer, e é por isso que agora estou atrasada para uma reunião com Calvin, Brooke e Jude para assinar os contratos. Normalmente, eu faria isso por videochamada, mas depois de receber uma mensagem do Calvin dizendo que a Brooke quer se encontrar pessoalmente (e a corrida de quase cinco quilômetros que isso me inspirou a fazer por estresse), decidi que era uma boa ideia.

Primeiro, isso me obriga a encarar de frente o fato de ver Calvin com sua noiva. Segundo, é uma chance de envolver Jude no processo de planejamento do casamento — algo que ainda me surpreende ele ter concordado em ajudar enquanto eu estava praticamente sem juízo. E embora eu só tenha a cooperação dele por causa da minha inesperada vantagem na casa de campo, não consigo conter a onda de esperança que sinto.

Depois de estacionar, tranquei o carro e comecei a correr pela rua. Tentei sair no horário, mas Brianna me impediu fisicamente de entrar até que eu os ajudasse a encontrar o pula-pula inflável de futebol americano dos seus sonhos. Quando finalmente consegui escapar, já estava atrasada.

Alisando meu blazer recém-limpo de cocô de pássaro, respiro fundo e viro na Westminster Street, tentando me acalmar antes desta reunião. Provavelmente uma tarefa impossível sem, digamos, um tranquilizante para cavalos. Mesmo assim, estou determinado a aproveitar ao máximo esta oportunidade.

Depois que Jude revelou que Agatha me deixou a casa de campo e eu consegui superar o choque emocional, minha missão de salvar Larkwood de repente pareceu divinamente validada. Foi como se Agatha soubesse que seu neto tentaria vender a propriedade e me nomeasse seu valente defensor, munido de uma lista de verificação. E embora eu duvide que uma reunião sobre o contrato seja o que vai amolecer o coração de Jude, ainda tenho esperança de que ver Calvin e Brooke juntos revele o lado mais sensível que sei que ele tem lá no fundo (*bem no fundo*).

Quando finalmente chego ao café, estou ofegante ao abrir a porta de vidro com um tilintar de sinos. Está lotado lá dentro, e levo um instante para avistar Calvin, Jude e uma mulher que — acredite se quiser — parece uma jovem Brooke Shields, sentados em uma mesa no fundo.

Sinto como se minha coluna tivesse acabado de ser ligada, um brilho neon eletrizante percorrendo meu corpo com toda a gama de emoções humanas. Observo Calvin jogar a cabeça para trás e rir em câmera lenta. Já se passaram três anos, mas a saudade dispara à frente de tudo, com a vergonha em seu encalço. Por que não consigo superá-lo? Será que alguns corações são mais teimosos que outros? Incapazes de seguir em frente, mesmo quando não há esperança ou motivo para continuar se agarrando ao passado?

Dou uma olhada rápida em Brooke, que está segurando a mão dele sobre a mesa e sorrindo com indulgência, o anel de noivado dela brilhando do outro lado da sala. Estou quase pensando em sair correndo quando meu olhar se desvia para Jude. Ele está me observando atentamente, com uma expressão de preocupação ou irritação franzindo a testa. *Droga*.

Me obrigo a começar a andar e sinto o olhar inquietante de Jude sobre mim o tempo todo. Por que eles têm que refletir a luz desse jeito? Não é natural nem agradável. Mas pelo menos ele não está usando aqueles óculos de novo. Pequenas bênçãos.

Quando chego à mesa, puxo uma cadeira e digo rapidamente: "Desculpem o atraso, pessoal, minha última reunião se estendeu." Tecnicamente, é verdade,

mesmo que eu quase tenha entrado numa briga de tapas com minhas irmãs postiças.

Calvin e Brooke começam a me assegurar que acabaram de chegar quando Jude se levanta de repente, batendo sem querer na mesa e fazendo os pratos tilintarem.

"Desculpe", diz ele, encontrando meu olhar surpreso. "Posso te trazer um café, Gracie? Algo para comer?"

Surpresa, lembro-me da torrada que ele fez para mim. Presumi que ele estivesse apenas me bajulando antes de me pedir para vender a casa de campo, mas talvez ele tenha algum tipo de radar bizarro para quando estou desnutrida e com falta de cafeína. Eu definitivamente preciso de algo para me alimentar, mas, ao olhar para Calvin e sentir um arrepio de nervosismo, respondo: "Tudo bem, eu pego sozinha".

"Não tem problema", ele rebate, pegando sua xícara quase cheia. "Vou lá pegar mais de qualquer jeito."

Olho para ele com desconfiança e, de repente, me dou conta: Jude não suporta ficar perto de um casal apaixonado.

Tento não deixar que toda a minha esperança se esvaia. O objetivo de trazê-lo era justamente mostrar a emoção de um casal prestes a se casar e, quem sabe, fazê-lo considerar a possibilidade de que o casamento não seja uma prisão perpétua. Bem... O plano dele pode ser aproveitar todas as oportunidades para sair da mesa, mas eu ainda não desisti.

"Então eu posso encher sua xícara", respondo docemente, tentando pegar a xícara dele, mas só conseguindo colocar minha mão sobre a dele de forma desajeitada.

Ele pisca ao me tocar, e por alguns segundos, a sensação de seus dedos quentes sob os meus interrompe meus pensamentos. Seu aperto se intensifica, e ele diz em voz baixa: “Por favor. Você deve estar morrendo de fome se veio direto de outra reunião. Posso te trazer um café com leite e madeleines. São os melhores—”

“Da cidade”, completo por ele. Por um instante, ficamos nos encarando, e eu me esqueço do motivo da nossa discussão até que Calvin pigarreia e se levanta também.

“Gracie! Deixa o rapaz te trazer uma bebida e vem cá. Faz tempo que não te vejo!”

Os olhos de Jude se voltam para Calvin, surpresos, e depois para mim. Um sorriso contido surge em seu rosto, um sorriso que poderia ser interpretado como

afetuoso se eu não soubesse que era, na verdade, um sorriso de triunfo. Que belo exemplo de simpatia! Solto a xícara.

"Certo, obrigada. Um latte e um madeleine seriam ótimos."

"Boa escolha", comenta ele, antes de me deixar para enfrentar meu próprio inferno particular. Dá vontade de dar um peteleco na nuca dele.

"Calvin, oi!", digo, acenando levemente em vez de ir até seus braços agora estendidos.

Ele não entende a indireta e caminha em minha direção antes que eu consiga me sentar. E então estou envolvida em seus braços, inalando menta, sândalo e o que tenho certeza ser o fantasma rançoso da minha dignidade enquanto respiro fundo, um após o outro. Ele me solta cedo demais ou tarde demais — é difícil decidir. Mas então sou virada por Brooke e atingida em cheio por sua beleza estonteante, com sobrancelhas grossas.

"Gracie, meu anjo! É tão maravilhoso finalmente te conhecer", ela diz com aquele sotaque britânico que parece saído de comerciais da Jaguar e adaptações de Jane Austen. *Naturalmente.*

"Você também!", tento dizer, mas sai mais como "*Você mastiga!*".

Ela gentilmente ignora isso, mas tenho a impressão de que tudo o que ela faz é feito com graça, inclusive tropeçar e arrotar. Enquanto estamos sentados, vejo Calvin alternar o olhar entre nós, animado, como se estivesse feliz por não termos nos desafiado automaticamente para uma luta na jaula.

"Cal, você nunca mencionou o quão bonita ela é, seu safado", provoca Brooke, cutucando-o no braço com sua elegante manicure em creme. Enquanto luto entre me sentir lisonjeado ou humilhado com isso, ela continua: "Me sinto muito sortuda por você tê-la deixado ir".

O sorriso estampado no meu rosto se desfaz quando mudo de assunto com a delicadeza de uma pedra atirada por uma janela. "Devo-lhes os parabéns!"

Como se estivesse combinado, Calvin lança a Brooke o olhar mais adorável que eu já vi em um rosto humano antes de pousar a mão em sua barriga ainda lisa. "Obrigado, Gracie. Não poderíamos estar mais felizes."

Brooke me dá um sorriso tímido, e o meu vacila. "Certo! Sim! O bebê", digo animadamente, antes de olhar para onde Jude está esperando seu pedido e desejar desesperadamente não estar sozinha. "Como você está se sentindo, Brooke?"

"Honestamente, tenho vergonha de dizer que estou bem", ela diz, baixando a voz em tom conspiratório. "Sei que muita gente sente náuseas nessa fase, mas acho que esse pequeno sabe que não deve se meter entre a mamãe e suas planilhas!", ela brinca, e minha risada é robótica.

Calvin passa o braço pelos ombros dela. "A Brooke é sócia da empresa de gestão de patrimônio com a qual eu compito." Ele faz uma careta. "E embora eu esteja feliz que ela esteja se sentindo bem, eu bem que precisava de um descanso dela, já que ela está roubando todos os nossos melhores clientes."

"Nossa, então vocês são rivais no trabalho", digo sem fôlego, ainda ofegante com essa revelação de que a história de amor do Calvin parece saída de um romance. Mas sou salva da vontade de perguntar se eles já se viram em uma situação de cama de solteiro em alguma das suas conferências de Gente Bem-Sucedida e Atraente, quando Jude volta com um café com leite fumegante, duas madeleines e o que parece ser metade de uma baguete recheada com mais legumes do que eu provavelmente comi na última semana.

"Hum, obrigada?" digo, surpresa. "Mas eu não precisava daquele de 30 centímetros que custa cinco dólares."

Ele dá de ombros, mas não me olha nos olhos enquanto se senta. "Guarde para depois, então."

Que diabos é isso? Quer dizer, eu não sou necessariamente contra cavalheirismo quando se trata de algo nutritivo, mas ainda não estou totalmente convencida de que Jude não está tentando me envenenar.

"O que eu perdi?" ele pergunta, e mesmo que pareça que ele esteja esperando ouvir "*Tudo! Nós já terminamos!*", não consigo evitar me sentir um pouco menos sozinha.

"Só que o Calvin está contando com os dias de folga por doença da noiva para competir com ela no trabalho", digo, arrancando uma gargalhada de Calvin e um "Eu sabia que ia te adorar!" de Brooke, encantada.

Dou uma olhada rápida em Jude, cujo rosto está cuidadosamente neutro enquanto ele toma um gole de café. Tomo um gole apressado do meu antes de pegar o contrato e o pacote de boas-vindas do Larkwood que entrego a todos os meus clientes na bolsa.

“Estou brincando, é claro. Fiquei muito feliz em falar com o Calvin novamente, e estamos muito contentes que vocês tenham escolhido o Larkwood para o casamento de vocês.” Jude emite um som indistinto de discordância, e eu dou um chute na lateral da perna dele. “Não é, Jude?”

“Não sabia que era um caso de velhos amigos”, diz ele, desconversando. “Não me admira que a Gracie tenha insistido tanto para que isso acontecesse.”

Ele diz isso com um sorriso tão ofensivamente charmoso que é bem provável que eles não percebam seu desagrado com toda a situação.

“'Velho amigo' é uma forma de dizer”, diz Brooke. Ela se inclina para a frente como se estivesse compartilhando uma fofoca quente com Jude. “Cal e Gracie namoraram anos atrás. Mas ele jura que isso é passado.”

Calvin me olha nos olhos por um instante tão breve que acho que imaginei a cena antes de ele bebericar de sua xícara. Ele sorri para ninguém em particular. “É verdade. Mas você sabe como é. Todo mundo tem aquele antigo amor da faculdade que inevitavelmente se apaga. Aí você percebe que é melhor ser amigo. Não é, Gracie?”

Jude deve ter percebido que me transformei em pedra, porque agora é a vez dele de me cutucar debaixo da mesa.

"Certo", concordo comigo mesma. "É coisa do passado."

Jude empurra o prato de madeleines para mais perto de mim. "Vamos direto ao assunto?", pergunta, me poupando de mais tortura emocional. "Tenho certeza de que vocês dois têm mil perguntas para a Gracie."

E é aí que sinto algo por Jude que nunca imaginei: gratidão.

10 GRAÇA

Seis Semanas Antes do Casamento

Para minha surpresa, consegui terminar a reunião sem me jogar da cadeira e desistir. Ainda mais surpreendente, tenho quase certeza de que foi por causa do Jude. Embora ninguém, exceto talvez uma pedra, o descrevesse como falante, sua presença silenciosa e intimidadora impediu que a reunião voltasse a abordar assuntos pessoais, pelo que sou grata, embora a contragosto, mas eternamente. Calvin até se conteve e não me deu um abraço de despedida, mas isso talvez tenha tido mais a ver com a presença do Jude ao meu lado enquanto eles saíam.

"Obrigada por vir hoje", digo um pouco sem jeito quando ele volta depois de embrulhar meu sanduíche gigante em papel. "E pelo almoço", acrescento, pegando-o dele.

"Tudo para te ouvir dizer 'sanduíche de 30 centímetros por cinco dólares'", diz ele, me arrancando uma risada.

"Ah, é?", pergunto, tirando o cabelo de dentro do blazer. "É isso que te excita? Slogans de sanduíches vagamente inapropriados?"

Seus olhos acompanham minha mão enquanto ajeito meu colar. "Você está tentando me envergonhar por causa de algum fetiche, Gracie Holland?"

Apesar da sua expressão séria, minhas bochechas esquentam como se ele tivesse acabado de sussurrar isso no meu ouvido. Tentando me recompor, digo: "Depende. Você está admitindo ter um fetiche envolvendo frios e suas estratégias de marketing?"

Ele bufa, mas hesita. "Se eu fosse revelar alguma tara, não seria em um café."

Certo, não era para onde eu esperava que essa conversa fosse, mas me surpreendo ao responder: "Então acho que isso risca o exibicionismo da lista."

As sobrancelhas de Jude se erguem. "Eu não sabia que você fazia esse tipo de lista sobre mim."

O rubor que vinha se acumulando desde que nossa conversa bizarra começou se intensifica, e tento voltar para um território com o qual me sinto mais confortável: antagonizá-lo. "Qualquer coisa para descobrir as fraquezas de um oponente."

Seus lábios se curvam num sorriso irônico. "Estou começando a achar que talvez sejamos mais parecidos do que eu imaginava."

“Não temos nada em comum”, digo, colocando a bolsa no ombro com os contratos recém-assinados e, o mais importante, meu pagamento. “Sou organizadora de casamentos. Você é advogado de divórcio. Somos como… como uma borboleta e uma vespa assassina.”

“Hum. Nunca me vi como uma borboleta”, diz Jude, coçando distraidamente a irritante covinha no queixo enquanto caminhamos em direção à porta do café.

Minha boca se abre em indignação antes de eu apontar o polegar para o meu peito. “Não, *eu sou* a borboleta. Você é a vespa assassina.”

Ele inclina a cabeça, me observando enquanto abotoa o paletó cinza-escuro. “Não vejo por que eu seria a vespa assassina aqui”, diz ele. “Você é quem está me olhando com cara de psicopata.”

Contra a minha vontade, meu olhar se desvia para a parede espelhada atrás dele. E tudo bem, talvez meu olhar seja um pouco assassino. Mas quem não seria, conversando com esse explorador da miséria? Esse vendedor de contratos pré-nupciais? Esse...

"Gracie."

Meu nome, pronunciado em seu tom grave e suave, me faz voltar a encará-lo.

"*O quê?*", respondo bruscamente.

Ele me encara, com um olhar de inocência quase angelical em seus grandes olhos cor de mel. "Se você é uma vespa assassina, eu também sou."

Ao ouvir sua citação blasfema de *Diário de uma Paixão*, eu gemi. Não vou deixar esse homem me matar. Respirei fundo e tentei me lembrar de que ele acabou de me ajudar a sobreviver a uma reunião na qual eu tinha 60% de chance de não dar certo. Ele me comprou um sanduíche. E mesmo que seja um sanduíche de gosto

duvidoso, agora não vou precisar comer macarrão com queijo de caixinha no jantar.

"Enfim, estou voltando para Larkwood", eu disse. "Te mando uma mensagem sobre o encontro com a banda com quem costumo trabalhar. Quero convidá-los pessoalmente para tocar no casamento, e eles têm um show neste fim de semana."

"Então essa é a próxima tarefa que você tem para mim? Aturar um cantor de casamento?"

“Só se você não estiver muito ocupado fazendo coisas imperdoáveis com um sanduíche do Subway. Caso contrário, pode esperar conhecer algumas das pessoas mais gentis e talentosas que conheço.”

Ele segura a porta do café aberta para mim, fazendo uma careta enquanto saímos sob o céu nublado. “Transmissão de culpa recebida.” Ele olha para as nuvens. “Vai chover forte. Você não pretende voltar agora, pretende?”

Começo a caminhar em direção ao meu carro e ele me acompanha. “Bem, considerando que ainda moro lá, sim.”

“Seu carro tem tração nas quatro rodas?”

“É uma chuvinha, não um dilúvio.”

“Você não respondeu à pergunta.”

Penso no meu Toyota Camry 2005 todo amassado, com o para-choque enferrujado e o motor que não para nunca. "Sim. Tem quatro rodas e dirige muito bem."

Ele murmura algo que não entendo porque a cabeça dele está muito acima da minha. Estou prestes a argumentar que nem havia previsão de chuva quando ouço um trovão. *Ótimo*. Sinceramente, detesto dirigir na chuva, na neve ou no escuro (sim, obrigada, meu aniversário de oitenta anos está chegando), mas não vou admitir isso para o Jude.

"Não tem nenhum lugar para você ficar na cidade?", ele pergunta.

Penso em Sofia. Ela com certeza me deixaria ficar na casa dela, mas por acaso sei que o relacionamento intermitente dela está rolando agora, e não quero me intrometer. Mordo o lábio enquanto penso em pedir permissão aos meus pais, mas logo decido que prefiro dirigir na chuva torrencial e com raios. "Vou ficar bem", digo. "Preciso voltar e trabalhar nesse casamento."

Jude olha para mim. Uma única gota grossa de chuva pousa em uma de suas maçãs do rosto salientes como se a própria Mãe Terra estivesse chorando sobre elas, e eu não estou preparada para a mudança repentina de assunto que ele faz.

"Então, você e o Calvin, hein? Isso parece... complicado."

Ele pronuncia essa última palavra com cuidado, como se estivesse tentando dizer "horrível" em outro idioma. Cruzo os braços sobre o peito, me abraçando forte. "Na verdade, é a coisa mais simples do mundo."

"Porque ele tem a personalidade de um amendoim de isopor?"

Um som indignado escapa da minha boca. "Como você pode dizer isso? Você não tem ideia de quem ele é."

"Não?", ele pergunta, semicerrando os olhos para as nuvens escuras à frente. "Então, se eu chutasse que ele entrou em Brown depois de uma doação oportuna de ex-alunos, começou a carreira com um estágio por nepotismo e trabalha para o papai com o plano de assumir a empresa nos próximos quinze anos, você me diria que estou errado?"

Quando a precisão perturbadora de suas suposições me impede de responder, Jude suspira. "Eu trabalho com homens como ele o tempo todo, Gracie. Eles deslizam pela vida esperando coisas que não merecem e se sentem validados como governantes supremos do universo quando passam por cima dos outros para conseguirem o que querem."

"Que ironia vindo de você", resmungo. "Considerando que você está prestes a herdar uma propriedade e planeja... como você disse mesmo? 'Passar por cima dos outros para conseguir o que quer'?"

Agora é a vez de Jude demonstrar indignação ao dizer: "É diferente. Não tenho nenhum prazer em atrapalhar sua vida, nem a de nenhum dos fornecedores de casamento que você mencionou. É por isso que estou aqui, tentando me reconciliar com você em vez de manter o almoço que havia planejado com um dos meus clientes."

"E eu pensando que era porque você queria se apoderar da minha casa de campo."

"Não pode ser as duas coisas?"

Olho para ele de relance, mas seu olhar ainda está fixo à frente, me dando uma visão conveniente demais de seu maxilar bem definido, que provavelmente serviria

como abrigo contra a chuva em caso de necessidade. Suas palavras me fazem hesitar, mas minha compulsão questionável de defender meu ex ainda me atormenta. "De qualquer forma, não entendo por que você sente necessidade de atacar o Calvin. Eu não teria aceitado organizar o casamento dele se ele fosse uma pessoa horrível ou se houvesse qualquer resquício entre nós."

Jude me lança um olhar astuto. "Considerando que seu plano para salvar Larkwood depende da organização de um casamento", ele diz arrastando as palavras, "acho que podemos presumir que você estaria disposta a organizar o casamento da Cruella de Vil, com direito a vestido de filhote de dálmata e tudo."

“Isso não é verdade”, balbucio, mas ele continua.

“Se eu fosse apostador, diria que o Calvin te ligou do nada pedindo esse favor extremamente insensível porque sabia que podia se aproveitar da sua bondade.” Ele me olha, e eu tenho a sensação de estar sendo radiografada. “Você estudou na RISD e se apaixonou por ele enquanto tomavam shots de gelatina numa festa de fraternidade da Brown ou algo assim? Sabe, aquela coisa toda da estudante de arte excêntrica que se apaixona pelo garoto de ouro WASP?”

E isso, decido, é o suficiente. Paro abruptamente, e as pessoas na calçada molhada pela chuva são obrigadas a desviar de nós. “Não foi numa festa de fraternidade.”

“Que fique registrado que, de fato, houve shots de gelatina envolvidos”, ele murmura.

Há outro relâmpago, mas tenho quase certeza de que meu temperamento está mais explosivo.

"Que fique registrado que isso não é da sua conta", repito para ele.

"Você tornou isso da minha conta quando me obrigou a ajudar com esse casamento", ele retruca, e noto com irritação que o vento soltou seus cabelos cuidadosamente penteados, de modo que ondas escuras e brilhantes caem sobre seu rosto. Aff.

"Eu pedi sua ajuda com as tarefas do casamento, não para me psicoanalisar."

Ele dá de ombros. "Velhos hábitos são difíceis de largar."

"Porque análises invasivas da dinâmica dos relacionamentos são um dos seus passatempos favoritos?"

"Não, mas são uma parte essencial do meu trabalho."

"Deve ser bom espalhar amor e alegria por onde você passa."

“Se quiser considerar os mais de quarenta cartões de Natal que recebi este ano como prova de caráter, é só me avisar.”

“Não, obrigado; ao contrário de você e seus irmãos vampiros, nós, humanos, somos sensíveis ao antraz.”

Ele ri, e um arrepio involuntário percorre minha espinha ao ver seu largo sorriso e as linhas verticais de cada lado — como se seu rosto tivesse que se adaptar a ele. Desvio o olhar rapidamente e começo a andar.

“Sabe, nós, vampiros, não somos tão insensíveis quanto você pensa.”

“É mesmo? Então, você acha que a instituição do casamento não faz sentido, que o romance morreu e que gatinhos devem ser afogados por princípio?”

“Pelo contrário, o casamento tem excelentes benefícios fiscais para quem estiver disposto a arriscar. Acho que o romance é totalmente possível e talvez até inevitável com a pessoa certa, e eu por acaso sou o servo contratado do meu senhor felino, Taco.”

Não consigo conter o riso que escapa. “Você tem uma gata chamada Taco?”

“Ela parece fofa, mas me dá azia. É o nome perfeito para ela.”

“Estou mais chocado por você ter uma gata, ponto final.”

“Eu não te pareço uma pessoa que gosta de gatos?”

Franzei a testa, pensativo. “Na verdade, você é meio que a personificação da pessoa que gosta de gatos. Mal-humorado, frio, esnobe…”

“Inteligente, bonito, independente”, ele continua a enumerar, jogando os cabelos despenteados para trás. Viramos a esquina e finalmente avisto meu carro. Mas, apesar da chuva, me dá vontade de ficar.

“Este sou eu”, digo, apontando para meu Camry com o sanduíche que ainda carrego.

Jude franze a testa para aquele carro vermelho-escuro estacionado à nossa frente. “Seus pneus estão carecas”, observa.

Suspiro. “É, bom, ele ainda tem muita energia.”

Jude balança a cabeça e olha para o céu novamente. “Você realmente não tem onde ficar esta noite em Providence?”

“Tenho algumas pessoas para quem ligar, mas você não entendeu. Quero ir para casa e dormir na minha própria cama.”

Ele morde o lábio inferior e olha para o pequeno parque à nossa frente. "Você toparia esperar a chuva passar comigo? Se piorar, você fica e liga para um amigo. Se parar, você vai?"

Olho para os meus calcanhares e depois para as nuvens ameaçadoras. Eu deveria simplesmente pegar a estrada, mas por razões que nada têm a ver com as marcas de mordida no lábio dele, digo: "Tudo bem. Mas não quero me molhar."

O sorriso que ele me dá é malicioso enquanto abre um pequeno guarda-chuva preto que eu nem tinha notado que ele carregava. "E eu que pensava que organizadores de casamento deveriam estar preparados para tudo."

"Qualquer coisa, menos você", respondo, mas, de alguma forma, soa menos como uma réplica e mais como uma confissão. E, a julgar pelo sorriso presunçoso dele enquanto me puxa para debaixo do guarda-chuva, ele sabe disso.

11 JUDE

Seis Semanas Antes do Casamento

Os guarda-chuvas estão disponíveis em todos os tamanhos — alguns para casais, alguns para crianças e alguns para solitários crônicos como eu. Tenho certeza de que existem estatísticas deprimentes sobre o que vende mais em algum lugar, mas agora, nada disso importa porque a Gracie transformou meu guarda-chuva solitário, perfeito para uma pessoa só, em um abrigo minúsculo para dois.

Eu solto um suspiro enquanto atravessamos a rua em direção ao parque. Preciso me controlar. Sei que tenho o hábito de ser superprotetor com as pessoas de quem gosto. Nos meus relacionamentos de uma noite só, essas tendências se manifestam de maneiras sobre as quais minha terapeuta tem muito a dizer. Mas com a Gracie… é diferente. Ela me puxou para a órbita dela, e agora passo o tempo todo me perguntando se ela foi ao supermercado, se está costurando algo novo ou se está tramando a minha ruína.

"Então, agora que sei que você é um amante dos animais que acredita que o romance é 'inevitável' sob as condições certas", ela diz enquanto a chuva começa a cair com mais força ao nosso redor, "acho que seria melhor se você parasse de fingir que não é um doce secreto e concordasse em reformar a estufa de Larkwood para transformá-la em um novo local para a recepção do casamento."

Não consigo conter meu sorriso incrédulo enquanto a olho. "Desculpe… um segredo o quê?"

Seus olhos escuros encontram os meus, e pela milésima vez desejo não achá-la tão bonita. A chuva começa a cair forte e intensamente fora da nossa pequena bolha de proteção, e ela se aproxima de mim.

“Um rolinho de canela secreto”, ela repete. “É basicamente uma forma de descrever um personagem fictício que parece espinhoso por fora, mas é secretamente macio e doce por dentro.”

“Nossa. E eu aqui pensando que esses eram só meus órgãos internos.”

“Não se subestime, Jude. Tenho certeza de que você tem um ou dois sentimentos fervilhando aí dentro.”

“Fico lisonjeada. Mas você prefere o quê? Cachorrinhos loiros e agitados?”

Seus ombros se encolhem levemente, como sempre acontece quando eu alfineto o Calvin. Eu deveria parar, mas a vontade de descobrir se a defensiva dela é puramente platônica ou se vem de algo mais profundo me impulsiona.

“Se você está se referindo ao Calvin—”

“Sim.”

“Então vou repetir o que dissemos antes: é passado. Se você não percebeu, ele vai se casar, e não comigo.”

Seus cílios grossos se inclinam para baixo, e o fato de ela sentir algo além de antipatia por ele é completamente desconcertante. Irritante também. *Profundamente* irritante.

“Eu percebi e acho que é meu direito, como a relutante quarta roda, ser informada sobre qualquer histórico que possa complicar as negociações com nossos clientes.”

“É assim que você fala? Como se comesse contratos salpicados com clipes de papel no café da manhã?”

“Nunca disse que era boa em conversas informais. Essa coisa de advogada de dia e vampira à noite limita bastante minhas habilidades sociais.”

“Espalhar miséria e sofrimento?”

“Quase exclusivamente.”

Uma risada escapa dela, quase a mesma que ouvi na igreja. Mais. O pensamento é voraz e percebo, de repente, que não estou apenas atraído por ela — eu gosto dela. Gosto do jeito como ela me expõe todos os meus defeitos e me faz repensar cada um deles. Gosto da maneira como ela foi profissional e gentil diante de toda a turbulência pessoal que aquele encontro com o ex obviamente causou. Sei por experiência própria que separar os problemas pessoais do trabalho pode ser difícil, e Gracie fez isso com perfeição.

“Não me admira que você não veja sentido em manter Larkwood como local para casamentos”, diz ela, roçando em mim enquanto desviamos de uma poça. “Você nunca teve um relacionamento sério?”

“Agora quem está fazendo perguntas indiscretas?”

Ela morde o lábio inferior. “Desculpe, você tem razão. Muito pessoal.”

Dou de ombros e — tentando não analisar muito a fundo meu súbito desejo de compartilhar algo depois de evitar o assunto por toda a minha vida adulta — digo: "Não, você tem razão. Sou a típica especialista em casos de uma noite, emocionalmente indisponível, com um histórico de todos os tipos, tamanhos e perigos." Faço uma pausa, tentando articular décadas de evitação em uma única frase. "Acho que, como alguém cujo trabalho envolve principalmente ajudar pessoas a se desvincularem de pessoas que são verdadeiros sinais de alerta, provavelmente devo me manter fora do mercado até que eu deixe de ser uma delas."

Gracie fica em silêncio por tanto tempo que a encaro. Ela me olha com uma expressão que nunca vi antes. Mas então o salto do sapato dela prende em alguma coisa e ela tropeça em mim. Um segundo depois, estou segurando-a contra o peito, tentando desesperadamente manter o guarda-chuva aberto sobre nós.

"Você está bem?", pergunto, mas mesmo depois de ela parecer mais estável, não consigo soltá-la. Não com ela me olhando assim. Não com a chuva caindo ao nosso redor como se esse fosse o único motivo para o céu estar se abrindo.

"Acho que a tira do meu sapato quebrou", ela diz, com os olhos ainda arregalados e assustados.

“Segure isto”, instruo, entregando-lhe o guarda-chuva enquanto a culpa me atinge novamente. O que eu estava pensando ao sugerir que caminhássemos na chuva torrencial? E se ela tivesse machucado o tornozelo?

Mal consigo ouvir seu "Você realmente não precisa..." meio sem jeito enquanto me ajoelho para examinar seu sapato. A água encharca minhas calças onde estou ajoelhado e escorre pelas minhas costas onde o guarda-chuva não me cobre, mas mal me dou conta disso enquanto observo suas pernas nuas e tornozelos delicados, molhados pela chuva. Um palavrão abafado escapa de mim, mas acho que ela não consegue ouvir por causa do dilúvio. Felizmente, a alça não está quebrada, mas se

soltou, e a perspectiva de prendê-la novamente me causa um calor insuportável. Engulo em seco antes de erguer os olhos para os dela.

"Não está quebrada, só solta. Posso?"

Ela acena com a cabeça, os lábios entreabertos, e eu consigo sentir meu coração batendo na ponta dos dedos. Minhas mãos começam a trabalhar, deslizando a fina tira preta do sapato dela pela minúscula fivela. Meu corpo está em êxtase com cada toque dos meus dedos em sua pele úmida, e é indecente o que um simples ato como esse com ela pode fazer comigo. Se ela soubesse, provavelmente me chutaria para longe, e eu mereceria.

Quando descubro um pequeno laço preto na parte de trás da tira, preciso me conter para não rastejar de quatro e ver como ele combina com as tatuagens acima dos tornozelos dela. *Meu Deus, o que há de errado comigo?*

Com esforço, termino o trabalho o mais rápido que posso e me levanto, rezando para que ela não perceba o quanto eu gostei daquilo.

"Pronto", digo, com a voz rouca.

"Obrigada", ela responde, parecendo um pouco corada também. "Não planejava bancar a donzela em apuros."

"Bem, para ser justa, eu não te salvei de um dragão nem nada — só desabotoei um sapato", argumento para ela e para mim mesma. "Mas acho que devo ser reconhecida pelo meu sacrifício."

"Ah, sim, as dificuldades de desamarrar sapatos nunca devem passar despercebidas."

"Na verdade, eu estava me referindo à minha bunda, que alguém se esqueceu de cobrir com o guarda-chuva."

Ela solta um suspiro de espanto ao agarrar meu braço e olhar por cima dos nossos ombros para ver minhas calças encharcadas. "Meu Deus, me desculpe! Juro que não percebi."

"Tudo bem", digo, enquanto toda a minha atenção se volta para o seu aperto. Sabendo que não deveria, entrelaço meu braço no dela. "Eu sei que você secretamente queria me fazer explicar para os meus colegas por que parece que eu me mijei."

Ela ri. "Gostaria de ressaltar que foi você quem insistiu nessa caminhada. Se dependesse de mim, eu já estaria na metade do caminho de volta para Larkwood."

Um desconforto se instala no meu estômago. "Se você tivesse dirigido com esses pneus nesse tempo, estaria num barranco agora."

“Nossa, quanta preocupação?”, ela diz enquanto a chuva começa a diminuir tão rápido quanto chegou.

Solto um suspiro. “Acredite, tenho plena consciência da minha capacidade de pensar demais.”

Ela fica em silêncio por um minuto. “Sabe, você é surpreendentemente… autoconsciente”, ela finalmente conclui. “E meio trágico.”

“Alguns diriam que considerar ansiosamente todos os resultados possíveis é um superpoder.”

“Claro, mas não estou falando só do seu excesso de reflexão”, ela pondera. “Do que você disse antes. Sobre escolher não ter um relacionamento sério porque não quer sobrecarregar ninguém com seus problemas? É estranhamente atencioso, mas também… todo mundo tem seus problemas, Jude. Relacionamentos servem para nos ajudar a crescer, e eu acredito firmemente que todos merecem encontrar a pessoa certa. Tenho certeza de que existe alguém por aí disposto a, sabe…” Ela gira o sanduíche no ar. “Lidar com você.”

“Obrigada pela confiança.”

“Estou falando sério! Estou começando a achar que essas tarefas de planejamento de casamento são exatamente o que você precisa para ver o que é possível se você se abrir um pouco.” Ela dá um leve tapinha no meu ombro com o sanduíche. “Um fetiche por sanduíches não precisa ser sua única opção.”

“Por favor, não comece a sentir pena de mim. Eu não sou celibatária, se é isso que você está pensando, e já tenho mais do que o suficiente para lidar entre o trabalho e a minha família.”

“É verdade, sua mãe é uma figura importante”, ela diz lentamente antes de sorrir para mim. “Não consigo imaginar como é isso. A única coisa pela qual minha mãe é famosa são as mini salsichas que ela esquenta no micro-ondas para os jogos dos Patriots.”

“Nunca experimentei um mini-cachorro-quente, mas honestamente, parece uma boa ideia. A obscuridade — não os mini-cachorros-quentes”, esclareço.

As sobrancelhas de Gracie se franzem. “Acredite em mim, sentir-se obscura não é tudo isso que dizem.”

O jeito como ela fala me dá a sensação de estar tentando desatar um nó na linha. “Então, você prefere a notoriedade?”

Ela dá de ombros. “Não almejo a fama, se é isso que você quer dizer. Mas não me importaria de ser a pessoa mais importante de alguém um dia.”

Penso em Gracie, isolada naquele chalé dia após dia. Como ela se esforça para se agarrar a ele. Algo não está certo. "Sinto muito em te dizer isso, mas morar em um chalé isolado provavelmente não é o caminho mais direto para um 'felizes para sempre'. Talvez você devesse sair mais."

"Eu saio!", ela protesta. "Estou fora agora, não estou?"

"Uma reunião de trabalho não conta como 'sair'", respondo. "É como listar lavar roupa como hobby porque você tecnicamente faz isso no seu tempo livre."

Seu olhar se estreita. “Ficar em Larkwood não se trata apenas de viver minha melhor vida caseira. Trata-se de lutar pelo que uma das minhas amigas mais próximas queria para sua casa e tentar proteger a mim e aos meus colegas de perdermos nossos empregos.”

“Gracie, minha avó me deixou a propriedade. Ela conhecia minhas opiniões. Se quisesse que continuasse funcionando como está, poderia tê-la deixado para minha mãe.”

“Então, sua mãe também acha que deveria continuar sendo um local para casamentos?”, ela pergunta, com os olhos brilhando de aprovação.

“Ela acha que deveria permanecer na família”, confirmo. “Ela não é muito fã de mudanças.”

Que eufemismo! Por um instante, a tampa que encobria todos os sentimentos confusos que tenho em relação à minha mãe se levanta, e preciso me conter para não a abaixá-la novamente. Não é a hora nem o lugar, mas anoto mentalmente que devo ligar para ela mais tarde para saber como ela está.

"Bem, acho que somos duas", responde Gracie. "Se Agatha realmente não se importasse com o que acontecesse com Larkwood depois que ela morresse, por que teria deixado a casa para mim? Ela claramente queria que eu continuasse trabalhando lá."

Estamos nos aproximando do carro dela, mas a chuva recomeçou com um novo estrondo de trovão. Paro em frente ao carro com uma pontada de dúvida sobre os

desejos da minha avó. "Não pretendo saber qual era o grande plano da vovó. Mas agora que é meu, sei o que pretendo fazer."

Gracie me encara. "Só se eu não te fizer mudar de ideia primeiro."

"E se eu dissesse que passar a noite na casa de uma amiga te colocaria em minhas boas graças?"

"Eu diria que você está mentindo", ela responde, abrindo a bolsa para pegar as chaves do carro, que têm um chaveiro da linda zumbi de A *Noiva Cadáver*.

"Gracie, por favor. Tenho um quarto vago se você precisar de um lugar para ficar."

“Nossa, eu te digo para abrir seu coração uma vez, e você já está me dando em cima.”

Sinto um calor subir pela nuca. “Não é isso que estou fazendo.”

“Então me deixe arriscar minha vida e meu bom histórico de direção em paz, tá bom?”

“Pelo menos me deixe ir atrás de você. Se o carro quebrar, você terá uma carona.”

“Não precisa disso, eu tenho um caiaque aqui”, ela diz, acenando com o sanduíche.

“Vou pegar meu carro. Não é longe.”

“Para. Você vai acabar com uma úlcera. Te mando uma mensagem quando voltar.”

Reprimo mais um argumento, sabendo que estou me afastando da preocupação e entrando no controle. “Tudo bem.”

“Viu? Era tão difícil assim?”, ela pergunta, abrindo a porta do motorista.

Sim.

“Te mando uma mensagem quando chegar”, ela me garante novamente quando não respondo.

“Tchau, Gracie.”

Ela fecha a porta e liga o que parece ser um motor de hamster. Enquanto ela se afasta acenando, pego meu celular, verifico o GPS e programo um cronômetro para cinquenta e seis minutos — o tempo exato que ela levará para chegar daqui até Larkwood.

12 GRAÇA

Seis semanas antes do casamento

Jude: Você já devia ter voltado. Jude: Você não está respondendo de propósito? Gracie: Estou muito ocupada chamando um caminhoneiro com meu sanduíche. Acha que mostrar as pernas funcionaria melhor do que mostrar o pastrami? Jude: Diga que você não está com o carro quebrado e pedindo carona. Gracie: Cheguei! Acabei de entrar na minha garagem, seu psicopata. Vai fazer carinho no seu gato ou algo assim. Jude: Prefiro manter meus dedos, obrigado. Gracie: Seu próprio gato não deixa você fazer carinho nele? Que triste. Jude: Taco é mais um companheiro para "olhar com os olhos, não com as mãos". Gracie: Tipo uma peça de museu? Jude: Tipo uma mina terrestre. Gracie: Ah. Tenho certeza de que é só você que ela não gosta. Jude: Acho que você esqueceu o "não" antes de "só". Gracie: Não. Só você.

Terça-feira

Jude: *Mensagem em vídeo* Gracie: A única coisa que essa filmagem prova é a desconfiança sábia e instintiva da Taco em relação aos advogados. Jude: O Henry ainda tem cicatrizes! Gracie: Cicatrizes forjam caráter! Além disso, um dono responsável se certificaria de que as unhas do seu animal de estimação estejam aparadas. Jude: Sim, ela é bem rigorosa quanto aos meus hábitos de higiene pessoal. Gracie: Bom saber onde você se encaixa na hierarquia. Jude: Definitivamente abaixo de petiscos, mas acima da areia para gatos. Gracie: E não se esqueça disso! Gracie: Aliás, você tem tempo para se encontrar amanhã na minha floricultura? Chama-se Pétalas da Daphne. Preciso implorar para ela fazer esse casamento, e você definitivamente ainda não teve sua dose semanal recomendada de culpa. Jude: Estou praticamente definhando. Você pode fazer às 12?

Gracie: Sim, é um encontro! Gracie: Não tipo um encontro, encontro. Você nem faz isso, obviamente. Jude: Obviamente? Gracie: Será que eu não estou conversando com a Morte dos Relacionamentos? Sim, obviamente. Gracie:… né? Jude: Por quê? Você está interessada? Gracie: Ok N Gracie: Ops, quer dizer, NÃO. Jude: Tem certeza, desastrada? Me disseram que minha foice é enorme. Gracie: Vou te bloquear! Até amanhã. Jude: Eu serei o de preto. Gracie: BLOQUEANDO

Quarta-feira

Gracie: Você está bem? Parecia um pouco atordoado quando saímos. Jude: Estou bem, só juntando os cacos da minha alma despedaçada. Gracie: Eu nunca disse que seria fácil. Jude: Você também nunca disse que daria a notícia sobre Larkwood para seus amigos na minha frente. Todos eles vão chorar assim? Gracie: Provavelmente? Eu tentei te dizer o quanto Larkwood significa para todos. Eu não estava brincando. Jude: Considere-me arrependido. Gracie: E convencido? Jude: Desculpe, não. Mas isso não significa que hoje não tenha tido um impacto. Gracie: Então acho que você pode me considerar esperançoso. Jude: Não consigo te imaginar de outra forma.

Quinta-feira

Gracie: Estou vendo você digitando. É sobre a previsão de chuva? Jude: Mais de 80%. Isso é praticamente uma ameaça. Gracie: Você não deveria estar ocupado destruindo um casamento ou algo assim? Eu tenho um aplicativo de previsão do tempo, sabia? Jude: Você também colocou pneus novos? Gracie: Não, mas tenho uma predisposição para nunca sair de casa a menos que seja obrigada. Jude: Mas ainda está de pé para amanhã à noite, certo? Gracie: Estou sentindo que as coisas estão mudando? Você está ansioso para os eventos de planejamento do casamento? Jude: Estou ansioso para ter uma desculpa para não entrar no time de pickleball do Henry. Gracie: Isso *quase* me faz querer cancelar. Mas ainda está de pé — a menos que comece a garoar, é claro. Jude: Com esses pneus, você deveria levar a aquaplanagem a sério. Gracie: Acho que está na hora do seu suco de ameixa e de uma soneca, vovô. Jude: Até amanhã, Gracie.

13 GRAÇA

Cinco Semanas Antes do Casamento

Sentada no meu carro escuro no centro de Providence, sob a luz de um poste, dou uma última olhada no meu batom. Hoje à noite, vou arrastar o Jude comigo para ouvir a banda que toca em quase todos os casamentos do Larkwood, na esperança de três coisas: (a) que eles não resistam ao meu olhar de cachorrinho pidão quando eu implorar para que encaixem o casamento do Calvin e da Brooke na agenda lotada deles, (b) que o Jude conheça um grupo incrível de pessoas que ficariam seriamente prejudicadas se o Larkwood parasse de sediar casamentos, e (c) que ele mude milagrosamente de ideia sobre vender. E embora talvez seja um pouco cedo demais para o C, depois do nosso encontro com a Daphne esta semana, minhas esperanças nunca estiveram tão altas.

Não quero admitir que estou nervosa. Não apenas por fazê-lo se sentir culpado e ficar com o Larkwood, mas também porque, até a semana passada, meus sentimentos por ele eram preto no branco. Ele era Jude: o míssil teleguiado apontado diretamente para a minha vida. Agora, porém, ele é Jude: guardião de gatos dedicado, mas não reconhecido, preocupado demais com meus pneus carecas e remetente de mensagens que eu espero ansiosamente.

É um pouco perturbador. Admitir que gosto de conversar com ele (ou pior, que comecei a reler nossas conversas por mensagem quando não estamos conversando) parece errado. Mas a verdade é que parei de chorar no chuveiro ouvindo Celine Dion, e isso é um ponto positivo do qual não estou pronta para abrir mão. Então, com o estômago embrulhado de nervosismo, saio do carro e vou até o bar.

Lá dentro, o ambiente é aconchegante e cheio de gente, com uma decoração Art Déco dos anos 20 e jazz que flui como uma corrente elétrica logo abaixo do murmúrio das conversas. Do outro lado do salão pouco iluminado, avisto Jude sentado em um banco de bar de veludo verde-escuro. Um arrepio percorre meu corpo ao ver seu porte grande e elegante, apoiado com um cotovelo no balcão, como se tivesse nascido para se esparramar em ambientes sofisticados. Revirando os olhos com o pensamento, me dirijo ao lugar que ele reservou para mim.

"Você não trouxe a Taco?", pergunto, cumprimentando-o.

Jude sorri de canto enquanto se vira para mim. "Ela está lá atrás com a banda, bebendo gim caseiro e mostrando os joelhos."

“Este lugar definitivamente me faz desejar ter usado algo com mais franjas”, digo, tirando meu sobretudo leve dos ombros. Seus olhos seguem a peça, descendo até meu vestido justo cor de vinho aparecer.

“Você está linda”, ele murmura, nossos olhares se encontrando novamente.

Desvio o olhar enquanto o elogio, livre de qualquer sarcasmo de sua habitual ironia, faz meu coração disparar.

“Obrigada!”, digo levemente, pendurando minha bolsa e casaco no balcão antes de me sentar. Não menciono que, como sempre, ele consegue fazer uma camisa branca sem graça parecer quase pornográfica. Em vez disso, pergunto: “A banda ainda não apareceu?”

“Ainda não, mas os drinks são fortes.” Ele desliza um cardápio de coquetéis para mim. “Algo te agrada?”

Meus olhos imediatamente se fixam nos preços, que, a dezessete dólares por drinque, me fazem querer dar um pulo e esfregar os olhos.

“Por minha conta”, diz Jude, como se pudesse ouvir a lista mental de compras que eu poderia fazer com o preço de dois desses drinques.

“Não, obrigada”, respondo formalmente. “Ao contrário do Taco, eu não preciso de nada por minha conta.”

“Por favor. É o mínimo que posso fazer depois de ser… como você me chamou outro dia? A pessoa mais arrependida e destruidora de vidas do mundo?”

“Esse título pode ser revogado, sabia? Ainda faltam semanas para o casamento, e cada momento que você passa comigo é um momento em que você pode mudar de ideia.”

"Já pensou que eu poderia mudar o seu?"

Olho para ele. Num pequeno desvio da sua aparência habitual de quem acabou de sair do escritório, ele tem uma barba por fazer bem densa, e a gola da camisa está desabotoada e sem gravata. As mangas arregaçadas da camisa revelam um par de antebraços estranhamente definidos que eu não deveria estar encarando. Mas há veias e músculos e... será que é isso mesmo que estou pensando?

Uma tatuagem escura espreita por baixo do seu braço esquerdo e atrai meu olhar como água escorrendo por uma sarjeta. É a última coisa que eu esperaria do Sr. Advogado McContracts, e meu cérebro não consegue parar de lembrar de como Calvin mal tentou disfarçar a decepção quando cheguei em casa com minhas próprias tatuagens. Não é a minha praia, querido.

Mas talvez Jude seja. O pensamento me atravessa a mente antes que eu possa impedi-lo, e forço meu olhar a desviar da sua pele. Acho que preciso mesmo daquela bebida.

"Impossível", respondo finalmente. "Sou extremamente teimosa e totalmente comprometida com a sua transformação emocional."

"Você nunca ouviu aquele ditado sobre abraçar a mudança, já que é tudo o que podemos esperar?"

“Ah, eu já preenchi meu bingo de Mudanças Abruptas na Vida. Este ano, vou optar pelo pacote Paz e Previsibilidade.”

“Eu não imaginava que a vida de uma organizadora de casamentos fosse tão tumultuada.”

Olho para ele novamente, ignorando o calor que sinto sob seu olhar fixo. “Bem, não é. Escolher a vida tranquila de uma organizadora de eventos que mora em uma casa de campo acalmou o tumulto, mas agora você está ameaçando me jogar de volta ao mar.”

Pela primeira vez desde que me sentei, ele toma um gole de sua bebida, seus olhos penetrantes examinando meu rosto por cima da borda do copo. Ele abaixa o copo e diz: “Você me parece uma ótima nadadora.”

Meu coração para por um instante antes de voltar a bater normalmente.

“Estou surpresa que você ainda confie em mim depois da sua visita à minha casa de campo”, admito, dobrando a ponta do cardápio à minha frente. “Eu definitivamente estava me mantendo à tona naquela noite.”

Ele dá de ombros e toma outro gole da bebida. “Todos nós precisamos afogar as mágoas de vez em quando. E, de qualquer forma, assumo total responsabilidade por ter te levado a fazer essa escolha de vida.”

“Ah, você não vai levar todo o crédito, acredite.”

Suas sobrancelhas escuras se erguem em leve surpresa. “Quem, afinal, está te fazendo mais infeliz do que eu? Vou ter que me esforçar mais.”

Meu sorriso é, na melhor das hipóteses, forçado quando penso em Calvin começando a vida familiar com Brooke. Mas, em vez da habitual pontada de saudade, sou atingida por uma onda inesperada de raiva: de Calvin por me pedir para planejar seu casamento e de mim mesma por ter concordado, não importa quais oportunidades isso abra para salvar Larkwood. Mas não há a menor chance de eu entrar nessa discussão com Jude, que provavelmente não entenderia o que é amor não correspondido nem se a definição do dicionário se levantasse e fizesse uma dança sensual para ele. Endireito um pouco a postura. "Infelizmente para você, esse é um segredo que não vou revelar."

Ele se vira completamente para mim, e eu fico presa como uma mosca em seu olhar escuro, cor de mel. "Eu poderia arriscar um palpite."

Meus olhos desviam dos dele, pousando na tatuagem que espreita por baixo da manga arregaçada da camisa. Só consigo ver metade, mas as distintas penas bifurcadas da cauda são imediatamente reconhecíveis. *Uma andorinha*. É simples, apenas linhas pretas. Forço-me a desviar o olhar. "É engraçado você achar que me conhece tão bem."

"Estou reparando nos detalhes." O olhar dele se volta para minhas mãos nervosas, que seguram o cardápio enrolado. "Aposto que eu conseguiria pedir sua nova bebida favorita."

"Isso significa que você não percebeu minha aversão a comidas e bebidas não solicitadas?"

"Pare de fingir que não adorou aquele sanduíche."

“‘*Não fez?*’ Você fala como se aquele sanduíche existisse no passado e não fosse continuar alimentando a mim e aos meus futuros netos por gerações.”

“Então você admite que é um presente que continua dando frutos e não vai reclamar se eu pedir algo para você aqui.” Só percebo o quão perto chegamos

quando ele se endireita na cadeira e chama a atenção da bartender, que está ocupada. É como se ela estivesse esperando por esse gesto sutil a noite toda.

“Tudo bem por aqui, bonitão?”

Não sei dizer se ela está levando a sério demais a história do bar clandestino ou se está simplesmente dando em cima do Jude, mas de qualquer forma, não me incomoda, porque isso não é um encontro.

“Poderia me trazer um Corpse Reviver para o meu encontro?”, ele pergunta. “E você sabe quando a banda vai tocar?”

A bartender me lança um olhar de soslaio, como se só agora tivesse percebido que eu não sou um amontoado denso de moléculas de ar, antes de sorrir, pedindo desculpas. Enquanto isso, começo o que sei que será uma ultramaratona de análise excessiva da palavra “encontro”, do tom com que ele a disse e da posição da lua em conjunção com o planeta QueDroga.

“Eles tiveram um pneu furado”, responde a bartender, pegando uma taça coupe debaixo do balcão, “mas vou ligar a máquina de karaokê enquanto esperamos. Vou trazer sua bebida primeiro.”

Ela sai apressada, e eu fico encarando o perfil de Jude.

“Espero que não se importe de ser chamada de minha acompanhante”, diz ele, sem olhar para mim. “Ela estava um pouco atrevida demais mais cedo.”

Ah. Então, eu era só a isca dele. Isso é… ótimo. Excelente, na verdade. Sem necessidade de mapas astrais ou autoflagelação. Limpo a garganta. “Sem problema. Mas ela é realmente bonita. Não precisa se privar de um bom momento por minha causa. Isso, claro, se você for solteiro ou tiver interesse em mulheres.”

Um sorriso malicioso surge em seus lábios carnudos enquanto ele se vira para mim. Seu joelho roça a parte externa da minha coxa, que está bem fechada, e percebo que, se eu estivesse sentada um pouco mais rígida, provavelmente conseguiria fazer um favor como estátua viva. É então que vejo que a parte interna do outro antebraço dele tem uma andorinha tatuada. Por que, Deus, por que me amaldiçoou com uma profunda apreciação por simetria e pele tatuada?

"Acho que você sabe que sou solteiro", ele me diz. "Também prefiro mulheres, tanto como parceiras quanto em geral. Mas ela não faz meu tipo."

"Hum. Mais do tipo O negativo?"

O sorriso dele, com seus cantos afiados, desencadeia uma reação química em cadeia que começa lá embaixo no meu estômago e termina… bem, vamos ver onde termina. “Se ao menos fosse tão fácil. Ultimamente, meus gostos parecem tender para tudo que eu não posso ter.”

Sou salva de ter que responder a essa informação pela bartender, que me entrega um coquetel amarelo em uma taça coupe gelada. Aceno com a cabeça em agradecimento, e ela pisca para mim.

“Então, um Corpse Reviver. Acha que essa vai ser minha nova bebida favorita?” Levanto a taça e cheiro. Tem um cheiro delicioso, mas digo: “Não percebi que nossa conversa me fez parecer tão desesperada por ressuscitação.”

“Você jamais poderia ser confundida com um cadáver, Gracie.”

“Nossa, estou corando”, digo secamente, mas acho que talvez esteja mesmo.

“Notei que você gosta bastante deles.”

“O quê, cadáveres? Então, eu te acuso de ter um fetiche por sanduíches, admito, meio estranho, e você revida imediatamente com necrofilia? Isso parece extremo.”

“Se você quiser brincar de ‘Adivinhe Meu Fetiche’, eu topo, mas na verdade eu estava me referindo à sua fixação igualmente estranha por zumbis.”

“Como você sabe dos meus zumbis?”, pergunto na defensiva.

“Era para ser um segredo?”

“Bem, não, mas eu pensei que só minha melhor amiga e o Cal—” Eu paro. “Não percebi que estava divulgando isso.”

Ele se inclina para perto e diz com sua voz suave como um travesseiro: "Bem, sinto muito em te dizer isso, mas você estava usando apenas uma camiseta da NICE TO EAT YOU quando atendeu a porta para mim na outra noite. Isso me impressionou." Ele se recosta, e eu espero que a iluminação fraca esteja disfarçando o rubor que sinto subir às minhas bochechas.

“Bem, parabéns, Sherlock, você me descobriu”, digo, hesitante. Hesito por um instante. “Passei a maior parte da minha infância na casa da minha melhor amiga, Sofia”, conto a ele, sem ter muita certeza do porquê de estar compartilhando isso. “Depois que os pais dela iam dormir, eu descia escondida com ela e os irmãos para fazer maratonas de filmes de zumbis a noite toda.” Sorrio enquanto algumas das melhores lembranças da minha infância me trazem uma doce nostalgia. “Eles

costumavam me aterrorizar, mas agora me lembram de me esconder debaixo das cobertas com a minha melhor amiga e das guerras de pipoca com os irmãos dela."

Os olhos de Jude estão fixos em mim, como se ele quisesse absorver cada palavra que eu disse. "Eu provavelmente também os amaria, se tivesse crescido assim."

"Então, não é fã de sangue e violência?"

"Só se eu quiser desmaiar. Mas pode ser útil numa noite sem dormir."

"Um brinde a isso."

Ele ergue o copo para brindar com o meu, e ambos tomamos um gole. Não me lembro da última vez que tomei um drinque sofisticado, muito menos um com tema zumbi, e este tem tudo o que eu amo, incluindo a sensação inédita de ser vista. Fecho os olhos em êxtase, deixando o líquido frio, agridoce, girar na minha boca antes de engolir. Quando abro os olhos novamente, Jude está me olhando — mais especificamente, olhando para os meus lábios.

"De nada", diz ele preventivamente, mas seu habitual tom de voz aveludado tem uma textura áspera que me faz pensar em manhãs frias e lençóis emaranhados.

Pare com isso, Gracie. Os únicos lençóis emaranhados no meu futuro são aqueles em que eu mesma me enrolarei durante pesadelos suados sobre perder minha casa e meu emprego.

Estou prestes a agradecê-lo tardiamente quando o som de microfonia corta o ambiente. Girando no meu banco de bar de costas para Jude, vejo nosso animado barman em pé na plataforma baixa com cortina de veludo ao fundo, que serve de palco para o bar.

"Olá a todos! Sei que vieram para ouvir o show do Love Notes, e prometo que eles chegarão logo. Mas, enquanto não resolvem o problema com o carro, vou abrir o palco para um karaokê. Se quiserem cantar, é só se inscrever no bar!"

O burburinho aumenta automaticamente na sala, enquanto todos começam a convencer seus acompanhantes e amigos a se exporem ao ridículo. A essa altura da minha vida, Sofia já me arrastou para tantos palcos de karaokê que me tornei insensível à humilhação inevitável. Mas algo me diz que Jude não. Me viro para ele com um sorriso malicioso no rosto.

"Não", ele diz, antes mesmo de eu abrir a boca para falar.

Faço beicinho e digo: "Será que o Jude, todo melancólico, está com medo de que eu o destrua no karaokê?"

Jude se ajeita na cadeira e desvia o olhar de mim, optando por um longo gole de sua bebida quase vazia. Por fim, ele diz: "Já estou ameaçando seu sustento. Não queria esmagar seu ego também."

Dou uma risada de incredulidade e chamo o barman, que nos deixa nos inscrever primeiro. Depois de percorrer uma lista no iPad para encontrar minha música favorita, pego minha bebida e — sem pensar muito — sua mão, antes de puxá-lo para o palco.

"O que vamos cantar?", ele pergunta.

"Você acha que eu vou te avisar?"

Ele sorri, enquanto acima de nós uma bola de discoteca se acende e começa a refratar sua luz cintilante e giratória. "Sabe, a maioria das pessoas que se inscrevem para um dueto não quer que seus parceiros sejam ruins."

"Acho que não sou como a maioria das pessoas, então."

Ele balança a cabeça, seu olhar suavizando. "Acho que isso é uma coisa em que podemos concordar."

A sensação de ter caído um degrau no estômago volta, mas não tenho tempo para reconhecê-la porque o grave começa a pulsar na caixa de som do karaokê. Levanto minha bebida para tomar um último gole em busca de coragem e então levo o microfone aos lábios.

Jude reconhece imediatamente os sons icônicos de “Ice Ice Baby” e começa a rir. Não uma risadinha sarcástica, mas uma risada genuína, com direito a um sorriso enorme e talvez o franzir de nariz mais adorável que eu já vi. Eu pisquei, me perguntando como ele conseguiu esconder isso de mim esse tempo todo, mas então chegou a hora do meu verso de abertura.

Não preciso olhar para a letra na tela à nossa frente, então, em vez disso, mantenho meus olhos em Jude, deliciando-me com seu choque e prazer com minha rima perfeitamente executada, completa com alguns movimentos de cabelo bem sincronizados e um toque em seu peito largo quando o refrão explode e é cantado por todo o grupo. Com um último sorriso de canto, ele arranca o microfone de mim quando a música termina e começa o segundo verso, me chocando da cabeça aos pés quando ele também não se dá ao trabalho de olhar para a tela. Em vez disso, ele sabe cada palavra tão bem quanto eu. A essa altura, toda a plateia está

aplaudindo ou cantando junto, e Jude está tão perto que preciso arquear o pescoço para continuar olhando para ele.

Podemos estar diante de uma multidão, cantando sobre números 9 e Lamborghinis, mas de repente, nesse casulo de seu aroma de uísque e luzes giratórias como uma bola de espelhos, sinto-me suspensa em um mundo só nosso. Assim que o segundo refrão termina e o sorriso no meu rosto começa a doer, chega a hora do último verso. Quando ele se inclina e estende o microfone para que possamos compartilhar, é a coisa mais natural do mundo deslizar minha mão sobre a dele para centralizá-la entre nós.

Uma alegria e uma sensação nova e vibrante borbulham no meu estômago como se eu tivesse engolido um pacote inteiro de Pop Rocks de uma só vez. A pele dele é tão quente e eletrizante sob a minha, e quando começamos o último verso, não tento criar distância entre nós enquanto ele se inclina para mais perto de mim, os olhos semicerrados pelo sorriso do qual ele também não consegue se livrar.

Fico sem fôlego quando terminamos, e é como se alguém tivesse aumentado o volume da multidão que aplaudia. Voltamos para nossos lugares enquanto a nova cantora começa uma interpretação incrível de “Killing Me Softly”. Quando nos sentamos, tomo um gole do meu Corpse Reviver, que parece ir direto para o meu cérebro e bloquear minha capacidade de raciocínio lógico. Porque aquilo foi divertido, e por um momento sob as luzes da discoteca, tudo o que eu queria era que Jude me beijasse.

“Então”, ele diz, dando um gole no Old Fashioned que o espera no bar. “Uma organizadora de casamentos com uma paixão secreta por alfaiataria fina, zumbis e hip-hop dos anos 90. Que outros segredos você está escondendo de mim, Gracie Holland?”

Dou outro gole na minha bebida, tentando parecer enigmática e não como se ele tivesse acabado de resumir toda a minha personalidade num dedal. "Onde está a graça em surpresas estragadas?"

Durante as próximas músicas (algumas maravilhosas, outras maravilhosamente terríveis), finjo que o joelho de Jude não está encostando no meu embaixo do balcão. Ele finge não notar como meu olhar insiste em cair na fenda vertical do seu lábio inferior, como se fosse um cânion que eu me inclinei perto demais para olhar. Estou no meu segundo drinque quando a banda finalmente aparece, sob aplausos.

"Nossa, eu meio que tinha esquecido que eles viriam", diz Jude.

"Você quer dizer que esqueceu o propósito deste passeio?", pergunto, embora eu também tenha tido esse lapso de memória.

“Acho que o ‘objetivo principal deste passeio’ é discutível.”

“O objetivo principal é a manipulação emocional que vou te fazer sentir quando conversarmos com meus amigos mais tarde.”

Ele ergue uma sobrancelha. “E eu que pensava que o objetivo era você me atrair com bebidas fortes, seus encantos peculiares e o vestido vermelho até que eu não tivesse escolha a não ser fazer o que você manda.”

Ele diz “vestido vermelho” como se fosse um palavrão, e um arrepio me percorre, uma sensação de poder. Dou um gole lento enquanto a banda se apressa na passagem de som. “E está funcionando?”

“Me sentindo cada vez mais culpado.” Sua voz está rouca.

Com certeza é o álcool, e talvez também o jeito como o olhar dele me faz sentir como se eu estivesse perto demais de uma fornalha, que me faz inclinar e sussurrar perto do seu ouvido: "Então talvez você devesse desistir agora e me dar o que eu quero."

O perfume dele deve me envolver com dedos de seda, porque não consigo me mexer quando ele vira o rosto para o meu — tão perto que sinto o calor da sua respiração enquanto a minha falha. As pálpebras dele estão pesadas, como se de repente estivessem cansadas de sustentar tantos cílios. Meu coração se torna menos uma batida e mais uma vibração no meu peito quando o polegar dele sobe para roçar a parte inferior do meu queixo. Meus lábios se entreabrem e—

“Olá, e obrigada pela paciência! Nós somos as Love Notes e não sabemos trocar um pneu furado!”

Me assusto com a interrupção estridente e gostaria de poder dizer que quase caí do banco. Na verdade, eu caí. Meus calcanhares estavam presos no apoio para os pés, e a borda arredondada do balcão era larga demais e escorregadia demais para segurar com firmeza. Eu estava caindo, pronta para beijar o chão grudento, até que Jude me segurou pelos ombros e eu me agarrei aos seus antebraços para preservar minha dignidade.

“Nossa, o que será que colocaram nessas bebidas?”, perguntei, rindo sem graça assim que me equilibrei.

Olho para baixo e percebo que as pontas dos meus dedos estão cravando nas suas tatuagens de andorinha. Tiro as mãos bruscamente, como se fossem ser beliscadas pela intrusão, e as mãos de Jude me deixam tão depressa quanto apareceram.

"Desculpe", ele diz, com os olhos arregalados. Mas mal consigo ouvi-lo por causa das notas iniciais do clássico do jazz "I've Got a Crush on You", o que é ótimo.

"Tudo bem", respondo rapidamente, embora não esteja claro pelo que ele está se desculpando. Será por quase ter me beijado? Por ser o problema mais bonito de toda a minha vida adulta? Ou por deixar marcas de mãos que provavelmente sentirei para o resto da vida?

Tento me virar para o lado oposto para assistir à banda — o motivo de eu estar ali, aliás, lembro a mim mesma — mas Jude segura a base do meu banco. Ele me gira de volta e, dessa vez, minhas pernas ficam presas entre as dele, me obrigando a ficar cara a cara com ele.

Seu semblante é tão sério quanto sua voz quando ele repete: "Desculpe".

"Não precisa se desculpar", digo, tentando parecer descontraída. "Tenho quase certeza de que você acabou de me salvar de ficar íntima demais com o chão deste lugar."

Nenhum sorriso irônico, nenhum sinal de diversão. "Desculpe por quase ter te beijado", diz ele secamente. Como se meu plano supermaduro de fingir que nada aconteceu jamais lhe passasse pela cabeça.

“Ah”, digo, gesticulando com a mão, como se quase beijar alguém por quem você não consegue decidir se é seu maior inimigo ou sua maior paixão acontecesse o tempo todo. “Isso.”

“Eu estou…” Seus olhos assumem um olhar atormentado, o mel escurecendo para melaço enquanto as pupilas negras obscurecem tudo, exceto dois anéis famintos. “Muito atraído por você.”

As palavras me atingem como uma bomba no estômago, fazendo meus ouvidos zumbirem. Ele continua. “Mas isso não justifica te deixar desconfortável, e prometo que não vai acontecer de novo.” Um V profundo se forma entre suas sobrancelhas. “Eu jamais gostaria que você pensasse que estou tentando te manipular para ganhar nosso acordo ou me aproveitar de você de alguma forma.”

Nosso acordo. Certo. Não tinha me ocorrido como uma possibilidade, mas agora que ele disse, não posso ter certeza de que isso não seja apenas mais uma parte da estratégia dele. De repente, todas as vozes internas maldosas que adoram me lembrar que eu nunca fui suficiente para Calvin, para o meu negócio ou para a minha família se manifestam. Por que *ele se interessaria por alguém cuja vida é um desastre?*

De repente, me sinto ridícula. Para Jude, um autoproclamado "especialista em casos de uma noite só", tudo o que aconteceu esta noite provavelmente é corriqueiro. Talvez ele tenha perdido momentaneamente a noção da nossa situação peculiar em meio às luzes e bebidas fortes, mas logo nos trouxe de volta aos trilhos. Enquanto isso, estou desenvolvendo sentimentos por um homem que me demitiu e quer me despejar, porque, aparentemente, estou desesperada por um pouco de afeto. Meu *Deus*. Preciso ligar para Sofia e pedir que ela me faça enxergar a realidade.

Respiro fundo e volto a ficar na defensiva. Não importa quais sejam as intenções dele, preciso voltar a pensar com a cabeça, em vez de com meu coração solitário e minha vagina ainda mais solitária. Pego minha bebida e a giro lentamente contra a luz.

"Você poderia compensar", digo sem olhar para ele.

"Continue."

"Me conte quais são seus planos para Larkwood de verdade."

Mesmo sem tocá-lo, sinto-o ficar tenso. "Não posso fazer isso."

Dou um gole e olho para seu rosto cauteloso. "Por que não?"

Ele coça distraidamente a lateral do queixo eriçado. "Eu te contaria se pudesse. Mas a pessoa interessada—"

"Precisa de privacidade absoluta. É. Você já mencionou. Mas por que esse comprador é tão importante? É o Vanilla Ice ou algo assim?"

Ele ganha tempo dando um gole no seu Old Fashioned e colocando o copo lentamente sobre a mesa. Quando fala, suas palavras são cautelosas. "Não, não é Vanilla Ice. Digamos apenas que os objetivos deles para Larkwood se alinham com valores que também me são caros."

Revirando os olhos para o jargão jurídico, respondo: "Não sabia que você tinha um desses."

Um sorriso irônico surge em seu rosto enquanto ele leva a mão ao peito. "Atualizei meu software ontem à noite."

Olho para ele com os olhos semicerrados. "Se esses 'objetivos' são tão importantes para você, por que não os compartilha?"

Ele gira o copo suado um quarto de volta no balcão. "É pessoal", diz ele, concisamente.

"Henry sabe quem é o comprador?"

Ele afasta as ondas escuras e cada vez mais rebeldes da testa. "Não, Gracie, ele não sabe, mas entende o conceito de privacidade."

Recuo diante da aspereza do seu tom, percebendo que me aproximei demais de algo que ele não quer que eu — ou aparentemente nem mesmo seu melhor amigo — veja.

Ele passa a mão pela parte inferior do rosto por fazer. "Olha, sinto muito, mas não posso te contar. A privacidade deles não é algo que eu esteja respeitando por pura bondade. É algo que sou legalmente obrigado a garantir."

Franzei a testa. "Isso significa que eles são seus clientes?"

Ele me encara, mordendo o canto do lábio inferior por um instante. “Não no sentido tradicional. Mas eu me sentiria mais confortável se parássemos de falar sobre isso. Eles depositaram sua confiança em mim, e a confidencialidade é algo que levo muito a sério.”

O olhar cauteloso em seus olhos desaparece, substituído por um pedido silencioso de compreensão. Finalmente, concordo com a cabeça. Não há mentira em sua voz, e não posso deixar de admirar seu compromisso com a privacidade de seu cliente.

“Tudo bem”, digo finalmente. “Vou parar de insistir. Agradeço por ter me contado o que podia.”

Seus ombros pesados relaxam visivelmente em alívio. “Obrigado por entender. Sei que deve ser frustrante para você.”

“O Henry também te deu bronca por isso?”, pergunto.

Jude dá um gole na bebida e dá de ombros. "Ele é advogado. Ele entende. Mas sim, em geral, me encher o saco é o passatempo favorito do Henry."

Eu sorrio. "Eu sabia que gostava dele por algum motivo."

Jude revira os olhos e, pelo resto da noite, ouvimos a banda, que, como sempre, é incrível. Melhor ainda, depois do show, eles concordam em tocar no casamento de Calvin e Brooke, e Jude é obrigado a conhecer mais das pessoas maravilhosas que ele prejudicaria financeiramente se Larkwood fechasse as portas. Pela reação da banda à notícia de que o resto dos casamentos da temporada foi cancelado, não tenho dúvidas de que ele está começando a entender a dimensão de seus atos.

Ele está sombrio quando saímos do bar — mais sombrio do que eu imaginava ser possível depois de um dueto de "Ice Ice Baby" — mas é impossível dizer o que ele está pensando. Será que ele está refletindo sobre as pessoas que ele magoaria se continuasse com seus planos? Nosso quase beijo? Ou a causa que lhe é tão cara que ele não pode contar a ninguém?

Eu não pergunto — nem enquanto ele me acompanha até o carro em silêncio, nem depois de eu prometer que estou sóbria o suficiente para dirigir. Não há nenhuma conversa animada entre nós, apenas um adeus silencioso antes de ele se afastar na noite com o paletó jogado sobre um ombro. E talvez seja porque ele não é o único perdido em pensamentos. Pela primeira vez, considero a possibilidade de que os motivos de Jude para querer se livrar de Larkwood não sejam tão egoístas quanto eu acreditava. Que talvez haja mais nisso — mais nele — do que eu jamais imaginei.

14



Cinco Semanas Antes do Casamento

Henry: É verdade ou não que você estava num bar ontem à noite, cantando Vanilla Ice no karaokê com uma mulher misteriosa e NÃO com a sua melhor amiga com quem você prometeu jogar pickleball? Jude: Como diabos você sabe onde eu estava ontem à noite? Henry: Isto é Rhode Island, Jude. Aqui não se toleram segredos. Além disso, foi minha amiga Astrid quem serviu as bebidas para você e seu suposto ENCONTRO. Ela gostou do Corpse Reviver dela, aliás? Jude: Você é insuportável. Henry: E VOCÊ vai revelar cada detalhe que a Astrid não conseguiu descobrir na nossa corrida de domingo amanhã. Jude: Fantástico. Mal posso esperar.

15 JUDE

Cinco Semanas Antes do Casamento

Com os pés batendo forte na terra, viro uma esquina da trilha na mata que corta a área selvagem cuidadosamente preservada de Larkwood e vislumbro a casa coberta de hera onde passarei o resto do fim de semana organizando antiguidades. Suas janelas escuras me encaram, lembrando-me de que não estou aqui para trocar minha natação, meu exercício preferido, por corrida, só porque Gracie correu por essas trilhas uma vez. E, no entanto, aqui estou eu, suando em uma mata onde não entrava há anos.

Respiro fundo enquanto Henry me alcança. Tenho nos esforçado mais do que o normal para afastar pensamentos como esse da minha cabeça e evitar seu interrogatório.

"Jesus, Judy, não tem nenhum urso nos perseguindo." Ele diminui o passo para uma corrida leve.

Que pena, o plano foi por água abaixo.

"Esses Bagel Bites finalmente estão te pegando?" pergunto, ofegante, diminuindo o passo para acompanhar o dele.

"*Droga*"—ele arfa—"*droga.*" Ele enxuga os cachos úmidos de suor da testa. "Eu sei o que você está fazendo, e você não vai escapar dessa. Me conta sobre o seu encontro misterioso."

"Não foi um encontro", digo.

"A Astrid disse que você usou especificamente a palavra encontro."

"É porque a Astrid estava tentando queimar minhas roupas com as retinas dela."

"Ah, se eu tivesse meus problemas, ó de rosto perfeito e traseiro empinado."

“Eu não tenho—”

“Com quem você estava, então?”

Faço uma pausa, sem saber por que estou hesitante em admitir a verdade. “Com a Gracie.”

A expressão de espanto no rosto de Henry seria cômica se não revelasse exatamente o quão baixa é a confiança que ele tem em mim.

"Você está me dizendo que conseguiu ressuscitar o *Titanic* e convencê-la a tomar um drinque com você? Foi suborno ou sequestro?"

"Nenhum dos dois", respondo, jogando o cabelo suado para trás. "Foi ideia dela."

"Explique-me."

Continuamos correndo, e eu conto a ele sobre a noite em que me desculpei e contei a ela sobre o testamento da vovó. Como Gracie usou sua recém-adquirida vantagem para fazer a proposta absurda que acabei aceitando.

“Então deixa eu ver se entendi. A Gracie acha que pode te convencer — o patriarca dos cafajestes — a ficar com o lugar que você mais odeia no mundo te obrigando a planejar um casamento com ela? Acho que devia dizer que ela teria mais chances se simplesmente extorquisse o Taco.”

Dou uma risadinha irônica. “Tá brincando? O Taco extorquiria ela se ela chegasse perto demais. Além disso, a Gracie não me conhece como você.” A culpa me invade. “Ela acha que tem uma chance.”

“Será que ela também acha que você tem uma personalidade completamente diferente? Será que você começou a atuar?”

“Ela sabe que é uma aposta arriscada. Mas também sabe que eu vou vender a ideia de qualquer jeito, então resolveu apostar tudo.”

“Então agora você está planejando um casamento. Você está planejando um casamento.”

Enxugo a testa, semicerrando os olhos enquanto o sol surge por entre as árvores. “Estou disposta a fazer tudo o que ela quiser, contanto que eu consiga aquela casa de campo até agosto.”

Não menciono que esses obstáculos têm me deixado com uma sensação de culpa enorme. Encontrar-me com cada novo fornecedor tem sido como esmagar uma borboleta.

“E você está disposta a passar por tudo isso por causa do importantíssimo comprador misterioso sobre o qual você não me dá nenhuma pista”, diz Henry.

Quando deixo o silêncio se estender entre nós, ele diz: “É o Dwayne ‘The Rock’ Johnson, não é? Ele ameaçou te esmagar entre os músculos peitorais se você contar para alguém? Pisque duas vezes se eu estiver certo.”

Meu riso se mistura a um gemido enquanto balanço a cabeça. "*Por favor*, pare de me perguntar."

"Tá bom, tá bom. Entendi", diz ele, espantando um inseto do ombro. "Confidencial. Aliás, como sua mãe se sente em relação a tudo isso? Ela deve estar furiosa por Agatha tê-la ignorado no testamento. Quase não deixou nada para ela."

A pergunta, que me surpreende ele não ter feito antes, é mais uma que eu não quero responder. Porque minha mãe não está furiosa — ela está com o coração partido. Vovó entendia que qualquer coisa que desse para minha mãe inevitavelmente o beneficiaria também. Meu pai. E isso estava simplesmente fora de cogitação.

"É complicado", resmungo.

Henry suspira. "Ah, sim. As palavras sagradas do brasão da sua família."

“Toda família é complicada.”

“É, só que a sua daria uma ótima ideia para uma minissérie da BBC.”

“Por que você acha que estou me esforçando tanto para me livrar deste lugar?”

“Para ser sincero, tomar uns drinques com uma mulher linda não parece ser um sacrifício tão grande assim.”

Não. Não foi. Na verdade, passei a maior parte das últimas trinta e seis horas revivendo cada momento naquele bar com a intensidade febril de um adolescente tarado que acabou de descobrir novos usos para sabonete. Toda vez que fecho os olhos, vejo seus olhos escuros de gata traçando minhas tatuagens como a ponta de um dedo. Sinto sua convicção inabalável no amor eterno me sufocando. É tão incompreensível e irresistível para mim quanto qualquer vilão que secretamente anseia pela única coisa que diz desprezar.

Acelero o passo como se tivesse alguma esperança de escapar dos meus próprios pensamentos, mas eles só me rondam. *Como pude quase beijá-la?* Já é ruim o suficiente estar iludindo-a, deixando-a pensar que tem alguma chance de me

conquistar, quando sei que só há um jeito disso terminar — com zero chance de ela não me odiar.

Quando Henry me alcança novamente, nossas respirações estão ofegantes enquanto nos ajustamos ao ritmo mais rápido que impus. Ele me olha de relance. "Então, falando em beber com mulheres bonitas, eu estava pensando em convidá-la para sair. A Gracie, quero dizer."

Nesse instante, viro a cabeça bruscamente para olhá-lo. Ele me mostra aquela covinha idiota, e eu não vejo a raiz da árvore, mas a sinto contra a ponta do meu tênis de corrida. Droga.

Com os braços girando de um jeito que deveria fazer barulho de quem escorregou numa casca de banana, cada ano da minha pré-adolescência passa diante dos meus olhos num caleidoscópio de membros compridos demais e humilhação suada. Caio rápido e com força, mal conseguindo me salvar de um bocado de terra com as mãos estendidas. Com a cabeça latejando e ainda ofegante, leva um instante até a dor atingir minhas palmas e meu ego.

"Merda!", grita Henry, parando bruscamente ao meu lado. Ele se agacha na poeira que sobe, gritando a plenos pulmões: "*Judy!* Judy, fala comigo!"

Ele agarra meus ombros, mas a essa altura, eu já estou me impulsionando para fora do chão, respirando fundo. Aceno para ele, sentando-me sobre os calcanhares e fechando os olhos. Meu Deus. Por que diabos eu não vi—

E então me lembro. Henry quer chamar a Gracie para sair.

"Você está sangrando", ele diz, segurando meu pulso para ver o estrago que fiz nas minhas palmas.

Retiro minha mão bruscamente. "Estou bem", digo, forçando minhas pernas a me levantarem.

"Nossa, faz tempo que não vejo alguém cair tão feio... nunca. Você está bem?"

Me limpo e tento não me sentir tão abalada quanto estou. "Sim. Estou bem, obrigada."

Ele me olha por um longo momento, mordendo a parte interna da bochecha.

“Você não parece bem. Isso não tem nada a ver com o que eu disse sobre a Gracie, tem?”

Lentamente, volto a correr, sem conseguir olhar para ele. “Você só a encontrou uma vez, não é? Como você sabe se gostaria dela?”

Nesse momento, Henry hesita. “Na verdade, eu vim vê-la outro dia para discutir a transferência da casa de campo e assinar a papelada.”

“Você a visitou? Aqui? Por que não me contou?” pergunto, sentindo-me inexplicavelmente ofendida.

Henry dá de ombros. “Eu estava fazendo meu trabalho. Você não me conta sobre todas as suas reuniões, não é?”

Não tenho nada a dizer, porque ele está absolutamente certo. “Nunca ouvi falar de um processo de inventário terminar tão rápido”, aponto. “Você deve ter batido um recorde.”

Ao ouvir isso, ele parece um pouco envergonhado. "Talvez eu tenha priorizado o caso dela."

Não preciso perguntar o porquê. Henry jamais cogitaria convidar uma cliente para sair por razões éticas, mas com a casa oficialmente transferida para Gracie, ele está tecnicamente livre de culpa. De repente, me sinto completamente sem fôlego.

"Então, você gosta dela", consigo dizer, embora seja uma conclusão óbvia. Quem diabos não gostaria da Gracie? Mas Henry — que fala abertamente sobre seu desejo de encontrar "a pessoa certa" — tem o hábito de sondar o terreno com a maioria, se não todas, as suas conhecidas.

“Tem alguma coisa nela, cara”, ele diz, balançando a cabeça. “Depois que ela te enfrentou no jardim, eu não conseguia parar de pensar que gostaria de conhecê-la melhor — sem ofensas. Aí, quando eu apareci lá, ela era tão… sei lá. Adorável.” Ele ri de si mesmo. “Você sabe o que eu quero dizer, né? Ela é uma fofura.”

Sim, eu sei. Sei que ela tem cheiro de flores afogadas em mel e é a única razão pela qual a minha dor pela perda da vovó não me sufocou. Sei que nunca me senti assim por ninguém e, a menos que eu esteja muito enganado, meu melhor amigo também não vai se sentir.

“Então, o que você acha?”, ele pergunta, dando um soquinho de leve no meu ombro. “Devo chamá-la para sair?”

Mordo a língua enquanto meu cérebro inteiro vibra com um sonoro e ilógico NÃO. Não estou bem com o Henry convidando a Gracie para sair, mesmo que devesse estar. Ela já me disse que o acha bonito, e eu sei melhor do que ninguém que ele é completo. Inteligente, bem-sucedido, engraçado, incrivelmente gentil. Além de tudo isso, ele está procurando exatamente a mesma coisa que ela: um final

feliz. Eles seriam perfeitos um para o outro, e se eu fosse uma amiga e um ser humano decente, já teria sugerido que os dois se juntassem.

Mas eu não sou um amigo decente, nem um ser humano decente. Sou um babaca ganancioso e possessivo, obcecado por alguém que não me pertence e nunca pertencerá. A verdade é que não sou capaz de dar a ela nem uma fração do que ela precisa ou merece.

É esse pensamento deprimente que finalmente me faz dizer: "Você não precisa me pedir permissão, Hen. Se você gosta dela, vá em frente."

"Eu sei que não preciso da sua bênção." Ele mantém os olhos fixos na trilha enquanto diz: "Só para garantir que toda essa energia de 'Eu te odeio' entre vocês dois não se transforme em 'Eu te odeio, vamos transar'."

Eu me esforço para não tropeçar de novo, porque de repente, estou de volta naquele bar, com o calor do seu hálito cítrico nos meus lábios. A um passo e uma decisão errada de afundar meus dedos na curva do seu quadril naquele maldito vestido e arruinar a trégua tênue que tínhamos estabelecido. Mas eu sei que ela estava apenas se deixando levar pelo momento. Ela pode até estar atraída por mim, mas existem umas dez mil boas razões para ela ficar longe de mim. Então eu digo: "De jeito nenhum. Não deixe que eu atrapalhe você."

"Bem, não seria a primeira vez, seria?" A voz de Henry é enganosamente leve, e ele ainda não está olhando para mim.

"Do que você está falando?"

“Ah, qual é. Toda vez que saímos, eu fico parecendo um cabideiro do seu lado.”

“Bobagem”, argumento. “Isso não é verdade.”

Ele me lança um olhar frio. “Jude, eu venho tentando sair da friendzone com a Astrid há meses. Aí você senta no bar dela uma vez, e do nada, ela me manda mensagem perguntando se o amigo que eu sempre menciono, Jude Larkwood, está namorando ou só ficando casualmente, e se eu poderia dar seu número para ela, só por precaução.”

Por um instante, fico sem palavras. “Droga, desculpa, Hen. Eu não tinha percebido.”

Ele dispensa meu pedido de desculpas com um gesto de mão. “Você nunca percebe, mas como seu melhor amigo mais baixo e menos sarado, posso garantir que isso é um padrão.”

Eu mal sei o que dizer, em parte porque me sinto um idiota, e em parte porque, na minha cabeça, ainda sou o garoto desengonçado de aparelho ortodôntico e óculos na geladeira da minha avó.

"Vou tentar ser mais consciente de mim mesmo", prometo a ele. "E não vou atrapalhar você com a Gracie. Vocês dois são incrivelmente românticos e incrivelmente ingênuos — um par perfeito."

Henry sorri para mim. "Então vamos para a casa dela. Vai que a gente encontra por lá."

"Pode ir", digo a ele, sabendo que não conseguirei assistir ao convite para jantar com a Gracie sem correr o risco de ter um derrame. "Preciso tomar banho antes que o gesseiro chegue."

“Certo”, ele diz. Com um sorriso nervoso, ajeita uma gravata borboleta invisível. “Me deseje sorte.”

Dou-lhe uma saudação fraca antes que ele se vire e corra pela trilha em direção ao tipo de mulher que ele merece. Uma mulher que também o mereça. Com o peito doendo, digo a mim mesma que é por causa da corrida. Da queda. Qualquer coisa, menos a dor de perder algo que nunca tive.

16 GRAÇA

Cinco Semanas Antes do Casamento

São onze e meia de uma terça-feira chuvosa, e eu deveria estar dormindo, mas em vez disso, estou encarando o teto no escuro, pensando em Jude. Não é produtivo nem sábio, especialmente depois das coisas que ele disse e não disse para mim no bar na outra noite, mas parece que não consigo evitar. Passei o dia entrando em contato com meus ex-clientes e estava preparada para chorar junto com eles novamente. Mas a cada conversa, eu ficava impressionada ao descobrir que cada um deles tinha conseguido encontrar novos locais maravilhosos para a cerimônia de última hora. Quando perguntei como eles conseguiram, todos deram a mesma resposta: Jude Larkwood.

Aparentemente, Jude usou suas conexões na comunidade imobiliária de Rhode Island para dar um jeito em todos os meus antigos clientes, garantindo para eles locais que normalmente são reservados com um ou dois anos de antecedência. Aperto meus cobertores contra o peito. Será que *ele algum dia ia me contar?*

Pensei em mandar uma mensagem para ele o dia todo, apesar do jeito estranho como as coisas terminaram no bar. Não só pelo que ele fez pelos meus clientes, mas também porque hoje é aniversário da Agatha. Meu coração está dolorido desde que acordei esta manhã, e só consigo imaginar o que ele está sentindo. Tantas primeiras vezes são celebradas… os primeiros passos, os primeiros dias de aula, os primeiros aniversários de casamento. Mas também existem as primeiras vezes que vêm depois da perda de um ente querido. Aniversários, feriados e momentos especiais que passam silenciosamente, em meio à dor, enquanto cuidamos dos pedaços que faltam em nossos corações, desejando que eles ainda estivessem aqui.

O único som no meu quarto é a chuva no telhado, mas parece sussurrar ideias que eu definitivamente deveria ignorar. Em vez disso, me viro e olho para o contorno escuro do meu celular na mesinha de cabeceira. É tão tarde. Mandar mensagem agora seria completamente—

A tela ilumina o quarto, interrompendo todos os meus pensamentos. Sei que provavelmente é Sofia me mandando olhar para a lua cheia para que minha deusa interior não definhe, mas isso não me impede de me atirar na cama. Só que me atiro com muita força e, em vez de pegar o celular, acabo derrubando-o da mesa junto com meu último romance.

Gemendo, me arrasto para cima da cama, com as pernas emaranhadas nos lençóis, mas paro ao ver o nome de Jude.

Com a barriga revirando, abro a mensagem dele, que se revela uma foto dele com a Agatha, ambos usando o mesmo tipo de chapéu de festa que ele usou na homenagem póstuma. É uma foto espontânea, com a Agatha soprando tantas velas de aniversário que daria para acender uma fogueira. Enquanto isso, Jude aparece estendendo uma mão borrada para puxar o lenço de seda dela para longe das chamas, com o terror estampado em seu belo rosto.

Não consigo conter o riso, mesmo com o nariz e os olhos ardendo ao ver a Agatha em seu habitat natural. Então, chega uma segunda mensagem.

Jude: Com saudades dela.

Meu coração dispara no peito até quase me sufocar. *Jude*. Me aconchegando de volta na cama, começo a digitar "eu também", mas paro. Mordo o lábio. A mesma sensação que tive no memorial da Agatha me invade o peito — a necessidade de estar mais perto dele quando a perda parece grande demais para suportar sozinha. Ele já acordou, né? E conversar é mais fácil do que mandar mensagem, penso. Antes que eu possa repensar minha decisão, ligo para ele.

"Oi", ele diz, parecendo surpreso ao atender. Sua voz está baixa e rouca, como se não a usasse há horas. "Desculpa, eu não queria dizer—"

"Eu também sinto falta dela", interrompo, meu coração batendo forte demais para alguém sentado na cama.

Ele fica em silêncio do outro lado da linha. "É mesmo?"

“Eu ia mandar uma mensagem”, admito. “Parecia… sei lá. Estranho deixar o dia

passar sem dar os parabéns pelo aniversário dela?", digo, passando a mão por baixo da franja. "Quer dizer, eu não tinha uma foto impagável da Agatha quase incendiando toda a costa leste para compartilhar, mas eu ia dizer alguma coisa."

A risada dele é suave e exasperada. "Você sabia que ela fazia isso todo ano? Usava alguma coisa altamente inflamável e pendurada?"

"Só para te manter alerta?"

"Ou para incinerá-los. Difícil dizer."

Sorrio enquanto me deito novamente, me aconchegando sob as cobertas. "Seus pés são tão horríveis assim?"

"Indescritíveis. Já fizeram crianças chorarem."

Dou risada enquanto o peso que pesava no meu peito o dia todo começa a se dissipar. "Devo me preocupar com o fato de você estar mostrando seus pés descalços para crianças?"

"Jesus, Gracie, não", ele diz, rindo. "Eu nado um pouco. Expor estranhos inocentes aos meus pés na piscina pública é só dano colateral."

"Os horrores nunca vão acabar?", pergunto, mesmo que minha mente agora seja um filme em câmera lenta do seu peito largo e ombros emergindo da água clorada. "Diga-me, pelo menos, que você não usa sunga."

Ouço um farfalhar de lençóis do outro lado da linha antes que ele diga: "Estampa de leopardo".

"Sinceramente, acho que Agatha aprovaria", digo, rindo de novo, e *Deus*, por que é tão fácil conversar com ele? Como ele consegue me fazer sorrir assim depois de eu ter estado à beira das lágrimas o dia todo? Depois de me excluir da decisão sobre a herança (de novo), eu disse a mim mesma que ia parar com isso. Chega de mensagens sobre o Taco ou qualquer coisa que não seja estritamente relacionada ao casamento. Mas agora liguei para ele, praticamente no meio da noite, e a verdade é que não quero soltar esse laço invisível entre nós. Em vez disso, quero me envolver nele e puxar, até que ele esteja tão perto que nenhum de nós precise enfrentar essa dor sozinho de novo.

Ele fica em silêncio por um longo momento antes de dizer: "Obrigado por ligar, Gracie. Hoje foi... péssimo."

Sua voz soa diferente ao telefone. De alguma forma, mais distante e mais íntima ao mesmo tempo. Aproximando um pouco mais o telefone, digo: "O meu também,

só que..."

"O quê?", ele pergunta, e se eu fechar os olhos, é quase como se ele estivesse deitado ao meu lado no escuro. Sei que não deveria imaginar, mas é tão difícil resistir à sensação de estar menos sozinha.

"Você melhorou muito o meu dia", admito.

"Melhorei?", ele pergunta, com a voz surpresa, mas satisfeita.

"Liguei para saber como estavam meus antigos clientes cujos casamentos foram cancelados", explico. "Eles me contaram o que você fez por eles."

“Ah”, ele diz, e eu consigo ouvi-lo mudar de posição, como se de repente estivesse desconfortável. “Não sabia que você ia entrar em contato com eles.”

“Claro que sabia, estava morrendo de preocupação.”

“Alguns dos casamentos deles precisam ser em dias de semana, mas—”

“Está tudo bem. Mais do que tudo bem. Eles estão radiantes, Jude. Não tenho palavras para agradecer”, digo a ele, esperando que ele perceba o quanto eu realmente quero dizer isso.

Ele fica em silêncio novamente antes de dizer: “Era o mínimo que eu podia fazer”. E mesmo que ele nunca esperasse que eu descobrisse, e mesmo que os favores que ele fez fossem para os meus clientes, o jeito como ele diz essas palavras me faz sentir como se ele tivesse feito isso só para mim.

Ficamos em silêncio por tanto tempo, e a chuva é tão reconfortante na escuridão total, que só percebo que estou meio adormecida quando ele me acorda com um suave "Oi".

"Hum?"

"O Henry chegou a passar aí em casa?"

Bocejo e estico o braço livre acima da cabeça, mas não abro os olhos. "Sim, ele veio com a papelada da casa de campo há alguns dias. Acho que agora é oficialmente minha."

"Não, quero dizer, mais recentemente. Domingo."

Franço as sobrancelhas enquanto meu cérebro, ainda sonolento, tenta se lembrar. "Domingo? Não sei, passei o dia todo na casa da minha mãe. Por quê? Ele tem mais alguma papelada para mim?"

“Não, nada disso”, diz Jude, e ouço o farfalhar dos lençóis novamente. Parecem frescos e crocantes, como se estivessem bem em contato com seu corpo grande e

quente. Minhas coxas se pressionam e— “Estávamos correndo e ele disse que talvez passasse para dar um oi.”

“Ah”, digo, um pouco surpresa por ele interromper meus pensamentos sonolentos e dispersos. “Que querido.”

“É”, ele responde, com a voz rígida. “Bem, acho melhor você dormir.”

“E você?”, pergunto, sem querer que ele desligue ainda. “Seus pés também não merecem um descanso?”

“Infelizmente, não tem jeito, e eu ainda estou trabalhando.”

“Você está trabalhando na cama? Isso não é proibido?”

“Como você sabe que estou na cama?”

Dou de ombros e murmuro algo como "sei lá". "Só posso." Também consigo imaginar que ele provavelmente não está usando sua camisa branca engomada nem calças. Seu cabelo escuro provavelmente está bagunçado, e ele provavelmente está usando aqueles óculos de bibliotecário estiloso. Tento não me demorar na imagem que criei, mas é difícil afastá-la quando estou tão cansada. "No que você está trabalhando?", sussurro.

"Você realmente quer saber?"

Bocejo novamente, minhas pálpebras pesadas demais para abrir. "Hum. Contanto que seja bem chato."

"Gracie, você está me usando como máquina de som?", ele provoca.

"Você tem uma voz muito bonita", digo sem pensar, sonolenta demais para me importar. "Você poderia narrar romances."

“Seu material de leitura preferido.” Não é uma pergunta, e eu me pergunto vagamente o que mais ele notou enquanto estava no meu chalé.

“Não critique antes de experimentar”, digo, puxando as cobertas quase completamente sobre a cabeça. “Elas podem te ensinar uma coisa ou duas.”

“Por que eu precisaria de romances se tenho você na minha vida?”, ele pergunta suavemente, sem nenhum sarcasmo ou irritação em seu tom.

“Ter-me como amiga não é o suficiente, Jude”, murmuro, meio adormecida. “Vou te provar.”

Ele não responde, e enquanto a chuva cai com mais força, eu me entrego ao sono, sabendo que ele está do outro lado do meu sonho. Porque é isso que devo estar fazendo quando o ouço dizer baixinho: “Você já provou.”

17 GRAÇA

Quatro Semanas Antes do Casamento

Em uma experiência inédita e emocionante, fui incumbida de provar bolos de casamento em nome dos meus clientes. Quem dispensa bolo de graça, você pode se perguntar? Casais lindos e poderosos que não têm tempo para carboidratos açucarados, aparentemente. Mas, embora Calvin e Brooke tenham deixado cada detalhe do casamento por minha conta, não estou reclamando dessa tarefa — mesmo estando um pouco nervosa por passar a tarde com Jude.

Meu estômago se revira enquanto me apresso para terminar a maquiagem. Depois da nossa ligação tarde da noite, não conversamos mais nada além de confirmar o passeio de hoje. Não estou dizendo que estamos fingindo que não aconteceu, mas algo sobre adormecer ao som da voz do seu suposto inimigo depois de ter criado um laço de luto com ele faz parecer que ele não é seu inimigo de verdade.

Por isso, quando Henry apareceu na minha porta no dia seguinte para me convidar para sair, eu disse sim.

Em parte, foi choque. Não me lembrava da última vez que alguém me convidou para um encontro. E não daquele jeito artificial, tipo "olha só como eu poso com esse peixe", mas cara a cara. Com os cachos ao vento e um sorriso com covinhas, ele tentou a sorte, e foi... simples. Não de um jeito ruim, mas de um jeito refrescante, tipo "não estou tentando arruinar sua vida".

É por isso que não vou pensar em como Jude conseguiu novos locais para todos os meus antigos clientes. Nem no nosso quase-beijo. Nem mesmo naquelas palavras. Aquelas que estou tentando desesperadamente esquecer.

Eu... me sinto muito atraída por você.

"*Ai!*" Rapidamente, pressiono a mão contra o olho que acabei de atingir com o aplicador de rímel. *Droga*. Isso vem acontecendo a semana toda. Essa frase forçada volta à minha cabeça e, de repente, estou esbarrando em batentes de portas ou fico sem palavras quando deveria estar respondendo a perguntas simples como "Posso ajudá-la a encontrar algo, senhorita?". Sim, funcionário prestativo do supermercado, você pode me ajudar a encontrar a minha maldita MENTE?

Rapidamente, refaço a maquiagem. *Henry, Henry, Henry*, repito silenciosamente, como se isso pudesse direcionar meus pensamentos para um caminho mais seguro. Funciona por alguns minutos, mas, ao sair da casa de campo com um olho levemente latejante e quase nenhum minuto de sobra, sou imediatamente confrontada pela fonte de todos os meus problemas.

Jude está na minha garagem, encostado num SUV Mercedes preto brilhante que faz meu Camry parecer que emergiu da lama primordial. De óculos escuros, calças creme e uma camisa de linho azul-marinho aberta no pescoço e com as mangas arregaçadas, ele parece que deveria estar bebendo vinho na Riviera Francesa. Ou talvez chegando à mansão do início do século que acabou de herdar? De qualquer forma, é a primeira vez que o vejo com algo que não seja um terno. Quando ele tira os óculos escuros, engulo em seco.

"Ei", digo, me perguntando em silêncio por que deixei ele me pressionar para irmos juntos de carro. Mas eu sei por quê. A previsão do tempo para hoje é de 20% de chance de garoa, o que na cabeça do Jude se traduz em 90% de chance de chover lava e… acho que eu não queria que ele ficasse ansioso.

Ele abre a porta do passageiro para mim. "Olá", diz ele, com aquele tom reservado característico do Jude que estou aprendendo que significa que ele também está nervoso. Como diabos vamos sobreviver à próxima hora presos neste carro? Talvez eu possa sugerir um audiolivro que ele goste. Tipo *Crime e Castigo*. Ou *O Dicionário*.

"Está muito frio?", ele pergunta quando entramos. "Vou abaixar o ar-condicionado." Mas, enquanto ele se vira para colocar o cinto de segurança e ajustar o termostato, estou tão dominada pelo seu perfume que não consigo responder. De alguma forma, ele cheira a todas as fantasias que já tive com um bibliotecário

depois do expediente, encostado nas estantes, e minhas coxas se apertam no banco de couro com um rangido necessitado. Estou… muito atraída por você.

"É, hum, muito limpo aqui", digo, esperando que meu comentário insosso disfarce meus pensamentos sórdidos. Você deveria estar pensando no Henry, me repreendo. *Lembra dele? O homem com quem você acabou de concordar em sair?*

"Por que você parece tão nervosa com a limpeza?" Jude pergunta enquanto eu me atrapalho para colocar o cinto de segurança. "Você preferiria sentar em uma piscina de bolinhas cheia de copos de comida para viagem e meias de ginástica?"

"Sinceramente, se isso me desse algo para zoar de você, talvez", murmuro, desarmada como sempre pela perfeição com que ele se apresenta.

"Bom saber que você se sacrificaria de bom grado para ter a chance de me provocar", diz ele secamente.

Observo mais detalhes do carro. "Está quase assustadoramente limpo aqui dentro", comento. "Você é um daqueles caras que lustra os pneus nos fins de semana, ou acabou de se livrar de um cadáver e limpou tudo com água sanitária?"

"Com certeza a segunda opção", diz ele, engatando a marcha com um som suave. "Eu não poderia ter mandado lavar o carro detalhadamente, porque sabia que teria um convidado e queria que ele se sentisse confortável."

Isso me pega de surpresa. "Você mandou lavar o carro? Para mim?"

Seus ombros se tensionam como se ele tivesse sido pego em flagrante. "Eu levo o Taco comigo para Larkwood nos fins de semana. Não achei que você fosse gostar de ficar sentada num carro com cheiro de gato ansioso."

"Isso é… muito atencioso da sua parte", digo, tocada por mais uma demonstração de preocupação excessiva comigo, "mas eu não sou tão exigente assim. Tenho quase certeza de que meus tapetes estão mais para migalhas do que para tapetes."

Ele solta um longo suspiro de resignação. "Você e o Henry são perfeitos um para o outro."

É como se uma colher de sorvete tivesse entrado e esvaziado meu estômago. "Ele te contou?", pergunto depois de um momento. "Que me chamou para sair?"

Jude vira na rua principal sem olhar para mim, mas um músculo se contrai em sua mandíbula. "Eu o incentivei a fazer isso."

Não estou preparada para a dor que sinto ao descobrir que minha paixão imprudente por Jude era completamente unilateral. Eu tinha quase certeza de que

ele sentia o mesmo. Mas esse é o meu histórico, não é? Me apaixonar por homens que não estão tão interessados em mim quanto eu neles. Tento não me deixar engolir pela vergonha.

"Ele também me disse que você disse sim", Jude diz quebrando o silêncio.

Sua voz é neutra, mas seus nós dos dedos estão brancos no volante. Por quê? Se ele está incentivando o melhor amigo a me convidar para sair, então certamente não está interessado em mim — pelo menos, não além de uma atração básica.

"Estou animada", digo com convicção. "Ele realmente me pegou de surpresa."

"Por que você deveria estar surpresa?", pergunta Jude, soando vagamente ofendido.

"Hum, talvez porque a última vez que fui convidada para um encontro de verdade foi quando os 'celulares com câmera' eram a última moda?"

Diante disso, Jude dá um resmungo cético. "Acho difícil de acreditar."

O fato de ele ter descartado com tanta facilidade minha falta de experiência amorosa me pareceu um elogio involuntário, e meu coração deu um pulo. "Preciso te lembrar que moro sozinha, em uma casa isolada, numa cidade com uma população idosa considerável? Não é exatamente um lugar propício para encontros, a menos que eu decida começar a passear pelas marinas, à procura de um sugar daddy."

"Se relacionar com alguém que tenha mais recursos do que você é uma estratégia perfeitamente válida e comum."

"Para quê? Para a Idade Média?", pergunto, sem conseguir conter o sorriso.

"Para qualquer pessoa cuja prioridade seja a estabilidade financeira, em vez do romance. Tenho vários clientes que admitem abertamente que esse é o principal objetivo de seus relacionamentos."

“Espere, então você está me dizendo que, se relacionamentos sérios não fossem seu maior medo e alguém lhe dissesse que gostaria de ‘se aliar a você’ por ganho financeiro, você estaria aberto a isso?”

Ele franze a testa, pensativo. “Por que não? Se houvesse compatibilidade e atração suficientes, eu não me oporia a cuidar de alguém dessa forma. E eu prefiro muito mais a honestidade a uma farsa.”

“É honestidade que você busca, ou você só quer que alguém te chame de papai?” pergunto, sorrindo para ele.

Definitivamente não estou imaginando o rubor que aparece em suas maçãs do rosto ou o jeito como ele se remexe na cadeira com a minha piada. “Tentando descobrir meus fetiches de novo, é?”

Dessa vez, é a minha vez de dar descarga. "Não era isso que eu estava fazendo." Acrescento um "Eca", só para enfatizar.

Ele inclina a cabeça e me olha de relance. "Você sempre pode me pedir para listá-los em ordem alfabética."

"Então isso confirma que você tem alguns?"

"Você está procurando confirmação?"

"Não!" exclamo, resistindo à vontade de colocar a cabeça para fora da janela para tomar um ar fresco e possivelmente ser sugada para fora.

Seu sorriso de canto revela a linha em sua bochecha que é longa demais para ser chamada de covinha, mas que, infelizmente, é igualmente atraente. "Bem, já que você obviamente passa o tempo todo pensando nisso..."

"Eu não passo!"

"Passo sim."

O tom com que ele diz essas duas palavras simples é tão carregado de ambiguidade que me dá vontade de usar um aplicativo de tradução. Mas também sei que esclarecer esse assunto só vai me trazer problemas. O silêncio entre nós se estende como um caminho coberto de placas de advertência. Volte agora! Não caia na armadilha! Armadilhas à frente! Mas, aparentemente, sou analfabeta, porque passo correndo por todas elas e pergunto apressadamente: "Você faz o quê, exatamente?"

Ele dá de ombros. "Tenho torções."

Ele diz isso com tanta naturalidade que levo alguns segundos para processar a informação.

"Ah", é o que finalmente sai da minha boca quando ele para no último semáforo antes da rodovia. Não faço a pergunta óbvia seguinte: Que torções?

Mas é como se ele me ouvisse pensar isso, porque olha para mim, sem qualquer traço de humor. Só percebo que minhas mãos e minha saia estão presas entre minhas coxas inquietas quando seu olhar se fixa nelas. Eu congelo. Por um número indeterminado de segundos, nenhum de nós se move. Respira. Quando seus olhos finalmente voltam a encontrar os meus, o que vejo neles faz meu estômago revirar.

Mas então alguém buzina atrás de nós, e nós dois nos assustamos. Jude desvia o olhar rapidamente e pisa no acelerador, ombros rígidos, mãos cerradas. Enquanto isso, o aquecedor de assento que eu estava usando de repente parece uma chapa quente para o meu traseiro. Respiro fundo, precisando muito disso.

O que diabos acabou de acontecer?

Minha mente libera uma enxurrada de lembretes desesperados que teriam sido extremamente úteis uns quarenta segundos atrás. Estou prestes a sair com o melhor amigo desse cara. Ele está tentando sabotar minha vida! Não tenho o direito de pensar nas preferências dele na cama ou no fato de que o sexo mais aventureiro da minha vida envolveu uma lata improvisada de chantilly e muitos arrependimentos relacionados ao Monistat 1.

"Vou mudar de assunto", anuncio. "Me fale sobre o Henry."

Sua voz é um olhar fulminante. "Não faço ideia se ele tem alguma tara. Você vai ter que perguntar para ele."

"Eu não estava... eu não estou perguntando..." gaguejo antes de recuperar a compostura. "Como vocês dois são amigos?", finalmente consigo dizer. "Ele é tão legal."

Se eu pensava que a espinha dorsal dele não podia ficar mais rígida, estava enganada. "Eu sei muito bem. Mas, de alguma forma, consegui convencê-lo de que sou uma companhia agradável."

Ele diz isso com frieza, mas não há como negar a mágoa subjacente em sua voz, e de repente me sinto a idiota. "Você é uma companhia agradável", digo. "Na verdade, vivo me esquecendo de que não gosto de você." Encaro-o de soslaio. "Acho que, em outras circunstâncias, poderíamos até ser amigos."

"Amigos", ele repete, mas não consigo decifrar seu tom. O couro do volante range sob seu aperto.

"Claro", digo animadamente. "Quer dizer, antes de descobrir seus planos de vender Larkwood, eu até pensei—"

Eu me contenho. Se as coisas ficarem ainda mais estranhas neste carro, não terei escolha a não ser me abaixar e sair rolando pela porta do passageiro.

"Você pensou o quê?" Jude insiste, com a voz rouca.

Eu me lembro do nosso primeiro encontro. De como eu soube que ele seria alguém com quem eu poderia encontrar conforto depois de perder Agatha. De

como meu coração disparou quando ele me salvou daquela planta, e de como ele me fez sentir uma faísca por alguém além de Calvin pela primeira vez em anos.

"Eu pensei que tínhamos uma conexão por causa da Agatha", admito, olhando pela janela para a rodovia passando rapidamente. "Eu pensei que poderíamos nos ajudar a superar o luto."

Ele fica em silêncio por um longo momento até que, finalmente, diz: "O que você acha que aconteceu na outra noite?"

É como admitir que se trata de algo proibido, e a atmosfera entre nós muda imediatamente para algo mais suave. Mais pesado.

"Você tem razão. E eu queria te agradecer", digo, puxando a barra da minha saia. "Quer dizer, eu sei que você provavelmente tem seus pais com quem conversar sobre ela, mas para mim..." Encaro minhas mãos. "Você é a única pessoa com quem eu realmente consigo relembrar o passado."

Pelo canto do olho, vejo-o balançar a cabeça antes de dizer em voz baixa: "É o mesmo para mim. Meu pai não está presente na minha vida, e minha mãe..." O suspiro que ele solta é quase inaudível. "Há um histórico familiar que torna o luto compartilhado complicado."

Nesse momento, sinto como se meu coração tivesse acabado de reencontrar seu gêmeo perdido. Nossos olhares se cruzam por um instante, e antes que eu possa impedi-los, uma pergunta que me intriga há tempos surge.

"É por isso que você usa Larkwood como sobrenome? Porque é o da sua mãe e da Agatha, e não o do seu pai?"

Seus ombros se movem sob a camisa. "Sim", responde ele, concisamente. "Mudei quando tive idade suficiente."

"Sinto muito", sussurro, tomada por uma compreensão simples e dolorosa. "Meu pai também não está presente na minha vida."

Ele desvia o olhar, mas não antes que eu perceba algo parecido com raiva em seus lábios. "Uma pena para ele."

"Uma pena para eles", corrijo.

Ele mantém o olhar fixo na estrada. "Talvez. Mas pelo menos nos encontramos", diz ele baixinho, antes de fazer uma pausa para ponderar as palavras. "Lembrar da vovó com você confirma todas as minhas melhores lembranças, Gracie. Tipo, enquanto eu te conhecer, não preciso duvidar que elas realmente aconteceram."

Apesar de todos os meus esforços para me manter emocionalmente distante desse homem, sinto um puxão forte na corda que nos une desde o funeral da Agatha. A pergunta surge dentro de mim como um suspiro que não quero deixar escapar. *O que te faria questionar suas melhores lembranças, Jude?*

Eu já sei como ele responderia: *é algo pessoal.* Mas quero que ele saiba que, mesmo que sejamos apenas duas pessoas em luto mútuo, unidas pelas circunstâncias, ele ainda pode contar comigo para compartilhar essa perda. Então, eu digo: "Acho que isso significa que você está preso comigo, então."

Ele solta uma risadinha discreta, mantendo os olhos na estrada. "Acredite em mim, Gracie, você é quem está presa comigo. Pretendo te mandar fotos traumatizantes da Agatha em todos os feriados importantes."

Não consigo conter o sorriso que se abre no meu rosto. "Eu sempre quis perguntar... ela alguma vez falou de mim para você?"

Seus lábios carnudos se curvam em um sorriso irônico. "Ah, sim. Você sempre foi a certinha solteira que ela queria me apresentar para organizar casamentos."

“Hum. Meio que estou com inveja por ela ter escolhido ‘fofo’ quando o seu apelido sempre foi ‘incrivelmente bonito’”.

Seus olhos encontram os meus por um instante. “Talvez eu tenha suavizado o que ela realmente disse sobre você. Por uma questão de decoro.”

“Que se dane o decoro, eu quero elogios!” Eu rio.

“Ainda bem que ninguém vai te acusar de ser exigente.”

Dando um tapa no braço dele, pergunto: “Como ela me chamou mesmo?”

Ele pigarreia e então, imitando perfeitamente a voz rouca e enrugada da Agatha Christie, diz: “Só me avise quando quiser que eu te apresente à minha linda cerimonialista, Judy. Você vai adorá-la — ela é inteligentíssima e parece a Audrey Hepburn com um bumbum avantajado.”

Uma gargalhada me escapa no mesmo instante em que uma saudade nostálgica me invade o peito. Nunca pensei que ouviria aquelas palavras novamente, mas ouvir Jude repeti-las com o mesmo tom travesso que Agatha sempre usava é como gravá-las em ouro. Ele estava certo antes. As lembranças que guardei com carinho sozinha parecem, de alguma forma, mais reais quando compartilhadas com ele. Não importa o que aconteça entre nós, o amor que compartilhamos por Agatha sempre estará lá, nos ligando por um fio brilhante e inquebrável.

Ainda sorrindo, digo: "Não sei por quem devo ficar mais constrangida: por mim, porque ela compartilhou a comparação com Audrey com outras pessoas, ou por você, por causa desse apelido."

“Com certeza, sinto mais pena de mim. ‘Audrey com bunda’ é um elogio fantástico, enquanto eu terei que aguentar uma vida inteira de piadas sobre a Juíza Judy e bonecos de cabeça oscilante do Henry.”

Eu rio e, apesar do desconforto que sinto quando ele menciona o amigo, me vejo voltando à nossa conversa já familiar, deixando-me levar irresistivelmente. Continuamos conversando, compartilhando nossas preciosas expressões sobre Agatha como se fossem figurinhas, e, de alguma forma, a viagem de uma hora passa voando. Quando paramos na conhecida rua de pequenos comércios, estou rindo alto e implorando por uma foto que comprove a vez em que Agatha o pressionou a usar um bolero roxo de lantejoulas nas aulas de dança de salão.

“Bolos Doces para Sempre”, Jude lê com voz hesitante, semicerrando os olhos para a placa pregada entre uma loja de artigos para animais de estimação e um salão de bronzeamento artificial.

“Não seja tão crítica, Judy.”

“Você foi longe demais. Nossa.”

Mostro a língua para ele. “Vamos lá, seja legal. A Val está me fazendo um enorme favor com esse pedido de última hora.”

Ele abre a porta antes de me dar um sorriso que me deixa sem fôlego. “Você não faz ideia de como eu posso ser legal, Gracie.”

E com isso, ele sai e caminha em direção à confeitaria, me deixando para trás, tentando me recompor.

Sei que tomei a decisão certa ao dizer sim ao Henry. Sei o que devo querer. Mas, enquanto Jude se vira para abrir a porta para mim, também começo a entender que alguns desejos não têm a menor consideração pelo "deveria".

18 GRAÇA

Quatro Semanas Antes do Casamento

Entrar na confeitaria da minha amiga Valerie é como receber uma dose automática de dopamina, com cada poro do meu corpo absorvendo o aroma de chocolate quente e baunilha. A sala de degustação é pequena e elegante, com uma parede para selfies, e abaixo da placa rosa-neon que diz "Você Me Conquistou com o Bolo" estão centenas de fotos Polaroid de casais se beijando. Através de uma porta aberta nos fundos, consigo ouvir o zumbido de uma batedeira em funcionamento.

"Meu Deus", diz Jude, respirando fundo. "Será que acabei de ter uma overdose de açúcar? Por causa disso?"

"Possivelmente", respondo, enquanto uma mulher baixa e com aparência estressada entra apressada na sala, com um rastro de farinha sob a touca de cabelo. Não a reconheço.

"Olá, olá", ela nos cumprimenta, ajeitando uma mecha rebelde de cabelo loiro. "Vocês devem estar aqui para a degustação?"

"Estamos", respondo, olhando para a porta dos fundos. "A Valerie está aqui, por acaso?"

"Não", ela diz num tom surpreendentemente sério. "Ela teve uma daquelas dores de cabeça e me deixou sozinha para fazer três encomendas urgentes e conduzir duas degustações."

A decepção logo se transforma em ansiedade. Valerie é uma fornecedora que eu realmente queria que Jude conhecesse, já que a Larkwood é uma das suas maiores fontes de renda durante a temporada de casamentos.

"Ah", consigo dizer. "Que pena."

“Sim. É verdade”, concorda ela, franzindo a testa. “E, acredite se quiser, tive que cancelar a última degustação porque a cerimonialista veio em vez do casal.” Ela balança a cabeça. “E se ela tivesse escolhido um sabor que eles detestassem? Vou te dizer o que teria acontecido: alguém levaria a culpa, e esse alguém seria eu.”

Fico imediatamente surpresa com a falta de profissionalismo da nova assistente da Val, mas, infelizmente, esse não é o maior problema. Um pressentimento ruim me invade ao perceber que terei que remarcar essa degustação, que já está com um prazo impossivelmente apertado, e convencer Calvin e Brooke a participarem por conta própria. Mas então Jude se aproxima e estende a mão.

“Isso é inacreditável”, diz ele enquanto ela pega o bolo. “Quem não gostaria de escolher o próprio bolo de casamento? A propósito, meu nome é Calvin, e esta é minha noiva, Brooke. Acho que não sabemos o seu nome…” Ele para de falar, deixando que ela complete a frase. Enquanto isso, tento não parecer que acabei de levar uma almofada bordada com os dizeres “MÁ IDEIA”.

“Na verdade”, eu digo com a voz trêmula, mas nossa anfitriã mal-humorada não me dá atenção.

“Betty”, ela responde, parecendo finalmente reconhecer Jude.

“Que bom”, ele responde carinhosamente, antes de puxar minha cintura contra a dele. A sensação repentina do seu corpo quente contra o meu faz meu estômago se contorcer, e uma risada nervosa e sem sentido escapa de mim. Por sorte, Betty mal me olha.

“Não consigo imaginar que largar tudo para fazer uma degustação seja muito conveniente com todos esses pedidos urgentes”, diz Jude para ela. “Se for mais fácil, você pode simplesmente trazer as amostras e voltar ao trabalho. Deixaremos um bilhete para Valerie sobre nossas escolhas.”

Nesse momento, Betty parece ter virado uma poça de chocolate derretido na palma da mão dele. “Ah, não é nenhum incômodo. Nenhum incômodo mesmo”, diz ela, dando um tapinha na touca de cabelo. “Só um minutinho.”

Ela se afasta com um sorriso tímido para Jude por cima do ombro coberto pelo avental, e eu fico olhando para ele boquiaberta, ainda aconchegada em seu quadril.

"Ok, Casanova, esse não era o plano", sussurro, quase gritando. "Eu não quero fingir que estou noiva de você!"

Ele sorri para mim. "Você quer, se quiser riscar essa tarefa da sua lista, Brookey."

Aperto os dentes. Eu adoro riscar coisas da minha lista, droga.

"Você é a mais—"

"Improvisadora encantadora?", ele completa por mim antes de se inclinar para mais perto. Sua voz é um sussurro baixo que percorre cada terminação nervosa do meu corpo. "Quanto você quer apostar que ela vai trazer bolo extra da outra degustação?"

Mas não consigo dizer a ele o que penso porque, primeiro, o aperto na minha cintura me impede de falar e, segundo, Betty voltou. Quando ela coloca uma travessa com oito generosas fatias de bolo na mesa, sinto a risadinha quase silenciosa de Jude, um "eu te avisei", contra minhas costelas e discretamente dou um chute no pé dele. Ele responde se inclinando para acariciar meu cabelo, o que meu corpo registra como um terremoto. Meu cérebro pode saber que tudo isso é encenação, mas meu coração acelerado certamente não sabe.

“Amor jovem”, diz Betty com um suspiro, seus olhos azuis enrugados brilhando em uma completa mudança de humor. “Eu sei que vocês só pediram quatro amostras”, continua ela, “mas já que vocês dois apareceram para a degustação, podem pedir o resto também.”

“Betty, você não precisava”, diz Jude, como se tivesse recebido porções extras dela a vida toda. “Mas meu anjo merece todas as opções”, diz ele, antes de me dar um toque no nariz.

Meu queixo cai. *Anjo?* Sinto uma leve tentação de tocar sua testa para ver se está com febre quando ele sorri para mim. Um leve movimento de sua boca larga, e percebo que ele está me provocando. Não. Me desafiando.

O jogo? Quem consegue ser mais constrangedor. O prêmio? Não ter que enfrentar o pesadelo de remarcar essa consulta.

Por um segundo, quase rio, mas toda a minha espiral mental para quando nossos olhares se encontram. Por baixo dos traços de humor, há algo mais. Um entendimento silencioso de que, se estamos apenas jogando, então todo esse contato físico não precisa significar nada. Se é só um jogo, então eu também posso tocá-lo.

E assim, nada parece mais importante do que provar que constrangimento é praticamente meu nome do meio.

"Agora. Como você sabe", diz Betty, "Valerie é conhecida por seus sabores únicos, mas eu sempre consigo adivinhar qual será o favorito de alguém."

Ela semicerra um olho e deixa seu olhar percorrer lentamente o corpo de Jude. Fico me perguntando como ela acha que a virilha dele é capaz de comunicar se ele é fã de Funfetti ou de torta de limão, mas quando seu olhar volta à altura dos olhos, ela diz com convicção: "Chocolate Valrhona e café expresso. Complexo, intenso e decadente."

Jude emite um murmúrio de aprovação que sinto contra minhas costelas, enquanto Betty me lança um olhar penetrante com muito menos interesse. De repente, estou apavorada com a possibilidade de perder este jogo e toda a minha dignidade por ser comparada a um bolo de frutas — sem graça e universalmente detestada. Num impulso que parece uma estrela cadente no meu peito, me viro para me aconchegar completamente contra Jude. Colocando uma mão em seu peito, olho para ele com o olhar mais apaixonado que consigo e tento manter a compostura.

“Como ela sabia, ursinho de açúcar?” Diante do apelido idiota, ele disfarça um resmungo com uma tosse, e eu tento não sorrir vitoriosa. Em vez disso, viro a cabeça para lançar a Betty um olhar de resignação. “Não posso ter chocolate amargo em casa. Nem café, aliás!”

Ela ri baixinho, satisfeita por eu ter confirmado sua suspeita, e eu sorrio de volta para ela enquanto uma sensação eufórica, como a do primeiro gole de champanhe, sobe direto à minha cabeça.

“Culpada, pétala de rosa”, responde Jude, colocando sua mão quente sobre as minhas costas e pressionando-a contra seu peito assustadoramente esculpido.

Tento me agarrar à realidade, mas ela é, no mínimo, escorregadia. Quando o polegar dele começa a acariciar distraidamente minha mão presa, uma imagem mental tão vívida e inapropriada passa pela minha mente que preciso engolir um suspiro silencioso. Eu, pressionando meus lábios contra as pontas dos dedos dele; ele, deslizando-os para dentro da minha boca aberta.

Um calor intenso sobe entre minhas pernas, e tento piscar para afastar a imagem, mas, aparentemente, ela ficou gravada para sempre atrás dos meus olhos. Para piorar infinitamente as coisas, Jude está me encarando como se soubesse — como se estivesse assistindo ao mesmo filme particular que eu e—

“Agora você”, diz Betty, trazendo-nos de volta ao presente, “é um bolo Battenberg de frutas cítricas e rosas. Doce e quase bonito demais para comer.”

Levanto o olhar para Jude e sinto seu coração palpitar sob a minha palma.

"Ela está, não está?", ele murmura, tirando a mão da minha para alisar a gola da minha blusa. Seus dedos deslizam entre o tecido e minha pele, roçando minha clavícula, e, quer queiramos ou não, um calor intenso traça uma linha ardente do ponto que ele toca até a minha barriga. Respiro fundo, tremendo. É tudo só para inglês ver, insiste uma voz distante no fundo da minha mente. Só para inglês ver.

Betty ri e coloca as fatias de bolo na nossa frente. "Certo, vamos ver se acertei. O noivo gostaria de experimentar primeiro?"

Noivo. A palavra acende fogos de artifício no meu sangue enquanto me perco no jogo de faz-de-conta mais imprudente do mundo. Jude parece tão perdido quanto eu, pois não faz nenhum movimento. Dizendo a mim mesma que faz parte da brincadeira, pego o garfo e corto uma fatia generosa de bolo de chocolate. Na ponta dos pés, junto a ele, levo o pedaço até sua boca.

"Abra a boca, meu bem", digo, mal percebendo o quão ofegante minha voz soa. Mas ele obedece, e com cuidado, deslizo o bolo de chocolate para dentro de sua boca ansiosa. Seus cílios tremem.

"Nossa, que delícia", ele sussurra roucamente depois de engolir.

Estou tentando não ofegar enquanto ele corta um pedaço de bolo Battenberg para mim e levanta o garfo. "Sua vez", diz ele, e obedientemente, minha boca se abre para ele. O movimento inquieto de seus quadris parece involuntário, enquanto sua expressão oscila entre a dor e o êxtase.

Quando ele coloca o garfo na minha boca e eu deslizo o bolo com os lábios, um pequeno gemido de prazer escapa de mim ao sentir o sabor da delicada massa. De repente, os olhos de Jude se enchem de desejo, de um jeito que nada tem a ver com bolo.

"Bom?", pergunta Betty.

"Delicioso", responde Jude, com os olhos ainda fixos na minha boca.

Betty ri. "Você olha para ela como se ela fosse o bolo!"

Jude parece incapaz de responder, e eu mal me sinto melhor. Me sinto como um pedaço de bolo, incapaz de pensar e pronta para ser devorada.

"Vocês duas precisam estar no nosso Mural do Amor", diz ela, apontando para a enorme colagem de Polaroids atrás de nós antes de pegar a câmera em uma mesinha.

Uma onda de nervosismo me invade imediatamente quando meus olhos se fixam em todas as fotos de casais se beijando. Não há uma única foto de um casal que não esteja se beijando apaixonadamente. Olho para Jude, com o coração disparado. Não tem como fazermos isso, né? Mas Betty já está com a câmera na mão. Jude olha rapidamente de mim para a porta e de volta para mim, claramente perguntando: Quer dar o fora daqui? Engulo em seco, balançando a cabeça levemente para dizer que tudo bem. Vou dar só um selinho rápido nele. Amigos que fingem estar noivos fazem isso o tempo todo, não é?

"Ok, no três, você se beija", instrui Betty com um sorriso por trás da câmera.

"Um..."

O aperto de Jude ao meu redor se intensifica. *Isso está mesmo acontecendo?*

"Dois..."

Meus dedos dos pés se esforçam para me levantar um pouco mais enquanto a mão de Jude acaricia meu queixo. *Tocar o rosto é uma forma de preliminares?*

"Três!"

Ele se inclina, perto o suficiente para que eu alcance sua boca, mas para um pouco antes dos meus lábios para me lançar um último olhar inquisitivo. Isso está certo?

É a preocupação constante dele que finalmente me cede. Com o corpo tremendo, inclino meu rosto para roçar meus lábios nos dele em um único beijo casto.

Mas eu não contava com a sensação. Num instante, percebo que calculei mal o quão quentes e deliciosamente macios seriam seus lábios. O quão preciosa e desejada sua mão em meu rosto me faria sentir. Preciso me afastar, mas então seu polegar acaricia minha maçã do rosto, sua boca pressionando a minha com tanta ternura que meu coração se convence de que ele me adorou o tempo todo. Meus braços sobem para envolvê-lo pelo pescoço, e um som baixo emana do centro do seu peito. Ele viaja direto para o meu, e eu me aproximo ainda mais, desejando que isso nunca acabe.

Vagamente, ouço o clique da câmera, mas ele ocupa apenas um por cento da minha consciência enquanto todos os sentimentos que me esforcei tanto para reprimir se rebelam. Jude interrompe o beijo por um instante antes de seus lábios pressionarem os meus novamente em um novo ângulo, como se precisasse sentir aquele momento do primeiro contato mais uma vez. Minha mão desliza para a nuca musculosa dele, e percebo que nunca senti esse tipo de dor antes — aquela que derrete barreiras e negação como se tivessem sido jogadas ao sol.

A câmera clica novamente, e Betty está dizendo algo, mas não ouço porque Jude está afastando a boca, a respiração ofegante enquanto seus olhos perplexos encontram os meus. Não consigo soltá-lo. Se eu o fizer, significa que tudo acabou.

O riso cúmplice de Betty me atinge como se eu o ouvisse debaixo d'água. "Vou voltar para a cozinha, mas me chamem quando tiverem feito suas escolhas, pombinhos. Tirei uma foto extra para vocês guardarem."

Ela sai, e meus olhos se fecham enquanto tento voltar a mim. Mas então Jude segura meu queixo, e sou obrigada a olhar diretamente para ele. Seus olhos estão desesperados, e minha visão escurece nas bordas quando sua outra mão desliza para a minha lombar.

“Você tem um pouquinho aqui. Bem aqui”, ele diz com a voz rouca, levando o polegar até a borda do meu lábio inferior. O toque é lento e leve como uma pluma. Quando ele leva a ponta do polegar à boca, lambendo o excesso de geleia, deixo de ser uma pessoa e aceito minha nova identidade como uma enorme terminação nervosa.

Passo a língua rapidamente sobre o lugar que ele tocou, ainda sentindo o gosto doce e pegajoso. “Acho que você deixou um pouco para trás.”

Ele acena com a cabeça como se tivesse ocorrido uma grave injustiça, e então o dorso de seus dedos acaricia suavemente a parte inferior do meu queixo, enviando uma onda de desejo por todo o meu corpo. *Adeus, respiração. Você foi divertida enquanto durou.* Em algum lugar no fundo do meu cérebro, eu sei que isso é uma má ideia, mas quando as pontas dos seus dedos percorrem a linha do meu pescoço, meu cérebro grita CONSEQUÊNCIAS, QUE SE DANE! como se estivesse convocando um exército de más decisões.

"Eu prometi que não ia te beijar", ele diz, mas parece que está falando sozinho, tentando reunir os últimos vestígios de pensamento racional.

"Mas você já beijou", eu o lembro, deixando o resto do meu argumento no ar. O que é mais um?

Ele acena com a cabeça, como se minha lógica fosse irrefutável. "É verdade", concorda. "E Betty poderia voltar. Seria suspeito se nos separássemos."

Definitivamente, há falhas nessa lógica. Mas meus olhos estão fixos em sua boca deliciosa, e me vejo concordando com a cabeça mesmo assim. "Tão suspeito", sussurro.

Quando seus lábios quentes roçam os meus novamente, estão baixos e descentrados enquanto ele lambe os últimos vestígios de geleia. Um pequeno suspiro escapa de mim, mas então sua boca se afasta. Não! Minhas mãos se apertam em sua gola, e seus olhos encontram os meus em silenciosa compreensão. Quando o puxo para trás, ele finalmente me beija como eu preciso, e um pensamento oblitera todos os outros.

Chocolate.

Ele estragou tudo para mim. Nunca mais vou conseguir comer nem um M&M sem ficar dolorosamente excitada. Minha mão desliza para a nuca dele — cabelo grosso, sedoso e feito para ser puxado — e eu me perco. O toque quente e delicioso da língua dele na minha é melhor do que qualquer fantasia secreta, porque eu não sabia. Não fazia ideia de que um beijo pudesse ser assim — um incêndio indomável e vivo entre duas pessoas.

Com um gemido, Jude segura meus quadris e me vira contra a mesa, e é como se toda a frustração acumulada entre nós finalmente encontrasse uma válvula de escape. Mordo o lábio inferior que já me levou à loucura inúmeras vezes, e então ele suga minha língua, morde meus lábios, nenhum de nós conseguindo se satisfazer. Um grunhido escapa do fundo do seu peito enquanto ele pressiona os quadris com mais força contra os meus, precisando estar mais perto. Quando ele me levanta e me coloca sobre a mesa, abrindo espaço entre minhas pernas, eu gemo em sua boca exigente. O tamanho e o calor dele transformam qualquer resquício de autocontrole em uma explosão de açúcar de confeiteiro, espalhando-se ao vento.

Seus dedos acariciam meu pescoço, seus lábios e dentes seguindo o rastro, e minha cabeça cai para trás. O que eu tenho feito da minha vida se não for isso, e somente isso? A cada toque quente de sua boca carnuda na minha pele, me sinto mais viva do que em anos. A cada gemido com meu nome, sei que não sou a única

que passa noites em claro tentando negar o que claramente ambos desejamos. Ele é completamente errado para mim, quando eu deveria estar procurando alguém que queira as mesmas coisas que eu. Alguém como—

"Henry!" Eu grito.

Jude solta o brinco que estava puxando com os dentes no mesmo instante em que me dou conta de que estou sentada na mesa de degustação de bolos e — a julgar pela umidade que escorre pela parte de trás da minha saia — também em uma fatia de bolo. Ele levanta a cabeça para me encarar, atordoado e confuso.

"Eu não estou—" ele começa a dizer, mas então o balde de água gelada que me atingiu parece encharcá-lo também. "Droga", ele sussurra com a voz rouca.

Nos encaramos, ambos calculando mentalmente o quanto traímos Henry. A culpa me atinge como uma onda gigante que eu não esperava, e Jude deve ter percebido isso estampado no meu rosto.

"Você não fez nada de errado", ele diz rapidamente, mas tenho quase certeza de que ele está errado, porque ainda consigo sentir o gosto de chocolate na boca dele. Começo a balançar a cabeça negativamente, mas ele me interrompe. "Eu sou o melhor amigo dele, Gracie. Eu sou o idiota aqui."

"Meu Deus", digo baixinho, o pânico me dominando.

"Eu te beijei quando disse que não ia", ele continua, se afastando para que eu possa fechar as pernas e puxar minha saia, que também é cúmplice. "Vou contar para ele o que aconteceu. Vou dizer que a culpa é minha." A tristeza estampa cada linha do seu rosto. Seu cabelo está bagunçado e, de alguma forma, há glacê rosa na maçã do rosto que meu instinto ainda quer lamber. "Meu Deus, me desculpe, porra."

"Não foi só culpa sua", digo, com a voz estridente. "Caso você não tenha percebido, eu praticamente comi seu rosto!"

"Droga", Jude diz novamente, pressionando a mão sobre os olhos. Ele encontra a cobertura, olha para a mão e diz "*Droga*" mais uma vez, só para garantir.

Enquanto isso, eu tenho uma visão desimpedida da virilha dele e quase desmaio. Isso era para ser um recado de trabalho, não a cena de abertura de um filme pornô de confeitaria! Levo uma mão trêmula para ajeitar minha franja, mas ela está coberta com a mesma cobertura rosa que estava no rosto de Jude. *Mistério resolvido.*

Olho para baixo e vejo que devo ter colocado a mão no bolo Battenberg rosa e branco que está meio amassado embaixo da minha bunda. *ÓTIMO.*

Antes que eu consiga me levantar, Jude volta com um monte de guardanapos que encontrou em algum lugar. "Aqui, deixa comigo", diz ele, fazendo um movimento como se fosse me limpar. Mas, francamente, a última coisa que eu preciso agora são as mãos mágicas desse homem perto da minha bunda, então pego os guardanapos dele rapidamente.

"Eu consigo", digo, pulando da mesa e ficando com as pernas bambas.

"Gracie, precisamos conversar. Se isso for—"

"Não quero conversar, Jude!" digo, tentando falar baixo enquanto limpo, tremendo, o bolo da minha saia. "A gente... levou a brincadeira longe demais", insisto, tentando apagar cada momento em que meu coração queria acreditar que nosso beijo significava alguma coisa para ele. Jude, o tal especialista em casos de uma noite só. Jude, tão inacessível que incentivou o melhor amigo a me chamar para sair. O arrependimento me invade até quase me sufocar, porque agora Henry, que sempre foi gentil e realmente interessado em mim, vai descobrir o que fizemos e vai ficar muito magoado.

"Brincadeira?" Jude repete, como se não estivesse entendendo.

"Para impedir que a Betty cancelasse nossa degustação! Eu... eu só me deixei levar pela situação. Não é como se houvesse algo entre nós, né?" Dou uma risada meio maníaca. "Eu vivo para o romance. Você o destrói por profissão! Não poderíamos ser piores um para o outro."

"Você acha que eu não sei disso?" ele retruca, jogando o guardanapo com listras rosa na mesa depois de enxugar o rosto. "Por que você acha que eu disse para o Henry te chamar para sair? Ele é o melhor homem que eu conheço, e você... você é tão perfeita." Ao ver minha expressão de surpresa, ele desvia o olhar. "Para ele, quero dizer. Eu sou a última pessoa com quem você quer ter qualquer coisa a ver, Gracie."

Eu sei que ele tem razão — ele é a escolha errada por tantos motivos, mas isso não impede que meu coração se parta ao ver como ele se descarta automaticamente. Não silencia a parte inconsciente de mim que ainda deseja estar em seus braços. Mas tenho meu futuro para pensar, e o fato é que não queremos as mesmas coisas.

"Foi só um erro", sussurro, à beira das lágrimas. "Meu encontro com o Henry é amanhã, e ele também é perfeito para mim, Jude. Eu realmente não quero perder minha primeira chance de ter um relacionamento normal e saudável em anos."

Quando ele olha para mim novamente, está tão lindamente perturbado que me dá vontade de tapar os olhos.

“Você tem razão. Foi um erro meu”, diz ele com voz apática. “Desculpe por ter ido longe demais. Por ter fingido por um segundo que você queria outra coisa”—as sobrancelhas dele se juntam—“algo diferente”.

Com a resignação silenciosa em sua voz, meu coração dispara. Por um instante, é quase irresistível interpretar suas palavras de forma errada — que ele pensou que eu o quisesse. Mas, nas últimas semanas, ele deixou claro que prefere uma conexão física, sem compromisso. Era isso que ele fingia que eu queria — a única coisa que ele se sente confortável em me dar. Mas eu preciso de muito mais do que isso. Infelizmente, talvez eu tenha acabado de perder minha melhor chance de encontrar isso.

“Preciso contar para ele”, sussurro. “Vou fazer isso antes do nosso encontro.”

“Não, não conte.”

Olho para ele bruscamente. “Jude, ele precisa saber. Não seria justo.”

“Sim, obviamente, mas a responsabilidade é minha, Gracie. Você tem o direito de beijar quem quiser, mas eu acabei de trair meu melhor amigo. Preciso ser eu a contar para ele.”

“E você vai garantir que ele saiba que não significou nada, certo? Foi só uma brincadeira boba.”

Ele desvia o olhar, mas não antes de eu ver algo que parece alarmantemente mágoa cruzar seu rosto. “Claro.”

Respiro fundo, tremendo. “E você acha que ele vai entender?”

Jude me olha, com uma expressão indecifrável. “Eu vou fazer ele entender.”

Assinto, grata e arrasada. “Obrigada, Jude.”

Ele acena com a cabeça. "Vou pegar umas marmitas e me despedir da Betty por nós."

Ele sai caminhando em direção ao depósito, com a cara de quem acabou de ser atacado por uma mulher perigosamente carente de sexo. Solto um gemido baixo e desesperado. Todo esse passeio foi um fracasso total.

Mas, de alguma forma, a suspeita de que magoei o Jude é pior do que qualquer outra coisa.

19 GRAÇA

Quatro Semanas Antes do Casamento

Será possível morrer de silêncio constrangedor? Com a minha vergonha ainda em níveis potencialmente fatais depois de sair da confeitaria, peço a Jude que me deixe no estúdio de Sofia em vez de encarar a viagem de uma hora de volta para Larkwood com ele. Ele não discute. Apenas acena com a cabeça num silêncio que presumo ser de choque, enquanto eu mando mensagens frenéticas para Sofia.

Felizmente, ela responde que adoraria me ver, mas com uma condição: terei que comparecer ao jantar comunitário que será realizado no KILN. Suspiro. Ser pressionada a alugar um espaço no estúdio é o oposto de como eu imaginava passar a noite (no meu cobertor com mangas e com meus velhos amigos, Ben & Jerry). Mas, a essa altura, eu pularia de um avião em pleno voo só para escapar da presença de Jude.

Chegamos ao prédio e, depois de uma despedida atrapalhada e sem nenhum contato visual, saio do carro. Respirando fundo, aliviada por não ter o cheiro de Jude, acho que nunca fiquei tão aliviada em ver Sofia na minha vida.

"Gracie! Que bom que você veio!", ela diz quando a encontro na entrada do estúdio.

“Você não faz ideia de como estou feliz em te ver”, digo enquanto Jude se afasta dirigindo.

Ela me pega pelo cotovelo e me puxa para dentro. “Vamos. Mal posso esperar para você conhecer todo mundo.”

Ainda estou me situando enquanto entramos em um estúdio grande e iluminado no primeiro andar, e um pequeno aperto no peito me invade ao olhar ao redor da

sala lotada. Repleta de equipamentos pesados de gravura e todos os apetrechos característicos de um artista tentando ganhar a vida fazendo o que ama, este espaço me lembra uma vida que deixei para trás.

Afastando esses pensamentos em silêncio, levanto a caixa enorme com restos de bolo de casamento, que parece uma prova de cena de crime, e pergunto: “Onde eu coloco isso?”

Os olhos dela brilham. "Sigam-me."

A sala está repleta do que parece ser toda a cena artística de Providence — uma galeria ambulante de bigodes impecavelmente encerados, cortes de cabelo assimétricos e até alguns bebês com mullet.

Sofia responde aos cumprimentos enquanto caminhamos em direção às longas mesas no fundo, abarrotadas de comidas compartilhadas. Em pé atrás da mesa, servindo-se de salada de quinoa, está uma mulher bem vestida, com longos cabelos negros e lisos e uma pele absolutamente perfeita. Ela sorri para Sofia e para mim como se estivesse nos esperando.

"Oi, Sofia!", diz ela, afastando o prato para abraçar Sofia com um braço só. Ela a solta e sorri para mim em seguida. "Você deve ser a Gracie. Já ouvi falar muito de você! Eu sou a Jae."

“Que bom que vocês duas finalmente estão se conhecendo”, diz Sofia enquanto apertamos as mãos. “Gracie, a Jae também é uma expert em roupas infantis e aluga o estúdio acima deste. Ela cria roupas infantis orgânicas de arrasar, que esgotam assim que ela posta as novidades.”

Jae acena com a cabeça e faz um gesto com a mão, como se entrar no mercado supercompetitivo de roupas infantis de luxo fosse a coisa mais fácil do mundo. “A Sofia me contou tudo sobre a Grace & Veil e me mostrou fotos de alguns dos seus designs”, diz Jae, com entusiasmo transbordando. “Mal posso esperar para ter você como minha vizinha de estúdio. Quem sabe até colaborar em alguns conjuntos para daminhas de honra?”, sugere ela, com a voz sedutora.

“Eu—”

Mas não consigo terminar a frase porque, de repente, o ambiente fica sufocante, e estar ao lado dessa mulher linda e bem-sucedida, que está vivendo uma versão do meu sonho fracassado, é como olhar para um espelho distorcido de oportunidades que poderiam ter sido.

“Nada está definido ainda”, Sofia se apressa em dizer, colocando uma mão delicada no meu ombro como se eu fosse um cavalo prestes a disparar. “A Gracie deu uma pausa temporária nos negócios e está trabalhando como cerimonialista agora. Mas a situação dela pode mudar nos próximos meses.”

A expressão de Jae se fecha um pouco, mas logo se ilumina. "Bem, eu realmente espero que você considere reabrir a Grace & Veil." Ela olha para Sofia e ri. "Dá para perceber que estou desesperada por alguém no prédio cujos olhos não se vidrem quando eu começar a falar sobre corantes vegetais para tecidos?"

Jae e Sofia parecem felizes em conduzir a conversa enquanto eu contribuo com o mínimo possível. Por dentro, estou desmoronando. Parada neste estúdio perfeito, eu daria tudo para voltar no tempo e evitar todos os erros que cometi da primeira vez.

Mas agora, com dívidas estudantis enormes, um oceano de dívidas de cartão de crédito e uma pontuação de crédito que faria qualquer credor chorar de medo, a ideia de reabrir a Grace & Veil não é uma ideia — é uma impossibilidade. E mesmo que eu decidisse vender meu amado, porém decadente, galpão de armazenamento de 55 metros quadrados que se autodenomina chalé, não há como quitar minhas dívidas. É por isso que afasto essa ideia da minha mente à força.

As próximas duas horas são um turbilhão entre manter um sorriso no rosto e tentar não pensar na enorme mancha de glacê na parte de trás da minha saia ou na Polaroid condenatória que enfiei na bolsa no último segundo. Conheço tantos artistas incríveis que parecem convencidos de que estou prestes a me juntar ao grupo, e minha exasperação com Sofia e com todo esse dia está quase explodindo.

Quando o evento termina, Sofia se aproxima de onde estou guardando algumas sobras. "Então", ela diz. "O que você acha? Meu estúdio ainda não está aberto, mas sei que todos ficariam muito animados em te receber aqui."

Ela parece nervosa, o que não é comum para ela, e a vontade imediata de apaziguar seus conflitos com a minha frustração. Coloco a embalagem da comida para viagem na mesa.

"Eu sei que você só quer o melhor para mim, mas eu gostaria que você não tivesse dado a entender que eu já tinha assinado um contrato de aluguel e alugado um caminhão de mudança."

Ela faz uma careta, colocando seus cabelos escuros e cacheados atrás da orelha. "Eu sei", ela diz. "Desculpe por ter me empolgado. Mas você está prestes a passar por uma grande mudança, não importa o que aconteça com Larkwood, e eu só quero que você mantenha suas opções em aberto."

"Mas você sabe que reabrir a Grace & Veil *não é* uma opção para mim", lembro a ela. "Se tudo der errado e eu não conseguir fazer o Jude mudar de ideia, vou precisar encontrar outro emprego o mais rápido possível."

Ela me puxa até umas cadeiras dobráveis e, relutantemente, eu me sento. "E como está indo?", ela pergunta. "Algum sinal de que ele possa ser convencido?"

Num instante, estou de volta à padaria com as mãos emaranhadas em seus cabelos escuros e seus dentes roçando meu pescoço. Apoio os cotovelos nos joelhos e o rosto nas mãos, tentando respirar normalmente.

"Nossa", diz Sofia. "O que aconteceu?"

Então eu conto a ela. Conto sobre nossa brincadeira idiota que fez meu cérebro ir parar entre as minhas pernas. Como eu praticamente o arrastei para me beijar e, para minha vergonha, como foi o beijo mais quente da minha vida — ou talvez da vida de qualquer pessoa.

“Eu sabia. Eu sabia que isso ia acontecer! Não dá para quase dar um beijo e depois não rolar. É tipo, contra as leis da tensão sexual!”

“Não ajuda em nada”, digo, inclinando a cabeça entre as mãos para encará-la.

“Você gosta dele?”

“Não vem ao caso.”

“Pelo contrário, eu diria que é um ponto bem relevante, já que você acabou de trocar fluidos corporais com ele.”

“Eca, mas, de novo, gostar ou não dele não vem ao caso. Ele tem as preferências amorosas de uma ostra, tem acesso aos códigos nucleares da minha vida e eu vou sair com o melhor amigo dele amanhã!”

“O quê?”

"Eu sei." Gemei, tomada pela culpa mais uma vez. "O nome dele é Henry, e ele é literalmente perfeito para mim. Bonito, tem um emprego estável, está emocionalmente disponível e não tem histórico de enviar fotos de pênis sem ser solicitado."

"Nossa", ela disse, arqueando as sobrancelhas por cima dos óculos de armação dourada. "Impressionante."

"Exatamente. Por isso beijar o Jude não foi legal."

Ela inclinou a cabeça e me lançou um de seus olhares mais astutos. "Então por que você fez isso?"

Sem querer, levei a mão à boca, que ainda estava marcada pelo beijo dele. Fechei os olhos, lembrando-me da sensação de ser o foco do seu olhar faminto e das suas mãos autoritárias. Eu... estou muito atraída por você.

"Você tem água?" perguntei com a voz rouca.

Sofia me lança um olhar cúmplice e me entrega sua garrafa d'água.

"Então, é só físico?", ela pergunta enquanto eu tomo um gole profundo. Juro que ouço a água chiar ao atingir o fundo do meu estômago.

"Com certeza", insisto, sem parecer nada convicta. "Ele está tentando me despejar. Me demitir. Destruir o emprego dos meus amigos e pisotear o legado da Agatha." Esfrego o espaço entre as sobrancelhas e fecho os olhos. "Mas ele também é incrivelmente atencioso, engraçado e tem medo do próprio gato, e quando conversamos, eu esqueço completamente que ele está arruinando a minha vida! É horrível."

"Então, você quer dizer que definitivamente não é só físico", ela diz com um sorriso irônico.

"Você sequer ouviu o que eu acabei de dizer?"

"Ouviu? Vocês obviamente gostam um do outro, Gracie."

“Quer dizer, eu gosto dele, mas não gosto”, digo, imaginando quantos alunos do ensino fundamental disseram a mesma coisa hoje.

Ela me lança um olhar incrédulo e indiferente.

Rapidamente, digo: “Jude admitiu abertamente ser um sinal de alerta ambulante e não se envolve em relacionamentos. Mesmo que Larkwood não estivesse em jogo, não é isso que eu procuro. *Henry* é quem eu procuro.”

Torço as mãos no colo, sem conseguir deixar de notar a falta de convicção ao dizer isso. Mas confiar na minha intuição não funcionou para mim no passado, e não vou tentar de novo quando tudo o que ela parece fazer é repetir o nome *Jude, Jude, Jude*. Então, em vez disso, digo a ela: "É a primeira vez que me sinto aberta a

namorar alguém desde o Calvin, mas tenho medo de já ter estragado minha chance com ele ao beijar o Jude."

Sofia cruza as pernas na cadeira. "Gracie, você nem saiu com esse cara ainda. Não é como se você tivesse assinado um contrato de monogamia com ele. Não é o ideal que eles sejam melhores amigos, mas você tem todo o direito de curtir a vida de solteira e, sinceramente, você precisava de um beijo incrível. Jude pode não ser o cara com quem você vai construir uma vida, mas pelo menos ele te tirou dessa fossa."

"Então, você acha que eu não deveria contar para o Henry sobre o beijo antes do nosso encontro? Jude disse que queria falar com ele primeiro, mas eu acho que também devo falar sobre isso."

“De jeito nenhum. Você é uma agente livre, pode beijar quem quiser, onde quiser, quando quiser, até que ambos decidam ter um relacionamento exclusivo.”

“Mas eles são melhores amigos.”

“Então deixe que os melhores amigos resolvam isso entre si. Você não pode se culpar por ser tão linda a ponto de ter pretendentes disputando sua atenção.”

“Você faz parecer muito mais romântico do que realmente é.”

“Gracie, isso é o auge do romance! Quais são as chances disso virar um trisal?”, ela pergunta, arqueando as sobrancelhas para mim.

Eu rio, o que definitivamente não estava nos meus planos para hoje, e, em gratidão, a abraço forte. Ela retribui o abraço e diz: "Vai ficar tudo bem, sabe? Mesmo que você perca Jude, Henry e Larkwood, vai ficar tudo bem. Você vai voltar para Providence! Eu vou ter minha melhor amiga de volta!"

Sento-me para olhá-la. "Do que você está falando? Você ainda me tem."

Ela abaixa os olhos para o colo e diz: "Quer dizer, sim, mas não é como antes, quando você morava na cidade."

Nesse momento, olho para ela com mais atenção. Cheguei aqui tão absorta nos meus próprios problemas que não notei o tom arroxeado sob seus olhos e as linhas de expressão ao redor da boca. "Sof, está tudo bem?"

Ela levanta um ombro delicado, mas não me encara. "Estou bem. Só tenho estado muito ocupada."

"Com o trabalho? Com o Sasha?", pergunto, percebendo que faz muito tempo que não converso com ela. Seu relacionamento turbulento com Sasha (um artista

atormentado que a chama de musa, mas insiste em espaço sempre que ela insinua exclusividade) é uma fonte constante de sofrimento para ela.

Ela revira os olhos. "O Sasha foi para Joshua Tree semana passada. Ele provavelmente está trocando retratos por Quaaludes em alguma colônia de nudistas."

"Faz sentido. E como você se sente com a partida dele?", pergunto, sabendo que ela provavelmente está sofrendo mais do que demonstra.

“Sinceramente, espero que ele fique por aí”, ela diz baixinho. “Eu sei que sempre digo que é só um lance casual, mas tem uma parte de mim que secretamente torce para que ele amadureça e pague o aluguel do estúdio em dia. Isso e, você sabe.” Ela dá uma risada amarga. “Me ame.”

É tão parecido com as minhas próprias esperanças frustradas em relação ao Calvin que meu coração se parte, sabendo que ela também passou por decepções semelhantes. Apoio a cabeça no ombro dela. “Sinto muito. Você sabe que eu já passei por isso, e é literalmente a pior sensação.”

“Pelo menos o Calvin teve a decência de terminar com você pessoalmente”, ela diz sem ânimo. “Eu recebi um recibo numa caixa de pizza engordurada e um estúdio abandonado cheio de pinturas de masturbação.”

“Que se dane aquele cara”, digo, com a raiva fervendo por dentro.

“É”, ela concorda, mas sem a intensidade que eu esperava. “Que se dane aquele cara.”

“Eu queria que você tivesse me contado. Eu poderia ter, sei lá, esfregado lírios escondidos na bolsa de pincéis dele. Eles dão uma baita crise de espirros nele, né?”

Ela bufa. “Brilhante, como sempre. Mas você já teve problemas demais.”

“Eu sempre quero que você me conte o que está acontecendo”, insisto. “Eu quero ajudar.”

Ela se vira para me olhar. “Gracie, você não tem tempo para me ajudar.”

Estou prestes a argumentar que sempre arranjarei tempo para ela, mas ela levanta a mão. "Olha. Conheço você há quase toda a minha vida e, embora você tenha muitas qualidades, dizer não não é uma delas. Você se dedica completamente às pessoas que ama, mesmo quando elas não merecem. E sim, para deixar claro, estou falando da sua família e do Calvin." Ela suspira. "Não quero ser mais uma pessoa na sua vida para quem você não consegue dizer não."

Engulo em seco, com um nó na garganta, porque ela tem razão. Sei que sou uma pessoa que tenta agradar a todos, mas nunca imaginei que isso pudesse magoar alguém além de mim mesma. "Sei que tenho assumido muitas responsabilidades ultimamente, mas isso não significa que você seja menos importante para mim."

“Eu sei disso”, ela diz. “Acho que só estou com saudades. Não tenho mais ninguém com quem assistir filmes de zumbis.”

“Eu também estou com saudades”, digo, sentindo as palavras na alma. “Mas me promete que, não importa o quão ocupada eu fique, você não vai me esconder as coisas importantes, tá bom?”

Ela desvia o olhar. “Eu já disse, estou bem. Mas se você quiser me agradar, pode considerar alugar um estúdio, se algum ficar vago. Só para projetos pessoais!”, acrescenta rapidamente.

Tento não suspirar. “Vou pensar nisso.”

“Perfeito”, ela diz, se animando. “Agora me conta tudo sobre o Henry e esse encontro.”

Faço o possível para sorrir, desejando que a mudança na conversa me desse as borboletas no estômago que sei que deveria sentir. Em vez disso, meu estômago se revira, sabendo que o recomeço que eu tanto esperava já está uma bagunça, com glacê e batom. Mas, com sorte, o jantar com Henry me colocará de volta nos trilhos.

Tudo o que preciso fazer agora é esquecer o melhor beijo da minha vida e fingir que não quero nada com o homem que me deu esse beijo.

20 GRAÇA

Quatro Semanas Antes do Casamento

Apesar da insistência de Sofia para que eu agisse com naturalidade perto de Henry, ela parece ter esquecido que sou incapaz de agir com naturalidade, nunca. Enquanto caminho em direção ao restaurante onde ele disse que nos encontraríamos, a palavra "naturalidade" me parece tão estranha quanto Júpiter. Esta manhã, depois da minha corrida matinal para aliviar o estresse, recebi uma mensagem de Jude com três das palavras mais apavorantes que já li: Eu contei para ele.

Liguei para Jude imediatamente, mas ele não atendeu. Em vez disso, recebi outra mensagem.

> Jude: Estou indo para uma reunião. Gracie: O que ele disse? Ele está bem? Jude: Ele está bravo comigo, mas não com você. Ele ainda quer jantar. Gracie: É só isso que você vai me dizer? Que detalhes você contou para ele? Você acha que ele vai tocar no assunto hoje à noite? Jude: Preciso ir. Espero que vocês dois se divirtam hoje à noite.

Depois dessa última mensagem, ele colocou o celular no modo "Não perturbe" e eu fiquei sozinha pensando se mandava uma mensagem para o Henry ou se me jogava no mar. No fim, não fiz nenhuma das duas coisas, e preferi me afundar no trabalho e nos preparativos da festa da minha mãe. Mas agora estou aqui, e evitar o problema com listas de tarefas não é mais uma opção. Respiro fundo e entro no restaurante.

Olhando ao redor, fico impressionada com o quão romântico e chique (com C maiúsculo) é o lugar por dentro. O ambiente é intimista e de um moderno bom

gosto, em tons suaves de rosa com toalhas de mesa brancas impecáveis. O cheiro é de pão fresco e cheques flambados. Imediatamente, minha culpa aumenta. Faz anos que ninguém me convida para jantar em um lugar tão agradável. *Mas ele não cancelou*, lembro a mim mesma. Ele também quer dar uma chance a este lugar.

Depois que o anfitrião me cumprimenta, sou conduzida pelo salão de mesas artisticamente arrumadas até que o encontro. Henry se levanta imediatamente, vestido com um impecável terno azul e camiseta branca, e fico aliviada ao vê-lo sorrindo.

"Oi", ele diz, aproximando-se para me dar um beijo na bochecha enquanto o anfitrião desaparece. Ele é apenas alguns centímetros mais alto que eu, o que significa menos necessidade de me curvar e andar na ponta dos pés do que com certas pessoas muito altas que não merecem atenção. Claramente uma vantagem. Henry se afasta e diz: "Você está linda".

Sinto meu rosto corar ao sentir o aroma picante de seu pós-barba. "Obrigada, você também."

Ele sorri, exibindo suas covinhas, enquanto puxa a cadeira para mim. "Bem, eu depilei minha monocelha só para você."

Uma risada surpresa escapa de mim enquanto me acomodo na cadeira e Henry se senta à minha frente. "A depilação cuidadosa antes do primeiro encontro nunca deve ser subestimada."

"Principalmente porque a depilação é a única coisa que me diferencia da minha avó de oitenta e três anos."

Eu sorrio, mas o elefante na sala poderia muito bem estar empoleirado nos meus ombros. Felizmente, ele percebe e quebra o gelo.

"Então. Você e o Jude. Ouvi dizer que ele levou as coisas para outro nível na confeitaria."

Sinto o rosto corar enquanto todas as minhas desculpas borbulham como lava. "Foi um completo acidente", eu deixo escapar. "A moça da confeitaria teria nos dispensado se não achasse que éramos o casal e—"

"Gracie, relaxa", ele interrompe, inclinando-se para frente para encontrar meu olhar. "Jude explicou tudo. Estou irritado porque ele não te deu um beijo na bochecha como um cavalheiro? Sim, estou. Mas ele disse que você deixou claro que não está interessada nele dessa forma, e ele não é o tipo de cara que se interessa por

algo sério.” Ele se recosta, franzindo as sobrancelhas em preocupação. “Mas eu queria confirmar o que ele disse. Que você não está interessada nele, quero dizer.”

Você parecia bem interessada nele quando estava com a língua na boca dele, observa uma vozinha recatada. Ou quando você adormeceu ouvindo a voz dele ao telefone e acordou com saudades. Mas a verdade é que meus sentimentos equivocados por Jude são irrelevantes. Como Henry apontou, ele não está interessado em compromisso, e eu preciso me dar uma chance com alguém que esteja.

"O que me interessa", digo finalmente, "é encontrar alguém que realmente queira um relacionamento. Quero ver se existe essa possibilidade com você."

Ele me encara por um instante, como se estivesse tentando se certificar de que estou falando a verdade. Finalmente, ele diz: "Então, para mim, está ótimo."

Uma onda de alívio percorre meu corpo, e me livro da obrigação de pensar em outra coisa para dizer quando um garçom formal vier nos atender. Enquanto pedimos as bebidas e Henry continua a me encantar com suas piadas autodepreciativas e seu interesse genuíno pela minha vida, a tensão que fazia minha coluna parecer uma corda emaranhada nas últimas 24 horas se dissipa. Quando o segundo prato chega, conversar se torna fácil.

"Mas você gosta de ser advogado?", pergunto quando ele diz que costumava sonhar em ser chef de cozinha.

“Na maioria das vezes”, diz ele, girando distraidamente a taça de vinho. “Sempre me senti atraído por trabalhos com muitos detalhes para gerenciar.” Ele toma um gole e sorri com um ar melancólico. “Minha ideia de diversão na adolescência era aprender sozinho a usar um software de contabilidade para ajudar meus pais com a pequena empresa deles, caso você queira saber o quanto eu não transava no ensino médio.”

“Bem, por acaso, acho um conhecimento prático de QuickBooks muito atraente”, brinco, só percebendo o quão flertador soa depois que sai da minha boca. Estou prestes a me retratar, até me lembrar de que estou em um encontro. Eu deveria estar flertando. Mas até agora, apesar de suas covinhas e charme, tudo o que sinto por Henry é uma ótima química de amizade. O pior é que não tenho certeza se isso seria um problema para mim antes de conhecer Jude. Mas agora, falta algo — uma conexão que vai além de uma conversa divertida e preenche as

lacunas deixadas pela perda. Como se isso não bastasse, a completa ausência de qualquer desejo de colocar minhas mãos por baixo da camisa de Henry parece uma peça de quebra-cabeça que Jude roubou da caixa.

“Eu também adoro organizar detalhes e riscar itens de listas intermináveis”, digo, tentando mudar de assunto. “Principalmente se isso significa ajudar alguém em um momento importante da vida. Tenho certeza de que as pessoas ficam tão gratas pela sua ajuda com o processo de inventário quanto eu.”

“Você ficaria surpreso”, ele responde, sem demonstrar muita emoção. “Na maioria das vezes, as pessoas se perguntam por que demora tanto, mas de vez em quando consigo alguns clientes excepcionais. Como o Jude”, ele admite, enquanto tento disfarçar minha surpresa por ele tê-lo mencionado novamente. “Ele entende o processo melhor do que a maioria e está me pagando uma fortuna pelo trabalho em Larkwood. Nem sequer me ouviu quando ofereci meu preço para amigos e familiares.”

Dou um gole no meu vinho, grata por Henry não conseguir ouvir meu coração acelerar. "Que generosidade da parte dele. Larkwood deve ser um projeto enorme."

Henry termina de mastigar um pedaço e limpa a boca com o guardanapo. "Eufemismo do ano. Mas Jude jamais passaria pela cabeça de alguém." Ele me olha com algo parecido com apreensão. "Eu sei que ontem não foi o melhor momento dele, e não, eu não o perdoei completamente por isso, mas geralmente ele é o cara mais íntegro que eu conheço. Honrado, até, se é que isso ainda existe."

Baixo o olhar, mexendo nos últimos pedaços de comida do meu prato. "Minha opinião sobre ele definitivamente mudou conforme o conheço melhor", digo com cautela. "Mas às vezes ainda é difícil acreditar que ele tenha boas intenções quando ele é o principal motivo pelo qual posso perder meu emprego em breve."

"Eu entendo. Mas acredite em mim quando digo que ele não está fazendo isso levianamente. Seja qual for o motivo, sei que deve ser algo inevitável."

"Então, você não tem ideia de quem é o comprador misterioso dele, ou por que ele está agindo como se seus planos pudessem desencadear o Apocalipse se fossem revelados?"

Henry se ajeita na cadeira e coça a nuca. "Ah, tecnicamente não. Não."

"Tecnicamente não", repito, sem conseguir evitar me inclinar para frente na cadeira.

Henry hesita, girando lentamente a taça de vinho sobre a toalha de mesa branca. "Bem, se eu tivesse que arriscar um palpite, diria que o segredo dele tem algo a ver com a família."

"Ah", digo, surpresa com a resposta, já que tudo o que eu conseguia imaginar era Taylor Swift adicionando Larkwood ao seu portfólio imobiliário em Rhode Island. "Você quer dizer com a mãe dele sendo procuradora-geral? Tipo, poderia ser algo político?"

Henry recosta-se, franzindo as sobrancelhas. "Não, não acho que seja político. A família de Jude..." Ele me olha de relance, e eu tento não parecer uma jornalista investigativa que acabou de sentir o cheiro de sangue na água. "Só vou dizer que o conheço há muito tempo e nunca ouvi uma única história sobre a infância dele. Eu nem sabia que ele tinha crescido em Larkwood até conhecer Agatha na formatura e ela o obrigou a me levar para lá." Ele me lança um olhar irônico. "Até então, eu imaginava que ele simplesmente tivesse surgido do nada, completamente formado e de terno."

"Então, você acha que os motivos dele são puramente pessoais, em vez de relacionados ao trabalho?", pergunto, lembrando-me de como ele me disse que o comprador tinha certos objetivos "muito importantes para ele".

Henry dá de ombros. "Bem, com o Jude, o trabalho é pessoal."

Dou uma risadinha irônica. "Você quer dizer porque a maior alegria dele é ser o agente funerário dos relacionamentos dos clientes?"

Pela primeira vez na noite, Henry parece na defensiva, o que, depois do fiasco do beijo, é uma prova da sua lealdade como amigo. "Muita gente casa com a pessoa errada. E o Jude não trabalha só com os 'ricaços em iates' de Newport. Ele nunca mencionaria isso, mas quase 50% do trabalho dele é pro bono."

Parei abruptamente. "Ele pode se dar ao luxo de fazer isso?"

"Bem, a outra metade é do pessoal de Newport, então sim."

"Acho que, como organizadora de casamentos, foi fácil para mim julgá-lo", admito, sentindo-me envergonhada. "Um advogado de divórcio parece ser meu inimigo natural."

O sorriso fácil de Henry retorna. "Entendo. E, para ser justa, ele tem pavor de compromisso." Ele se inclina para a frente, apoiando os cotovelos na mesa e abaixando a voz. "Mas, se você quer saber minha teoria secreta, acho que ele

simplesmente ainda não encontrou a pessoa certa. Quando encontrar, tenho a sensação de que ele será um romântico insuportável ainda maior do que eu."

Ele sorri, e eu fico sem fôlego. A cada revelação que Henry faz sobre Jude, minhas dúvidas só aumentam.

Felizmente, não tive tempo de me demorar neles, pois o garçom veio retirar nossos pratos e substituí-los pelo prato principal. Durante o resto do jantar, não falamos sobre Jude, embora o pensamento dele persistisse como um fantasma bem-vestido nas margens da minha mente.

Não é justo com Henry. Para todos os meus padrões pré-Jude, foi o melhor encontro da minha vida. Mas, quando Henry e eu saímos do restaurante, as borboletas que eu vinha incentivando a alçar voo a noite toda pareciam ainda lagartas.

Ele me acompanha até meu carro sob as luzes douradas que cruzam o centro de Providence, nossas mãos nos bolsos. Trocamos olhares furtivos e ficamos em silêncio enquanto a eterna pergunta do primeiro encontro se intensifica: haverá um primeiro beijo também?

"Passei o último quarteirão inteiro tentando pensar em algo melhor para dizer do que 'Eu me diverti muito'", diz ele, virando-se para mim quando paramos em frente ao meu Camry. "Mas é a verdade. Eu me diverti muito, Gracie."

Ele diz isso com tanta sinceridade e está tão bonito sob a luz quente das lâmpadas que eu me arrependo de não ter vontade de beijá-lo. A minha versão antiga provavelmente estaria se perguntando se poderia perguntar casualmente quanto tempo ele acha que duas pessoas devem namorar antes de ficarem noivas. Mas, de alguma forma, nessas poucas semanas que o conheço, Jude pegou a lista de tudo que eu sempre achei que queria e acrescentou coisas que eu só senti com ele.

Tentei negar. Tentei ignorar a paisagem do meu coração que mudava rapidamente a cada uma de nossas conversas. Mas então ele mudou a química do meu cérebro com um único beijo. E depois disso, agora entendo que é possível saber que alguém é a pior pessoa para você, e ao mesmo tempo sentir que você pode morrer se essa pessoa nunca mais te tocar.

Por isso, apesar de todo o bom senso, enfio as mãos um pouco mais fundo nos bolsos do casaco e digo: "Eu também me diverti. Agora entendo todo o entusiasmo do Jude por você ser o melhor amigo dele."

Tento dizer isso com carinho, mas no instante em que a palavra "amigo" sai da minha boca, vejo um lampejo de decepção nos olhos de Henry.

“Eu me orgulho de não ser um péssimo amigo”, ele diz. “Mas tenho que admitir, estou interessado em algo mais do que isso com você, Gracie.”

Mais uma vez, Henry me prova que ainda existem homens neste mundo que têm a coragem de se entregar completamente. Meu instinto é tentar ignorar todas as dúvidas que Jude plantou e conquistar esse homem antes que alguém o descubra.

Mas a verdade é que eu esperava que esse encontro me fizesse sentir completamente apaixonada, e em vez disso, passei quase todo o nosso tempo juntos pensando no melhor amigo dele. E mesmo que eu não tenha futuro com Jude, não é assim que eu deveria começar um relacionamento com ninguém.

Forço-me a encontrar seu olhar esperançoso. "Eu também gosto muito de você. Mas não tenho certeza se existe aquela química, Henry", digo baixinho, quase pedindo desculpas.

Sua expressão se fecha enquanto ele fixa o olhar em um ponto distante. Quando volta a me encarar, seu olhar é determinado. "Escuta. Normalmente não sou insistente e jamais gostaria de te deixar desconfortável. Mas nem todo relacionamento precisa começar com fogos de artifício. Às vezes, devagar e sempre é a melhor maneira de construir algo duradouro. E, considerando que você é organizadora de casamentos, imagino que esteja interessada em encontrar aquela pessoa especial para compartilhar a vida. Casamento, uma casa própria, talvez alguns filhos, certo?"

Me remexo, imaginando se ele percebeu que acabou de falar a minha língua do amor com perfeita fluência. "Claro que adoraria encontrar essa pessoa", digo.

Ele acena com a cabeça, entusiasmado, como se eu finalmente estivesse entendendo. "Eu também! Então, me escuta — podemos ir no seu ritmo. Se precisar me colocar na friendzone por um tempo enquanto nos conhecemos, tudo bem. Eu sou praticamente o prefeito da friendzone. Só peço que não feche a porta para a possibilidade de algo mais."

Talvez ele tenha razão. Só porque meus sentimentos por ele não são do tipo avassalador, não significa que a paixão não possa surgir, certo? Dizem que o que queima mais forte também queima mais rápido. Já chega de paixões passageiras, e dadas as circunstâncias impossíveis com Jude, não sei o que mais poderia acontecer

entre nós. Talvez tudo o que eu precise para superar essa paixão ridícula seja um pouco de tempo. Então, respirando fundo, olho para Henry e digo: "Ok. Vamos com calma. Prometo não fechar a porta."

Ele sorri como se eu tivesse acabado de concordar em morar com ele e declarar imposto de renda em conjunto. Quando nos despedimos, não me afasto quando ele me dá um beijo suave na bochecha. Juro para mim mesma que darei a esse homem maravilhoso a chance que ele merece e ignorarei todos os meus pressentimentos falaciosos. Mas, durante o resto do caminho para casa, não consigo deixar de me perguntar se estou apenas iludindo nós dois.

21 JUDE

Quatro Semanas Antes do Casamento

Então é assim que é enlouquecer. Enquanto ando de um lado para o outro num quarto de hóspedes no segundo andar de Larkwood, fingindo catalogar antiguidades e obras de arte para leilão, o que estou realmente fazendo é inventar mais um motivo para olhar pela janela. Não por acaso, ela me dá uma vista direta do chalé da Gracie, que ainda está escuro. Pela sexagésima vez em tantos minutos, digo a mim mesma que só quero saber se ela chegou em casa em segurança. Quando ela voltar do encontro com o Henry, não vou descer para visitá-la. Não vou interrogá-la. Não vou pressioná-la contra a parede até que ela solte aqueles gemidos ofegantes que eu a fiz soltar na confeitaria, e—

Estalo.

A ponta do meu lápis quebra de tanto que eu a pressiono. "*Droga.*"

Do alto do encosto do sofá, Taco rosna para mim. Francamente, eu mereço. Esfrego a testa contra o vidro frio da janela. Ela está num encontro com o seu melhor amigo, lembra? Ela quer ele, não você.

Preciso me lembrar disso constantemente porque, por um breve instante, com as mãos dela emaranhadas no meu cabelo, achei que tudo tinha mudado. E mudou para mim. Mas aí ela sussurrou o nome dele. *Henry*.

É difícil respirar aliviada com a culpa me consumindo. Contar para ele que eu tinha beijado a Gracie foi uma das conversas mais vergonhosas da minha vida, e depois, jurei que pararia de pensar nela — a menos que fosse para me lembrar dos inúmeros motivos pelos quais ela é proibida.

Mas não consigo parar de repassar nosso beijo na minha cabeça até que a imagem dela com o Henry se torne uma faísca, uma onda de tensão no meu estômago. Passo a mão pelo rosto arranhado. Um relacionamento sério é algo que eu nunca me permiti sequer fantasiar. Desejar um agora faz minha pele parecer que encolheu na lavagem — apertada demais para a imensidão desse desejo.

Estou caminhando furtivamente em direção a uma velha escrivaninha de mogno para pegar um apontador de lápis quando ouço: o barulho de cascalho caindo.

Jogo minha prancheta e o lápis quebrado sobre a superfície polida, e a janela me puxa para trás como se eu fosse um lobo na coleira. Os faróis do carro dela passam rapidamente, e meu frágil autocontrole desaparece. Já estou saindo do quarto e descendo as escadas, com racionalizações superficiais circulando na minha mente.

Porque eu preciso saber — ela se divertiu com ele? Ela concordou em vê-lo de novo? Ou passou a noite inteira pensando no nosso beijo também?

Quando finalmente chego à porta dela, não penso; bato, só percebendo tardiamente que estou sem fôlego e sem nenhuma desculpa plausível para estar ali.

A porta se abre e lá está ela, com um vestido floral curto que realça cada uma de suas curvas. Seu cabelo está preso, deixando seu pescoço longo à mostra, e ela usa batom rosa e delineador preto. O que resta é um pensamento perturbador: *ela fez tudo por* ele.

"Jude", ela diz, com o rosto tomado pelo alarme. "Está tudo bem?" Ela olha para Larkwood e depois para mim. "Nada está pegando fogo, está?"

Você quer dizer além do meu cérebro?

"Não", eu a asseguro. "Não tenho essa sorte."

Ela solta um som irritado. "Você me assustou. Faz só uns nove segundos que cheguei em casa."

"Desculpe, eu só estava passando e vi você chegar."

As sobrancelhas dela se franzem. "Você estava passando perto da minha casa às dez da noite?" Os olhos dela descem até meus pés e voltam a subir. "De pantufas?"

Puta merda.

"São pantufas para usar dentro e fora de casa", minto, desejando que a terra tivesse a decência de me engolir inteira. "Estava mexendo nas coisas da vovó. Precisava de um pouco de ar fresco."

"Tem certeza de que está bem?", ela pergunta com um olhar preocupado.

Jesus. Com esforço, abro os punhos e tento me concentrar em qualquer coisa, menos no meu coração acelerado e nos meus malditos pés.

"Sim", digo, fechando os olhos por um instante. "Eu só..." Solto uma risada rouca e passo a mão no cabelo. "Só queria saber se você chegou bem em casa."

Sua expressão preocupada se desfaz em algo tão suave que presumo ser pena. "Quer entrar?", ela pergunta baixinho.

"O quê?", respondo estupidamente, certa de que ouvi errado.

"Quer dizer, a menos que você tenha outro lugar para onde ir com esses chinelos de coelho", ela diz com um sorriso irônico.

Aliviada demais para sentir vergonha, digo: "Claro. Quer dizer, sim. Só se você não se importar com a companhia."

Ela me lança um olhar indecifrável, mas não diz nada ao me deixar entrar.

Assim que a porta se fecha atrás de nós, ela imediatamente tira os sapatos de salto com um leve suspiro de alívio. É um momento tão banal, cotidiano, mas, de alguma forma, íntimo. Como se o homem que presencia isso devesse ser o mesmo que prepara um banho para ela no fim do dia e a leva para a cama. Mas eu não sou esse homem. Sou um completo psicopata de chinelos, invadindo sua privacidade depois de um encontro com outra pessoa. Com o Henry.

Com esforço, me obrigo a não perguntar sobre isso. Não é da minha conta.

"Você está com sede?", ela pergunta enquanto se serve de um copo d'água na cozinha.

Se ela soubesse...

"Não, estou bem, obrigada."

Enquanto ela caminha de volta em minha direção, procuro desesperadamente por algo além da única pergunta que quero fazer.

“Como foi o planejamento do casamento esta semana?”, finalmente pergunto.

Ela me lança um olhar aflito. “Foi uma correria. Minha lista de tarefas está com uma coisa que não diminui nunca, e acabei de descobrir que uma das minhas assistentes habituais para o dia do casamento estará viajando.”

“Você pode contar comigo”, digo. Seu olhar se ergue para o meu. “Posso ajudar com o que você precisar.”

Seus ombros relaxam um pouco. “Agradeço. Não tinha certeza se você era alérgica a casamentos e se planejava dar uma desculpa de última hora.”

“Tudo bem, vou deixar minha caneta de adrenalina à mão.”

Ela bufa e toma outro gole d'água. Desviando o olhar, meu olhar se detém nos rolos de tecido no canto escuro da sala. "Então, você pretende fazer um vestido para isso? Algo de outro filme da Audrey?"

"Você quer dizer com todo o meu tempo livre?", ela responde com um franzir de sobrancelhas sarcástico. Mas então ela baixa os olhos para o copo d'água. "Aquilo era só para a Agatha. Eu não costuro mais."

"Por que não?", pergunto, surpresa. "Muito ocupada lidando com homens que estão sabotando sua vida?"

Ao ouvir isso, ela revira os olhos, mas seu desconforto repentino é inegável. Depois de um instante, ela diz: "Eu tinha um negócio de design de vestidos de noiva". Seus ombros se encolhem levemente, mas ela não me encara. "Obviamente, não deu certo. Venho pagando por isso desde então."

De repente, as peças do quebra-cabeça que eu nem sabia que estava juntando se conectam. Seu vestido impecável, feito à mão, no funeral. Seus armários vazios. Seu desespero para se agarrar a uma casa sem aluguel e um salário estável. Se eu achava que já me sentia péssima antes, não se compara ao atoleiro que me suga para as profundezas agora.

"Não há vergonha nisso, Gracie", digo. "É preciso coragem para abrir um negócio."

Ela dá de ombros. "Ou estupidez."

“A esperança nunca é boba”, argumento, desejando que ela soubesse que tem sido a força motriz por trás de todas as decisões importantes da minha vida — incluindo meus planos para Larkwood.

Ela sorri tristemente. “Eu sei. Por que você acha que continuo tentando te fazer mudar de ideia sobre este lugar?”

Não tenho nada a dizer. Estou ocupada demais me repreendendo mentalmente por tê-la magoado assim. “Posso vê-los?”, pergunto. “Seus modelos?”

Ela me lança um olhar incrédulo. “Você quer ver um monte de vestidos de noiva?”

Se você os fez, sim.

“Se isso significar não ter que voltar a organizar antiguidades? Com certeza.”

“Certo”, diz ela, com uma voz enganosamente leve. “Tenho alguns modelos antigos no meu armário, se você quiser ver.”

Plenamente consciente de que nenhum de nós mencionou o encontro dela esta noite, sinto-me como se estivesse caminhando na corda bamba enquanto digo: "Mostre o caminho".

Entramos em seu quarto escuro e, em segundos, estamos a um passo da cama. Não foi meu plano, mas a parte inconsciente de mim que a beijou está me parabenizando pela minha genialidade.

Ela acende o abajur antes de abrir um armário antigo com um rangido. Tirando uma capa de roupa de aparência pesada, ela a coloca sobre o edredom azul macio da cama.

"Elas não seguem as tendências atuais nem nada do tipo", avisa, abrindo o zíper da capa.

"Bem, então, não estou interessado", digo distraidamente enquanto ela cuidadosamente retira a primeira peça de amostra da pilha.

Uma silhueta clássica em cetim cremoso se derrama da sacola como uma cascata branca, e meu queixo cai. É atemporal, mas única na forma como ela usou a ondulação natural do tecido para ditar o caimento. É fácil — fácil demais — imaginá-la vestindo a peça.

"Você que fez?", pergunto baixinho.

Ela acena com a cabeça, me entregando o cabide. Eu o seguro, deslizando cuidadosamente minha mão livre pelo corpete de seda. Ela não é apenas uma estilista talentosa. Ela é uma alfaiate magistral.

"Você usou barbatanas internas?"

Suas sobrancelhas se erguem. "Se eu disser que sim, você vai fazer uma piada de duplo sentido?"

Tento não rir. "Contanto que você não se importe em saber que também sou especialista em barbatanas."

Ela abaixa a cabeça como se não quisesse que eu visse seu sorriso, e eu me sinto ridiculamente satisfeito comigo mesmo. Viu? Eu consigo. Consigo fazer piadas bobas, fazê-la sorrir e nunca mais tocá-la, e isso pode ser o suficiente. Tem que ser o suficiente.

Volto meu olhar para a capa de roupa e pego outra amostra tão primorosa quanto a primeira.

“Suas costuras são invisíveis. É bainha invisível?”, pergunto, passando os dedos pela borda do decote flexível.

Ela está olhando para minha mão e, quando fala, sua voz está mais rouca do que antes. “Eu não sabia que advogar exigia um conhecimento tão profundo de confecção de roupas.”

Levanto os olhos do vestido, envergonhada. "Desculpe. Não queria parecer tão nerd. Agatha me fez amar roupas."

Um brilho de calor ilumina os olhos escuros de Gracie, e ela sorri. "Até boleros de lantejoulas roxas?"

"Já mencionei que ela estava usando um vestido de baile combinando, com uma fenda na perna que ia até as narinas?"

O sorriso de Gracie se alarga enquanto ela ri, e meu coração se aperta a cada nova batida. O que aquele beijo fez comigo? Silenciosamente, pego o próximo vestido, e o próximo, cada vez mais admirada com ela.

"Você é incrivelmente talentosa", é o que escapa em um sussurro rouco quando finalmente consigo falar. "É isso que você deveria estar fazendo, Gracie. Não fazendo favores para um monte de recém-casados."

O sorriso dela desaparece. "É muito mais do que fazer compras", diz ela. "Acredite ou não, planejar o dia mais feliz da vida de alguém é muito gratificante."

Boa, seu idiota. Fecho os olhos. "Desculpe, isso foi uma coisa horrível de se dizer." Encontro o olhar dela novamente. "Acho que meu 'coraçãozinho murcho e frágil' ainda não se reidratou completamente."

Sinto alívio ao ver um sorriso relutante surgir em seus lábios. "Tudo bem. Eu também tinha meus preconceitos sobre o seu trabalho." Ela faz uma pausa. "Mas o Henry realmente te defendeu hoje. Ele me ajudou a ver uma nova perspectiva, talvez."

"Nossa. Eu realmente não o mereço, né?"

“Definitivamente questionável depois de ontem”, ela diz suavemente, e é o mais perto que chegamos de tocar no único assunto sobre o qual não deveríamos falar. Mas, como sempre, ela destrói todas as minhas boas intenções com um único olhar.

“Você se divertiu com ele hoje à noite?”

Ela se aproximou mais de mim. Sei que não estou imaginando coisas, porque estou quase me afogando em seu perfume de flores adocicadas.

“Me diverti”, ela diz. “Ele é gentil, charmoso, atencioso. Tudo o que eu esperava.”

“Isso é… ótimo”, eu me desespero.

“Muito ótimo”, ela concorda, mas também não parece convencida.

“Então, ele ganhou um beijo de boa noite?” pergunto, minha voz num tom baixo e possessivo, bem diferente do tom casual que eu pretendia usar.

Seus olhos se voltam para os meus, e eu a ouço engolir em seco. “Não. Nós não nos beijamos.”

Suas palavras são como um fósforo queimando minha espinha. Se eu fosse uma pessoa decente, ficaria decepcionada pelo meu amigo. Mas agora, com o alívio pulsando em minhas veias, a decência parece uma corda que escapou das minhas mãos desesperadas.

“Tenho certeza de que ele queria”, digo, falando por experiência própria.

Seus cílios se curvam. "Antes de ontem, eu achava que sim. Mas não tenho certeza se temos esse tipo de química." Quando nossos olhares se encontram novamente, sei que ambos estamos pensando na confeitaria. Cítricos e rosa, chocolate amargo e café. O tremor escuro de seus cílios quando minha boca encontrou seu pulso.

"Não como nós." Sai um sussurro, como um segredo que só nós sabemos.

Ela balança a cabeça. Eu me aproximo. "Não significou nada", ela insiste. "Nós dois só nos deixamos levar pelo jogo que você começou."

As palavras doem porque foi a primeira vez que um beijo significou mais do que nada para mim, e pelo jeito que ela me olha, ela sabe disso.

“Então, em que estamos envolvidas agora?” pergunto, observando a rápida subida e descida do seu peito. “Por que diabos não consigo parar de pensar naquele beijo?”

Sua respiração falha visivelmente, e sei que ela também sente isso. Incapaz de me conter, coloco uma mecha de cabelo atrás da sua orelha, as pontas dos dedos roçando sua pele. Seus olhos se fecham lentamente, e fico hipnotizado pelo brilho de suas pálpebras e lábios entreabertos.

“Poderíamos tentar isso, não é?” ouço-me negociando. “Se parássemos com essa besteira sobre Larkwood e você me deixasse pagar por esta casa de campo, poderíamos—”

Mas não consigo terminar minhas palavras desesperadas e atordoadas porque seus olhos se abrem de repente. “Com licença?”

“Espere”, digo enquanto ela dá um passo para trás.

“Não acredito em você”, diz ela, balançando a cabeça como se para clarear os pensamentos.

“Gracie, escuta—”

“Tentando me convencer a vender a casa de campo depois de já ter me deixado tão—” O rubor em suas bochechas se intensifica quando ela se interrompe. “Isso é algum tipo de tática? Tudo isso é só para me manipular?”, ela exige, gesticulando freneticamente entre nossos peitos.

“Não, claro que não”, digo, dando um passo para trás, horrorizada. “Eu jamais faria isso com você.”

“Como posso acreditar em você? Você encantou a Betty para que ela fizesse o que você queria. Você mentiu para o barman para se livrar dela.”

“Isso foi diferente—” começo a explicar, mas ela continua, me ignorando.

“Você disse para o Henry me chamar para sair! Você prometeu que não ia me beijar, e aí fez mesmo assim. Disse que não ia acontecer de novo, mas aqui está você! Me tocando no meu quarto! Me impedindo de pensar, respirar ou—”

“Só porque eu não consigo ficar longe de você!” As palavras escapam da minha boca, tão imprudente quanto sincera. Os olhos dela se arregalam, e eu sei que deveria parar, mas horas andando de um lado para o outro, me culpando por ser a pior amiga e repassando nosso beijo na minha cabeça me deixaram completamente exausta.

"Você acha que eu gosto de me sentir completamente fora de controle?", pergunto, exigindo uma resposta. "Que eu queira passar todo o meu tempo livre fazendo tarefas de casamento para o seu ex? Você acha que eu quero trair minha melhor amiga?", pergunto, passando a mão pelos meus cabelos despenteados. "Não. Mas, aparentemente, nada é baixo demais para mim se isso significar que eu posso estar com você. Respirar o mesmo ar que você e torcer por alguma desculpa esfarrapada para te tocar." A risada que escapa de mim é descontrolada e

desesperada. "Até o jeito que você me encara me tira o sono, desejando que você descontasse tudo em mim. Porque eu sei que não posso te ter. Mas eu prefiro ser sua vilã do que não ser nada, Gracie."

Seus olhos estão arregalados de choque, mas confessar uma fração do que tenho tentado reprimir é um alívio tão grande que não consigo me arrepender. Ainda não.

"Jude", ela diz, aparentemente sem palavras. "Não é que eu não... Que eu não tenha pensado em..." Ela para, recompondo-se. "Hoje à noite, eu não beijei o Henry porque estava pensando em você, e não me pareceu justo com ele. Mas nós dois não damos certo", diz ela, fechando os olhos como se já tivesse dado tantas voltas nesse carrossel infernal quanto eu. "Queremos futuros completamente diferentes para Larkwood. Para nossas vidas pessoais. E embora Henry e eu talvez não tenhamos... seja lá o que for isso, eu prometi que daria uma chance a ele. Ele quer encontrar o amor, e eu também, mas não teremos um futuro juntos se eu continuar terminando assim com você."

As palavras dela me fazem enxergar com clareza suficiente para que eu veja, com lágrimas nos olhos, o quão egoísta eu fui. Porque ela tem razão — ela e o Henry merecem ficar juntos, e eu sou o maldito cara com os cartões de memória do filme "*Simplesmente Amor*", tentando arruinar tudo. Levo a mão aos olhos, envergonhado e consumido pela culpa demais para encará-la.

"Meu Deus, me desculpe", digo baixinho. Leva um instante até que eu consiga falar de novo. "Eu sei que você não tem motivos para acreditar em mim, mas eu não vou te visitar de novo. Não vou te tocar de novo. Você não precisa se preocupar comigo atrapalhando", juro, me forçando a encontrar seu olhar. "Você e o Henry merecem toda a felicidade do mundo."

Ela acena brevemente com a cabeça, mas não há alívio em seu rosto. "E o nosso acordo? Você ainda está aberta a mudar de ideia sobre Larkwood?"

Meu peito aperta. "Ainda pretendo me livrar disso", digo com a voz pesada. "Minha ideia não mudou, mas se você quiser continuar tentando até o casamento, podemos continuar."

A decepção que emana dela é palpável, mas ela acena com a cabeça novamente. "Eu sei que faltam apenas quatro semanas", diz ela, "mas quero continuar tentando te convencer."

"Certo", digo, determinada a cumprir minha parte do acordo. "Só me mande uma mensagem com quem vamos nos encontrar em seguida e eu estarei lá."

"Certo", diz ela, olhando para os próprios pés. "Então eu te acompanho até a saída."

Sem mais nada a dizer, sigo-a para fora, e cada passo parece definitivo. Todas as minhas dúvidas foram respondidas esta noite, mas em vez de trazer qualquer consolo, tudo o que restou foram marcas de queimadura.

Mas, de alguma forma, elas terão que ser suficientes.

22 GRAÇA

Três semanas antes do casamento

Gracie: SOCORRO! Sofia: Sinal do Batman recebido. Qual é a sua emergência? Gracie: Eu saí com o Henry, mas aí o Jude apareceu e falou um monte de coisas. Sofia: Falar coisas é a pior coisa. Como ele se atreve? Gracie: Acho que ele pode gostar de mim de um jeito "mais do que amigo". Sofia: Turma, por favor, recebam a Gracie. Ela tem muita coisa para contar, mas está se esforçando. Gracie: SOFIAAAA Sofia: Quando você pode vir? Gracie: Posso ir jantar aí no domingo amanhã? Preciso muito do carinho da família Morales. E do sancocho da vovó. Sofia: Tem certeza de que não quer só tomar uns drinks? Tem um bar novo com tema da Dolly Parton que eu estou louca para conhecer. Gracie: Incrível, mas podemos jantar aí no domingo dessa vez? Faz tempo que não vejo sua família. Sofia: Se você insiste. Gracie:

23 GRAÇA

Três Semanas Antes do Casamento

Ao atravessar a porta da frente da casa dos Morales, o cheiro familiar de tostones fritos me acolhe como um abraço. Quase imediatamente, sou recebida por um abraço caloroso quando a Sra. Morales desce apressadamente os poucos degraus e abre os braços.

"Gracie, Gracie", ela sussurra no meu cabelo quando me inclino para abraçá-la. Ela me dá um beijo na bochecha e sinto os nós nas minhas costas se desfazerem. Segurando-me pelos ombros para me examinar, ela diz: "Faz muito tempo e você está trabalhando demais."

"Culpada pelas duas coisas", respondo, me desculpando. "Como você tem estado?"

“Sou abençoada demais para me estressar”, ela responde com seu mantra de sempre enquanto me solta e se vira para Sofia. Mas desta vez, não consigo deixar de notar o leve cansaço com que ela diz isso, e sinto um aperto no coração por não ter me esforçado mais para visitá-la.

Depois que a mãe de Sofia nos examinou minuciosamente, subimos o pequeno lance de escadas e atravessamos a aconchegante sala de estar, onde nossas maratonas de filmes de zumbis aconteciam secretamente. Quando chegamos ao coração da casa — a cozinha —, a vovó está lá, mexendo uma grande panela de ferro fundido que eu sei que contém seu famoso sancocho. Ela bate a colher de pau na borda da panela antes de se virar para nós com um largo sorriso. Ela me abraça, o vinho é servido e as dores nas costas são discutidas detalhadamente antes que eu

finalmente perceba quem está faltando na cozinha. "Onde está o Sr. Morales?", pergunto.

Os irmãos e a irmã de Sofia vêm para o jantar de domingo quando podem, mas o pai dela sempre foi a figura central da reunião. A esposa dele adora reclamar que a personalidade dele é grande demais para qualquer ambiente, mas eu sempre achei que o jeito como ele cantarola desafinado, as piadas inapropriadas e as inúmeras anedotas dele preenchem uma parte do meu coração que sempre foi silenciosa demais. Meu próprio pai nunca tem nada a me dizer.

Sofia, a mãe dela e a avó trocam olhares.

"Vamos sentar", diz a Sra. Morales, animada demais, nos conduzindo à mesa. Tento cruzar o olhar com Sofia, mas ela me evita, pegando um prato de tostones fumegantes.

Tentando não entrar em pânico, pergunto de repente: "Ele está bem, né? A angina dele não voltou?"

"Não, não, nada disso", garante a Sra. Morales, mas Sofia está olhando para as mãos em vez de comer, e se houvesse algum sinal de que *o fim está próximo*, seria esse. "Mas nós queríamos conversar com você."

"Tudo bem", digo, tentando manter a calma. Mas Sofia morde o lábio e franze o queixo, daquele jeito que sempre precede as lágrimas.

A Sra. Morales respira fundo para se acalmar e estende a mão por cima da mesa em minha direção. Eu a agarro como se alguém tivesse me jogado uma corda de um penhasco do qual estou pendurada.

"Héctor se mudou. Estamos nos separando, Gracie."

"Ele… o quê?", digo sem entender. Ouvi suas palavras e as compreendo, mas assimilar como verdade está sendo difícil. "Não entendo."

Suas sobrancelhas escuras se juntam enquanto ela aperta minha mão. "Eu sei que é um choque. Mas acredite em mim quando digo que foi a decisão certa para nós duas."

Fecho os olhos e tento acalmar meu coração acelerado enquanto um milhão de lembranças carinhosas lutam contra o que ela acabou de me dizer. Eu não quero acreditar. O Sr. e a Sra. Morales têm sido meu modelo de relacionamento amoroso e de apoio desde que me lembro. A cola que mantém meu coração unido parece estar se dissolvendo, mas enquanto olho nos olhos cansados e sofridos da Sra.

Morales, só consigo imaginar o que ela deve estar sentindo. O que Sofia e toda a sua família devem estar passando.

"Sinto muito", digo em um sussurro embargado. "O que posso fazer para ajudar?"

Ela aperta minha mão uma última vez antes de soltá-la. "Já basta você estar aqui. Tivemos tempo para nos adaptar."

Meus olhos encontram os de Sofia, e sei que ela ouve minha pergunta silenciosa: *Quanto tempo?* Mas então me lembro do almoço coletivo no estúdio e de como ela parecia abatida. Suas palavras me atingem como um soco no estômago. "*Você não tem tempo para me ajudar, Gracie.*"

De repente, respirar se torna difícil. A culpa aperta meu pescoço por ter perdido isso. Por estar tão absorta em meus próprios problemas que não percebi que minha melhor amiga estava passando por algo dessa magnitude. Vim aqui esta noite, egoisticamente, em busca de conforto depois que as coisas desandaram com Jude, sem jamais questionar a estabilidade dessa base na qual sempre me apoiei. Mas, durante todo esse tempo, ela esteve se despedaçando sob meus pés.

"Mas eu pensei que vocês fossem tão felizes", digo, com os olhos ardendo enquanto me viro para a Sra. Morales. "Eu... eu pensei que vocês se amassem."

Odeio ter que lhe pedir uma explicação, mas as palavras simplesmente não saem da minha boca. Quase a vida toda, ouvi o Sr. Morales recontar a história de amor deles como se fosse a trilha sonora dos meus próprios sonhos e esperanças. Testemunhei isso em seu afeto exagerado e na maneira como sempre pareciam saber o que o outro estava pensando. Mas o rosto da Sra. Morales revela uma leve careta ao ouvir minhas palavras, e meu coração se aperta ainda mais. "Nós nos amamos, sim. Mas às vezes", diz ela suavemente, "o amor não basta."

Automaticamente, balanço a cabeça, porque isso contradiz tudo em que acredito — tudo o que esta família me ensinou quando a minha não me queria. Que o amor incondicional pode ser difícil de encontrar, mas quando chega, pode ser forte o suficiente para construir uma vida. "Mas tem que ser o suficiente", digo fracamente. "Se o amor não consegue manter duas pessoas juntas, então o que, afinal, conseguirá?"

Sofia e sua mãe baixam os olhos, mas a voz da avó ressoa em meio à tristeza. "Crescimento."

Nossos olhares se voltam para ela, sentada na cabeceira da mesa, olhando diretamente para mim.

“Ela tem razão”, diz a Sra. Morales em voz baixa. Ela me dá, e depois a Sofia, um sorriso cansado. “Dizem que os filhos são os nossos maiores professores, e, ao ver vocês experimentarem e superarem relacionamentos, aprendi muito sobre o que é possível. Tenho tentado descobrir o que quero.” Seu semblante se contrai enquanto sua voz começa a tremer. “Comecei a perceber padrões no meu casamento que nunca foram aceitáveis e pedi por mudanças. Mas Héctor nunca foi um homem flexível. Ele não queria crescer comigo.”

Sofia segura a mão da mãe quando uma lágrima escorre pelo seu rosto. “Está tudo bem, mamãe”, diz ela com a voz embargada.

Eu gostaria de poder dizer palavras de conforto também, mas meu corpo parece um prédio em chamas sem uma gota d'água à vista. O Sr. Morales não foi apenas uma figura paterna para mim — ele foi o marido e pai modelo com o qual avalio todos os outros. Mas, embora eu esteja em choque, não duvido do que ela compartilhou. Em vez disso, minha mente se esforça para ajustar minhas percepções sobre um homem que eu pensava conhecer, até que me restam duas perguntas. Como não percebi as falhas quando elas eram profundas o suficiente para destruir tudo — e, igualmente importante, por que Sofia nunca se abriu comigo?

Diante dessa última pergunta egoísta, a vergonha me faz curvar os ombros. Sei que não deveria centrar as atenções em mim. Não quando a família que amo está sofrendo tanto. Mas há uma mágoa latente que me faz desejar que ela tivesse me contado antes.

Finalmente, consigo dizer: "Estou aqui para o que precisarem. Quero ajudar no que for possível."

A Sra. Morales me lança um olhar cheio de carinho. "Então coma conosco. Continue nos amando, Gracie, e saiba que sempre amaremos você também, não importa como a nossa família se transforme."

E é isso que eu faço. Comemos tostones, sancocho e arroz perfumado, e eu me esforço para controlar minhas emoções. Pelo menos até conseguir ficar a sós com Sofia e implorar que ela me ajude a entender como o impensável aconteceu.

Depois de lavar a louça, dar boa noite e pedir a *bênção* da avó, Sofia e eu saímos de casa, caminhando em direção ao carro dela no ar úmido da noite. Nenhuma de nós fala até que as portas estejam fechadas e estejamos fora do alcance da visão e da audição da casa.

"Sof—" começo, mal conseguindo articular o nó de sentimentos que se aperta cada vez mais no meu estômago a cada respiração.

"Eu sei", ela diz, olhando para o teto do carro e passando a mão por baixo dos olhos.

"Há quanto tempo você sabe que isso está acontecendo?" pergunto, tentando disfarçar a mágoa na minha voz. Eu entendo muito bem o que ela está passando. Lidar com a separação dos meus pais foi um dos momentos mais difíceis da minha vida, e aumentar o sofrimento dela é algo que eu não conseguiria me perdoar.

Mas uma parte menor e mais egoísta de mim quer perguntar se ela se daria ao trabalho de me contar se eu não tivesse me convidado para jantar. Mesmo que, durante a maior parte da minha vida, a família dela tenha sido mais próxima de mim do que a minha.

Eu a ouço engolir em seco. "Está acontecendo aos poucos. Talvez há um ano?"

Um ano. Eu não achava possível me sentir pior do que já me sentia, mas estava enganada. Desta vez, quando falo, não consigo esconder o tremor na minha voz, vacilante sob o peso esmagador da desilusão.

"O Luis e o Dariel sabem? A Marisol sabe?"

"Claro que sabem", ela diz displicentemente, e embora eu saiba que não sou irmã dela — que é claro que eles tinham que descobrir primeiro — não consigo fingir completamente que ser excluída não me machuca profundamente.

Olhando fixamente para a rua escura do subúrbio, mordo os lábios para conter o choro silencioso que ameaça escapar. Eu sei que esta não é a minha família. Mas o Sr. e a Sra. Morales me acolheram quando meus próprios pais não queriam saber de mim. Em vez de me trancarem em galpões de jardim cheios de teias de aranha ou despejarem minha caixa de costura cuidadosamente organizada no chão, como meus meio-irmãos costumavam fazer, Sofia e seus irmãos me convidaram para esculpir meu nome na casa da árvore deles. Eles eram como minha verdadeira família. É por isso que não consigo conter as próximas palavras.

"Por que vocês não me contaram?", pergunto em voz baixa, enquanto a dor de me sentir uma estranha se torna mais forte do que todas as minhas boas intenções.

Sofia me olha do banco do motorista e, à luz do luar, as lágrimas que ainda restam em seus olhos brilham intensamente. "Eu acho que estava torcendo para que tudo... desse certo. Mas aí o papai arrumou as coisas dele algumas semanas atrás, e —"

"Algumas semanas atrás?" Eu a interrompo, atônita. "Antes do jantar comunitário?"

"Gracie—"

"Você prometeu que não ia me esconder nada importante", digo, perdendo o controle do que eu deveria estar fazendo agora — consolando minha amiga. Antes que eu possa impedi-la, minha pergunta egoísta escapa da pequena caixa escura onde tentei escondê-la. "Quando você ia me contar tudo isso? Você só estava torcendo para que eu nunca mais quisesse vir jantar aqui?"

“Eu não sei!” ela grita, jogando os cachos para trás.

“Mas você sabe o quanto sua família significa para mim!” eu digo, sentindo uma represa se romper dentro do meu peito. Sei que estou sendo injusta — sei que ela está sofrendo — mas a dor e o pânico transbordam até que eu esteja tão perturbada que não consigo conter as palavras que queimam dentro de mim. “Por que você me excluiu disso?”

“Eu não te excluí, eu estava tentando te proteger”, ela diz, enxugando a mão frustrada por baixo dos óculos. “Você sempre nos colocou num pedestal, pensando que somos uma família perfeita de sitcom, quando a verdade é que sempre houve problemas.”

"Que problemas?", exclamei. "Até esta noite, o casamento dos seus pais era o que me fazia acreditar que o amor verdadeiro e parcerias de apoio realmente existem!"

Sofia solta um som de exasperação. “Gracie, eu amo meu pai, mas ele é um narcisista. Ele adora bancar o chefe de família e te tratar como a segunda filha quando você o visita, porque isso o faz parecer bem. Mas você nunca percebeu que ele não escuta nada do que as pessoas dizem? Como a mamãe desaparece quando ele está por perto?” Ela enxuga mais lágrimas enquanto a raiva toma conta de seu rosto. “Talvez você não consiga ver porque ele sempre estava atuando para você. Todas as histórias, as piadas, os sorrisos largos… ele queria que você o visse como o pai do

ano. Mas a verdade é…" Ela respira fundo, com dificuldade. "A verdade com a qual todos nós estamos tentando nos conformar é que ele é emocionalmente abusivo — principalmente com a mamãe."

O mundo está de cabeça para baixo e do avesso. "Mas você nunca disse nada", protesto fracamente, me odiando por ser incapaz, ou relutante, em enxergar a verdade, quando os sinais sempre estiveram lá.

"Eu costumava tentar", ela diz com a voz embargada. "Mas nada comparado à situação em que você cresceu, não é? Como eu poderia reclamar com você, se sua própria família a tratava como um fardo do qual mal podiam esperar para se livrar a cada oportunidade? Eu sei o quanto você dependeu de nós para amor e apoio. Você ficava tão abalada se eu sequer insinuasse que algo estava errado que, eventualmente, eu simplesmente parei."

A vergonha me invade, profunda o suficiente para me engolir por completo. *Será que eu realmente fiz isso?* Ignorar a dor dela diante da minha própria e fazê-la sentir que não podia confiar em mim?

"E ultimamente — na verdade, desde que o Calvin terminou com você — tenho tido medo de te contar qualquer coisa", ela continua. "Você disse no jantar comunitário que queria que eu compartilhasse o que está acontecendo na minha vida, mas você tem estado tão frágil e com tanto medo de sair da sua toca de hobbit que, sinceramente, achei que você não conseguiria lidar com isso!"

A mágoa me rouba o fôlego, e eu fico rígida e humilhada. "Bem, me desculpe se minha vida está uma bagunça tão grande que você sente que precisa me tratar como uma criança de seis anos", digo finalmente.

"Não é isso que eu tenho feito—"

"Sim, você sentiu", digo, com os punhos cerrados contra o meu short. "Sinto muito que você não tenha sentido que podia contar comigo como eu contei com você. Odeio ter feito você se sentir assim. Mas eu nunca pedi para ser protegida da sua dor, ou da dor da sua família. Você já pensou que talvez eu queira ser necessária? Em vez de me sentir constantemente como o desastre ambulante da nossa amizade?"

Sofia parece ter levado um tapa. "Nunca foi minha intenção fazer você se sentir um desastre."

"Bem, é difícil não se sentir assim quando não conseguimos conversar sem você me pressionar para alugar um estúdio. Quando você não confia em mim para saber o que é melhor para a minha própria vida ou sente que pode sequer se abrir comigo."

Nesse momento, os olhos de Sofia se arregalam. "Sua felicidade é o único motivo pelo qual continuo insistindo para que você volte para o ateliê e costure novamente. Eu te conheço desde que ambas acreditávamos em Papai Noel, e sei perceber quando você está agindo por medo em vez de alegria. E toda essa baboseira para tentar convencer Jude a ficar com Larkwood?", pergunta ela, gesticulando com a mão no ar. "É puro medo! Eu sei que você acha que tem alguma vantagem com a casa agora, mas está se iludindo se pensa que ele não vai dar um jeito de se livrar da propriedade, Gracie!"

Quero fugir. Só correr por esta rua tranquila do subúrbio até desaparecer na escuridão. Penso na noite passada, quando Jude me disse que seus planos para Larkwood não mudaram. Mas ele também concordou em continuar se encontrando comigo para as tarefas de planejamento do casamento, digo a mim mesma para controlar o pânico. *Ele disse que o encontro com Daphne teve um impacto.* Certamente, se continuarmos, terei outra chance de fazê-lo mudar de ideia, certo?

Mas e se ele estiver apenas ganhando tempo?, pergunta uma vozinha insidiosa.

Não quero acreditar nisso. Nos aproximamos mais do que eu jamais imaginei, e quero acreditar que os sentimentos dele mudaram desde que me conheceu e conheceu alguns dos meus fornecedores. Quero acreditar que ainda tenho uma esperança.

"Talvez você tenha razão", digo finalmente, enxugando as lágrimas do rosto. "Talvez perder tanto tenha me deixado apavorada com a possibilidade de perder Larkwood também. Talvez a decisão mais inteligente tivesse sido desistir de ajudar meus amigos e esquecer os desejos de Agatha." Solto um suspiro trêmulo. "Mas Jude concordou em manter a mente aberta, e vou levar isso até o fim."

Depois de um instante, Sofia acena com a cabeça, rígida. "Então acho melhor você voltar para Larkwood."

Ela começa a dirigir de volta para o meu carro no estúdio dela, e o arrependimento por cada palavra que eu disse me atinge em cheio. Nós dois nos agredimos, e agora os centímetros entre nós são como um abismo que não sei como

atravessar. Não sei como dizer a ela o quanto a amo e o quanto quero que ela se apoie em mim — especialmente depois de ela ter me dado essa chance e eu ter estragado tudo. Algumas palavras simplesmente não podem ser desditas. Então, em vez disso, deixamos que elas se acumulem como pedras entre nós, curando silenciosamente feridas que nunca quisemos infligir. Desesperadamente, tento me agarrar ao que resta da minha fé no amor.

Mas no silêncio, quase consigo ouvir um estalo abafado bem no centro do meu coração.

24 JUDE

Três Semanas Antes do Casamento

Eu pensei que ia receber meu filho para jantar, não um recorte de papelão.

Desvio o olhar da pintura abstrata do oceano que tenho encarado sem enxergar nada e foco na minha mãe. O jantar terminou, e ela está descalça e encolhida na outra ponta do sofá da sala, longe de mim, com sua armadura de procuradora-geral deixada do lado de fora, na varanda. Ela me dá um sorriso suave e segura sua taça de vinho com uma indiferença preocupada sobre o tapete cor creme, até que uma leve preocupação surge em suas sobrancelhas. "Tudo bem por aí, Coelho?", ela pergunta.

Ao ouvir o antigo apelido, solto um suspiro silencioso, afastando meus pensamentos da rejeição de Gracie na noite passada e voltando ao presente. Quase nunca consigo visitar minha mãe quando ela está de folga em casa, já que isso significaria ver meu pai também. Mas ele está em Londres a trabalho, e eu deveria aproveitar ao máximo esse raro momento de folga que temos.

"Desculpe", digo, dando um gole na minha taça e esperando que os taninos marcantes dissipem a névoa em que me encontro. "Muita coisa na cabeça."

Ela inclina a cabeça, seus cabelos castanho-avermelhados clareando para um tom dourado sob a luz do abajur. "Trabalho ou casa?"

Recosto-me nas almofadas do sofá, feliz por minha mãe não poder ouvir minha mente repetindo o nome de Gracie com a insistência de um eletrocardiógrafo.

“Ambos. Mas tudo bem”, digo. “Reduzi o número de casos e vou para Larkwood hoje à noite. Tenho uma reunião com o pessoal da avaliação de arte amanhã de manhã sobre aquele quadro de caça horrível na sala de jantar principal.”

Minha mãe coloca a mão no peito e parece ofendida. “Você não estaria falando do retrato do seu venerado ancestral, o Tio-Avô Rifle Dick, estaria?”

Dou uma risadinha ao me vir à mente a imagem vívida do homem corpulento e de rosto vermelho que presidia todos os jantares em família, posando com seu rifle grande e sugestivamente posicionado. “O único e inigualável.”

Ela balança a cabeça e toma um gole de vinho. “Nunca entendi por que a mamãe insistia em manter aquele quadro.”

“Você está brincando? Aquela arma era um dos assuntos favoritos dela no jantar. ‘*Olha a ponta alargada, Judy — o que você acha que ela simboliza?*”, digo, imitando a minha avó.

Minha mãe solta uma gargalhada tão parecida com a da minha avó que é quase como se ela estivesse aqui conosco. Estou sorrindo de volta até que, inevitavelmente, perguntas surgem dentro de mim, suprimindo qualquer felicidade que tentasse emergir. Quando foi a última vez que ela esteve tão relaxada? Ela ri quando ele está por perto?

“Nossa, eu precisava disso”, ela diz, mas um instante depois, seu sorriso desaparece. “É muito fácil se deixar levar pela perda e pelas complicações e esquecer as coisas boas.” Ela faz uma pausa. “Às vezes é difícil lembrar que as coisas já foram fáceis.”

Assinto com a cabeça, pensando em como Gracie, sem esforço algum, extrai de mim as minhas lembranças mais felizes da vovó, como se fosse um ímã. Como ficou mais fácil falar sobre ela quando sei que alguém vai entender.

"Estou tentando melhorar minha capacidade de me lembrar das coisas boas", digo, antes de acrescentar com cuidado: "Falar sobre ela ajuda".

O olhar da minha mãe permanece suave, mesmo sabendo que estou tentando fazê-la se abrir. "Não é sua obrigação me guiar por isso", diz ela gentilmente. "Você já está sobrecarregada, organizando a casa."

Dou de ombros, desviando o olhar do dela. Sei que ela está sendo sincera sobre a quantidade de trabalho que Larkwood acrescenta à minha já pesada carga de trabalho. Mas seguir um caminho mais tranquilo é algo que paramos de discutir quando se tornou doloroso demais para ela — por que a propriedade e seu futuro foram deixados para mim em vez dela.

"Ainda bem que fui eu", digo, sabendo que estou entrando em águas turbulentas. Mas não quero debater meus planos para Larkwood novamente, e se eu deixar minha posição bem clara, há uma chance de ela desistir. A mão que girava distraidamente sua taça de vinho para de girar.

“Então, você ainda vai seguir com seus planos?”, ela pergunta casualmente, como se isso não tivesse sido um ponto de discórdia acirrada desde o momento em que Nana me deixou Larkwood. Minhas costas se retesam.

“Não mudei de ideia”, digo, com voz firme. Porque sim, embora Gracie tenha semeado mais dúvidas do que eu gostaria de admitir, ainda estou convencida de que meus planos originais são o melhor caminho a seguir.

Ela hesita, depois me encara com a determinação que a levou a ser eleita para o cargo mais alto do judiciário estadual. Meu coração afunda. Lá vamos nós.

“Você está sendo míope”, ela diz sem rodeios.

“Não há nada de míope em até onde eu irei para me livrar disso”, retruco, mantendo a voz calma.

Ela se senta. “Eu entendo que você tenha receios. Mas não vejo por que você não pode simplesmente manter tudo na família. Eu ficaria feliz em administrar.”

“Certo”, digo com um meio riso. “Com todo o seu tempo livre.”

“Então poderíamos contratar—”

“Não faz sentido, mãe”, interrompo, a frustração tomando conta de mim. “Sua vida é em Providence. Por que você quer se apegar a algo tão—”

“Porque Larkwood era meu lar, Jude”, ela diz, com a voz firme e os olhos brilhando com uma perda que nunca cicatrizou. “Era o lugar onde eu sonhava quando criança. O lugar onde me sentia mais segura. Um lugar que significava tudo para mim antes—”

Ela para. Fecha os olhos. No silêncio, ambas completamos a frase à nossa maneira. Só tenho conhecimento indireto do ultimato desesperado e equivocado que a vovó fez à minha mãe: *Larkwood ou ele.* Eu tinha quatorze anos e já estava mandada para um internato em Connecticut, onde a vovó insistia que eu estaria melhor lá. Mas sei que o plano dela saiu pela culatra. Como tantas mulheres na mesma situação, minha mãe não viu outra escolha senão abandonar sua casa e sua rede de apoio por um homem que só usou a oportunidade para isolá-la ainda mais.

“Se você a mantivesse”, ela continua, “poderia criar sua própria família lá e construir novas memórias. As futuras gerações poderiam desfrutar de uma propriedade histórica sem nenhuma das… conotações que você associa a ela.”

Eu a encaro enquanto meu coração dispara, pulsando forte nas têmporas. “*Conotações?*”, repito fracamente. É um termo genérico usado por políticos para todo o sofrimento que aconteceu naquela casa. Eu entendo por que ela não quer nomeá-la. Mas depois de semanas lutando para esconder a verdadeira história da Gracie e anos escondendo-a do Henry, é intolerável que a única pessoa com quem posso ser sincera esteja tentando distorcer a verdade para torná-la mais palatável.

“Chama-se violência doméstica, mãe.”

Ao ouvir minha voz suave, sua máscara cai. Seus olhos cinzentos, de repente, parecem mais velhos, marcados por conter mais dor do que qualquer vida merece. "Vender Larkwood não vai nos livrar do passado", argumenta ela, com a voz embargada.

Mordo os lábios e fecho os olhos. Não quero magoá-la, mas também não consigo evitar a frustração com seu tom otimista. Depois de um instante, me obrigo a encará-la. "Mas não é só o passado. Você ainda está com ele."

A expressão no seu rosto se endurece, e todos os meus instintos me dizem para recuar. Sei que não devo pressioná-la para falar sobre isso se ela não estiver disposta, mas depois da semana que tive, estou perdida — pisando em ovos sem jeito, como normalmente faço quando a trato com tanta delicadeza.

"Isso não é da sua conta", ela diz, e não consigo distinguir se é um riso ou um lamento que preciso conter. A preocupação com a segurança e o bem-estar dela tem sido o princípio da minha vida.

Ao perceber minha expressão, ela se apressa em explicar: "Você não mora mais conosco. Você não sabe o quanto seu pai trabalhou para—"

"Com o quê?" interrompi. Semáforos e sirenes de emergência ganharam vida na minha mente, mas as palavras se impuseram, ignorando tudo. "Só te machuca em lugares que você consegue esconder com um terninho?"

Ela se encolheu como se eu tivesse levantado a mão para ela, e o arrependimento se transformou num monstro que me engoliu de uma vez só. Ficamos nos encarando, paralisadas, porque eu sei que não devo fazer isso. Sei que não devo descontar minha raiva dele nela. Nada disso é culpa dela, mas o sangue ainda ferve

nos meus ouvidos. Estou prestes a me desculpar quando ela fala. "Eu já te disse, ele não faz mais isso."

Mal consegui conter minha raiva quando ela ressurge com força diante de sua mentira silenciosa, ondulando sob minha pele em ondas nauseantes. Preciso de toda a minha força para redirecioná-la ao alvo certo. Sei que suas palavras nascem de um lugar de proteção, mas esta noite, sinto que ultrapassei meus limites.

"Não?", pergunto, pousando minha taça de vinho com um baque. "Então você está fazendo terapia de casal, ele está fazendo terapia para controle da raiva e você não precisa mais usar mangas compridas em todas as suas coletivas de imprensa, como no verão passado?"

Um rubor vermelho pálido surge em suas bochechas. "Esta não é uma conversa que vou ter com meu filho. Você não é responsável por me salvar, e demonizar seu pai não está ajudando em nada."

“Meu caso para quê?” pergunto desesperadamente. “Para ver minha mãe segura e feliz pela primeira vez na vida?”

Ela coloca sua taça de vinho na mesa de centro com um pouco de força demais, e eu sei que fui longe demais. “É assim que você trata seus clientes pro bono? Julgando-os por decisões que você não tem a menor chance de entender?”

A pergunta revira a ferida que está cravada no meu peito desde a primeira vez que vi as mãos do meu pai se transformarem em armas. Claro que sei que é complicado. Sei também que, em média, são necessárias sete tentativas para deixar um abusador para sempre. Muitas pessoas, como a mulher sentada à minha frente, nem sequer tentam, e não é por fraqueza. Elas enfrentam a ameaça de represálias. A preocupação com os filhos. Obstáculos financeiros e financeiros. Dependência emocional e mil outros motivos.

E no caso da minha mãe, ela não é apenas uma sobrevivente — ela é a principal autoridade jurídica do estado, casada com um homem cuja reputação está intrinsecamente ligada à dela. Não existe um manual para abandonar alguém assim — não com equipes de filmagem do lado de fora do escritório dela, só esperando por um escândalo, ou com o custo político que ela teria que arcar para pedir ajuda.

Ela tem suas justificativas para ficar, e não cabe a mim julgá-la. Não quando eu nunca passei pelo que ela passou. Mas manter a imparcialidade? Isso é uma tarefa muito mais difícil.

“Você não é minha cliente, mãe”, digo finalmente, tentando conter a ardência atrás dos meus olhos. “E eu não estou te julgando. Estou tentando…” Solto um suspiro entrecortado. “Só quero que você fique bem. Me desculpe por ter descontado em mim.”

Ela fecha os olhos com força por um longo momento. Quando os abre novamente, o procurador-geral sumiu, e eu tenho minha mãe de volta. “Está tudo bem”, ela diz, com os olhos brilhando. “Eu também sinto muito. Às vezes, digo a mim mesma que minhas escolhas não te afetam como antes.”

Reprimo a vontade de pegar uma das almofadas próximas e gritar nela. Meu objetivo é sempre aliviar a preocupação dela comigo. Mas, com o passar dos anos, fiquei tão boa nisso que a única pessoa que entende o quanto essa situação me afetou é minha terapeuta. E, às vezes, uma parte desesperada e infantil de mim deseja que outra pessoa também soubesse. Alguém a quem eu pudesse contar sem precisar pagar para me ouvir, simplesmente porque se importa.

Sem que eu queira, penso em Gracie, e uma onda de saudade me invade. Achei que tinha aceitado a solidão há muito tempo. Mas estar aqui esta noite me faz ansiar pelo tipo de proximidade que tenho evitado propositalmente. O tipo de proximidade impossível de se ter enquanto sou forçado a esconder cada parte de mim que importa.

"Eu sei que não é verdade", ela diz rapidamente. "Mas estou te dizendo a verdade sobre as coisas melhorarem."

Não é a primeira vez que ouço essa história, mas me obrigo a deixá-la para lá com um aceno de cabeça, inclinando-me para frente e colocando a cabeça entre as mãos. Nós dois estivemos boxeando sem luvas esta noite, e estou exausto demais para continuar. Cansado demais para reprimir o desejo de estar com Gracie.

Finalmente, minha mãe quebra o silêncio pesado com um hesitante: "Então. A transferência da propriedade."

Com esforço, levanto a cabeça. Estou prestes a admitir que não tenho forças para discutir o assunto mais a fundo, mas seus olhos estão tão ansiosos que me calo. "Está tudo correndo bem?", ela pergunta. "Você montou a equipe certa?"

Suspiro, sabendo o que ela realmente quer saber. Ela construiu sua carreira política com base em uma imagem impecável, e se livrar de Larkwood é algo que

ela quer que seja feito da forma mais discreta possível. "Sim, mãe", asseguro. "É um grupo pequeno e discreto, e todos assinaram acordos de confidencialidade."

Ela morde o lábio e me encara como se estivesse procurando falhas no meu plano. "E quanto aos seus amigos? Ou namoradas? Você não contou nada disso para ninguém, né?"

O cadeado que guardo a sete chaves, protegendo os segredos da minha mãe, range com um suspiro cansado, mas está tão endurecido pelo tempo e pela ferrugem que não adianta me preocupar se ele vai abrir. Se há algo neste mundo que levo a sério, é a confidencialidade da vítima. E no caso da minha mãe, é ainda mais do que isso — nosso relacionamento pessoal está em jogo. Ela confia em mim para guardar seus segredos, e eu sempre confiarei. Não importa o quão isolador isso seja. Não importa que tipo de amor eu tenha que sacrificar para manter este a salvo.

“Não, mãe”, digo baixinho. “Ninguém sabe, exceto o David.”

Ela leva as pontas dos dedos à boca, tamborilando nervosamente. “E ele também está sob um acordo de confidencialidade, certo?”

“Ele é meu terapeuta. Ele jurou não divulgar—”

“Eu me sentiria mais confortável se ele assinasse outro acordo de confidencialidade.”

Fecho os olhos, implorando por paciência. “Tudo bem. Vou perguntar de novo.”

Há um longo silêncio constrangedor. Quando abro os olhos novamente, ela parece tão abatida quanto eu me sinto.

“Obrigada”, ela sussurra. “Pela sua discrição. Por manter isso na família, onde deve estar.”

Nesse instante, uma onda de emoção atravessa meu cansaço como se ele nunca tivesse existido. "Isso não pertence a lugar nenhum", digo, cerrando os punhos nos joelhos. Nem nesta casa, nem em Larkwood, nem em nenhum lar.

"Não pertence mesmo", ela concorda rapidamente. "Claro que não."

"Você não merece isso", digo a ela, com a voz trêmula. "Você merece uma vida sem medo."

É uma coisa tão estúpida e insensível de se dizer. Como se fosse tão simples. Mas não posso voltar atrás, assim como não posso impedir que meus olhos se encham de lágrimas ou que minha garganta se feche.

Ela balança a cabeça, a voz embargada enquanto sussurra: "Não existe isso, coelhinha."

Pressiono as palmas das mãos contra meus olhos ardendo, incapaz de respirar fundo o suficiente. Sei que ela tem razão, mas daria tudo para mostrar a ela que as coisas poderiam ser melhores. Daria tudo para mostrar a ela um futuro com risos sinceros e doçura em segurança. Daria qualquer coisa. Qualquer coisa mesmo.

"Eu ficaria com ele." As palavras escapam num turbilhão febril antes que eu possa impedi-las. "Eu ficaria com Larkwood se você o deixasse."

Assim que digo isso, uma aversão a mim mesma me atinge em cheio, corrosiva como ácido. É quase exatamente o que a vovó fazia, só que pior, porque, ao contrário dela, eu sei que barganhar com uma vítima de violência doméstica nunca é a coisa certa a se fazer. Mas a tentação desesperada de ter uma moeda de troca tão poderosa me despojou de toda a minha racionalidade, até que me sinto como uma criança em pânico novamente, sendo mandada correr. Para me esconder. O mais rápido que puder, coelhinha.

Mas eu não quero correr. Não quero mais segredos para guardar. Quero fazer as mesmas promessas infantis de sempre. Vou me comportar se você o deixar. Vou parar de chorar se você o deixar. Vou cuidar de você se você o deixar.

Meu corpo está rígido no sofá, apesar do meu coração acelerado. Seu olhar está atônito, e mal consigo respirar porque, pela primeira vez na vida, ela não me olha como se minhas promessas não se comparassem a todos os motivos pelos quais ela continua com ele.

É por isso que, apesar de todo o meu treinamento e experiência, eu digo: "Você poderia morar lá de novo". Me aproximo dela, tentando desajeitadamente aproveitar seu momento de indecisão. "Eu... eu manteria tudo exatamente como está. Seria como voltar para casa."

Estou prendendo a respiração quando ela finalmente diz: "Isso... isso é muita coisa para se pensar".

"Sim", eu digo, pronto para concordar.

Seus olhos percorrem o cômodo em que estamos. É lindo, mas não é meu lar. Nunca será. Seu olhar volta para mim.

"Posso pensar a respeito?"

Eu aceno com a cabeça. Se pudesse acenar com o corpo todo, eu o faria. "Claro." Em algum lugar, bem no fundo da minha mente, registro as consequências do que isso pode significar. O acordo pelo qual trabalhei tanto para Larkwood estaria perdido. A culpa por aqueles que seriam afetados me invade, mas estou agitada demais para que ela me domine. Embriagada demais por uma possibilidade que almejei a vida toda. Vejo-a sorrindo. Vejo-me com Gracie e Henry, completamente livre do meu segredo. Estendo a mão para minha mãe e a seguro. "Preciso saber logo", digo. "Antes de agosto."

Ela morde a parte interna da bochecha, os olhos arregalados enquanto considera um futuro diferente pela primeira vez. Nós duas sabemos o quanto ela estaria arriscando. Mas, finalmente, ela diz: "Tudo bem".

"Tudo bem", repito. O que quer que aconteça a seguir, é escolha dela. Não importa o que aconteça, eu respeitarei. Mas, enquanto seu olhar encontra o meu — quente e firme como o aperto na minha mão —, sinto algo brilhante e desconhecido tomar forma no centro do meu peito.

Acho que pode ser esperança.

25 GRAÇA

Três Semanas Antes do Casamento

Quando volto para Larkwood depois de deixar Sofia, o terreno está escuro, mas uma luz vinda da casa principal chama minha atenção para um andar superior. *Jude.*

Desligo o carro e passo os dedos sob meus olhos inchados. Sofia e eu já brigamos antes — não dá para amar tanto alguém sem magoá-lo de vez em quando. Mas esta noite é diferente. O choque de saber que os pais dela se separaram — e a dor de ela ter demorado tanto para me contar — se transformou em um nó doloroso atrás das minhas costelas. Mas o pior de tudo é perceber que tenho sido tão insensível com minha melhor amiga por anos.

Durante quase toda a minha vida, cada vitória ou derrota que enfrentei foi celebrada ou amenizada pela bondade dela. Tolamente, pensei que, se algo realmente terrível lhe acontecesse, ela também se apoiaria em mim. Mas ela estava certa em não confiar em mim. Quando finalmente se abriu esta noite, em vez de apoiá-la, foquei em mim mesma.

Um nó de vergonha se forma na minha garganta. De alguma forma, acho que ela sabia que isso aconteceria. Assim como sabia o quanto eu queria acreditar que os pais dela eram almas gêmeas — só para alimentar minha própria esperança de um final feliz. Mas, depois de testemunhar a dor ao redor daquela mesa de mulheres esta noite, não consigo deixar de me perguntar se o tipo de amor com que sonhei só existe em romances.

Levanto a cabeça do volante e olho para minha cabana escura com os olhos ainda meio embaçados. Pela primeira vez, não me sinto em um refúgio, mas sim em um bunker. Um lugar para me esconder de verdades duras como a que descobri

esta noite. Mas agora, não quero ficar sozinha. Quero estar com alguém que talvez realmente entenda o que estou passando — alguém que também tenha decidido que é mais seguro não confiar no amor.

O suave brilho amarelo da janela de Jude se desvanece enquanto lágrimas voltam a brotar em meus olhos. Eu estava tão convencida de que ele estava errado — que todos poderiam encontrar sua pessoa ideal se apenas se esforçassem o suficiente. Mas agora, comprometer-me com alguém novamente parece escolher a ilusão, e esta noite, anseio por um tipo diferente de certeza. Mesmo que seja apenas uma chama destinada a me deixar em uma escuridão ainda maior quando se extinguir.

Um soluço escapa do meu peito quando abro a porta do carro. Antes que eu consiga me controlar, corro para a porta da horta. Como sempre, é a única fechadura que nunca parece ser trancada, e eu entro na cozinha escura. Me sentindo como uma ladra na calada da noite, mentalmente imagino onde a janela iluminada pode estar e decido qual escada usar.

Com a lanterna trêmula do meu celular, caminho cuidadosamente pelos cômodos escuros e cavernosos, ignorando os olhares julgadores dos retratos e estátuas mal iluminados. Felizmente, não preciso procurar muito antes de ver um feixe de luz radiante vindo de baixo de uma porta fechada. Cada terminação nervosa do meu corpo se arrepia.

Engulo em seco. Ontem à noite, Jude se entregou completamente a mim, e eu o rejeitei por causa de Henry. Por tudo que eu achava que queria. Se algo vai acontecer entre nós agora, dependerá de mim cruzar essa linha, e não haverá volta.

Fecho os olhos e, por um instante, gostaria de poder perguntar a Agatha o que fazer. Mas então percebo que já sei exatamente como ela responderia. Quem você quer, *Gracie?*

E embora as consequências possam ser tudo menos graves, a resposta é mais fácil do que a próxima batida do meu coração.

Respirando fundo, bato na porta.

Imediatamente, penso em correr na direção oposta. Mas antes que eu possa dar meia-volta, a porta se abre e Jude está lá — mas não é o Jude que eu conheço. Seu cabelo despenteado parece ter se envolvido em brigas demais com a mão, e os óculos que suspeito que ele usa especificamente para me desestabilizar estão um

pouco tortos. Mas é a roupa dele que instantaneamente silencia toda a minha turbulência interna.

Uma camiseta branca lisa cobre um torso muito mais esculpido do que eu estou mental, física ou espiritualmente preparada para ver. Seus braços nus estão expostos para mim pela primeira vez, mas, mais importante, suas tatuagens também.

As andorinhas gêmeas estão lá, mas também há uma galeria de retalhos acima delas, desaparecendo sob as mangas da camisa de um jeito que levanta a questão: será que tem mais? Todas são feitas com o mesmo traço preto simples. Vejo vislumbres de um ramo de oliveira. Um esqueleto sorridente em plena fuga do armário. Um par de patins.

"Gracie." Sua voz surpresa faz meu olhar se voltar para cima. "Você está bem?"

"Desculpe", eu digo de repente, ainda meio distraída pela tatuagem inesperada e pela calça de moletom cinza pendurada na altura dos quadris dele. "Eu sei que é tarde, mas eu vi sua luz acesa e—"

E eu escolhi seu melhor amigo em vez de você. Provavelmente sou a última pessoa que você quer ver pelo resto da vida.

Agora que estou aqui, tudo fica dolorosamente óbvio: assim como fiz com Sofia, busquei conforto em alguém que magoei por puro egoísmo. *O que há de errado comigo?*

"Eu já vou indo", digo, enquanto a vergonha queima meu rosto. "Me desculpe por ter te incomodado."

Estou me virando quando ele diz: "Espere, não. Por favor, fique."

Olho para ele e vejo sua mão estendida, como se estivesse tentando alcançar meu pulso. Imediatamente, ele a retira com um olhar de contrição, e minha pele se arrepia com o leve toque dele. Não se afaste, quero dizer a ele. Eu estava errada. Errada em tudo.

Mas, em vez disso, pergunto: "Tem certeza?"

O pomo de Adão dele se move pesadamente na garganta enquanto me olha, e eu sei que ele entende cada nuance da minha pergunta. Tem certeza de que ainda me quer depois de eu ter te rejeitado? Mesmo que isso signifique colocar em risco nosso acordo? Mesmo que isso complique sua amizade com Henry?

A culpa me envolve em seu abraço familiar ao pensar nisso, mas o olhar de Jude está escuro e seco enquanto se fixa no meu. "Sim", ele diz roucamente. "Entre."

E assim, sem olhar para trás, faço minha escolha e cruzo a soleira.

A porta se fecha atrás de mim e, de repente, tudo o que consigo ouvir é minha própria respiração enquanto me encosto nela. Jude me olha como se estivesse convencido de que isso é algum tipo de alucinação causada pelo estresse, e eu não o culpo. Tento encontrar minha voz, mas, em todo o meu desespero para chegar aqui, não pensei no que eu realmente diria se ele me deixasse entrar.

O que sai é um "Oi" meio engasgado.

"Oi", ele repete, franzindo as sobrancelhas escuras.

Ele sabe que estou chateada — não estou exatamente escondendo. Mas antes que ele possa me perguntar o que há de errado e eu desabe completamente, passo por ele e entro no belo quarto. Tem tetos altos com molduras ornamentadas, pesadas cortinas verdes, uma área de estar ao lado de uma lareira requintada e, o mais notável, uma cama de dossel gigante. Desvio o olhar, com medo de que ela se abra de forma provocante se eu a encarar por tempo suficiente.

Mas não é exatamente por isso que você está aqui? Para deixar de lado o "para sempre" e o "sempre" e aprender a ser "só por agora" de alguém?

Ao pensar nisso, uma tristeza profunda e um nervosismo intenso me invadem o estômago. A verdade é que, embora eu me sinta completamente segura com Jude, nunca tive um caso de uma noite só. Nunca nem sequer passei uma noite sentada, e não faço ideia de como começar um. Será que eu simplesmente o beijo? Digo a ele que, se não for muito incômodo, gostaria de transar com ele em qualquer superfície disponível?

Ouço seus passos se aproximando por trás e um calor nervoso toma conta do meu rosto.

"Então, onde está a Taco?", pergunto de repente, me virando para encará-lo.

Ele pisca diante da minha tentativa magistral de evitar explicar por que estou ali e aponta para uma porta escura perto da lareira. "O quarto dela é ao lado do banheiro."

Uma alegria inesperada corta minha ansiedade. "Ela tem o próprio quarto?"

"Para minha própria segurança."

"Pare de fingir que você não é completamente obcecado por ela."

O jeito como os olhos dele me percorrem faz meu estômago se revirar. "Eu nunca disse que não era."

A atmosfera muda tão abruptamente que me sinto como se tivesse sido sugada para uma câmara de vácuo. Fico completamente imóvel enquanto ele se aproxima, e toda a minha atenção é puxada para o espaço entre nós. Quando ele fala, sua voz está rouca. "Por que você está aqui, Gracie?"

Seus olhos encontram os meus enquanto sua pergunta simples me envolve como um laço. Eu poderia lhe dizer que, esta noite, a história de "felizes para sempre" que venho contando a mim mesma há anos teve todas as suas páginas arrancadas. Que, depois disso, eu só queria estar com ele — com outra pessoa, com o amor em ruínas aos seus pés. Mas a luz fraca do abajur é forte demais para esse tipo de verdade, então, em vez disso, sussurro: "Eu não queria ficar sozinha".

Ele se aproxima, mas, assim como na porta de casa, para antes de me tocar.

“O que aconteceu?” ele pergunta, colocando as mãos nos bolsos como se fosse uma medida de segurança. Meu coração se aperta ao vê-lo cumprir sua promessa de não me tocar novamente. Ele não sabe que, neste momento, estar em seus braços parece ser a única maneira de eu conseguir passar por esta noite. Mas não consigo dizer nada. Me abrace. Me toque. Me faça esquecer que um dia quis um relacionamento para sempre com alguém, quando eu poderia ter isso agora com você.

“Me desculpe”, finalmente digo, com a voz embargada pela angústia. “Eu só… você poderia—”

Cambaleando um pouco, dou um último passo e fecho o espaço que tanto me esforcei para manter. Pressiono meu rosto contra o algodão quente estendido sobre seu peito largo enquanto a dor e a saudade me apertam por dentro. Ele está paralisado, e por um instante aterrador, me pergunto se interpretei toda a situação de forma errada. Mas então seus braços fortes me envolvem, uma mão acariciando a minha nuca, e um soluço silencioso aperta meu peito e minha garganta como um torno.

É algo tão simples, ser abraçada. Simples, mas magnífico em seu poder de transformar nossa dor, de um fardo a ser carregado sozinho, em um laço de carinho compartilhado. Parece que faz um milênio desde a última vez que estive em seus braços, e não consigo mais me conter. Perdi algo precioso esta noite, e sinto como

se a Estrela Polar tivesse caído do céu. Tremo contra ele, lágrimas quentes escorrendo dos cantos dos meus olhos cerrados. Ele absorve tudo em seu calor reconfortante, me acalmando com mãos gentis e sussurros que me asseguram que não estou sozinha. Que ele me tem.

Quando finalmente levanto minha cabeça pesada de sua camisa molhada e borrada de rímel, sei de uma coisa: não quero parar de tocá-lo. Não quero suas mãos longe de mim por um segundo sequer esta noite.

"Eu quero você." As palavras escapam da minha boca, diretas e simples demais para tudo o que ele me faz sentir. Seus olhos brilham com um olhar de aviso, e me apresso em tranquilizá-lo.

"Juro que não estou procurando promessas ou um relacionamento para sempre", digo, antes que ele possa me lembrar que, embora também deseje uma conexão física, ele não se envolve em relacionamentos. Sei disso muito bem, e é exatamente por isso que estou aqui. "Só quero algo que não parta meu coração, pelo menos uma vez", explico. "Algo simples."

Porque preciso saber como ele faz isso. Preciso que ele me mostre como lida com a solidão sem jamais arriscar seu coração.

Ele balança a cabeça, os olhos percorrendo meu rosto freneticamente. "Acho que não consigo simplificar as coisas, Gracie. Não com você."

"Eu... eu sei que é complicado com Larkwood", começo a argumentar. "Juro que não vou esperar que você fique com a propriedade só porque nós—"

"Não é isso que eu quero dizer", ele me interrompe, aparentemente sem perceber que está me puxando para mais perto. "Acho que não queremos as mesmas coisas."

"Eu já disse—não vou pedir mais do que você pode me dar. Quero que seja simples", imploro. "Sem compromissos."

Ele me olha como se eu não tivesse entendido nada. "Você merece coisa melhor. Eu só vou te machucar." É uma última tentativa desesperada de me afastar de tudo que ele mantém trancado, mas eu não acredito nele. Mesmo competindo por Larkwood, ele sempre foi atencioso e preocupado comigo, e esta noite, eu preciso dele mais do que nunca.

"Por favor, Jude", sussurro, olhando para ele. "Só por esta noite."

Seus olhos se fecham lentamente. "Esta noite", ele repete, com a voz embargada. Seus dedos brincam com as pontas da fita que pendem do meu rabo de cavalo, e contra minha barriga, seu corpo começa a revelar o quanto ele também deseja isso. Mas os toques suaves na minha pele param quando ele abre os olhos pesados para me olhar. "Mas Henry... Eu não posso fazer isso com ele. Eu não posso fazer isso com você. Vocês dois merecem ser felizes juntos."

Ele me solta, com o maxilar tenso e resignado. Tira os óculos e os joga displicentemente na cadeira atrás de nós antes de esfregar os olhos. De acordo com a minha vagina, ela acabou de presenciar um striptease.

“Espere”, digo, minhas mãos agarrando desesperadamente sua camisa. “Você tem razão — Henry merece estar com alguém que possa retribuir todo o amor que ele tem para dar”, digo a ele, enquanto o remorso me invade. “Ele é maravilhoso. Atencioso. Tudo o que eu sempre achei que queria.”

Engulo em seco, deixando a verdade escapar. “Mas agora, eu não quero perfeição no papel. Agora, tudo o que eu quero é uma caixa de fósforos.”

Algo mais profundo do que fome passa como uma sombra pelo rosto de Jude enquanto ele me puxa para perto novamente. A sensação se espalha a partir de seu toque e ilumina cada zona erógena do meu corpo.

"Você quer queimar tudo comigo, Gracie?", ele pergunta, com a voz mais grave que a de qualquer incendiário. Eu me pressiono contra o que parece ser uma barra de ferro entre nós, ficando na ponta dos pés para me aproximar da sua boca e de cada decisão ruim que eu morro de vontade de tomar.

"Por favor", eu imploro. Algo quente e desesperado brilha em seus olhos, e sua ereção se contrai com força contra mim. O calor se acumula entre minhas pernas enquanto a casca da mulher que fui nos últimos três anos se desfaz como uma casca de papel. "Você gosta quando eu digo por favor?", pergunto, e seu suspiro soa como se tivesse sido arrancado de seus pulmões.

Ainda me abraçando, sua mão sobe e traça o contorno do meu lábio inferior com o polegar. Antes que eu consiga sequer beijá-lo, ela desliza para baixo, roçando a linha central do meu queixo. Meu pescoço.

"Eu gosto quando você diz 'por favor'", ele diz, com a voz baixa e rouca, "porque significa que você quer que eu cuide de você."

As pontas dos dedos dele demoram na gola da minha camisa e roçam onde ela encontra minha pele, causando arrepios. Minhas mãos sobem, para os cabelos densos e macios na nuca dele, e eu penso em todas as vezes que o provoquei por ter uma tara.

"É isso, então?", sussurro, com uma única e forte palpitação. "Você quer satisfazer as minhas necessidades?"

Nesse momento, seus cílios caem enquanto sua cabeça se inclina para trás, expondo a parte inferior esculpida de seu queixo. Ele acena para o teto. Respira fundo. "Todas as suas necessidades imagináveis, Gracie."

Uma dor aguda e intensa me invade o estômago ao ouvir suas palavras roucas. Com a confirmação dele, todas as vezes em que ele cuidou de mim voltam à minha mente como se o filtro tivesse sido arrancado. Suas mãos ansiosas em meus tornozelos molhados na chuva. Sua insistência em me alimentar. Sua preocupação constante com meus pneus. A maneira discreta como ele encontrava lugares para todos os meus ex-clientes, e até mesmo a habilidade com que ele soltou meu cabelo no primeiro encontro. Meu peito aperta — é tão perfeitamente, tão essencialmente ele, que me pergunto como não percebi antes.

Quando ele olha para mim novamente, o constrangimento está estampado em seu rosto, mas tudo o que consigo pensar é em como eu desejo desesperadamente essa parte dele. Deixar de lado minha vida desmoronando por uma noite e aceitar todo o carinho que ele quer me dar. Eu o puxo para baixo, roçando meu nariz no dele, e fico sem fôlego.

"Então me beije", eu o incentivo. "Cuide de mim, Jude."

O gemido curto que ele solta parece involuntário. Quando finalmente cede, cada momento, deste beijo ao último, parece um espaço morto entre dois alfinetes num mapa. Não vale a pena a visita. Ele me beija como se fosse tudo em que pensou — como se fosse tudo em que pensará para sempre. Quando sua língua encontra a minha, ele é impaciente, mas minucioso; sujo, mas carinhoso, e não consigo conter o gemido abafado que escapa de mim. Quero me agarrar a ele. Fundir-me a ele em cada ponto de contato. Mas tão abruptamente quanto começa, ele se afasta, deixando-me boquiaberta e ofegante.

"Podemos parar", diz ele, sem fôlego. "Se você mudar de ideia—"

“Não vou mudar de ideia”, digo rapidamente, já sabendo que o verdadeiro problema será fingir que não quero isso todas as noites pela eternidade.

“Mas, caso você queira—”

“Eu te conto”, prometo.

O que quer que ele encontre no meu olhar deve tê-lo tranquilizado, porque ele acena com a cabeça, solta um suspiro e diz cinco palavras que me atingem como pura adrenalina.

“Então vamos te despir.”

26 GRAÇA

Três Semanas Antes do Casamento

Aparentemente, nada como a sugestão de ficar nua com alguém novo para transformar minha voz num apito de cachorro. "Certo", eu digo com a voz trêmula. "Ok."

Jude me olha fixamente. "Não está tudo bem?"

"Não, não, definitivamente está tudo bem. Ótimo, até", insisto, baixando o tom de voz para uma oitava razoável. "É só que..." Mordo o lábio e desvio o olhar. "Ninguém me vê nua há uns três anos", admito apressadamente, sentindo as bochechas esquentarem.

Por um instante, ele fica em silêncio. Como se eu tivesse dito algo inacreditável. Então, "Você não tem ideia, né? Do que você me faz."

Arrisco um olhar para ele, e o anseio em seus olhos quase me faz esquecer o nervosismo. Quase me faz esquecer em que planeta estamos. Vagamente, balanço a cabeça, incapaz de falar.

"Venha aqui", ele instrui, pegando minhas mãos nas suas. "Vou te mostrar."

Caminhando de costas, ele me conduz até o sofá que divide a sala de estar perto da lareira do resto do quarto. Quando se senta, ele ainda é alto o suficiente para alcançar meu peito com a boca. Sei disso porque ele está beijando a gola do meu vestido Peter Pan como se fosse a lingerie mais sexy que já viu na vida. Ele olha para mim, olhos como xarope de bordo ao sol, e de alguma forma, eles me acalmam e fazem meu sangue ferver ao mesmo tempo.

“Se não se importar, vou desabotoar este botão”, diz ele, levantando uma das mãos para circulá-lo com a ponta do dedo médio. Sinto o toque como se tivesse

acontecido entre as minhas pernas e, de repente, estou assentindo com a cabeça, o coração disparado.

“E depois?”, pergunto, quase sem fôlego.

Ele inclina a cabeça, pensativo. “Depois, vou desabotoar o próximo, e o próximo. E quando terminar, vou tirar esta blusinha certinha de você, e esses shortinhos minúsculos também, e você vai provar que estou completamente errado.”

“Errado?”, repito, minha respiração acelerando enquanto ele desabotoa o botão de cima com destreza.

Seus dedos deslizam para dentro da minha blusa e acariciam levemente meu peito nu até o próximo botão. Com um movimento rápido, ele o desabotoa e solta um suspiro pesado. Seus olhos encontram os meus novamente.

"Errado eu achar que você não é mais linda do que eu já sou."

Mordo o lábio enquanto uma emoção inesperada me invade. Logo, ele desabotoa o último botão e tira minha blusa dos meus ombros. Ela cai atrás de mim com um leve farfalhar do tecido, e seu olhar percorre tudo ao mesmo tempo, absorvendo a visão da minha pele nua sob a luz dourada.

"Me foda", ele sussurra para si mesmo, os olhos percorrendo meu sutiã preto simples.

"Essa é a intenção", digo, numa tentativa nervosa de fazer uma piada.

“Hoje à noite vai ser o contrário”, ele me informa, puxando meus quadris para mais perto.

Com o coração palpitando, observo suas mãos desabotoarem o cordão do meu short. A cintura afrouxa, mas em vez de puxá-lo para baixo, suas mãos simplesmente se fecham no tecido. Seus olhos se fecham e sua respiração fica ofegante, como se tivesse tido uma crise de vertigem.

“Não acredito que isso está acontecendo”, ele diz. “Diga que eu não estou desmaiado com a Taco em cima do meu corpo sem vida.”

Uma risada sem fôlego escapa de mim. “Se estiver, então não acorde e estrague tudo”, ordeno, levando as mãos aos seus cabelos bagunçados.

Ele olha para mim, com os olhos esperançosos. “Talvez ela me induza ao coma.”

Eu sorrio. "Isso definitivamente parece estar dentro das habilidades dela. Você poderia perguntar se ela faria um duplo?", digo, deslizando minhas mãos ávidas

pelos braços dele. Traço o contorno de uma caixinha de leite. Um aviãozinho de papel. Quero absorver os segredos deles através do toque.

"Pensei que você odiasse quando eu pedisse para você", ele provoca. Há um puxão, e então um empurrão do tecido descendo pelos meus quadris, e cada parte congelada e negligenciada de mim começa a derreter como se tivesse sido colocada sob uma grelha.

Fecho os olhos enquanto as mãos dele deslizam sobre minha calcinha, puxando meu short para baixo sobre a curva do meu bumbum. "Talvez você estivesse pedindo do cardápio errado", digo sem fôlego.

"Ou talvez eu tenha tido dificuldade em acreditar que nossos desejos eram mútuos", ele rebate.

Meu estômago revira, e mesmo com a névoa de desejo nublando minha mente, não me escapa que Jude ainda não consegue entender por que o quero. Estou prestes a recitar uma lista com aproximadamente 280 tópicos, mas então meu short cai aos meus pés. Estou tirando-o e meus sapatos baixos quando a mão dele desliza entre suas pernas abertas.

"Porra", ele sussurra, os olhos fixos na minha calcinha rosa-clara enquanto se ajeita na calça de moletom cinza. Um calor me invade, sabendo que ele consegue ver o quanto estou molhada. Eu consigo sentir, o líquido escorrendo entre minhas coxas.

“Eu sonhei com isso”, ele diz, com a voz rouca enquanto toca o lacinho na minha cintura. “Acho que até antes de nos conhecermos.” Ele se inclina para frente e encosta o nariz na minha pele. Inspira. “Você sempre esteve aí, só esperando para me destruir, não é? Meu ‘e se’”.

Meu peito aperta, mas é perigoso demais considerar a possibilidade de que Jude queira mais do que aquilo que eu vim buscar. Admitir isso significaria encarar a parte de mim que ainda anseia secretamente por isso também.

“Tenho quase certeza de que você acabou de descrever um desastre natural”, digo, desejando que minha voz não estivesse tão trêmula.

A mão dele desliza pela minha coluna para desabotoar o fecho do meu sutiã, enquanto ele deposita um beijo no centro do meu peito. Meu coração idiota retribui o beijo imediatamente.

“Eu poderia ter me preparado para um desastre natural, Gracie”, ele murmura, deslizando uma alça do meu ombro, depois a outra. “Mas não havia como me preparar para você.”

Ele se inclina para trás o suficiente para que o sutiã caia do meu peito nu, e meu estômago dá um nó. Suas palavras plantam sentimentos que não deveriam estar nem perto de um encontro casual, mas sou lenta demais para impedi-los de criar raízes.

“Me diga”, sussurro. “Me diga em que mais você pensou.”

Mas ele está olhando fixamente para meus seios nus, e eu sei que ele não me ouviu. Suas mãos grandes estão na minha cintura novamente, me puxando para frente.

“Jude—” digo, interrompendo-me com o algodão esticado sobre seus ombros largos. Ele me contou que nada, e sinto isso na contração dos músculos pesados sob minhas palmas. Uma mecha de seu cabelo escuro caiu para a frente, formando um C sobre suas sobrancelhas tensas. Estou prestes a tocá-la quando sua boca roça meu mamilo. Uma vez, depois duas, antes de me sugar profundamente. Ele geme dentro de mim, e minha respiração fica presa na garganta, esquecendo se deveria estar entrando ou saindo. Todos os meus pensamentos se reduzem a flashes sensoriais. Sua língua, provocando. Meus dedos dos pés, se contraindo. Dedos cravando. Costas arqueando.

“*Jesus*”, ele murmura enquanto me solta, deslizando a boca para a parte de baixo do mesmo seio, úmida e urgente. A mão que não está presa na lateral da minha calcinha sobe para apertar o outro seio, e meus quadris se contraem.

“Quer saber em que mais eu pensei?”, ele pergunta, percorrendo meu peito com beijos famintos e sugadores.

Aparentemente, ele percebeu meu pedido — aparentemente, ele percebe cada detalhe meu, inclusive o jeito como fico na ponta dos pés quando ele fica um pouco mais bruto comigo. Eu aceno com a cabeça, apreensiva, tão excitada que acho que posso perder o controle assim. “*Sim.*”

Mas ele ainda não me responde. Seus dentes se fecham ao meu redor, sua língua acalmando a ardência, e eu arfo, as bordas de um orgasmo já à espreita, quase ao meu alcance. Seu aperto se intensifica. "Você é tão sensível, não é?", ele diz com

admiração na voz. Como se não pudesse acreditar o quanto eu precisava disso. O quanto eu precisava dele. "Tão perfeito."

"Jude", eu digo, meu pescoço amolecendo quando seus dedos deslizam logo abaixo da cintura da minha calcinha.

"Eu sei, meu bem", ele sussurra, depositando um beijo em meu pulso acelerado. Mas aquele tom carinhoso em sua voz grave só piora a dor. "Você pode se virar para mim?"

Sinto meus membros muito soltos, como se eu fosse desabar se me movesse rápido demais, mas aceno com a cabeça — carente demais para me sentir constrangida. As mãos de Jude estão nos meus quadris, me virando, e ouço sua respiração ofegante ao ver o que quer que esteja acontecendo.

"Ah, meu Deus... droga", ele diz, com a voz trêmula. Um calor intenso sobe pela minha barriga, e o atrito das minhas próprias coxas não é suficiente. Quero as mãos dele em mim — dentro de mim — mas quando finalmente as encontro, não estão onde eu esperava. Em vez disso, ele aperta meu rabo de cavalo solto e mexe na fita, murmurando algo sobre *lacinhos malditos*, e percebo que isso faz parte do jogo para ele. Me despir, arrumar meu cabelo do jeito que ele quer até que eu me sinta tão preciosa que preciso que ele me quebre.

“Gracie”, ele diz, meu nome roucamente como um arranhão enquanto suas mãos deslizam pelas minhas costas. Ele puxa minha calcinha para cima, fazendo com que suba mais sobre minha bunda. Mais apertada entre minhas coxas. Seus polegares deslizam pelas bordas inferiores do elástico, e eu não consigo parar de me arquear ao seu toque. “Porra, preciso que você se incline. Só—” Ele solta um suspiro. “Você seria uma boa menina e faria isso por mim?”

Suas palavras me causam uma onda de desejo, mesmo enquanto me assusto com o pedido — nunca fiz nada tão vulnerável. Nunca. Mas também nunca me senti tão segura ou tão desejada. Sem mais hesitar, deixo minhas mãos caírem sobre a mesa de centro dourada à minha frente. Esta noite, mais do que nunca, quero me libertar da minha fixação no futuro e dar rédea solta ao que me faz bem agora. E o que me faz bem agora é deixá-lo ver exatamente o que ele me causa.

"Meu Deus, olha só para você", ele sussurra roucamente. Eu gemo, esfregando as pernas numa tentativa inútil de aliviar a dor, mas suas mãos encontram meus tornozelos em vez de onde eu mais preciso delas.

“Você tem a mínima ideia do que isso me causa?”, ele pergunta, roçando as delicadas linhas de tinta que tenho. Quem diria que tornozelos eram tão sensíveis?

“Às vezes eu até esqueço que eles estão aí”, digo, olhando para baixo e vendo suas mãos grandes envolverem completamente cada tornozelo. Ele aperta. Minha visão fica turva.

Sua risada soa dolorosa. “Que sorte a sua. É como se estivessem tatuados no meu cérebro.”

Sinto um prazer repentino quando, sem perceber, ele joga para o espaço sideral a pequena pontada de vergonha e arrependimento que carrego ali. Mas então ele puxa meus tornozelos delicadamente para os lados, e eu esqueço de dizer o quanto também gosto das tatuagens dele.

“Está tudo bem?”, ele pergunta, com a voz rouca e baixa.

Se por "tudo bem" ele quer dizer destruir minha vida, então sim. Sim. Dou dois passos trêmulos para o lado. A essa altura, se ele não me tocar, é uma preocupação muito razoável que eu chore.

Felizmente, ele parece saber disso, e suas mãos começam a deslizar pela parte de trás das minhas pernas. Ele para logo abaixo da curva do meu bumbum, e minhas coxas começam a tremer. Ele emite um som suave e compreensivo. "Vou cuidar de você agora, ok?"

Minha respiração está tão irregular quanto meu aceno de cabeça. "Por favor."

Ele geme enquanto suas mãos deslizam pelas minhas nádegas. Apertando. Afastando. A pressão quente de sua boca pousa na borda da minha calcinha. Ouço um "foda-se" abafado. Um arranhão dos dentes inferiores, uma mordida, e então seu polegar grande, direto para o centro derretido de mim. Arfo com o toque, tudo se contraindo, mas suas mãos apenas apertam minha bunda com mais força, me abrindo.

"Nisso", ele sussurra, pressionando a boca contra o tecido encharcado. Ele o suga, afastando-o da minha pele antes de soltá-lo com um estalo úmido. "É nisso que eu penso, Gracie. O tempo todo."

Estou à beira das lágrimas, os nós dos dedos brancos, precisando de mais. "O que mais?", imploro. Porque não basta que seus dedos puxem minha calcinha para baixo enquanto ele murmura palavrões. Não basta quando sua língua me lambe, ou como

ele grunhe com o gosto. Eu preciso estar dentro da mente dele também — agarrar aquele fio que nos liga antes que eu me entregue completamente —

Mas então seu polegar desliza sob sua boca, circunda meu clitóris uma vez, e eu gozo. É rápido, superficial e tão inesperado que não consigo emitir um único som com a boca aberta. Estou na ponta dos pés, cada músculo do meu corpo se contraindo como se tivesse levado um tapa, e Jude geme dentro da minha vagina, puxando meu quadril para penetrar mais fundo.

Me entrego à sensação intensa — os gemidos úmidos e lascivos que ele emite, e a ponta lisa do seu polegar, me acariciando com uma força quase excessiva. Um grito escapa da minha garganta, e não consigo mais me sustentar. Meus joelhos se chocam e eu desabo, até que Jude me puxa para trás, para o seu colo.

"Eu sabia. Sabia mesmo." Ele murmura como um teórico da conspiração, o peito arfando, as mãos acariciando meu cabelo. Enquanto isso, minha cabeça cai para trás em seu ombro, sem entender nada. "Tão receptiva, não é? A garota dos meus sonhos."

Felizmente, ele não parece esperar nenhuma resposta coerente. Mal percebo que ele está abaixando minha calcinha encharcada e torcida até os meus joelhos.

Elas caem no chão, deslizando das minhas pernas penduradas, e é bom. Bom estar completamente nua contra o calor do seu corpo muito maior e totalmente vestido. Delicadamente, ele passa as mãos por baixo dos meus joelhos fechados e os posiciona sobre os seus.

"Eu também pensei nisso", diz ele, e eu solto um suspiro quando, abruptamente, seus joelhos se abrem, levando os meus junto.

"Jude, eu não consigo—" protesto, mas seus dedos já estão acariciando a bagunça que eu fiz de mim mesma, mostrando-me que, na verdade, eu consigo.

“Quando você me deixou te levar até a confeitaria”, ele diz, com os lábios contra minha têmpora úmida, “você ficava esfregando as coxas uma na outra com aquela maldita saia.” Seus quadris se movem, e de repente percebo a pressão implacável de sua ereção atrás de mim. “Me fez pensar que você talvez me quisesse metade do que eu te quero. Mas você estava—”

Ele para. Solta um suspiro profundo.

“O quê?”, resmungo, me remexendo contra seus movimentos lentos e preguiçosos.

“Você estava sendo uma pirralha mimada”, ele repreende, a voz baixa com uma mistura profana de irritação e desejo. “Me dizendo que queria ser minha amiga? Me deixando com tanta inveja da minha melhor amiga que meus dentes doíam?” Seu aperto na minha coxa se torna implacável enquanto ele solta um suspiro. “Eu queria enfiar a mão por baixo da sua saia para sentir o quanto você estava molhada. Para te fazer admitir exatamente o quão amigável você queria que eu fosse.”

Ele empurra a ponta de um dedo grosso em mim, até a primeira junta, e eu me debato indefesa ao redor dele. “Isso é amigável o suficiente para você, Gracie?”

Mordo o lábio com um gemido, meus pés se prendendo atrás de suas panturrilhas imóveis enquanto ele me abre ainda mais. "N-não", gaguejo, arqueando os quadris para cima, as unhas cravando em seus antebraços. "*Mais.*"

"Sem mais?" Ele estala a língua, e eu poderia matá-lo por me provocar.

"*Jude*", digo, mas sai como um rosnado selvagem que eu nem sabia que era capaz de emitir.

Ele beija a lateral da minha cabeça como se eu fosse doce, e então desliza o dedo mais fundo. Quando ele começa a roçar o polegar no meu clitóris, vejo estrelas pela segunda vez.

"*Meu Deus*", ele rosna enquanto a outra mão pressiona minha barriga, me apertando contra o colo enquanto eu me contorço. Ele está duro como pedra embaixo de mim, imenso, e eu estou encharcada em sua mão.

“Mais”, gemo novamente, minhas coxas tremendo incontrolavelmente enquanto levanto a cabeça para olhar para onde ele ainda está me penetrando. “Conte-me mais.”

Outro dedo entra, mas estou tão inchada que mal cabe. Gemei, movendo meus quadris em seu colo, e seu peito subiu e desceu sob mim. “Contar mais?”, ele pergunta, a voz falhando. “Você realmente quer saber meus sonhos mais sujos, Gracie?”

“Por favor”, arfei enquanto a mão em minha barriga deslizava até minha garganta, apertando suavemente até que minha cabeça caísse para trás em seu ombro.

Ele enfia os dedos mais fundo, reduzindo minha respiração a fragmentos. Sua expiração poderia ser uma maldição, e eu viro a cabeça o suficiente para lamber a

lateral salgada do seu pescoço. Para ver a linha do seu perfil, olhando para o meu corpo contorcido e brilhante de suor.

“Porra, eu quero—” Seus olhos se fecham com força enquanto seus quadris e mãos se contraem involuntariamente. “Eu quero lavar seu cabelo. Quero te dar um banho e pintar suas unhas. Quero te vestir com lingerie e arrancá-la. Eu quero—” Seu corpo inteiro estremece, e eu não consigo me conter por muito mais tempo. Seu polegar está errático no meu clitóris, os dedos se movem mais rápido, e eu vou gozar com muita força desta vez, mas não é isso que me assusta. O que me assusta é a cicatriz no meu peito, expondo apenas uma pequena parte do que sinto por este homem que desesperadamente quer cuidar de mim.

E o quanto eu quero deixá-lo fazer isso.

Sua voz está rouca e febril enquanto ele coloca a palma da mão inteira sobre minha vagina, os dedos ainda profundamente dentro dela. Ele me pressiona, esfregando-me contra seu pau, e eu me sinto flutuando. "Quero comprar um carro novo para você e queimar seus pneus velhos", ele sussurra no meu ouvido, e os primeiros espasmos me percorrem. "Quero colocar correntes de diamantes no seu pescoço e pulsos para que todos saibam que você é minha para mimar. Quero pedir comida para você todas as noites e te alimentar", ele ofega, e eu percebo que ele está perdendo o controle. "Quero cuidar de você. Mas acima de tudo", ele diz, a mão apertando minha garganta enquanto sua voz se transforma em um rosnado que sinto contra minhas costas. "Quero que você goste."

Meu orgasmo me pega de surpresa como uma avalanche. Uma escuridão total que me impede de respirar, ou mesmo de perceber se estou de quatro ou de cabeça para baixo. Me faz questionar se eu já tive um orgasmo antes, se não foi com ele.

Seu grunhido agudo me faz abrir os olhos de repente, e olho para baixo para ver sua mão entre minhas pernas abertas, me penetrando como se meu prazer fosse a única coisa que o faria gozar. É alto e molhado, e quando ele morde meu ombro, meu grito é incontrolável. Ele geme contra minha pele, os dentes afundando mais fundo, e eu sei que ele também está chegando ao clímax. É demais e, ao mesmo tempo, insuficiente — não quando não consigo vê-lo perder o controle. Não quando meu coração dispara para se aproximar do dele. Mas talvez seja melhor assim. Talvez se estivéssemos conversando de coração para coração e compartilhando suspiros, eu estaria em apuros ainda maiores do que já estou.

Quando ambos estamos exaustos, tremendo e ofegantes com os espasmos da exaustão, acho que não conseguiria me mexer nem se alguém me oferecesse dez milhões de dólares a centímetros do rosto. Estou jogada sobre ele como um cadáver e, em algum lugar na estática da minha mente, considero a possibilidade muito real de ter morrido. *Foi uma boa vida*, decido. Se ele vender Larkwood, eu me tornarei apenas o fantasma residente, implorando por mais.

Estou apenas semiconsciente quando ele ajeita meu corpo inerte em seus braços. Quando ele me carrega e me cobre com a cama mais macia que já senti, só percebo que cochilei quando ele me acorda com um suave: "Gracie. Anjo. Posso te limpar?"

Assinto com a cabeça, incapaz de manter os olhos abertos, e murmuro de prazer com o calor reconfortante da toalha morna entre minhas pernas.

"Você se saiu tão bem", ele me diz em voz baixa, beijando meu joelho dobrado. Seu elogio me envolve, suave e viciante.

"*Eu?*", digo fracamente enquanto ele termina e me senta o suficiente para que eu tome um gole de água fresca. "Tenho quase certeza de que não sou eu quem merece uma estrelinha dourada aqui."

"Eu não quero uma estrelinha dourada", ele diz, apagando o abajur e se deitando atrás de mim. Ele nos cobre com o cobertor e me puxa para perto dele. "Quero que você durma para que eu possa confirmar se você ronca."

"Eu não ronco!"

"Claro que ronca", ele murmura, encontrando minha mão para segurar no escuro. "Como uma motosserra."

Eu rio, mas a risada logo se transforma em um bocejo. "E eu passei essa impressão... como?"

A voz dele está abafada contra a minha nuca. "Ninguém pode ser tão perfeito assim."

Meu coração dispara. Quando vim aqui esta noite, disse a mim mesma que queria algo simples. Ficar com Jude deveria ser a minha maneira de provar que consigo ter encontros casuais sem compromisso que me protejam de um coração partido. Se eu estivesse seguindo minhas próprias regras, não estaria aqui esta noite. Mas agora, minhas pernas têm a firmeza de um par de molas, e minha vontade de sair do seu abraço é ainda mais fraca.

Porque esta noite foi tudo menos simples. Ela me transformou de maneiras que só agora começo a compreender. Tanto que nem questiono o último pensamento que tenho antes de adormecer.

Talvez "simples" não seja o que eu quero, afinal. Talvez eu queira estar presa em todos os seus fios, só para que ele possa me desvendar como um lindo lacinho.

27 JUDE

Três Semanas Antes do Casamento

De alguma forma, mesmo semiconsciente, sei que nunca dormi tão bem na minha vida — até que meu alarme habitual, o som de garras, pressiona ameaçadoramente meu pé exposto. Com dificuldade, resisto à tentação de chutar Taco para longe, sabendo por experiência que ela só vai cravar mais fundo. *Droga.*

Não quero levantar. Não quando a fonte de toda a minha profunda satisfação ainda está meio esparramada sobre o meu peito. *Gracie.*

Um suspiro incontrolável escapa de mim, porque agora, acho que sou uma pessoa que suspira. Eu sabia que estava encrencada desde a primeira vez que a vi no memorial da vovó, mas não tinha ideia de quão ruim seria. Mesmo depois de ela se tornar a única pessoa com quem quero compartilhar todos os meus segredos, eu me convenci de que estava tudo bem. Houve tantos obstáculos entre nós que eu estava convencida de que nada aconteceria além do nosso beijo.

Mas aí, ontem à noite…

Eu suspiro de novo.

Ontem à noite.

Mudou tudo. Eu não poderia estar mais exausta e com o coração partido depois do jantar com a minha mãe. Mas então Gracie bateu na minha porta, com os olhos cheios de lágrimas e precisando de mim.

Meu coração idiota se enrola num nó de orgulho e saudade, enquanto mais abaixo, o desejo desliza para dentro do meu ventre, tão denso e quente que preciso fechar os olhos.

Expiro. Minhas… inclinações específicas nunca haviam se infiltrado no meu dia a dia. Normalmente, quando estou com outras mulheres, qualquer cuidado que eu demonstre é artificial. As cenas têm começos e fins claros. Mas com Gracie, não há limites nas maneiras como eu gostaria de cuidar dela. E ontem à noite, ela finalmente me permitiu ter uma fração do que eu quero dela. Ela me escolheu, e eu estava tão atordoado que não consegui questionar. Mesmo que isso significasse trair meu melhor amigo.

Eu estremeço quando a culpa que venho tentando afastar me atinge como um soco no estômago. Queria que me atingisse de novo. Depois do nosso primeiro beijo, olhei nos olhos de Henry e disse que não a tocaria mais. Mas agora, meus dedos se aconchegam na curva suave de sua coluna, e seus cabelos escuros caem sobre meu ombro como tinta que quero eternizar. É demais para acreditar.

Mas de alguma forma, inacreditavelmente, ela está aqui. E meu maldito gato também.

Taco crava as garras um pouco mais fundo em sinal de aviso, e eu cedo. Depositando um beijo na franja bagunçada de Gracie, começo a me desvencilhar cuidadosamente de debaixo dela. Ela solta um gemido baixo que vai direto para o meu pau quando consigo me libertar, mas não acorda. Taco, satisfeita por eu ter obedecido às suas ordens, senta-se aos pés da cama, limpando as patas como se estivessem sujas.

Eu a encaro em silêncio, como se estivesse me comunicando com ela. *Você não podia me deixar aproveitar mais cinco minutos da melhor noite da minha vida?* Ela me encara de volta. Não.

Resmungando, levanto-me e vou a passos largos até o quarto dela. Ela só demonstra carinho comigo enquanto a alimento e, pateticamente, geralmente aceito tudo. Mas agora, tenho a Gracie na minha cama — uma mulher que, sozinha, virou minha personalidade do avesso, rasgou as costuras e as reconstruiu em um formato feito para acolher alguém. Para acolhê-la.

Por isso, não me demoro a acariciar minha gata malvada. Assim que ela começa a comer, corro para o andar de baixo para preparar café e o café da manhã para a Gracie. Com sorte, isso ajudará a despertar o motivo pelo qual ela veio até mim ontem à noite. Ou, pelo menos, dará a ela forças para tudo o que não conseguimos fazer ontem à noite.

Quando volto para o quarto com o café da manhã improvisado, abro a porta com o pé e encontro Gracie acordada e… *acariciando Taco*?

Tentando não deixar a bandeja cair, cruzo a soleira como se estivesse entrando em outra dimensão. O cabelo escuro de Gracie está solto, bagunçado em volta de seus ombros pálidos, e o sol da manhã pinta cada contorno dela como um pincel mergulhado em luz.

A porta range, e ela olha para mim brevemente antes de sorrir de volta para Taco. "Não acredito que você disse que ela era má!"

"Eu disse má?", pergunto baixinho. "Quis dizer despótica."

"Acho que a palavra que você está procurando é 'perfeita'", ela murmura, coçando Taco atrás da orelha.

"Por favor, só tome cuidado", aviso, aproximando-me da cama. "O petisco favorito dela é carne humana."

Mas mesmo daqui, consigo ouvir o ronronar da Taco. Naturalmente, ele para no instante em que me sento. Taco me olha, decide que estraguei tudo e sai correndo da cama com um resmungo felino.

Enquanto Taco sai, Gracie volta toda a sua atenção para mim e nota a bandeja. Seus olhos brilham por um breve momento de descontração antes de seu sorriso vacilar. Quase como se ela tivesse acabado de perceber que sua reação natural foi a errada. Fico completamente imóvel, repetindo mentalmente a palavra "Droga" até que ela finalmente diz: "Você fez o café da manhã. Uau!" Mas o tom dela soa mais como "Você está me pedindo em casamento no primeiro encontro. Uau!"

Por dentro, eu me encolho. Claro que me lembro do que ela me disse ontem à noite. *Quero que seja simples. Sem compromisso.* Mas depois do que compartilhamos, pensei que as coisas também pudessem ter mudado para ela.

Meu Deus.

Sei que não devo me decepcionar. Ela só está se protegendo, e se eu tivesse um pingo de autocontrole, estaria respeitando os limites dela em vez de fazer corações no maldito latte dela.

Recorrendo a toda a minha apatia natural, como um reflexo, dou de ombros e vou até a cama. "Eu estava morrendo de fome", digo enquanto ela se senta, segurando cuidadosamente os lençóis contra o peito. "Quer um pouco?"

“Você realmente não precisava fazer tudo isso, mas obrigada”, ela diz, pegando uma uva. Observo-a desaparecer em sua boca com um lampejo de satisfação antes de encontrar seu olhar.

“Talvez eu tivesse segundas intenções”, admito, hesitante. “Eu esperava que pudéssemos conversar sobre o motivo da sua visita ontem à noite.”

“Ah”, ela diz, apertando o latte que acabara de pegar contra o peito.

Lança-lhe um olhar de desculpas. “Olha, eu sou a última pessoa que reclamaria da sua visita, mas você parecia bem chateada quando chegou. Quero ter certeza de que está tudo bem.”

Ela pisca, olhando para o café, com os ombros levemente erguidos. “Agradeço, mas não precisamos conversar, Jude. Eu te disse ontem à noite que isso não pode ser nada além de…”

Ela baixa os cílios, tímida demais para dizer.

"Transar?" completo por ela, enquanto a decepção me invade. Porque, aparentemente, entramos em um universo paralelo onde a cerimonialista romântica incurável quer sexo sem compromisso, enquanto o advogado de divórcio cínico não se oporia necessariamente a ter as iniciais dela tatuadas na bunda.

Ela olha para mim, mas permanece em silêncio.

"Jesus", murmuro, balançando a cabeça. "Só porque não fizemos isso em pétalas de rosa não significa que não podemos conversar. Você não é uma qualquer que conheci na internet, você é—" Interrompo a palavra no último instante. *Tudo*.

“Bem, ao contrário de você, eu nunca fiz isso antes”, ela dispara, pousando a xícara de café. “Não sei as regras. Você aparece com café da manhã na cama e... eu não sei o que pensar.”

“Quem manda aqui é você, Gracie. Você me disse que queria algo simples, e eu prometo que vou tentar. Mas se você acha que pode aparecer no meu quarto, me deixar fazer coisas com você que eu vou reviver pelo resto da minha vida, e depois esperar que eu não pergunte por que tive tanta sorte, você está redondamente enganada.”

Ela fecha os olhos e suspira. “Me desculpe. Eu sei que ontem à noite foi atípico para mim. Sinceramente, mal me reconheço agora.”

“Você não me deve desculpas nem nada específico”, digo a ela. “Só quero saber se você está bem.” E consertar tudo, se não estiver.

Seus olhos encontram os meus, como se ela estivesse tentando decidir algo. Depois de um instante, ela pergunta: “Você tem alguém na sua vida que possa lidar com qualquer tempestade que você traga? Tipo um porto seguro?”

A pergunta me pega de surpresa. Automaticamente, penso no meu terapeuta, David, mas duvido que Gracie esteja se referindo a alguém que me cobra pelos serviços. Em seguida, penso na minha mãe, mas, embora sejamos próximas, essa não é a nossa dinâmica. Então, em vez disso, dou a resposta mais sincera que consigo.

“A vovó era essa pessoa para mim. Ela e o Henry, claro”, digo, com uma pontada de culpa.

Ao ouvir o nome de Henry, ela estremece antes de assentir. "Agatha sempre me fez sentir segura. Ela abriu as portas de sua casa para mim quando eu mais precisei."

Meu estômago se contrai ao pensar em meus esforços para expulsá-la de lá. "Será que agora devo perguntar se eu sou o idiota?"

Um leve sorriso irônico surge em seus lábios. "Você está perguntando para mim ou para o universo inteiro?"

"Acho que uma resposta de qualquer um de vocês não será muito boa para a minha autoestima."

Seu sorriso é apenas um lampejo que não chega aos seus olhos. "Eu tinha outro porto seguro além de Agatha", ela diz, e me alarmo ao ver a angústia crescendo rapidamente em seu rosto. "Mas ontem à noite—" Sua testa se franze e ela olha para as mãos, enroladas nas cobertas.

Solto um palavrão baixinho. "É sua mãe?", pergunto, lembrando que ela não tem um relacionamento próximo com o pai. "Ela está bem?"

A risada curta que escapa dela é cortante enquanto ela enxuga as lágrimas com as mãos. "Não, não é minha mãe." Ao ver minha expressão de surpresa, ela diz: "Isso é inesperado?"

Esfrego a nuca. "Bem, não mande o Taco me atacar, mas depois que você mencionou não ter um bom relacionamento com seu pai, eu meio que presumi que você fosse a filha muito amada de uma mãe rigorosa, mas compreensiva, que secretamente gostaria que você trabalhasse em contabilidade. Estou enganada?"

Um sorriso triste surge em seus lábios. "Essa é uma barra que eu poderia ter superado por ela."

Franzei a testa. "Não sabia que existiam barras altas demais para você."

“Bem, a menos que eu acorde amanhã com um talento atlético até então desconhecido ou um pênis, acho que estou fadado a ser uma decepção para meus pais. Ou pelo menos uma aberração.”

Minhas sobrancelhas se juntam à minha carranca, formando um olhar fulminante. “Você não é uma aberração.”

“Meu pequeno exército de bichinhos de pelúcia zumbis diria o contrário.”

“Você também não é uma decepção”, digo, sentindo meu sangue ferver.

“Agradeço o consolo, mas nenhum dos meus problemas com meus pais é relevante para esta conversa. Não queria te chocar com as minhas feridas da infância.”

“Acredite, não há nada que você possa dizer que me chocaria”, murmuro sem pensar.

Há um breve silêncio, e quando levanto os olhos para ela, vejo que está me encarando como se tivesse acabado de ver a silhueta de um monstro marinho deslizar sob o gelo em que estamos. Tentando mudar de assunto, pergunto: "Então, já que eles claramente não são um porto seguro, nem mesmo uma caixa de papelão molhada, em quem você se apoiou durante a infância?"

Ao ouvir meu tom quase descortês, ela desvia o olhar, mas não me contradiz. "Acho que já mencionei minha melhor amiga—"

"Sofia."

"Certo", diz ela, parecendo surpresa por eu me lembrar do nome dela. "Bem, a família dela—" Ela para por um instante e morde os lábios. Leva um momento até que consiga continuar. "Eles meio que me criaram?", diz ela, com a voz trêmula.

“E eles estão bem?” pergunto, tentando não demonstrar o quanto estou chateada por ela precisar dos cuidados da família da sua melhor amiga.

Ela franze as sobrancelhas. “Não muito. Não. Ontem à noite descobri que o pai da Sofia se mudou. Os pais dela estão se separando porque, aparentemente, ele a maltrata emocionalmente há anos.” Sua voz falha um pouco e, sem pensar, seguro sua mão.

“É obviamente devastador só por isso, mas também não consigo parar de pensar que eu deveria ter percebido de alguma forma.” Ela enxuga as lágrimas com a mão. “Como eu nunca notei que algo estava errado enquanto eles sofriam por tantos anos? Como pude ser tão insensível?”

Sua angústia silenciosa abala minha compostura, derramando uma raiva fria sobre esse homem que nunca vi.

"Não se culpe por não ter percebido", digo a ela com a convicção de alguém que testemunhou inúmeras vítimas e seus entes queridos se torturarem com uma culpa injustificada. "O abuso emocional pode ser extremamente sutil, e se ninguém se abriu com você sobre isso, provavelmente é porque não estavam prontos para falar sobre o assunto. Sofia e sua família podem estar apenas agora se dando conta da verdade." Fecho os olhos. "Processar algo assim não vem com um manual de instruções."

“Você tem razão”, diz ela, com a voz embargada. “Eu sei que ela ainda está se adaptando, mas fiquei tão chateada por ela não ter me contado antes. Sofia disse que estava me protegendo, mas não consigo parar de pensar em como coloquei o pai dela num pedestal esse tempo todo. Como isso deve ter doído.”

Nesse momento, não consigo evitar interromper: “Não se culpe por querer alguém em quem confiar e admirar, Gracie. Pelo contrário, parece que você também estava sendo manipulada emocionalmente.”

Uma lágrima escorre pela sua bochecha. "Ontem, eu jamais teria acreditado. Comparados aos meus, eu sempre imaginei os pais da Sofia como tendo... sabe..." Ela gesticula com a mão e revira os olhos. "Uma história de amor de conto de fadas. Eles me fizeram acreditar que o 'felizes para sempre' era possível, mas agora tudo parece... uma grande mentira."

Sua voz está tão sombria que me faltam palavras para confortá-la. Na noite passada, sua crença no amor foi destruída e, em vez de tentar consertá-la com alguém como Henry, ela decidiu desistir da esperança com alguém como eu. Meu coração se torna uma âncora no meu peito.

“E eu sei que isso é muito egoísta”, ela continua, “mas em vez de apoiar minha melhor amiga quando finalmente tive a chance, nós brigamos feio. As coisas que dissemos uma para a outra…”

Ela cobre a boca com a mão, incapaz de dizer mais alguma coisa. Em vez disso, vira-se para mim e esconde o rosto no meu pescoço, soluçando baixinho.

“Você estava em choque”, digo, abraçando-a com mais força. “Você não tinha condições de ajudar ninguém. Eu sei que quando a poeira baixar, você vai conversar com ela. Vai apoiá-la no que ela precisar.”

Ela levanta a cabeça para me olhar. “Não sei se mereço outra chance”, diz ela. “Nem sei por onde começar a consertar isso.”

Nesse momento, não consigo evitar pensar em Henry e no meu próprio egoísmo. "Para uma amizade como essa... você tem que tentar." Enxugo uma lágrima de sua bochecha. "Eu sei que se ela te der uma chance, você vai consertar o que estiver quebrado."

"E quanto ao que está quebrado dentro de mim agora?", ela pergunta. "Desde que me lembro, sempre quis encontrar minha alma gêmea. Aquela pessoa que faria um mapa do meu coração." Ela balança a cabeça. "Parece tão estúpido dizer isso em voz alta. Você sempre teve razão, Jude. Era só uma fantasia."

"Não diga isso", sussurro, segurando seu rosto úmido entre minhas mãos e dando um beijo em sua franja. "Se o coração de alguém merece ser mapeado, é o seu, Gracie."

As palavras escapam da minha boca num impulso instintivo de confortá-la. São sinceras demais, mas ela está tão emocionada que não percebe a verdade por trás delas. Que eu queria que fosse eu.

"É arriscado demais", diz ela, balançando a cabeça enquanto a solto. "Foi por isso que vim aqui ontem à noite." Seus olhos escuros encontram os meus. "Eu queria que você me mostrasse como ser feliz apenas com isso."

"Só isso?", repito, enquanto uma ânsia por algo mais quase me sufoca.

"Algo casual", explica ela, passando o dedo sobre um dos meus lábios. "Nunca fui boa em proteger meu coração, mas você faz parecer tão fácil."

Será? Quando finalmente consigo responder, minha voz é um sussurro. "Acho que a prática leva à perfeição."

Ao ouvir meu tom de voz, sua expressão muda para algo apologético. Tímida. "Estou errada? É que... você se autodenominou especialista em casos de uma noite só, e é exatamente disso que preciso agora. Uma pausa na constante esperança de que meu próximo beijo leve a um 'para sempre'."

Suas palavras me atingem em cheio, mas seus olhos estão tão determinados que não consigo lhe dizer a verdade. Que manter todos à distância tem sido mais fácil do que respirar — até ela aparecer.

"Se é disso que você precisa, então é isso que serei. Um idiota emocionalmente imaturo, ao seu dispor."

Era para ser uma piada, mas acho que preciso melhorar a entonação, porque suas sobrancelhas se franzem antes que ela, hesitante, estenda a mão para a minha.

"Só para constar, não acho que você seja um babaca. Ou emocionalmente imaturo. Mas talvez..."

Ela morde o lábio, hesitante. "No jantar, o Henry comentou que você talvez entenda o que é ser magoado pela família. É por isso que você é tão bom em se proteger?"

Meu *Deus*. Não é a primeira (nem a centésima) vez que eu queria poder contar tudo para ela. Mas é só um impulso egoísta de me sentir menos sozinho. A verdade é que eu não sou uma vítima, e não vou dar uma história triste para a Gracie. Não quando sou a única pessoa em quem minha mãe confia para contar a verdade. Há muita coisa em jogo.

"Tudo o que vivi foi insignificante", digo finalmente, mas mesmo essa mera admissão é mais do que jamais disse a alguém fora do escritório de David.

"Em outras palavras, 'não se preocupe comigo'", ela diz suavemente, pressionando um dedo na covinha do meu queixo.

Pego sua mão e beijo a ponta dos seus dedos. "Exatamente. Já te dei preocupações suficientes."

"Então a cuidadora não gosta de ser cuidada."

Minha boca está em seu pulso agora, subindo lentamente pela parte interna do antebraço, ansiosa para lhe dar a única coisa que ela quer de mim. A única coisa para a qual eu sirvo. "Se você tiver tempo, com certeza tenho algumas dores que você poderia cuidar."

Ela emite um som suave, mas então congela. "Droga. *Tempo*."

"Só uma construção", murmuro contra sua pele.

"Não, não", ela diz, sentando-se rapidamente. "Que horas são agora?"

Franço a testa. "Umas sete, eu acho?"

"*Nãooo*", ela geme, mas antes que eu possa perguntar o que há de errado, ela derrama corretivo líquido sobre todos os meus pensamentos, praticamente caindo da cama nua, gloriosa sob a luz do sol da manhã.

"Preciso ir — estou muito atrasada!"

"Para que você está atrasada às sete da manhã?", pergunto, depois de conseguir juntar dois neurônios.

"É uma coisa para a festa de aniversário da minha mãe", ela explica, vestindo-se às pressas. "Ela quer o mascote dos Patriots lá para as crianças, o que, obviamente, eu não consegui providenciar. Mas encontrei um cara com uma fantasia antiga em Woonsocket e, infelizmente, essa foi a única data disponível para ele."

"Espera, eu pensei que você tivesse dito que não era próxima da sua mãe", digo, tentando processar essa nova informação. "Por que você está planejando o aniversário dela?"

Ela está abotoando a camisa a toda velocidade, com um elástico de cabelo na boca, enquanto murmura: "É complicado".

As palavras me são tão familiares que quase rio, apesar de saber o quanto elas podem afetar a minha vida. Mas, em vez de interrogá-la, deixo isso de lado e levanto da cama.

"Posso ajudar em alguma coisa?", pergunto enquanto ela calça os sapatos. "Quer comer alguma coisa para a viagem?"

Mas ela para no meio do movimento, olhando para a parte de baixo do meu corpo. Dou uma olhada na minha cueca boxer e na minha camiseta branca, mas, tirando a ereção parcial que já estou exibindo por causa da queda dela da cama, nada parece fora do normal.

"Não", ela responde com a voz trêmula. "Estou bem."

Diante de sua resposta confusa, uma espécie de satisfação vaga e áspera se instala em meu estômago. Talvez eu seja a pior coisa para ela, mas pelo menos sei que ela ainda me quer. "Nesse caso, acho que te vejo mais tarde?"

Ela engole em seco. "É. Mais tarde."

E com essa promessa, a conduzo até a porta enquanto a expectativa percorre meu corpo. Porque talvez eu não consiga lhe dar tudo o que ela merece, mas certamente posso lhe dar o que ela quer — e rezar para que seja o suficiente para nós dois.

28 GRAÇA

Duas Semanas Antes do Casamento

A melhor maneira de ignorar completamente os sentimentos que você acidentalmente desenvolveu durante o melhor sexo da sua vida? Uma carga de trabalho esmagadora.

É divertido? Não. Não há nada de divertido em tentar organizar os detalhes finais de um casamento de gala para duzentas pessoas enquanto suas irmãs postiças continuam mandando mensagens hostis sobre comprar camarão em promoção em grande quantidade e armazená-lo no seu freezer até a festa delas. Mas o lado bom é que mal tive tempo de tomar banho na última semana, muito menos de refletir sobre o fato de que Jude Larkwood roubou meu coração do peito.

É uma revelação extremamente inconveniente. Tanto que, entre processar a informação e jogar Tetris no congelador com sete bandejas de coquetel de camarão, escolho o camarão. Mas, felizmente, tenho algo muito mais importante em que me concentrar hoje: Sofia.

Na quase semana desde que jantei na casa dos pais dela, liguei apenas uma vez (razoável), mas mandei cinco mensagens (admito que menos razoável) antes de finalmente receber uma mensagem que dizia: "Eu te amo, mas preciso de um tempo".

Ver essas palavras me deixou sem ar, mesmo entendendo o motivo. Então, para não ser um idiota de novo, disse a ela para não ter pressa.

Por isso, fiquei tão aliviada e ansiosa quando ela mandou mensagem ontem, pedindo para vir fazer um último ensaio nos locais das fotos que Calvin e Brooke

pediram. É uma chance de apoiá-la como deveria ter feito depois do jantar, e desta vez, não pretendo desperdiçá-la.

Ao sair da cabana, a vejo quase imediatamente. A visão de sua figura esguia vindo em minha direção com sua câmera grande me enche de tantos sentimentos que eu gostaria de ter um balde transbordando para eles.

"Oi", digo quando paramos uma em frente à outra. Ofereço um sorriso tímido, mas ela não retribui. Ela parece exausta.

"Oi."

Ao ouvir seu tom inexpressivo, o discurso apaixonado que eu havia planejado se desfaz, restando apenas a frase principal. "Me desculpe", digo, minha voz vacilando sob o peso do meu arrependimento.

Ela me encara com os olhos vermelhos e marejados. "Eu também sinto muito."

Balanço a cabeça. "Você não tem nada pelo que se desculpar. Eu não deveria ter esperado que você me contasse sobre seus pais antes, ou antes que você estivesse pronta. Eu deveria ter ficado grata por ter me contado." Minha respiração falha. "Eu deveria ter te apoiado da mesma forma que você sempre me apoiou. Incondicionalmente."

“Amigos confiam uns nos outros”, ela argumenta. “Quando você me disse que eu estava sendo superprotetora, você tinha razão. Acho que toda a minha família faz isso com você desde pequena, e não é justo. Eu deveria ter confiado que você daria conta do recado, e não pensei em como você se sentiria por ser deixada de lado.”

Minha garganta aperta. “Você nunca me deve informações que não esteja pronta para compartilhar. E mesmo que estivesse pronta para me contar antes, não é exatamente fácil confiar em alguém que vive fugindo dos próprios problemas. Eu sei que não tenho sido exatamente um exemplo de força ultimamente. Nem para mim mesma, nem para a nossa amizade.”

Ela franze a testa, parecendo ofendida em meu nome. "Você é muito mais forte do que pensa, Gracie."

Penso na última semana — em como me enterrei nas tarefas do casamento para evitar encarar o que aconteceu com Sofia e meus sentimentos por Jude. Penso na tonelada de coquetel de camarão congelado que comprei só para evitar o descontentamento da minha família.

“Não sei bem”, digo. “Mas sei que você tinha todo o direito de me contar sobre a separação dos seus pais do seu jeito. Não do meu.” Engulo o nó de culpa que me aperta a garganta há uma semana. “Eu disse que queria que você compartilhasse as coisas importantes comigo, mas ultimamente não tenho sido o tipo de amiga que conquista essa confiança. Mesmo quando você me deu a chance de te apoiar depois do jantar com a sua família, eu estraguei tudo. Fiz tudo girar em torno de mim.” Balanço a cabeça, com o nariz ardendo. “Sinto muito por ter deixado minhas inseguranças me impedirem de enxergar a situação como um todo e por não ter estado presente quando você mais precisou de mim.”

Os olhos de Sofia se enchem de lágrimas enquanto seu queixo se curva. "Foi uma semana muito difícil sem você", diz ela, com a voz trêmula.

"Nem me fale", respondo, com a visão embaçada.

Não sei quem toma a iniciativa, mas logo estamos nos braços uma da outra, nos abraçando como se não nos víssemos há um ano. Ela cheira a canela e a lar, e percebo que Jude tinha razão: alguns amores podem sobreviver a qualquer lágrima se você for corajoso o suficiente para costurá-los novamente. Você só precisa tentar.

Quando nos separamos, ela tem o mesmo sorriso de alívio que sei que também estou exibindo. "Como está sua mãe?", pergunto.

Começamos a caminhar pelos jardins, vagamente indo na direção do local da cerimônia que Calvin e Brooke escolheram, e ela me conta sobre a nova aula de cerâmica da Sra. Morales e como finge estar escandalizada com os romances que Sofia vive trazendo. Quando pergunto sobre o pai dela, ela parece menos segura sobre seus sentimentos, mas me diz que sua nova terapeuta está ajudando-a a resolvê-los.

"E você?", ela me pergunta enquanto destranco a porta da frente de Larkwood e seguimos para onde será o coquetel. "Você nunca me contou sobre seu encontro com Henry. O que mais aconteceu durante o nosso 'Frismo'?"

"Frismo?", repito por cima do som dos nossos sapatos no mármore polido.

"Cismo de amizade."

Sorrio levemente, mas mal sei como começar a explicar que o encontro com Henry parecia feito sob medida para uma versão perdida de mim mesma. Ou como

a descoberta da separação dos pais dela me lançou em uma espiral emocional que me levou diretamente ao quarto do melhor amigo dele.

Com um aperto desconfortável no peito, a rejeição que enviei a Henry esta semana volta com uma clareza dolorosa. Há alguns dias, ele me convidou para jantar novamente e (depois de hiperventilar na beira da cama por um tempo) respondi que, embora tivesse adorado conhecê-lo, não poderia mais namorá-lo. Sua resposta de duas palavras ("Eu entendo.") me assombra desde então — e não apenas pela culpa que sinto.

Dizer não ao Henry foi como fechar o último capítulo de uma história que venho contando a mim mesma a vida toda: que eu encontraria meu "felizes para sempre" com alguém exatamente como ele. Mas agora, não tenho certeza se esse tipo de final realmente existe. Não quando todos os homens em quem já depositei minha fé a quebraram oficialmente.

Exceto por um, em quem estou tentando desesperadamente não depositar minha fé de jeito nenhum.

Estávamos entrando na sala de bilhar quando vozes baixas vindas de um canto distante interromperam meus passos. Era Jude e uma mulher alta, da idade da minha mãe, de pele escura, cabelo curto e batom vermelho vibrante. Eles estavam perto da grande lareira de mármore verde, ambos com ternos tão impecáveis que poderiam desmascarar até o álibi mais perfeito.

É um choque vê-lo de volta com sua armadura depois da última vez que o vi, seminu e com a roupa amassada, mas, de alguma forma, ele está tão bonito quanto antes. Melhor que bonito — essencial. A semana toda, mantive nossa comunicação ao mínimo, com medo de que ele percebesse que minha insistência em manter a calma e o desapego não passava de ilusão. Mas então nossos olhares se cruzam do outro lado da sala, e meu coração dispara como um pombo-correio que acabou de encontrar seu ninho.

"*Droga*", Sofia sussurra. "Aquele é o Jude?"

Engulo em seco. "Sim", consigo dizer, antes que ele e seu acompanhante comecem a caminhar em nossa direção, parecendo a cena de abertura de *Law & Order*.

“Por que tenho a sensação de que estou prestes a ser condenada a vinte anos de tesão incurável?” Sofia sussurra de canto de boca enquanto os observamos.

Dou-lhe uma cotovelada discreta quando eles se aproximam o suficiente para nos cumprimentar.

“Gracie”, diz Jude, seus olhos encontrando os meus antes de Sofia pigarrear delicadamente. Piscando, ele volta sua atenção para ela. “E presumo que seja Sofia?”

Ele estende a mão e ela a aperta. “Ao vivo e em pessoa. E você deve ser o infame Jude Larkwood de quem tanto ouvi falar”, diz ela, praticamente me convidando a pisar em seu pé.

“Meu médico vive me dizendo para maneirar na fama, mas ainda estou trabalhando nisso”, diz ele, arrancando um sorriso relutante de Sofia. “Senhoras, esta é minha amiga e advogada especializada em planejamento patrimonial, Dra. Samara Kincaid. Ela tem me ajudado a resolver algumas pendências aqui em Larkwood.”

Planejamento patrimonial? Planejamento para quê exatamente?

“Só Samara”, diz ela com um sorriso, apertando nossas mãos. “Sofia, é um prazer conhecê-la. E, Gracie, raramente ouvi Jude falar tão bem de alguém.”

Jude olha para seus sapatos Oxford impecáveis enquanto eu engulo minha surpresa. “Não sabia que ele conhecia outra Gracie”, digo, tentando disfarçar a piada como uma espiada no meu poço sem fundo de insegurança.

Samara me olha com uma leve confusão. "Você é a coordenadora de casamentos da propriedade, certo? Aquela que está dando trabalho para ele por cortar uma fonte de renda para os fornecedores locais?"

"Com certeza", diz Sofia, radiante de orgulho.

Eu deveria responder, mas uma pergunta me martela como um elástico na garganta: ela está ajudando-o a planejar a venda da propriedade?

Samara sorri. "Então sim, você é a Gracie que ele mencionou. Continue o bom trabalho. Conheço Jude desde que ele era um calouro de direito e sei o quanto ele pode ser teimoso. Mas é sempre importante considerar os dois lados da moeda."

"Então isso significa que a possibilidade de manter Larkwood ainda está em aberto?", pergunto de repente.

Uma ponta de inquietação passa pelos olhos de Samara antes que ela olhe para Jude. Ele pigarreia.

"Ah, sim. Ainda está sobre a mesa", diz ele, mas há uma tensão implícita no ar. Algo mudou, e não consigo dizer se "ainda está sobre a mesa" significa que é um

lindo arranjo de mesa ou que está prestes a cair no chão. De qualquer forma, não consigo conter o alívio que sinto ao ouvir suas palavras.

Um leve toque soa, e Samara olha para o relógio. "Infelizmente, esse é o meu sinal para ir. Vou indo, Larkwood. Não se distraia muito e não se esqueça de me enviar a papelada no fim de semana", diz ela com um leve sorriso irônico.

"Claro", diz ele, lançando-me um olhar culpado. "Obrigado por ter vindo até aqui, Samara."

“Tenho certeza de que não será minha última visita”, diz ela calorosamente, antes de se despedir.

Um alívio hesitante ainda me invade, mas agora que Samara se foi, não há mais nenhum obstáculo entre Jude e minha melhor amiga, sempre tão sincera, que não faz ideia do que aconteceu entre nós.

“Que lugar bacana você tem aqui”, diz Sofia casualmente, olhando ao redor do quarto opulento. “Muito chique, estilo broligarquia.”

Jude sorri gentilmente. “Só as melhores acomodações para a Boca do Inferno.”

Uma risada surpresa escapa de Sofia, antes que ele diga: “Gracie me contou que você administra um espaço de artes comunitário no centro de Providence. É o KILN?”

Os olhos de Sofia brilham. “Sim, esse é o meu xodó.”

“Meu escritório não é longe dali. Estou sempre querendo ir a uma das noites de estúdio aberto que vocês organizam, mas sempre fico com medo de me sentir deslocado”, diz ele, gesticulando para o seu terno impecável.

“Você devia vir com a Gracie!”, exclama Sofia, antes de se virar para mim com um sorriso congelado e um olhar fixo que claramente dizia: EU PENSEI QUE VOCÊ TINHA DITO QUE ELE ERA UM BABACA.

“Ou você podia simplesmente deixar o cabelo crescer num mullet irônico”, sugiro, tentando desviar a atenção de mim. “Aí você se encaixaria perfeitamente.”

“Olha, só tem dois — tá, três — mullets no prédio”, diz ela. “Mas espero que quando um espaço abrir, você se junte a nós e melhore a proporção.”

“Você quer que a Gracie alugue um estúdio?” Jude pergunta, olhando de mim para Sofia. “Para os vestidos de noiva dela?”

“Desesperadamente. Mas só se for isso que ela quer, claro. No momento, ela ainda tem esperança de que você mude de ideia sobre a venda.” Ela o olha com um

olhar aflito. “Por favor. Só acabe com o sofrimento da minha amiga e diga a ela que você não vai ficar com a Larkwood, para que ela possa seguir em frente.”

Jude me olha com um leve sorriso de exasperação. “Eu tentei, mas se você acha que ela vai me ouvir, está me dando muita confiança.”

A emoção me aperta a garganta, dificultando a respiração. “Então você está dizendo que não há chance de salvar a Larkwood?”

Ele me encara, sua expressão indecifrável enquanto meu estômago se contrai. "Achei que não havia chance de ficar com ele. Mas agora..." Ele balança a cabeça levemente. "Não sei. Estou considerando todos os lados da moeda, como Samara sugeriu. Até mesmo as bordas."

Se a esperança esteve como um botão fechado em meu peito durante todo esse tempo, agora ela explode em plena floração, pétalas esmagadas contra minha caixa torácica em sua expansão. Assinto, incapaz de desviar o olhar deste homem lindo que também tem suas próprias feridas, mas que está lentamente se abrindo para mim.

“Bem, eu detesto estragar essa adorável troca de feromônios”, diz Sofia, lembrando-nos de que ela presenciou tudo de perto, “mas por mais romântico que um ‘talvez’ vago seja, devemos terminar essa sessão de fotos, Gracie.”

Atordoada, olho para Sofia, que me encara de forma tão incisiva que parece estar segurando um arpão.

Jude acena com a cabeça e olha para o relógio. “Desculpe por te atrasar. Preciso voltar para Providence de qualquer maneira.”

“Mas você vai voltar, não é?” pergunto antes que eu possa me conter. É sexta-feira — a noite em que ele e Taco costumam chegar para a estadia deles, e seria inútil negar que eu não estava secretamente torcendo para que o fim de semana passado se repetisse.

O arrependimento em seu olhar me diz a resposta antes mesmo de ele a proferir. "Preciso ficar na cidade neste fim de semana. Mas se precisar de alguma coisa—"

"Não", respondo, repentinamente constrangida. Por mais descontrolados que meus sentimentos estejam, eu disse a ele que manteria a conversa informal. "Não preciso de nada."

Uma ponta de decepção brilha em seus olhos antes que ele assuma uma expressão impassível. "Você tem meu número, caso precise. Sofia, estou tão feliz

por finalmente ter te conhecido."

Ela o encara demoradamente, avaliando-o. "Igualmente."

Quando ele sai, minha amiga se vira para mim lentamente, e nada poderia me preparar para o que ela diz em seguida.

"Gracie, quando você ia me contar que ele está apaixonado por você?"

29 GRAÇA

Duas Semanas Antes do Casamento

Talvez eu não tenha muita experiência com casos de uma noite ou relacionamentos casuais, mas já sei que sou péssima nisso. Desde ontem, quando Sofia jogou a palavra "amor" como uma granada nos meus planos de manter distância emocional de Jude, me sinto como uma criança que acabou de ouvir um palavrão sussurrado no parquinho pela primeira vez. Não consigo parar de repeti-lo em silêncio, mesmo sabendo que é proibido.

Suspiro e amarro uma fita dos Patriots em mais uma sacolinha de lembrancinhas para o aniversário da minha mãe. Obviamente, sei que Jude não me ama. Passamos apenas uma noite juntos e, embora tenhamos nos aproximado mais do que eu jamais imaginei, ainda há tanta coisa que ele esconde de mim.

Na manhã em que acordei em seus braços, eu era um livro aberto e cheio de angústia para ele. Mas quando tentei fazê-lo se abrir, não só ele ergueu suas defesas, como também instalou fossos infestados de piranhas, só para garantir. Suspirando, tento me concentrar novamente na minha tarefa tediosa sem me deixar levar pelo desespero.

Estou enchendo outro saco plástico com copinhos de shot dos Patriots, sonhando acordada em despejar uma bandeja de camarão congelado nas costas da blusa da minha meia-irmã, quando meu telefone toca. Alarmada, vejo que é minha velha amiga da faculdade, Maya, que também é a instrutora de pole dance que contratei quando Brooke me implorou para ajudar sua madrinha de casamento, que não sabe o que está fazendo, a "improvisar alguma coisa" para sua despedida de solteira. Que é hoje à noite. Droga.

"Alô?" Atendo, mas imediatamente afasto o telefone da orelha ao ouvir o som estridente de "Single Ladies", da Beyoncé. "Maya, está tudo bem?" pergunto, elevando a voz.

"Gracie! Ah, graças a Deus!" ela grita. "Desculpe incomodar, mas esse grupo que você contratou está completamente fora de controle e preciso de ajuda para tirá-los daqui. Não quero chamar a polícia, mas eles já danificaram a propriedade e meus bartenders estão muito ocupados para me ajudar."

O quê? De repente, a imagem de Brooke girando em um poste de pole dance com uma saia lápis impecavelmente passada me faz levantar da cadeira tão rápido que quase a derrubo.

"Meu Deus, me desculpe", gaguejo, já correndo para pegar meu casaco. "Estou saindo agora, mas só faltam uns quarenta e cinco minutos." Se eu acelerar e furar todos os sinais vermelhos.

"*Quarenta e cinco minutos?*", Maya repete, parecendo em pânico. "Gracie, essas mulheres estão a um chute alto de levar uma pancada na cabeça."

Fecho os olhos enquanto a frustração com Brooke se mistura com o pavor. Sou organizadora de casamentos, não segurança! Mas Maya está pedindo ajuda e fui eu quem indicou esse grupo para ela. *Mas eu não estou lá.* Imediatamente, penso em mandar uma mensagem para Sofia, mas ela está organizando um evento da KILN hoje à noite. Eu ligaria para Calvin para buscar sua futura esposa grávida, mas ele está em Boston para sua própria despedida de solteiro. Só resta uma pessoa que faz sentido.

Para todas as suas necessidades, Gracie.

Ao me lembrar das palavras dele do fim de semana passado, meu rosto esquenta. Duvido que interromper festas de despedida de solteira regadas a álcool fosse a forma como ele imaginava cuidar de mim, mas a verdade é que preciso da ajuda dele.

"Vou ligar para um amigo em Providence e pedir para ele vir imediatamente", digo a Maya. "Só se aguente firme."

"Obrigada, Gracie — por favor, se apresse."

"Já estou a caminho."

Não sei o que esperar quando finalmente chego ao popular bar e estúdio de dança que Maya e sua esposa, Eve, administram juntas. Mulheres com faixas de damas de honra e algemas? Chamas lambendo as janelas? Espero estar apenas exagerando, mas quando entro correndo pela porta da frente, de alguma forma, é tão ruim quanto eu temia.

Meus olhos se fixam no que todos neste bar barulhento e lotado estão olhando: uma mulher loira usando saltos de dez centímetros e uma faixa de "DAMA DA DESONRA", cambaleando em cima do balcão com os olhos fechados em êxtase. Ela segura um garfo de plástico como se fosse um microfone e canta junto com aquela música de *Dirty Dancing* — "(I've Had) The Time of My Life" — aparentemente alheia aos gritos de todos para que ela desça.

Quando uma cereja maraschino é atirada em sua cabeça e ela nem percebe, uma voz se destaca das demais.

"*Kaylie. Está na hora de descer do balcão.*"

Com uma pontada de constrangimento, meu olhar se fixa em Jude, que está parado logo abaixo da mulher, com as mãos estendidas para que ela as segure. Mas, em vez de aceitá-las como um gesto de ajuda, ela apenas estende a mão dramaticamente para ele, como se estivesse buscando através do tempo e do espaço por seu amor perdido (enquanto evita diligentemente o contato físico). Olhando-o apaixonadamente nos olhos, Kaylie solta uma nota particularmente desafinada que faz todos os espectadores ao redor estremecerem, inclusive eu. Jude, no entanto, mantém-se firme.

"*Kaylie, chegou a hora*", ele repete por cima da música dela.

É a coisa errada a se dizer.

Ela acena com a cabeça fervorosamente e, conforme a música se aproxima de seu famoso crescendo, os olhos de Kaylie se arregalam. "Eu vou pular!"

Há uma mistura caótica de gritos de "não" e pessoas se apressando para sair do caminho. Vejo Jude murmurar a palavra "foda-se", mas ele também reafirma sua posição.

Um segundo depois, Kaylie e seu garfo de plástico voam pelos ares, seu canto do cisne nos lábios enquanto ela salta do balcão. É evidente, por sua expressão serena, que ela tem total confiança na capacidade de Jude de pegá-la graciosamente e erguê-la acima da cabeça, como na cena do filme. Mas não há nada de gracioso nisso.

Assisto horrorizada enquanto seu seio se choca primeiro contra o rosto de Jude em câmera lenta. A multidão ao redor solta um "ufa" coletivo quando o resto do corpo dela se choca contra ele com um baque surdo.

Ele deu um passo para trás, mas um instante depois, uma ovação ecoou quando Jude a colocou no chão e se desvencilhou de seu aperto. Com os cabelos despenteados e ainda parecendo ofegante, ele colocou as mãos nos ombros de Kaylie e começou a guiá-la firmemente em direção ao fundo do bar, onde fica o estúdio de dança. Abrindo caminho pela multidão, tentei segui-los, mas eles já haviam passado pela porta antes que eu pudesse alcançá-los.

Quando finalmente chego à porta fechada, me preparo para o que vou encontrar, ajustando nervosamente Kit no meu ombro. Mas, ao entrar, tudo está calmo, mesmo que o cômodo seja um completo desastre. Pelo menos dois copos quebrados estão boiando em drinques derramados no chão, um dos espelhos que vão do chão ao teto tem uma rachadura enorme, e o grande armário de fantasias no canto parece ter vomitado lantejoulas e penas por todo o cômodo. Algo que parece vômito de verdade está em uma poça sinistra em outro canto.

Maya está andando de um lado para o outro, distribuindo copos de água para as oito mulheres espalhadas pelas cadeiras e pelo chão, uma das quais está visivelmente inconsciente. Jude ainda está guiando Kaylie, insistindo para que ela se sente ao lado de uma amiga.

“Gracie!”

Me viro e vejo Brooke, chamando de onde está sentada em um trono cravejado de pedras que, tenho quase certeza, é usado para ensinar danças sensuais. Ela tem uma bolsa de gelo na cabeça e tenta se levantar, mas Maya já está colocando a mão em seu ombro.

“Sente-se”, diz ela com a voz rouca de uma professora de jardim de infância exausta.

Brooke, com a tiara de NOIVA torta e algo laranja respingado na frente de sua roupa esportiva branca, parece perigosamente perto das lágrimas quando me aproximo. Ao passar por Jude, troco um olhar que espero que transmita minha eterna gratidão. Não faço ideia de quais planos ele tinha para a noite de sábado, mas o fato de ter largado tudo para me ajudar com esse desastre é ótimo para manter meus sentimentos por ele sob controle.

Ajoelhando-me para ficar na altura dos olhos de Brooke (que, lembro a mim mesma, ainda é minha cliente e, portanto, está acima de qualquer crítica), pergunto: "Brooke, o que aconteceu? Você está bem?"

Talvez seja a delicadeza do meu tom de voz, mas ela desaba completamente. "Me desculpe", ela soluça, deixando a bolsa de gelo cair e revelando um galo considerável no topo da testa. "Estávamos todas nos divertindo muito, mas a Marina ficava dando uns shots escondida — eu não estava bebendo, claro", acrescenta, esfregando a barriga ainda lisa, "mas aí a Katherine perdeu um sapato e quebrou o espelho, e depois a Charlotte e a Jessie começaram a brigar, e... e eu tentei separar, mas não consegui impedi-las."

De um canto da sala vem um ronco alto e gutural, e nós duas olhamos para onde Kaylie agora está desmaiada contra a parede, com as pernas abertas no chão. Eu me viro para Brooke, que parece horrorizada.

"Não se preocupe com eles, vai ficar tudo bem", digo, tentando acalmá-la. "Você quer um Tylenol para a cabeça? Uma barra de granola?"

Ela acena com a cabeça, de repente com um jeito infantil. "O Cal tinha razão. Você cuida de tudo."

Feliz por não sentir a pontada de dor que certamente teria sentido há apenas um mês, abro a caixinha de leite e encontro o que ela precisa. "Tome isso. De manhã, vamos avaliar os danos e—"

"Claro, eu pago qualquer conserto", ela promete, abrindo a barra de granola. "Só não conte para o Cal, por favor, estou com muita vergonha."

Faço um gesto como se estivesse fechando um zíper, decidindo deixá-la descobrir sozinha o galo crescendo em sua testa. "Nem uma palavra."

"Gracie, você é uma... qual é o termo americano? Uma boia salva-vidas?"

Levanto-me, de repente preocupada que ela pudesse ter sofrido uma concussão. "Você quer dizer uma salva-vidas?"

"Sim, exatamente", ela diz, com os olhos arregalados. "*Uma salva-vidas.*"

"Apenas descanse e não se esqueça do seu Tylenol. Vou falar com o dono."

Vou até onde Maya e Jude estão conversando em voz baixa e lançando olhares exasperados para Kaylie.

"Maya, oi. Sinto muito por tudo isso", digo em voz baixa. "Eu nunca teria reservado com você se soubesse que eles causariam tanta confusão."

Ela me abraça forte. “Tudo bem. Estou muito grata por você ter mandado ajuda. Jude e eu nos conhecemos há muito tempo.”

“Não acredito!” digo, me perguntando se algum dia vou parar de me surpreender com o quão pequeno é Rhode Island. “Como? Quando?” pergunto, olhando entre eles. Mas Jude apenas se mexe desconfortavelmente, esfregando o queixo. Imediatamente, me sinto uma idiota. “Nossa história é código para ‘dormimos juntos’”?

Maya revira os olhos. “Você se lembra daquele filho da puta com quem me casei logo depois da pós-graduação? Bobby?”

Faço uma careta com a mudança inesperada de assunto, porque de alguma forma é pior. Maya era aluna de pós-graduação quando eu era apenas uma caloura, mas nos tornamos amigas enquanto trabalhávamos juntas meio período no refeitório da faculdade. Bobby era nosso supervisor.

“É, eu me lembro dele”, digo, com um tom sombrio.

Ela acena com a cabeça e respira fundo. "Resumindo, as coisas ficaram difíceis. Eu não tinha dinheiro para um advogado de divórcio decente, mas uma amiga me apresentou a uma organização incrível que ajuda mulheres em situações complicadas, e o Jude assumiu meu caso, de graça."

Ela sorri para ele, a emoção aquecendo seu olhar, e ele retribui com um aceno discreto. "Foi um prazer ajudar."

Ela ri. "Quer dizer que foi um prazer fazer aquele homem se borrar de medo no tribunal?"

Um canto de seus lábios carnudos se curva num sorriso, e há um brilho em seu olhar que parece quase predatório. "Isso também."

Maya solta um longo suspiro e dá uma leve sacudida nos ombros musculosos, como se estivesse se livrando da mera menção do ex. Enquanto isso, as peças de um quebra-cabeça que venho tentando resolver de olhos vendados não se encaixam, mas começo a sentir suas bordas. Será que esse é o tipo de trabalho voluntário que ele faz? Quando Henry mencionou isso, imaginei que ele ajudasse clientes de baixa renda com processos básicos de divórcio ou oferecesse aconselhamento jurídico gratuito em clínicas jurídicas — não isso.

“De qualquer forma, obrigada por tudo. Por me ajudar a acalmar todo mundo, organizar caronas, bancar a médica”, diz Maya, lançando um olhar significativo

para Brooke, que ajusta a bolsa de gelo na testa com uma careta. “E por arriscar a vida por aquela”, murmura, apontando com a cabeça para Kaylie, que arrota enquanto dorme.

“Não foi nada”, diz Jude.

Ela revira os olhos antes de me lançar um olhar frio. “Essas mulheres estavam no meio de uma briga feia em cima do meu bar quando ele chegou. Ela se recusou a descer”, Maya me conta, sem saber que eu acabei de presenciar todo o desastre.

“Foi uma desonra minha pegá-la”, diz Jude secamente, olhando para a faixa amarrotada dela.

Maya bufa enquanto eu agradeço mais uma vez pela disposição dele em ajudar.

"Olha, eu preciso mesmo ir lá na frente ajudar a Eve — essa aula era para ter terminado há uma hora." Ela balança a cabeça e me olha. "Vocês dois se importariam de ficar aqui até que todos estejam nos carros? Não confio que eles não vão incendiar alguma coisa."

"Claro", digo, sentindo-me sem fôlego depois de toda essa noite, mas talvez principalmente pela possível revelação sobre Jude e seu trabalho. "Vou ver se consigo uma faxineira amanhã de manhã bem cedo. Se você puder me dizer também quanto devo cobrar da Brooke pelos danos, eu resolvo isso imediatamente."

“Obrigada por tudo, Gracie. Jude, a gente devia se encontrar qualquer dia desses. Aulas de dança grátis quando você quiser”, ela diz com uma piscadela antes de sair correndo para ajudar a esposa.

Depois que ela sai, Jude e eu nos olhamos de verdade pela primeira vez na noite. Com sua calça de moletom impecável, camiseta preta macia e cabelos úmidos, ele está completamente deslocado em meio à bagunça, e tudo o que eu quero é me espremer contra ele. Ele deve estar pensando a mesma coisa, porque no instante seguinte, estou encostada em seu peito quente, respirando o algodão limpo e sentindo o leve cheiro de cloro.

“Obrigada”, sussurro, mal conseguindo articular as palavras em meio à onda de gratidão que me invade. “Me desculpe por ter estragado sua noite.”

“Arruinado? Quantas pessoas podem dizer que recriaram com sucesso a cena do salto acrobático de *Dirty Dancing* com um estranho bêbado?”

“Acho que chamar isso de sucesso seria um exagero”, digo, com um sorriso relutante nos lábios.

“Você me magoa”, ele diz sem expressão, mas seus olhos percorrem meu rosto como se não me visse há meses.

“Bem, mesmo que sua técnica precise de ajustes, não poderia estar mais grata”, digo, minha voz suavizando enquanto o encaro. “Obrigada por largar tudo por mim.”

“Você nunca precisa agradecer por me deixar cuidar de você”, ele diz baixinho.

Meu estômago revira, mas antes que eu possa argumentar que ajudar estranhas bêbadas e cambaleantes a pular de um bar merece agradecimentos, ouço um toque alto de um telefone próximo. Nos viramos e vemos Kaylie acordar sobressaltada, antes de desbloquear a tela, ainda meio grogue. Ela cutuca a amiga ao lado com o cotovelo e diz: "A carona chegou, Becca".

Jude e eu corremos imediatamente para ajudá-las a se levantar, e pelos próximos quinze minutos, é como supervisionar a saída das crianças da escola, enquanto colocamos essas mulheres em segurança nos carros e nos livramos delas. A última a sair é Brooke, que convencemos a ir ao pronto-socorro para verificar se teve uma concussão.

“Por favor, me diga quanto Maya precisa para os reparos”, ela diz pela última vez da janela do carro. “E me desculpe novamente pelo comportamento de todos e—”

“Cuide-se esta noite, Brooke. Conversamos amanhã, quando você estiver descansada.”

O carro finalmente parte, e eu solto um enorme suspiro de alívio. “Ah, graças a Deus, acabou.”

As calçadas estão lotadas, apesar do horário avançado, com grupos de pessoas se dirigindo para a música sinistra que vem do rio. É uma noite de sábado de verão em Providence, o que significa uma coisa: Waterfire — um espetáculo semanal onde fogueiras são acesas no meio do rio.

Sem decidir, Jude e eu começamos a caminhar lentamente, levados pela multidão.

Ele dá de ombros. "Não sei. Com certeza animou meu sábado à noite."

"Isso não me diz nada", digo enquanto viramos uma esquina e avistamos pela primeira vez o rio iluminado por fogueiras e milhares de pessoas reunidas em suas

margens. "A julgar por essa extensão de cabelo pendurada no ventilador de teto, você poderia ter saltado de paraquedas e teria se divertido menos."

"E onde você acha que cortar as unhas da Taco se encaixaria na escala de animação entre paraquedismo e despedida de solteira?"

Meus olhos se arregalam. "Sinceramente, estou chocada que ela tenha deixado."

Um grupo de adolescentes vestidos de fadas passa correndo e rindo, e Jude me puxa para perto quando sou atingida por uma asa. "'Deixei você' implica que eu tive sucesso na tentativa. Desisti e fui nadar", diz ele, deslizando a mão até minha cintura.

Eu rio enquanto meu coração dispara no peito, quase me deixando tonta. Ele não me solta. "Aposto que consigo fazer isso em menos de cinco minutos", me gabo.

"Se você conseguisse, o mundo teria um arsenal a menos de armas letais para se preocupar", diz ele, nos guiando em direção a uma barraca e ao aroma irresistível de pipoca doce. "Com fome?"

Quando concordo com a cabeça, ele me compra um saco de pipoca quase do tamanho do meu torso. Mas não discuto. Estou ocupada demais lutando contra uma corrente de pura fantasia — a de que isso possa ser mais do que casual.

Sei que é um pensamento ridículo. Sou eu quem insiste em não ter compromisso, e a quantidade de barreiras entre nós seria suficiente para bloquear um asteroide capaz de causar um evento de extinção. Mas com a mão dele na minha cintura, é difícil não me sentir desejada. Adorada, até. Isso me faz pensar no pensamento mais perigoso que alguém pode ter sobre um homem emocionalmente indisponível — talvez eu possa consertá-lo. Talvez eu seja a pessoa que o fará se abrir.

"Minha casa não é muito longe daqui", ele diz. "E não quero me gabar, mas meu sofá é muito confortável."

Uma onda de eletricidade percorre meu estômago. "Isso é só uma artimanha para me fazer cortar as unhas do seu gato?"

Ele sorri. "Menos artimanha, mais súplica. Mas só se você achar que salvar um homem de ser retalhado enquanto dorme é uma causa nobre."

À luz da fogueira à beira do rio, seus olhos são pura angústia. O tipo de olhar que transforma hesitação em desespero, até que eu ignore todos os meus instintos

que gritam que estou prestes a me afundar ainda mais. Em vez disso, encaro seu olhar e digo: "Mostre o caminho."

30 GRAÇA

Duas Semanas Antes do Casamento

"Tenho que admitir, estou um pouco decepcionada por não haver mais chicotes e palmatórias", comento quando Jude nos deixa entrar em seu apartamento no centro da cidade. Fica em um prédio alto o suficiente para ter uma vista panorâmica deslumbrante do rio, e moderno de uma forma que parece um "dane-se" consciente ao maximalismo da Era Dourada de Larkwood. Mas isso não significa que seja frio. Para onde quer que eu olhe, as linhas retas do espaço são suavizadas por móveis que parecem projetados para incentivar o aconchego, e tapetes grossos o suficiente para fazer anjos na neve.

"Mas você não está aqui para carinhos", lembro a mim mesma com firmeza. "Você está aqui para sexo sem compromisso e sem fetiches com o homem mais gostoso do mundo. E para cortar as unhas do gato dele."

Ele dá um sorrisinho irônico, e eu aperto meu saco gigante de pipoca com mais força. Da última vez que corri para Jude, eu estava em um turbilhão emocional. Agora que estou (relativamente) mais lúcida, estar aqui parece mais uma decisão consciente, e não sei bem onde isso se encaixa na escala cinzenta da moralidade. Porque, mesmo tendo terminado com Henry, é difícil não me sentir culpada por magoar alguém tão genuinamente gentil e por potencialmente destruir a amizade dele com Jude.

“Não me tente a redecorar”, diz ele, chamando minha atenção de volta. Ele joga as chaves e outras coisas em uma tigela elegante sobre uma mesa de entrada elegante antes de tirar seus tênis elegantes. Faço o mesmo, de repente profundamente consciente da bagunça do meu chalé, com todas as suas

quinquilharias de zumbis e romances. Esta é a casa de um adulto funcional com um orçamento real para coisas como móveis, arte e provavelmente mais de um jogo de lençóis. Lençóis nos quais, se eu conseguir parar de pensar demais em tudo, eu poderia me enrolar.

“Oi.”

Dando um pequeno pulo, desvio o olhar da sua cozinha impecável e integrada e olho para ele.

“Oi”, digo, encostando-me na porta da frente.

“Você está nervosa”, ele diz. Não é uma pergunta.

Penso em negar. Penso em mostrar meus seios para distraí-lo. No fim, suspiro. “Talvez.”

Ele me olha por um instante antes de estender a mão para segurar a que não está segurando meu enorme saco de pipoca. Com seu toque, meus ombros relaxam.

“Não precisamos fazer nada hoje à noite se você não quiser. Podemos assistir a um filme, ou eu posso te acompanhar até o carro.”

Ele diz isso com tanta sinceridade que seria uma pena rir na cara dele.

“Não, não é isso. Eu definitivamente quero—” Paro, com os dedos dos pés se contraindo.

O polegar dele acaricia o meu. “Então o que é?”

Faço uma careta. “É que… estamos fazendo a coisa certa?”

Ele respira fundo. Passa a mão pesada pelos cabelos ainda úmidos. "Quando se trata de certo ou errado, não existe 'nós' nisso, Gracie. Você não fez nada de errado. Mas eu..." Ele expira. "Não. Definitivamente não estou fazendo a coisa certa."

Meu coração afunda.

"Por causa do Henry?", pergunto, minha voz quase um sussurro.

Ele assente. "Ele tem grande culpa nisso."

"Terminei com ele esta semana, mas não mencionei você." Hesito. "Você falou com ele?"

Ele balança a cabeça, a culpa marcando rugas ao redor dos olhos. "Ele continua evitando minhas ligações, e não é algo que eu queira dizer por mensagem. Mas vou almoçar com ele esta semana."

Minha garganta se fecha num nó seco. "E você vai contar para ele sobre nós, então?"

"Sim", ele diz suavemente, mas com firmeza. "Ele merece a verdade, e você não merece ser mantida em segredo."

Meu coração dispara, batendo de cabeça para baixo. "E você não acha que deveríamos parar com isso?" pergunto enquanto sua mão solta a minha para acariciar meu braço.

Seus olhos se fecham por um instante. "Definitivamente acho que deveríamos parar com isso", ele diz, e minha decepção se manifesta como um peso físico no meu estômago. Mas então ele se aproxima mais. "Só acho que não consigo." Minha respiração falha quando seus olhos encontram os meus, arregalados e famintos. "Você quer que eu pare, Gracie?"

Está errado — por mil razões, eu sei que está errado. Jude e eu estamos envolvidos num acordo que pode terminar em desastre, e nada disso parece casual. Mas se eu continuar dizendo a mim mesma que isso não significa nada, consigo ignorar o quanto meu coração grita a palavra "*mentiroso*".

Sem fôlego, balanço a cabeça. "Não. Eu não quero parar. Eu quero—" Mas não consigo dizer. Mal consigo olhar para o tecido escuro esticado em seu peito, muito menos para seu rosto.

Ele levanta meu queixo, me obrigando a olhar para ele mesmo assim. "Diga."

Ao seu comando, minhas pernas tremem, e as palavras escapam antes que eu possa impedi-las. "Eu quero te beijar. Eu sempre quero te beijar."

Sai como um tom petulante, mas acho que ele entende o quão frustrante é ser completamente consumida pelo pensamento da boca de outra pessoa. Ele se aproxima lentamente, sua coxa rígida pressionando entre as minhas até que eu seja forçada a ficar na ponta dos pés, com as costas contra a porta. Seu polegar desliza sobre meu lábio inferior, puxando-o para baixo até que eu esteja de boca aberta e me contorcendo.

"Só isso?", ele pergunta, sua voz suave em completo contraste com a firmeza com que me prendeu. "Só um beijo?"

Tento acenar com a cabeça, mas seu aperto no meu queixo é firme. Não quero que ele me solte nunca. Quando ele aproxima a boca da minha, o gemido que escapa é alto demais para ser apenas um beijo. Coro de vergonha, mas então sua língua invade minha boca, lenta e decadente, e gemo novamente. Quando suas mãos agarram meus quadris, me posicionando perfeitamente contra sua coxa, deixo

cair o saco de pipoca e ouço os pedaços se espalharem por todo lado. Mas não me importo — não consigo pensar em nada quando ele começa a me pressionar contra si, minha saia subindo como mercúrio em um termômetro.

"Tem certeza de que é só isso que você quer?", ele pergunta, afastando-se para me encarar. Seu aperto se intensifica, interrompendo meus movimentos desejosos.

“Não”, arfo, enquanto qualquer resquício de hesitação que eu sentia antes se dissipa em chamas vorazes.

“Então o quê?”, ele pergunta, pressionando-me com mais força contra si, “você quer?”

Gemido, aperto minhas pernas em torno do que parece um tronco de árvore, mas as palavras não saem. Não consigo dizer a ele o que penso quando pego a Polaroid da confeitaria na minha mesa de cabeceira todas as noites — não consigo. Balanço a cabeça negativamente.

Ele emite um som suave com a língua, como um estalo. “Gosto de como você é tímida. Mas preciso saber se você realmente quer isso.”

Minha respiração fica entrecortada, meus quadris lutando para se mover contra seu aperto de ferro. “Quero sim”, prometo, com a voz trêmula.

Ele emite um som como se duvidasse. "Você quer me mostrar? Posso levantar essa saia e ver a bagunça que você fez na minha calça?"

Eu me contraio com tanta força que sei que ele sente. O rubor nas minhas bochechas poderia aquecer uma casa no auge do inverno. Mas mesmo assim, concordo com a cabeça, mordendo o lábio inferior, já que não posso beijá-lo.

Seus cílios escuros tremulam em sinal de consentimento enquanto suas mãos deslizam até a barra da minha saia plissada e amassada. Por um instante, ele apenas passa os dedos pela borda, e eu sinto meu pulso no estômago. Mas então ele a levanta completamente e sussurra um "*Porra*" áspero.

Olho para baixo e vejo que minha calcinha branca e simples se deslocou, cobrindo apenas metade do meu corpo. Está tão molhada que está transparente. Sua calça de moletom cinza-escura está lisa e escorregadia sob mim, e suas mãos estão apressadamente ajeitando a barra da minha saia no cós. Uma onda de insegurança me invade, mas então ele começa a me mover novamente, e minha nuca bate na porta dele.

"Caramba, você está tão linda assim", ele diz, puxando meus quadris para frente.

O polegar dele encontra meu clitóris, ainda preso sob minha calcinha. Quando ele o toca três vezes, eu me contraio contra ele. Quando ele afasta o tecido e começa a me acariciar com mais vontade, eu gozo pela primeira vez, gemendo entre os dentes. Quando consigo me lembrar do meu próprio nome, quero dar desculpas envergonhadas. Dizer a ele que nunca fui assim antes. Que sempre fui...

"Feita para mim", ele sussurra, com os olhos vidrados. "É como se você tivesse sido feita para mim."

Seu pênis duro como pedra roça minha coxa, e todos os desejos que tive na madrugada, ofegante no travesseiro, voltam à minha mente em uma onda quente.

“Eu também quero te ver”, ofego, levando as mãos aos seus bíceps flexionados, meus olhos absorvendo cada traço de tinta que desaparece sob as mangas pretas e justas. “Você por inteiro.”

Seu olhar hesita ao encontrar o meu, como se fosse o último pedido que ele esperava. Como se ele não pudesse imaginar que eu quisesse isso, em todo o universo do que ele está disposto a me dar.

“Por favor”, digo sem fôlego, e essa é realmente a palavra mágica. Algo muda em seus olhos, e então ele me pega no colo, me jogando por cima do ombro.

“Jude!”, exclamo. Mas então vejo a contração de sua bunda musculosa enquanto ele nos conduz para dentro do seu apartamento, e me calo completamente.

Pela mudança do piso de madeira para os azulejos de pedra creme, presumo que entramos em um banheiro. Uma luz baixa e quente se acende antes que ele me ajude a me equilibrar, ainda meio vacilante.

"Espere aqui", ele me diz.

Sem problemas, penso. Estou excitada demais para andar em linha reta mesmo.

Ele caminha em direção a um chuveiro absurdamente grande com um banco embutido. Ao fazer isso, ele segura a gola da camisa e a puxa. Em um movimento fluido e de tirar o fôlego, a camisa sai, caindo no chão no mesmo ritmo do meu queixo.

Ele abre a porta de vidro do chuveiro e liga a água, mas toda a minha atenção foi roubada pela musculatura densa sob a pele lisa. Vagamente, noto que ele não tem tatuagens nas costas e sinto que mereço aplausos por ter conseguido formular um único pensamento coerente.

Até que ele se vira.

Até que, casualmente, ele abaixa o cós da calça e da cueca boxer num movimento desajeitado antes de tirá-las. Enquanto ele tira as meias, algo quente começa a pingar na minha barriga. Talvez seja meu cérebro.

"*Eu nado um pouco*", ele disse. Como se gostasse de um mergulho ocasional. Não que ele pudesse se classificar para as Olimpíadas só com a envergadura dos seus dorsais. Mas sua beleza quase agressiva se torna periférica quando meu olhar desce pela galeria esporádica de tatuagens que o cobrem do peito aos quadris.

Minha boca seca. Estou fazendo cálculos. Equações tão improváveis e preocupantes que meu olhar se ergue bruscamente, quase desejando não ter visto. Porque não vamos combinar, e de repente, sinto uma tontura. Preciso sentar. Deitar. Talvez num caixão. Preciso—

"Venha aqui."

Sua voz é baixa. Mal consigo ouvi-la por cima do barulho do chuveiro, mas é como se ele estivesse puxando uma corda enrolada na minha cintura enquanto eu cambaleio para a frente.

“Achei que você tivesse dito que queria me ver”, ele diz com uma risadinha discreta quando me aproximo.

“Eu disse”, respondo. “Quero mesmo.”

“E como está indo com os olhos fechados?”

Respiro fundo, com a voz trêmula. “Vou olhar. Só me dê um minutinho—”

Ele me beija. Me puxa para perto, e minhas mãos tocam sua pele nua e quente. Ele é pesado e grosso contra meu estômago, e é demais. Ele é demais.

“Ai, meu Deus”, digo, mas minha boca é pressionada contra a dele, e o som sai abafado. Suas mãos puxam. Desabotoam. Deslizam. Em pouco tempo, estou de topless contra ele, saia e calcinha nos tornozelos, e Deus, como é bom estar nua contra ele finalmente. Minha boca busca sua pele quente, os dentes afundando, e seu grunhido agudo de prazer se instala para sempre na minha memória de longo prazo.

Desajeitado em nossa pressa, ele me leva de costas para o chuveiro, e os jatos quentes de água me fazem arfar contra ele. Abro os olhos e me deparo com a minha própria marca de mordida em seu peitoral largo. Bem em cima de uma tatuagem simples de um cadeado de diário em forma de coração — o tipo que eu tinha quando criança.

“Desculpe”, digo, beijando a marca. Chupando-a.

“Fantástico”, ele ofega, afastando meu cabelo molhado do meu rosto. “Quer compensar?”

Olho para ele, e ele está tão incrivelmente lindo assim — com milhões de gotículas brilhantes agarradas às suas maçãs do rosto altas e cílios longos — é indecente.

“Mais do que tudo”, respondo sem fôlego. Deslizo minha mão para baixo. “Como está?”, pergunto.

Sua cabeça cai para trás com um gemido quando enfio minha mão em seu pênis pela primeira vez. Há líquido pré-ejaculatório acumulado na ponta, e quando o espalho sobre a glande larga, minha mão parece tão pequena. Insignificante.

“*Porra*”, ele sussurra com a voz rouca, observando-me deslizar a mão por todo o seu comprimento, os músculos do abdômen ondulando sob o brilho da água. Umedeço meus lábios, repentinamente faminta por ele, mas ele cobre minha mão com a sua.

“Amor, espera. Por favor”, ele diz com a voz rouca. “Tem mais uma coisa. Você acha que—” Ele para, solta um suspiro pesado, e desta vez, é a vez dele de parecer tímido. Isso me excita demais. “Será que eu poderia—”

Observo suas bochechas coradas e o jeito como seu olhar percorre meu cabelo, e uma lembrança se encaixa na minha mente. Um calor invade meu abdômen, onde o roço contra minha pele molhada. “Você quer lavar meu cabelo?”

Seus olhos encontram os meus, quase furtivamente. "Só se você quiser. Não precisamos", ele diz rapidamente, com a voz tensa. Mas seu pau se contrai contra minha mão e minha barriga em protesto, sua garganta úmida se movendo num movimento faminto. E é aí que percebo que ele tem vergonha dessa parte de si mesmo. Vergonha de sua vontade de cuidar de mim como ninguém jamais quis.

Um nó se forma inexplicavelmente na minha garganta, e me ergo na ponta dos pés para alcançar outra tatuagem, esta abaixo de sua clavícula. Um atiçador de ferro. "Adoro suas mãos no meu cabelo", digo. "Lembra da primeira vez?"

Ele solta um suspiro pesado. Gira a mão para bombear xampu, como se já tivesse imaginado essa cena um milhão de vezes. "Você quer dizer aquela vez que quase fiquei excitado no funeral da minha avó?", diz ele, sem emoção. "Eu tento não ficar."

Eu rio, mortificada, mas a risada se transforma em um gemido abafado quando as pontas dos dedos dele afundam no meu cabelo, fazendo círculos ensaboados no meu couro cabeludo. Meu pescoço vira uma gelatina.

"Meu Deus, seu cabelo", diz ele, com a voz desesperada. "Você não faz ideia." A espuma escorre pelos meus seios até a minha barriga, onde ele está quente e escorregadio em minhas mãos, penetrando involuntariamente.

Estou embriagada pelo seu toque, e as palavras escapam da minha boca antes que eu consiga controlá-las. "Aposto que você diz isso para todas as garotas."

Meu arrependimento é instantâneo, e minhas mãos ficam imóveis. Eu não deveria me importar se ele já fez isso um milhão de vezes com outras mulheres. Eu disse que não queria compromisso. Mas então ele responde com uma risada entrecortada.

"Pelo amor de Deus, não. Eu nunca—" Ele pisca rapidamente, espalhando xampu pelas minhas costas molhadas.

Algo se agita no meu estômago, e minhas mãos o envolvem possessivamente. "Você nunca fez o quê?"

Seus cílios grossos tremem, sua respiração falha. "Estar com qualquer outra pessoa sempre foi como brincar de casinha — não é a coisa real", confessa. "Eles vão embora de manhã, e é fácil — tão fácil seguir com a minha vida." A água escorre pelos músculos que se contraem em seu peito enquanto sua voz se torna impotente. Frustrada. "Mas não consigo com você. Você é tudo em que penso, Gracie. Conversar com você. Tocar em você. Só olhar para você. Mas mesmo quando você está bem na minha frente, nunca é o suficiente."

Essa última palavra é quase um rosnado, e quando ele agarra meu cabelo encharcado com o punho, eu gemo, incapaz de lhe dizer que meu coração também está coberto com suas impressões digitais.

“Não há outros parceiros”, ele diz, enquanto o abraço pela cintura, diminuindo a distância entre nós. “Não desde que te vi naquela igreja e tudo parou. Tenho estado aqui neste maldito chuveiro todas as noites, imaginando isso. Repetidamente.”

Com sua confissão, e o movimento duro e molhado de seus quadris, de repente me sinto tão vazia que meu estômago dói. “Eu também me toquei”, digo a ele, a voz baixa em meio ao barulho da água.

Ele pragueja, e um puxão forte no meu couro cabeludo me causa uma onda de desejo. Solto um suspiro ao ser obrigada a olhar para ele, meus lábios pingando água quente.

“Com que frequência?”, ele pergunta, puxando-me lentamente enquanto caminha para trás.

“Todas as noites”, arfo, sentindo meus mamilos apertarem. “Às vezes de manhã também.”

Seu suspiro soa doloroso. “E você pensa em mim às vezes?”

Eu poderia rir. Ou soluçar. “S-sempre.”

Ele solta um som meio palavrão, meio gemido, e então se senta no banco. Senta-se com a cabeça para trás, as pernas longas abertas e a mão com veias saltadas apertando a base da ereção com força. “Sente-se”, ordena.

Engulo em seco. Depois de semanas resistindo a ele a cada passo, é surpreendentemente fácil simplesmente fazer o que ele diz. Ter esperança de que ele possa me dizer novamente o quão boa eu fui.

Com a ajuda dele, me sento em seu colo. Ambos respiramos com dificuldade, olhando para o pequeno espaço entre nós e para a diferença de tamanho quase cômica em nossas anatomias. É absurdo, na verdade. Pensar que isso poderia funcionar.

"Jude", digo, e não consigo conter a risadinha desesperada e miserável que escapa de mim. Porque, no fim das contas, é tudo o que eu sempre quis. Ele, o mais perto possível.

Sua mão se ergue até meu rosto preocupado, acariciando minha pele úmida. "Você confia em mim?"

Parece uma pergunta capciosa. Mas me vejo assentindo, na esperança de que ele tenha alguma solução para esse problema específico. Talvez ele tenha consultado a NASA.

"Confio."

Ele suspira. "Ótimo. Então quero que você se toque."

Franzi a testa. "O objetivo de fazermos isso juntos não é justamente não termos que nos tocar?"

"O que você acabou de me dizer seis segundos atrás?"

Soprei um suspiro irritado. E acho que é bom saber que ainda somos capazes de discutir às vésperas de finalmente termos um ao outro. Cedendo, deslizei minha mão entre nós. Ao primeiro toque dos meus dedos, a boca de Jude se abriu em silencioso espanto. Seus nós dos dedos roçaram minha mão enquanto ele se masturbava com força. Mais uma vez. E eu estava enganada. Esta é a melhor ideia do mundo.

O prazer me envolve completamente sob seu olhar febril. Não consigo parar de observar sua mão em seu pênis, memorizando cada movimento. Quando ele espreme mais líquido pré-ejaculatório da ponta, espalhando-o por todo o corpo, um gemido suave escapa de mim.

"Mais rápido", ele exige, com os olhos fixos na minha mão.

Eu gemo baixinho, meus seios tremendo enquanto meus dedos trabalham com mais intensidade, o jato de água quente nas minhas costas.

"Droga. Isso, assim mesmo", ele me incentiva. "Preciso que você esteja bem molhada se quiser isso."

"Jude", eu arfo. Seu polegar acaricia meu mamilo dolorido e eu me arqueio, os músculos da coxa se contraindo, e eu poderia facilmente me desfazer assim. Só de ver filetes de água escorrendo entre os músculos do seu abdômen. Do roçar do seu pênis inchado contra o seu umbigo. Do olhar dele em mim. Os olhos dele. Eles me prendem como um punho quando nos encontramos.

"Mostre-me o quão molhada você está", ele ordena, ofegante. "Se foda e me mostre."

Suas palavras percorrem minha espinha como um raio. Mergulho dois dedos em mim, ansiosa para agradá-lo, antes de mostrá-los a ele.

"*Meu Deus*", ele pragueja, agarrando meu pulso com força. Quando ele puxa meus dedos para sua boca quente, a língua deslizando entre eles enquanto me suga até o fim, quase caio do banco. Quase caio da própria Terra. É instintivo me erguer ainda mais, de joelhos. Buscar atrito contra ele enquanto solto meus dedos.

"Sim", ele grunhe, agarrando minha bunda para me pressionar contra ele. Me apoio em sua maçã do rosto úmida. Seu queixo por fazer e a covinha proeminente. Ele é tão lindo, tão carinhoso, que poderia partir meu coração em mil pedaços. Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto reprimo os suspiros.

Sou desajeitada, minhas mãos tremem, e não é minha intenção — não exatamente — mas a cabeça grossa do seu pênis desliza para baixo, pressionando minha entrada. Seus olhos me encaram com desejo. "Camisinha", ele dispara.

"Precisamos mesmo?", resmungo, com os quadris inquietos. "Eu tomo anticoncepcional."

Ele fecha os olhos com força. "Você vai me matar, Gracie. Não. Não precisamos. Estou limpo."

Eu acredito nele. Se ele me dissesse que preferiria comer o próprio pé a me machucar, eu também acreditaria. Então, me abaixo sobre ele. Ou pelo menos, tento. Com um empurrão firme, os primeiros centímetros entram e seus olhos reviram.

"Jude", ofego, agarrando seus ombros como se quisesse impedi-lo de desmaiar. "*Por favor*. Você não está—" Empurro com mais força. "Não está funcionando."

Minha voz está embargada pelo pânico e, com esforço, ele abre os olhos. Gotas de condensação escorrem pelo seu pescoço, sobre seu pulso acelerado. "Está tudo bem", ele sussurra roucamente. "Vou te ensinar como me possuir."

Sua mão desliza para baixo, quase preguiçosa em sua névoa de prazer. Quando seus dedos encontram meu clitóris, seu toque é tão suave que a ausência de atrito é tudo em que consigo me concentrar. Meus olhos arregalados encontram os dele.

"Jude—"

"Eu sei, anjo", ele ofega. "Relaxe para mim."

Respiro fundo, tremendo, e começo a me mover, buscando desesperadamente algo mais do que seu toque superficial. Mas ele mal me toca, torturando-me com roçadas fugazes, até que um gemido de frustração escapa da minha garganta. Ele está fazendo isso de propósito.

"Você está quase lá", ele promete.

“Mentiroso”, sussurro, embalando-o com mais intensidade enquanto o prazer começa a superar o desconforto.

Ele balança a cabeça com um meio sorriso, os músculos do peito se contraindo a cada respiração ofegante. “Você aguenta mais um pouco”, promete, e de alguma forma, ele está certo. Com um movimento necessitado dos meus quadris, ele penetra mais fundo com um palavrão sussurrado. Quando ele toca levemente meu

clitóris, acalmando-o com o polegar e palavras suaves de encorajamento, o prazer crescente se transforma em desespero.

“Isso é... Sim”, ele geme. “Tão orgulhoso de você, meu bem. Continue.”

Engulo seus elogios como água, incapaz de parar de me mover sobre ele. Subindo e descendo até minhas coxas queimarem. Não vou aguentar por muito tempo, e ele sabe disso.

"Eu não consigo", grito, as lágrimas se misturando com a água no meu rosto corado. Mas suas mãos são tão firmes, tão carinhosas, que sei que ele me tem. Se ele me despedaça, é só porque quer me reconstruir, de novo, de novo e de novo.

"Você consegue", ele murmura, beijando meu pescoço. "Você me aceita melhor do que ninguém, Gracie. Todas as minhas besteiras. Todas as minhas barreiras. Você as derruba mais rápido do que eu consigo construí-las."

Meus olhos se fecham com força enquanto a saudade dele atinge um ápice de intensidade quase violenta. Não apenas pelo seu corpo, mas por tudo que ele me esconde. Até que eu desejo poder abrir seu peito e me enfiar lá dentro. "Não é o suficiente. Você nunca me dá o suficiente", soluço, engolindo o choro enquanto meu corpo inteiro começa a tremer. "Eu quero tudo, Jude."

O palavrão que ele lança para o teto é gutural. "Incline-se para trás para mim."

Ele guia minhas mãos até os joelhos, e a mudança de ângulo é devastadora. Sinto-o contrair com força atrás do meu umbigo, tão fundo e grosso que não consigo respirar. Não consigo me mexer. Mas então seus quadris se elevam contra mim enquanto seus dedos finalmente dão ao meu clitóris a pressão necessária, e eu me desprendo do meu corpo. Quando finalmente consigo engolir ar suficiente para emitir um som, é o nome dele — longo, desesperado e pontuado pela estocada de seus quadris.

"P-porra, estou perdendo o controle, Gracie", ele me avisa, os cílios tremendo enquanto suas coxas se contraem com força e rapidez sob mim.

"*Por favor*", imploro. "Por favor."

Ele me puxa para frente, até que eu esteja esmagada contra ele. Enterro meu rosto em seu pescoço tenso enquanto ele geme, seus quadris poderosos implacáveis sob mim. Estamos tão entrelaçados, encharcados de água, suor e nossa própria necessidade um do outro, que é difícil dizer onde um de nós começa e o outro termina. E está tudo bem. Mais do que bem. Porque eu nunca mais quero me

separar dele. Nunca mais quero viver uma vida sem o sal da sua pele na minha boca, ou o aperto doloroso de suas mãos. Eu nunca mais quero viver sem ele, e se ele ainda não sabe disso, saberá em breve. Porque ele pode não querer me manter em segredo, mas a verdade é que eu o deixaria me manter de qualquer maneira.

31 GRAÇA

Duas Semanas Antes do Casamento

Sobrevivi ao banho, mas por pouco. Jude caminhava em direção à cozinha, parecendo um pouco convencido demais. Enquanto isso, eu estava sentada em uma bolsa de gelo.

Não foi a única coisa que ele insistiu. Depois de nos limpar e me enrolar em uma toalha, ele me convenceu a vasculhar seu closet impecavelmente organizado. Não precisou me pressionar. Em minha busca curiosa, encontrei um moletom macio e desbotado da Yale Swim ao lado de uma camiseta da Yale Law e o critiquei por uns bons dez minutos. (Um indignado "Você 'nada um pouquinho'?" seguido de "Aposto que nado peito era sua especialidade" e "Você também tem uma camiseta 'Respiração Yale'?")

No fim, ele me calava puxando minha toalha e tirando o moletom com capuz por cima da minha cabeça, de trás para frente. Ele me abraçava e me beijava por cima do capuz até eu rir tanto que ameacei fazer xixi no armário dele.

Mas agora que fizemos as pazes, concordei em cortar as unhas do Taco se ele assistir a um filme de zumbis comigo.

"Quer beber alguma coisa?", ele pergunta, abrindo um armário. "Algum petisco?"

"Chá parece ótimo", respondo. Concordar com ele me dá a vantagem de poder observá-lo se movimentando pela cozinha sem camisa, de calça de moletom cinza.

Ele levanta uma sobrancelha. "Tem certeza de que não quer algo mais forte para o que vem pela frente? Tenho um pouco de vodca pura por aqui em algum lugar."

Desço do balcão e caminho até onde uma coleção de bonecos da Juíza Judy enfeita um dos parapeitos das grandes janelas.

"Tentador. Mas acho melhor não arriscar, obrigada", digo, pegando um dos bonecos. Este está usando a toga característica da Juíza Judy, mas em vez de um martelo, segura um sanduíche de pasta de amendoim e geleia. Uma pontada de culpa me invade. "Um presente do Henry?", pergunto enquanto Jude coloca a chaleira no fogo.

Sua mão para no meio do caminho em direção a uma caixa de chás cuidadosamente organizada, antes de completar o movimento.

"Ele me manda fazer um todo Natal", diz ele sem olhar para mim. Depois de um instante, acrescenta: "Isso, e o brinquedo sexual mais inusitado que ele conseguir encontrar."

Não consigo conter o riso. "Que pena que você não os exibe."

"Você é mais que bem-vindo à minha coleção de tentáculos de silicone, se é isso que te interessa."

Meu sorriso não dura muito, pois a preocupação se instala no meu estômago.

"Como você acha que ele vai reagir?", pergunto, colocando cuidadosamente a Judy de manteiga de amendoim e geleia de volta no parapeito. "Quando você contar a ele sobre nós, quero dizer."

"Mal", ele diz em voz baixa, encostando a cabeça no armário e fechando os olhos.

Caminho até ele, deixando minhas mãos repousarem em sua barriga tensa. "Não consigo evitar a sensação de que tudo isso é culpa minha", digo. "Eu saí com ele. Eu lhe dei esperança."

Jude abre os olhos, examinando meu rosto. "Nada disso é culpa sua. Você saiu com alguém e terminou tudo antes que desse em algo sério." Ele desvia o olhar, engolindo em seco. "Depois do que aconteceu com os pais da Sofia, faz sentido que você tenha ficado com medo. Você tinha todo o direito de procurar alguém para ficar em vez de começar algo sério. Mas se eu tivesse sido um amigo melhor para o Henry, eu não teria te tocado. Não depois de ter dito a ele que não tocaria."

Minha respiração parece cola nos meus pulmões. "Então você se arrepende?"

Ele olha para o teto, e o suspiro que solta soa impotente. "Eu deveria. Deus sabe que eu deveria." Ele me encara novamente. "Mas eu jamais me arrependeria de

você, Gracie. Nem por um segundo."

Uma leve dor se espalha pelo meu peito. Na semana passada, corri para ele em pânico, pensando que ele me protegeria da mentira do "felizes para sempre". Quando ele desenterrou todos os sentimentos que eu vinha negando por ele, tentei enterrá-los novamente em um trabalho interminável. Mas esta noite, ele largou tudo para me ajudar. Fez com que minhas opiniões sobre sexo no chuveiro dessem uma guinada de três pontos na direção oposta. E a cada segundo que passo com ele, fica mais difícil negar a verdade: isso não parece brincadeira. Parece tudo o que eu sempre vou querer.

"Eu também não me arrependo", sussurro.

Ele me puxa para perto, aconchegando meu rosto contra sua pele quente, e mesmo sem ter respostas, sei que quero que esse abraço dure até meus setenta e cinco anos.

Quando o chá está pronto, ele me leva até o grande sofá de canto na sala de estar, com almofadas macias como nuvens. Eu me afundo nele com meu chá de camomila e solto um suspiro involuntário. A sala de estar, como todo o resto, é organizada, mas acolhedora, exceto pela mesa de centro. Ela está coberta de papéis e seu laptop aberto.

"Desculpe", ele diz, juntando os papéis e fechando a tela. "Eu estava trabalhando mais cedo."

"Pensei que você estivesse tentando amarrar o Taco antes de desistir", digo, dando um gole na minha caneca fumegante.

“Faz parte do processo”, diz ele. “Às vezes, se eu estiver trabalhando no sofá, ela me abraça de lá.”

Ele aponta para a chaise longue do sofá, onde há um cobertor branco irresistivelmente fofo.

“Sinto muito em te dizer isso, mas acho que não conta como abraço se houver mais do que um campo de futebol entre vocês.”

“Mostra o quanto você sabe”, diz ele, sentando-se tão perto de mim que meu coração dispara. “Ela tem uma bolha pessoal enorme.”

Reviro os olhos. “Aliás, onde ela está? Ela não sabe que a manicure dela está aqui?”

“É lisonjeiro que você ache que eu sei de tudo o que ela faz. Ela pode estar discursando na ONU, que eu saiba.”

Dou uma risadinha dentro da minha caneca. "Deve ser difícil levar uma vida menos realizada que a do seu gato. É por isso que você estava trabalhando tanto num sábado à noite?"

Ele passa a mão pelos cabelos úmidos e não olha para mim quando diz: "Estou trabalhando em algo bem urgente. É por isso que não pude ficar em Larkwood neste fim de semana."

"Ah", digo, enquanto minha mente tenta novamente encontrar as peças soltas do quebra-cabeça, pensando no que ele fez por Maya. "É para um cliente fixo ou pro bono?", pergunto hesitante.

Ele entrelaça os dedos como se pudesse impedir que se mexam. "Pro bono."

Mordo o lábio. Depois de tantas vezes me rejeitando, agora consigo praticamente ver quando suas defesas emocionais se erguem. Mas, para o bem ou para o mal, as coisas mudaram entre nós. Nunca fui tão íntima de ninguém na minha vida e, como resultado, ele conseguiu me fazer abrir no meu momento mais vulnerável. Agora me pergunto se ele precisava da mesma coisa o tempo todo.

Depois de um instante, decido arriscar e sento no colo dele. Ele parece surpreso, mas não reclama quando me acomodo e o encaro como fiz no chuveiro.

Ele me olha de soslaio. "Acho que já te vi aqui antes."

Quero revirar os olhos, mas eles ficam fixos na tatuagem de um ursinho de pelúcia fofo perto do osso do quadril dele. Talvez seja a coisa mais erótica que eu já vi. Passo o polegar por cima e os músculos do abdômen dele se contraem como se eu tivesse apertado um botão mágico com a inscrição "TANQUINHO DEFINIDO". É nojento. Eu odeio isso.

"Isso significa alguma coisa?", pergunto, com os olhos percorrendo a coleção de imagens aparentemente aleatórias. Toco em uma vespa nas costelas dele. Um pequeno suspiro escapa de seus lábios.

"Sim."

Espero pacientemente, mas, aparentemente, é só isso que vou ouvir. "Sério?"

Os olhos dele se desviam. "É ridículo."

"Suas quatorze camisetas de Yale discordariam."

Isso arranca dele uma risada exasperada, e meu sorriso provavelmente pode ser visto do espaço. "Vamos lá. Me conta."

Sua expressão se torna séria quando ele encontra meu olhar. No silêncio carregado, cada fio de cabelo do meu corpo se arrepia como folhas antes de uma tempestade.

"São casos", ele finalmente diz, como se essas palavras fossem dois produtos químicos altamente voláteis que ele pesou com o máximo cuidado. "Os que eu preciso lembrar."

Meu corpo paralisa. Olho para o pequeno cadeado do diário. Os patins. O atiçador de ferro.

Meu estômago dá um nó de enjoo. Depois de um momento, consigo dizer: "O que você fez para Maya... são esses os tipos de casos pro bono que você costuma aceitar?"

Lentamente, ele expira, como se soubesse que sua resposta abriria portas que ele vinha tentando barricar. Meus olhos se voltam para o esqueleto tatuado em seu bíceps. Seu sorriso assustadoramente perturbado enquanto sai alegremente do armário. "É", ele diz baixinho. "Minha especialidade é defender vítimas de violência doméstica."

Leva um segundo para meu cérebro processar. Violência doméstica. Meu coração afunda lentamente até o fundo da minha caixa torácica. Penso em todas as vezes que o acusei de ser o destruidor do "felizes para sempre". Como presumi que ele fosse advogado de divórcio por causa de alguma mágoa pessoal contra o romance. Lembro-me do que Henry disse sobre Jude em nosso encontro. Ele é a pessoa mais íntegra que conheço. Honrado, até, se é que isso ainda existe.

“Meu Deus, eu sou uma idiota”, digo, com a garganta fechando.

Ele balança a cabeça. “Você não é. Você não sabia.”

Mas mal consigo prestar atenção, porque minha mente ainda está repassando tudo o que Henry me contou no nosso encontro. Eu o conheço há muito tempo e nunca ouvi uma única história sobre a infância dele. Meu pulso acelera como um tambor nos meus ouvidos.

“Por quê?”, sussurro.

Suas sobrancelhas se franzem. “Por que o quê?”

“Por que essa é a sua especialidade?”

Suas mãos, que estavam fazendo círculos suaves nas minhas pernas, param. Algo parecido com pânico surge em seus olhos.

“Não me pergunte isso.”

Ele diz como se estivesse implorando, e eu mordo os lábios, dividida entre querer respeitar sua privacidade e tentar retribuir o presente que ele me deu: alguém em quem confiar.

“Se você quiser me contar”, digo suavemente, sem qualquer tom de exigência, “estou aqui para ouvir”.

Sua expressão cuidadosa vacila por um instante antes de se recompor. “Eu não sou a vítima aqui. Você não precisa se preocupar comigo.”

A maneira como ele diz é ponderada e definitiva. Mas há também uma especificidade em seu tom que parece um rastro de migalhas de pão que leva a outras conclusões. Alguém é uma vítima. Tudo o que eu vivi é irrelevante. Meu peito começa a se apertar.

“E eu não sou a mãe da Sofia”, respondo, com lágrimas ardendo nos olhos. “Mas isso não significa que o que ela passou não me parta o coração”, digo, desenhando um pequeno trevo de três folhas em suas costelas. “Que isso não tenha deixado marcas em sua família.”

Seus olhos encontram os meus, mais vulneráveis do que jamais os vi. "Não posso falar sobre isso com você", ele sussurra. "Ainda não."

Assinto, encontrando suas mãos. Ele entrelaça meus dedos nos seus, e isso parece acalmá-lo. Ele respira fundo para se acalmar, e o fio que nos conectava no memorial de Agatha se solidifica. Torna-se uma corrente capaz de suportar o peso do planeta.

Seus cílios se curvam para baixo. "Odeio guardar segredos de você."

Meus olhos se enchem de lágrimas. Por tudo o que ele sofreu ou teve que presenciar. Pela minha melhor amiga, sua família e cada pessoa tatuada em seu corpo cuidadosamente disciplinado. "Odeio que você tenha que fazer isso", digo, com a voz embargada.

“Shhh”, ele diz, me puxando para perto. Eu me inclino para a frente, sobre o peito dele, e ele simplesmente me abraça, beijando meu cabelo, como se eu fosse quem precisasse de consolo. Se pudesse, acho que ele cuidaria do mundo inteiro.

Não sei por quanto tempo ficamos assim, mas em algum momento, ele me deita de volta no sofá, antes de se deitar de lado, encostado em mim.

“O que aconteceu aqui?”, ele pergunta, pegando minha mão na sua. Ele a levanta para dar um beijo no pequeno corte na lateral do meu dedo anelar.

“Nada. Só fui desastrada.”

Ele franze a testa. “Como aconteceu?”, pergunta, como se fosse sua maior preocupação.

Dou de ombros, um pouco envergonhada por como estava passando meu sábado à noite antes da ligação da Maya. "Eu estava enrolando fitas para as lembrancinhas da festa de sessenta anos da minha mãe."

"Você não tem problemas suficientes sem ter que planejar uma festa de aniversário?", ele pergunta.

"Ah, sim, a eterna pergunta. Por que sou tão boazinha?"

"Você, boazinha?", ele pergunta. "Estamos falando de outra dimensão?"

"É só o meu jeito com a minha família", admito, afastando uma mecha úmida do cabelo da testa dele. "E com praticamente todo mundo que significa algo para mim."

Exceto você, penso. Para o bem ou para o mal, nunca senti necessidade de me dourar a pílula com ele.

Seu olhar se suaviza como se pudesse ler meus pensamentos. "Você não parece ter problemas em enfrentar advogados de divórcio desprezíveis."

Dou de ombros, sem jeito. "Defender as pessoas que amo é fácil. Dizer não a elas, porém..." Faço uma careta. "É por isso que aceitei planejar esta festa."

Suas sobrancelhas se franzem. "E sua família entende o quanto de tempo você está sacrificando para organizá-la para eles?"

Dou uma risadinha irônica. "Definitivamente não. Mas isso não significa que eu tenha desistido de tentar fazer com que eles me amem"—interrompo a palavra a tempo—"me valorizem."

Ele me lança um olhar que diz que não estou enganando ninguém. "Todos nós ansiamos por um pouco de amor-valorização de nossas famílias às vezes. Principalmente quando você está tão nerd."

Cubro o rosto com as mãos e gemo. "Um pouco de amnésia seletiva e educada seria ótimo, obrigada."

"Está brincando? Você me conquistou com 'grelpful', Gracie."

"Pare, ou esta noite vai virar um festival de filmes da Nora Ephron", ameaço.

"Melhor do que zumbis", ele murmura.

Surto de indignação e ele beija minha boca aberta para interromper o discurso iminente. Quando ele me solta, estou tonta e desarmada.

"Então, você aceitou planejar esta festa, mesmo sem ter tempo nenhum para isso?", ele pergunta.

"Sim, e caso você esteja se preparando para me dar uma lição sobre limites saudáveis, saiba que Sofia fez isso há uns vinte anos e não parou desde então."

“O que te faz pensar que eu sei alguma coisa sobre limites saudáveis?”, ele pergunta, puxando o cordão do moletom.

“Para mim, você parece ser muito boa nisso.”

Ele me olha, e o sorriso que se forma em seus lábios é de partir o coração. “Às vezes. Mas quando se trata de família, eu sei bem o que é esquecer as melhores intenções quando você acha que elas finalmente podem mudar.”

Minha garganta aperta. “E você acha que isso nunca poderia acontecer?”

Suas feições se contraem em uma expressão sombria. “Pela minha experiência, não. Mas a esperança não liga para os fatos, não é?”

Afasto o cabelo do rosto dele, afastando-o da testa. "É por isso que temos que continuar tentando", digo, sem saber ao certo se estou falando das nossas famílias, dos meus desejos para Larkwood ou dessa vontade imprudente de ter algo mais com ele. "Dizem que milagres acontecem."

Ele aperta minha mão. "Quando é a festa da sua mãe?"

Com uma careta, respondo: "No mesmo fim de semana do casamento."

Ele fecha os olhos por um instante. "Claro que é."

"Mas estou quase terminando tudo. Só preciso entregar as lembrancinhas esta semana e—"

"Você vai dizer a eles que não vai à festa, nem vai se envolver com nenhum outro planejamento?"

Dou uma risada fraca. "Achei que já tínhamos conversado sobre isso. A palavra 'não' simplesmente desaparece do meu vocabulário quando estou com eles."

"E se eu fosse com você?", ele sugere.

Eu pisquei. "Vem comigo?"

Ele deu de ombros. "Sou muito bom em intimidar as pessoas com o olhar."

"Não sei... é o aniversário de sessenta anos da minha mãe. Se eu garantir que tudo corra perfeitamente, então talvez—"

"Elas vão, de repente, desenvolver novas personalidades, apesar de trinta anos de evidências em contrário?"

"O que aconteceu com desistir diante da esperança?"

"Só faço isso com a minha família, bobinho. Você já deveria saber que não tenho problema nenhum em ser um babaca com todo mundo."

Resmunguei contra a minha vontade. "Ou em convencê-las a fazer o que você quiser."

Ele baixa o olhar para onde nossas mãos estão entrelaçadas no meu moletom emprestado. "Eu sei que dizer sim pode parecer o atalho para conseguir um respeito merecido", diz ele, deslizando o polegar sobre o meu, "mas há muito mais poder na palavra não. E mesmo que não percebam isso de imediato, também há gentileza. Dizer não permite que as pessoas assumam a responsabilidade por suas próprias vidas. Dizer sim simplesmente lhes nega a oportunidade de crescer."

"Você está falando como se eu fosse a responsável por impedi-los", digo, sentindo-me um pouco na defensiva. "Você não sabe o quanto eles deixaram claro que é assim que esperam que eu contribua, já que eu não—"

Paro, sentindo a emoção apertar meu peito.

"Já que você não faz o quê?"

Respiro fundo. Depois de compartilhar tanto com ele, me sinto superexposta. Mas hoje à noite, ele me contou sobre suas tatuagens e seu trabalho com violência doméstica. Suas defesas ainda estão firmes, mas ele confiou em mim o suficiente para derrubar alguns tijolos. Então, eu digo:

"Pertencer." Fico em silêncio por um momento. "Quando meus pais se separaram e, de repente, formaram suas novas famílias, perfeitas para eles, eu meio que me tornei aquele parafuso extra da IKEA — relacionada, mas confusa e desnecessária."

"Então você se tornou útil", ele diz baixinho.

Assinto com a cabeça, sem conseguir falar. As mãos de Jude são gentis, mas firmes, enquanto ele me puxa para mais perto. Quando estou deitada contra o peito dele, com seus braços me envolvendo, todas as vozes nervosas dentro de mim se

acalmam. Talvez um relacionamento convencional não seja para nós. Mas estou começando a achar que encontrar alguém que enxergue claramente as partes mais ásperas do meu coração e ainda assim queira me acolher é mais importante do que me encaixar em qualquer padrão.

Ele beija o topo da minha cabeça. "Você não deveria precisar ter um emprego remunerado para se sentir vista pela sua família. Se você nunca parar, nunca vai descobrir se eles estarão presentes para você."

“Mas e se eles não quiserem? Eu não tinha nada a oferecer a eles enquanto crescia, e eles ficaram felizes em me passar para a família da Sofia sempre que podiam.”

Os braços de Jude me apertam. “Se eles não quiserem conhecer alguém tão generosa, talentosa e trabalhadora quanto você, então são uns idiotas, Gracie. Chega um ponto em que tudo o que você pode fazer é se afastar e sofrer. Você se apoia nas pessoas que te amam e te valorizam.”

Será que é possível encolher uma cópia desse homem até o tamanho de um bolso e carregá-lo comigo para todo lugar? Não há julgamento ou frustração em seu tom — apenas compreensão, acompanhada de um caminho claro (ainda que difícil) a seguir.

“Quanto te devo pela sessão de terapia?”, pergunto.

Ele sorri levemente. "Você poderia dizer sim e me deixar ir com você."

"Você realmente iria comigo até a casa da minha mãe?"

"Não fica nos confins de Mordor, fica?"

"Você está dizendo que não viajaria comigo até Mordor?"

"Ultimamente, tenho ido todo fim de semana."

Dou um tapa no ombro dele. "Quieto. Por sorte, ela mora aqui em Pawtucket."

Ele ri baixinho, e nesse momento, Taco entra, pulando levemente na mesa de centro. Ela se senta e me encara fixamente com seus olhos amarelos brilhantes, como se dissesse: "E aí? Estou aqui para a minha consulta."

"E como foi o seu discurso na ONU, Madame Presidente?", pergunto carinhosamente, estendendo a mão para que ela me cheire. "Aprovaram o seu plano de dominação mundial?"

Assim como da última vez, ela dá uma cabeçada na minha mão e começa a ronronar quando a acaricio.

"Ah, claro", diz Jude, revirando os olhos para Taco. "Só ignore o cara que recolhe seu cocô toda noite."

"O coração quer o que quer", digo simplesmente.

Jude se desvencilha de mim e sai do sofá. "Por isso, agora você definitivamente vai cortar as unhas dela."

Quando ele volta para Taco, que está deitada no meu colo, faz um som de nojo e me entrega o cortador de unhas e um saco de petiscos. O trabalho é fácil o suficiente, e quando termino, ela sacode o pelo e sai como se tivesse se cansado da nossa companhia.

"Não entendo", diz ele, observando-a se retirar graciosamente para um quarto escuro.

“Você fica nervoso perto dela. Ela percebe que você acha que ela vai reagir de forma agressiva, então ela reage.”

“Então, você está dizendo que se eu simplesmente agir como se ela fosse se comportar bem, ela vai se comportar?”

“Não custa nada dar a ela o benefício da dúvida.”

“Talvez a confiança também não seja algo fácil para mim”, diz ele.

A maior subestimação do século, penso, com um lampejo de raiva direcionado a quem quer que seja a causa de sua postura reservada. Observo-o por um instante antes de pegar uma das mantas macias no encosto do sofá para nos cobrir. Esta noite, depois de cada confissão que ele gemeu contra minha pele úmida e de nossa conversa posterior, é incompreensível que eu o tenha visto como frio e insensível. Inconcebível que eu pudesse conhecê-lo e não me apaixonar por ele, não importando os riscos. Apoio minha cabeça em seu ombro enquanto ele me abraça.

"Li uma vez que filmes de zumbis ajudam com problemas de confiança", digo.

"Hum. Não me lembro de ter visto esse estudo em particular. Foi no bullshit.org?"

Dou-lhe uma cotovelada, recusando-me a admitir que estou inventando tudo. "Foi muito profundo! Algo sobre criar laços através do medo..."

Ele bufa antes de pegar um controle remoto na mesa de centro. "Bem, se há alguém com quem eu estaria disposto a criar laços através do medo, com certeza é a pessoa corajosa o suficiente para cortar as unhas do Taco. Aposto que você seria incrível no apocalipse."

Finjo enxugar uma lágrima. "Acho que nunca recebi um elogio melhor."

A enorme tela plana fixada na parede ganha vida, mas ele não começa a procurar nada. Em vez disso, respira fundo. "E se eu dissesse que odeio filmes violentos? Isso seria um problema para você?"

Ele não me olha enquanto diz isso, mas de repente, meu peito se enche de uma força tão grande e protetora que fica difícil respirar direito.

"Então eu diria que deveríamos assistir a A *Noiva Cadáver*", digo, entrelaçando meus dedos nos dele por baixo do cobertor. "E eu seguro sua mão, por precaução."

"Mas e se isso não for suficiente?", ele pergunta, desviando o olhar da tela para encontrar o meu. "E se eu precisar que você passe a noite aqui?"

Em algum lugar nesse último pedido estavam as palavras "*eu preciso de você*", e elas brilham por mais tempo do que todas as outras. Talvez eu não consiga ou não queira rotular o que é isso entre nós, mas tenho uma palavra para descrever como me sinto. Segura. E, mais do que tudo, quero que ele se sinta da mesma forma.

“Então acho que é a minha vez de cuidar de você, Jude.”

32 JUDE

Duas Semanas Antes do Casamento

"Oi, querida, estou a alguns minutos da minha reunião de almoço. Tudo bem?", minha mãe pergunta ao atender minha ligação.

Droga. Achei que ela estaria disponível para almoçar, mas acho que uma ligação vai ter que servir. A Gracie saiu da minha casa há uma hora, e eu fiquei de olho no relógio até ter certeza de que minha mãe estaria livre.

"Sim, tudo bem", respondo, levantando da minha mesa. "Mas eu queria te perguntar uma coisa."

"Pode falar", ela diz, parecendo distraída. Ouço uma buzina ao longe e, em seguida, seu resmungo: "*Ok, ok*, estou indo", enquanto ela enfrenta o trânsito.

Passo a mão pelo rosto. "Talvez não seja a melhor hora", digo, embora cada molécula do meu corpo esteja vibrando de urgência.

Ontem à noite, Gracie me abriu de maneiras que eu nunca tinha feito com ninguém além da minha terapeuta. Meus pequenos deslizes foram bem diferentes da confiança total que ela depositou em mim, mas, de alguma forma, ela intuiu o suficiente para perceber o esboço do que eu escondo de todos. Isso deveria me deixar em pânico. Mas, em vez disso, sinto como se tivesse conseguido emergir da água pela primeira vez em anos.

"Não, está tudo bem, estou ouvindo", diz minha mãe. "O que houve, querida?"

Que se dane. Eu deveria esperar um momento melhor, mas não consigo. "Conheci alguém."

As palavras saem da minha boca como um bumerangue prestes a me acertar na testa.

"Ah", responde ela, surpresa e um pouco atrasada. Passo a mão pelos cabelos enquanto ela recalcula suas expectativas para esta ligação. "Que bom ouvir isso." Uma pausa. "Qual a gravidade da situação?"

A pergunta cautelosa revela sua preocupação. Minha mãe não se tornou procuradora-geral por falta de inteligência ou incapacidade de perceber o perigo. Ao mesmo tempo, sei que ela quer me ver feliz, e é nessa esperança que deposito todas as minhas forças. Peso minhas palavras antes de responder.

"Eu consigo imaginar um futuro com ela. Se eu tiver a liberdade de ser honesto com ela."

Ela está quieta, e eu sei que ela entende o que estou querendo dizer. Guardei os segredos dela por anos sem questionar — mesmo que isso significasse manter partes inteiras de mim escondidas das pessoas que amo. Mas com a Gracie, essa mordaça nunca me incomodou tanto.

"Mas você não está oficialmente com ela?", minha mãe pergunta, percebendo minha linguagem propositalmente vaga.

Droga. "Tecnicamente não. Ainda não. Mas só porque não seria certo. Não quando tenho que esconder tanta coisa dela."

Ela hesita, e eu quase consigo ver sua expressão preocupada no silêncio. "Você sabe que eu não queria perguntar isso, querida, mas há quanto tempo vocês se conhecem?"

Mordo a bochecha. "Conheci-a no funeral da vovó."

Minha mãe suspira, e minha esperança vacila. "Jude, não", diz ela, com voz apologética. "Fico feliz que você tenha encontrado alguém, e tenho certeza de que ela é maravilhosa se conquistou sua atenção assim, mas já tive assistentes por mais tempo do que isso em quem ainda não confio nem para fazer meu café direito. Divirta-se com ela, mas, por favor, mantenha os assuntos de família dentro da família."

Ela faz uma pausa, e eu sei o que vem a seguir. "Se alguma coisa vazar, colocará todas as minhas iniciativas em risco. Você sabe o que está em jogo."

Aperto a ponte do meu nariz com força, tentando me lembrar do porquê de ela estar com medo. Claro que o trabalho dela é importante. Mas existe uma linha tênue entre proteção e paranoia, e depois de tanto tempo, ela se tornou completamente indistinta. "Eu confio nela, mãe. Ela jamais espalharia fofocas."

"Eu não disse que ela faria isso. Não intencionalmente. Mas ela é treinada em confidencialidade como você? Ou ela tem algumas melhores amigas com quem compartilha tudo regadas a mimosas? Essas amigas entenderiam o quão prejudicial seria se viesse à tona que eu — uma mulher que dedicou toda a sua carreira a proteger e abrir portas para outras mulheres — estive envolvida com—"

Sua voz, que começava a se exaltar, se interrompe. Encosto minha testa no vidro frio da janela. Suas preocupações, por mais que eu não queira admitir, são válidas. A posição que ela conquistou com muito esforço lhe deu a capacidade de fazer um bem inestimável para mulheres em circunstâncias semelhantes, e arriscar esse poder não é algo que ela esteja disposta a fazer. E eu entendo. Mas, pela primeira vez na vida, esses riscos parecem valer a pena.

"Eu confio nela", digo novamente com total convicção. "Ela não diria uma palavra."

Ela suspira resignada, e algo estala na minha mandíbula. "Desculpe, Jude. Você quer que eu diga que me sinto confortável com isso, mas não me sinto. Ainda não. Se você ficar noivo dessa mulher daqui a alguns anos, podemos conversar sobre isso depois."

"Mãe—"

"Preciso ir", ela me interrompe, mas há um tremor em sua voz. "O governador está esperando, e ultimamente, ele está muito inflexível."

Passo a mão pelo rosto e olho para o teto, na esperança de que ele me faça um favor e desabe sobre mim. Nunca pedi permissão a ela para contar a ninguém. Nem mesmo a Henry. Ser rejeitada instantaneamente, depois de anos de silêncio e lealdade, é mais do que um tapa na cara. Faz com que minha disposição para cooperar pareça menos uma escolha e mais uma prisão.

Fecho os olhos, desejando que meu coração desacelere. Lembro-me de tudo o que está em jogo para ela. Para seus eleitores. Que isso não tem nada a ver comigo. É o suficiente para me acalmar e fazer a pergunta que tenho guardado no fundo do meu peito.

“E quanto às minhas condições para ficar com Larkwood?” pergunto, lembrando-a da promessa de considerar a possibilidade de se separar do meu pai.

Há uma pausa carregada de tensão que me deixa em alerta. “Depois da nossa conversa, decidi me afastar um pouco do seu pai. Não temos nos falado.”

O choque me paralisa, fazendo com que meus pés se prendam ao chão. “Sério?”

“É só até ele voltar da Europa, mas tem sido… uma mudança de ritmo. Devo dizer isso.”

Levo a mão ao peito, massageando-o de repente, sentindo uma forte dor. A esperança floresce dentro de mim como um dente-de-leão brotando do concreto. Se ela o deixar — se realmente o deixar —, tudo pode mudar.

“Isso é… ótimo de ouvir”, digo. “Estou muito orgulhosa de você, mãe.”

Há um longo silêncio do outro lado da linha. "Mas decidi que não é o melhor momento para algo mais permanente", ela finalmente diz.

Tão rápido quanto surgiu, minha esperança cai por terra, deslizando e se enterrando até desaparecer no subsolo. "Mas você disse—" começo.

"Sinto muito", ela me interrompe, com a voz embargada pela emoção. "Eu sei como você se sente e o quanto você quer que as coisas mudem. Eu sei o quanto isso é difícil para você."

“Mas será mesmo?” pergunto, antes que eu possa me conter. É uma pergunta tão egoísta — Deus sabe que eu só passei por uma fração do que ela passou. Mas com as esperanças frustradas e nada a mostrar pelo meu último suspiro, minha raiva explode mais forte que minha dor, queimando tudo em seu caminho. Ela suspira como se pudesse sentir, e ao fundo, ouço o som do carro dela desligando e o farfalhar da jaqueta e das chaves.

“Eu sou sua mãe”, ela diz, e consigo ouvir o cansaço em sua voz. A culpa. “Claro que sim.”

Ela desliga o telefone e eu só percebo o quanto estava roendo a parte interna da minha bochecha quando sinto o gosto de sangue. Droga. Vou até o banheiro para enxaguar a boca. Só quando chego lá é que vejo um coração de batom no espelho. É pequeno, quase como se ela estivesse na dúvida se deveria desenhá-lo ou não. Em qualquer outro dia, isso poderia ter me dado esperança de um futuro juntos. Mas agora, tudo o que parece simbolizar é tudo o que tenho a perder se não conseguir me abrir para ela.

Além disso, meu rosto, normalmente pálido, está corado, meus cílios molhados. Quando foi que eu comecei a chorar? Rapidamente, abro a torneira de água fria e lavo as evidências de como eu queria que aquela ligação tivesse sido diferente. De como eu queria que minha vida fosse diferente. A água gelada faz meu rosto doer,

mas não consigo parar de pegá-la com as mãos trêmulas, desejando que ela anestesiasse tudo. A raiva dela. Do meu pai. Mas, acima de tudo, de mim mesma, por ser estúpida o suficiente para pensar que as coisas poderiam mudar.

Quando finalmente levanto os olhos, minha gola está encharcada, meu cabelo pingando, e estou tremendo, mas meu coração ainda está lá. Não sei o que o futuro me reserva. Mas uma coisa é tão clara quanto meu próprio reflexo determinado: Gracie fará parte dele.

33 GRAÇA

Duas Semanas Antes do Casamento

Se alguém me dissesse seis semanas atrás que Jude Larkwood — o comitê de boas-vindas ambulante da minha espiral de miséria pessoal — estaria me apoiando enquanto eu enfrentava minha família, eu teria perguntado se o apocalipse zumbi realmente havia chegado. Mas, ao chegarmos à pequena casa marrom-acinzentada, animada por infláveis de todos os times esportivos imagináveis da Nova Inglaterra, não há como negar que ele está ao meu lado — e me deixando segurar sua mão com força.

"Que bom que você está relaxada", diz ele enquanto desliga o carro. "Confrontos familiares são muito mais fáceis quando suas extremidades não estão latejando de adrenalina."

Olho para minha mão apertada na dele e tento soltá-la. Ele a puxa de volta com um estalo de língua e beija meus nós dos dedos.

Suspiro. "Você pode me lembrar mais uma vez por que deixar tudo na porta não é uma ideia melhor?"

Na outra noite, depois de assistirmos a "A *Noiva Cadáver*", ele me convenceu a trazer hoje não só as lembrancinhas que eu mesma fiz, mas tudo o mais que guardei para a festa da minha mãe. Em teoria, deixar tudo lá vai deixar claro para minha família que terminei com esse trabalho ingrato e me permitir me livrar da figura de papelão em tamanho real do Tom Brady, cujos olhos parecem me seguir pela casa. Agora, porém, estou convencida de que um coquetel Molotov jogado pela janela da minha mãe seria menos agressivo.

Jude se vira na cadeira para me olhar. "Você vai ficar bem. Todo mundo naquela casa é adulto e capaz de respeitar seus limites."

"Isso é altamente questionável."

"Deixa eu reformular: todo mundo naquela casa é tecnicamente adulto e deveria ser capaz de respeitar seus limites. E se não conseguirem..." Ele dá de ombros. "Não é sua culpa que a inteligência emocional deles tenha atingido o ápice no ensino fundamental."

Eu o encaro. "Sabe, se a carreira de advogado não der certo, você sempre pode ser um daqueles influenciadores de autoajuda bonitões."

"'Bonitão' no sentido de popular, ou 'bonito' no sentido de atraente?"

Eu levo a mão à orelha. "Será que eu ouvi o zzz de uma vara de pescar?"

"Só estou tentando descobrir os requisitos para a minha nova carreira."

"E se eu te acho atraente, aparentemente."

"Tenho quase certeza de que obtive a resposta para essa pergunta quando você lambeu minha axila ontem à noite."

"Eu não lambi sua axila!" digo indignada, puxando minha mão da dele. "Esse sorvete está nas suas costelas."

"Você, mais do que ninguém, deveria saber que eu não me importo com uma perversão. Minhas axilas são todas suas, Gracie."

"Meu Deus, você está enrolando?" pergunto quando me dou conta de quanto tempo estamos sentados aqui. "Porque se você está repensando todo esse plano, saiba que eu prefiro lamber sua axila do que fazer isso."

"De jeito nenhum. Só estou tentando recuperar a sensibilidade das minhas terminações nervosas", diz ele, flexionando a mão. "Não quero errar uma coisinha boba."

Eu rio, apesar do meu nervosismo. "É um bom começo. Qualquer jargão esportivo que você conseguir inserir na conversa vai te render pontos."

Ele pisca os cílios. "Os únicos pontos que eu quero ganhar aqui são para você, Gracie."

Reviro os olhos, tentando não deixar meu coração derreter até os dedos dos pés, quando a porta da frente se abre. Minha meia-irmã Brianna sai pisando duro de chinelos, encarando o SUV do Jude. Ela está usando seu uniforme característico: shorts de basquete brilhantes, uma camiseta de algum campeonato e uma carranca.

Jude me dá um último sorriso tranquilizador antes de abrir a porta do carro. "Vamos lá. Hora de arrasar, campeã."

"Meu Deus", digo, meio exasperada, meio em oração.

Ao sair, aceno para Brianna na varanda, esperando que meu sorriso não pareça uma careta de terror. Enquanto isso, Jude abre a porta traseira para começar a descarregar.

"Acho que consigo pegar o Tom", diz ele, ajeitando uma caixa nos braços para pegar o recorte.

"E me negar meu escudo?", sussurro de volta, estendendo o braço para puxar o boneco de papelão em minha direção. "Acho que não."

"O que ela vai fazer, te derrubar?"

"Não se isso puder machucar o Tom", digo, manobrando-o cuidadosamente para fora do banco de trás.

Acabei de tirá-lo de lá, junto com um cilindro de hélio de 20 litros, quando me viro e vejo Brianna parada bem atrás de mim. Dou um grito, e os próximos segundos são um borrão de pesadelo.

Deixo o cilindro cair e, no meu desespero para pegá-lo, acerto-a com força no rosto com o Tom, cuja cabeça de papelão se dobra completamente para trás. Ela solta um suspiro, que se transforma em um grito quando o cilindro, que não consigo pegar, cai diretamente em seu pé quase descalço, antes de quicar ruidosamente pela entrada da garagem.

"Droga!", ela ruge, batendo com força no carro de Jude bem ao meu lado.

Eu solto um suspiro e me escondo atrás da cabeça de Tom, que balança a cabeça, enquanto Brianna agarra o pé machucado, xingando tão alto que poderia acordar os mortos.

Jude aparece, se colocando fisicamente entre mim e Brianna, e embora ele não consiga parar uma van desgovernada com a palma da mão, ainda me sinto como se estivesse vivendo todas as minhas fantasias adolescentes de *Crepúsculo*.

"Por favor, afaste-se da Gracie", ele diz com uma voz tão calma e tão diferente da de Brianna que chama a atenção dela.

"E quem é você?", ela pergunta bruscamente, olhando-o de cima a baixo.

"Sou a pessoa que está ajudando a Gracie a transportar todos os suprimentos que ela gentilmente comprou e guardou para você. Agora, você se importaria de nos

ajudar a levar um pouco disso para dentro?”

A carranca de Brianna se acentua, mas, surpreendentemente, ela sai apressada para pegar o cilindro de hélio antes de voltar para dentro.

"Então, era a Brianna ou a Josie?", pergunta Jude, com um tom agradável, como se minha meia-irmã o tivesse recebido com um prato de brownies quentinhos e um abraço.

"Brianna", respondo, respirando fundo para me acalmar. "Jude, escuta—"

"Não, não estou repensando", diz ele, ajeitando uma mecha solta do meu cabelo. "Na verdade, estou ainda mais convencido de que você deveria entrar lá e dizer o que tem a dizer. E depois, quem sabe, atear fogo no Tom Brady."

"Ele serviu de escudo muito bom", observo.

"Que tal se você não precisar da sua família como escudo?"

Suspiro. "Tá bom, vamos nessa."

Quando terminamos de colocar tudo na bancada da cozinha, Jude é devidamente apresentado à minha mãe e às minhas irmãs postiças. De pé, ombro a ombro, elas estão rígidas e desconfortáveis enquanto ele aperta a mão de cada uma delas. Mas isso não é problema para Jude. Aparentemente, silêncios constrangedores são a sua zona de conforto.

"Ouvi dizer que seus mini-hambúrgueres são um sucesso, Sra. Bowen", diz ele, evitando propositalmente o meu olhar enquanto minha mãe faz uma oferta sem muita convicção para preparar alguns.

"Quem me dera", responde ele, com pesar. "Mas estou de dieta rigorosa — tenho certeza de que Brianna e Josie sabem como é. É verdade que vocês duas jogaram vôlei na primeira divisão universitária? Eu nadei um pouco na faculdade."

Tento não ficar boquiaberta enquanto, de alguma forma, com pura civilidade, ele transforma minha família barulhenta e exigente em exemplos de educação. Meu queixo quase cai quando Brianna nos pergunta se gostaríamos de água ou café.

"Água seria ótimo, obrigada, Brianna", diz Jude. "Gracie?"

Ele me olha, e eu percebo que até agora não disse uma única palavra a ninguém. Com cada gentileza que ele demonstrou, Jude criou a base perfeita para estabelecer meus limites. E, no entanto, meu cérebro é uma *Roda da Fortuna* em chamas, girando todas as mentiras possíveis que eu poderia contar. Desculpe, minha casa

alagou! Desculpe, vou fazer uma rinoplastia no dia da sua festa! Desculpe, decidi vender todos os meus bens e fugir para o meio do mato!

"Querida, o que podemos lhe oferecer?", pergunta minha mãe. "Tenho leite com café, se você quiser."

É o "querida" que me tira do meu estado de paralisia. É a primeira vez que ela me chama assim, e tenho a sensação perturbadora de ter entrado sem querer em um estúdio com atores interpretando minha família. "Estou bem, obrigada", digo enquanto Brianna entrega um copo d'água para Jude.

"Me avise se mudar de ideia", diz minha mãe. Depois de um instante, ela olha para a pilha de caixas e os camarões descongelando lentamente. "Isso é mais do que as lembrancinhas que pensávamos que você traria", comenta.

É isso. Mas me sinto como uma criança congelada no trampolim pela primeira vez, olhando para o que tenho certeza serem águas infestadas de tubarões. Jude e eu ensaiamos o que eu quero dizer e até antecipamos as reações deles. Não estou despreparada, estou apenas... com medo. Apavorada com a ideia de perder a única coisa pela qual minha família me valoriza. Sem isso, volto a ser aquela garotinha supérflua, substituída por seus novos irmãos. A universitária que se agarrou demais ao primeiro homem que demonstrou interesse e depois não conseguiu deixá-lo ir quando chegou a hora. Sou a mulher fazendo a mesma coisa agora com Larkwood e que, nesse ritmo, provavelmente acabará completamente sozinha...

Meus pensamentos param de girar em círculos quando a mão de Jude alcança a minha. Eu a seguro com firmeza. Quando olho para ele, ele me dá um pequeno aceno de cabeça, cheio de confiança e da certeza de que não estou sozinha. Não hoje.

Olho para minha mãe enquanto respiro fundo e digo: "Vou deixar tudo aqui porque não consigo mais planejar nada. Também não posso ir à festa porque tenho um casamento para coordenar naquele fim de semana."

Por um instante, o único som na sala é o do meu coração acelerado, que tenho certeza que pode ser ouvido por todos os cachorros de Rhode Island. Então Josie diz: “Como assim você não pode planejar mais nada? A festa é no próximo fim de semana! Você não pode nos pegar de surpresa assim — quem vai decorar, pegar a churrasqueira, fazer o arco de balões e—”

"Vou deixar minha pasta de planejamento com você", a interrompi, apontando para onde a deixei na mesa da cozinha. "Tem os contatos de todos os fornecedores que usei e minha lista de tarefas principal. Contanto que você siga o cronograma, não terá problemas para terminar tudo a tempo."

"Mas eu dou aulas a semana toda, e a Josie tem clientes na clínica um atrás do outro", diz Brianna. "Não temos tempo para ficar fazendo bichinhos de balão!"

A raiva que o medo mantinha sob controle explode. "Acredite, eu também não."

"Então o quê? Você espera que a mamãe planeje a própria festa? Você é organizadora de eventos", diz Josie, pronunciando as duas últimas palavras como se eu não fosse fluente em inglês. "É isso que você faz."

"E você estaria disposta a usar suas horas de clínica para me dar fisioterapia, sempre que eu pedisse, de graça?", retruco, começando a ficar furiosa. Jude aperta minha mão em sinal de encorajamento.

O rosto de Josie fica vermelho. "Não é a mesma coisa. Isso é só uma festa."

"Se é 'só uma festa', então não deveria ser um grande problema acertar os últimos detalhes." Olho para minha mãe enquanto Josie e Brianna trocam olhares perplexos. "Mãe, sinto muito por não poder ir à sua festa este ano. Se você quiser almoçar fora para comemorar em agosto, eu adoraria."

Minha mãe coloca a mão no ombro de Brianna, interrompendo o que quer que ela estivesse prestes a me dizer. Ela me olha como se estivesse me vendo por completo pela primeira vez em anos. "Claro que entendo. Obrigada por tudo que você fez até agora, Gracie. Vamos levar isso até o fim."

Surpresa, gratidão e alguma outra emoção difícil de nomear se acumulam na minha garganta como uma colisão de três carros. Acho que pode ser orgulho.

"Bem, foi um prazer conhecer uma de vocês", diz Jude, me puxando para perto dele, "mas precisamos ir. Feliz aniversário adiantado, Sra. Bowen."

E antes que minhas irmãs postiças possam protestar, ele me guia para fora da cozinha e pela porta da frente.

A cada passo em direção ao carro dele, tenho que reprimir a vontade de socar o ar em sinal de vitória ou vomitar. Quando ele abre a porta para mim, mal tenho certeza se meus pés estão tocando o asfalto. Quando Jude entra, me viro para ele e grito: "*Eu realmente fiz isso?!*"

“Sim, você fez mesmo!” ele grita de volta, e então me puxa para um abraço por cima do console central, beijando minha têmpora repetidamente.

Dou um passo para trás para olhá-lo e percebo que estou tremendo de excitação, nervosismo e uma sensação de liberdade absoluta. "Obrigada", digo a ele. "Obrigada por me ajudar a me livrar de todos aqueles camarões malditos."

Ele ri, com um sorriso tão largo que consigo ver seu discreto franzir de nariz. "Sua verdadeira motivação, finalmente revelada."

"Consigo imaginar motivações muito piores do que um excesso de frutos do mar baratos."

Ele levanta a mão até meu rosto e não consigo evitar encostar minha bochecha na palma da mão dele. "Estou tão orgulhoso de você", diz ele. "Quem me dera ter metade da sua coragem."

Seus olhos são tão sinceros e deslumbrantes sob a luz do sol que, por um instante, eu gostaria de poder admitir a verdade: estou me apaixonando por este homem. Mesmo que ele não possa compartilhar toda a sua história comigo. Mesmo sabendo que ele guarda segredos. Mesmo que o tempo esteja se esgotando para o nosso acordo e o destino de Larkwood e o meu futuro estejam por um fio. A verdade é que estar com ele é como entrar no calor depois de anos tremendo de frio. E quando ele sorri e diz: "Vamos lá. Conheço um lugar com um ótimo coquetel de camarão", meu coração quase salta da boca, completamente certa de que ele vai pegá-lo.

34 JUDE

Uma Semana Antes do Casamento

Esta manhã, enquanto eu caminhava para o tribunal para a audiência de emergência que eu havia solicitado, recebi uma mensagem do Henry que dizia: “Parabéns, Judy, você é oficialmente a nova dona do seu lugar menos favorito na Terra! Ainda vamos almoçar hoje? Você paga.”

De alguma forma, consegui não soltar um gemido existencial na frente do meu cliente nervoso. A mensagem dele não só confirmava algo que eu temia a vida toda, como também me fez esquecer completamente do almoço. Rapidamente, respondi: “Estou no tribunal. Tenho reunião com o Nick às 13h” e desliguei as notificações. Como era de se esperar, foi muito mais difícil ignorar os pensamentos intrusivos sobre Larkwood e sobre contar a verdade para o Henry sobre a Gracie.

Felizmente, consegui manter o foco no meu cliente, mas agora que a audiência terminou, todas as preocupações que eu havia compartimentado voltaram a sair da caixa onde as guardei. Mas não tenho tempo para entrar em espiral.

Chego correndo ao Nick's, dez minutos atrasado, e encontro Henry na nossa mesa de sempre, perto de uma janela grande, me chamando com um aceno. Tentando não parecer que estou indo para a minha própria execução em vez de almoçar com meu melhor amigo, aceito seu aperto de mão e o rápido abraço com tapinhas nas costas enquanto ele se levanta para me cumprimentar.

"E aí, cara! Eu estava começando a ficar preocupado que você tivesse sido devorado vivo pelo réu do seu cliente."

Desabotoo meu paletó enquanto me sento, lembrando do alívio que minha cliente sentiu quando lhe disse que hoje seríamos apenas nós e o juiz. "Não, sem

réu, foi ex parte. Desculpe o atraso."

Ele dispensa meu pedido de desculpas com um gesto de mão. "A justiça é lenta, blá, blá, blá. Só espero que tenha guardado espaço para o almoço. Pedi flores de abóbora fritas, e você não pode me obrigar a comê-las sozinha."

Os olhos de Henry não encontram os meus. Para qualquer outra pessoa, ele poderia parecer completamente normal, mas há um brilho artificial em sua voz que me deixa inquieta. Será por causa da Gracie? Ela disse que terminou com ele, mas apesar das minhas tentativas de ligar e mandar mensagens, ele tem me evitado desde então.

O garçom vem anotar o resto do nosso pedido, interrompendo meus pensamentos, e eu acrescento um gim-tônica no último segundo.

Henry ergue uma sobrancelha para mim. "É um gim-tônica para comemorar ou um gim-tônica para 'ai meu Deus, me ajude a anestesiar a dor'?"

Recosto-me na cadeira, jogando o cardápio sobre a mesa. "Pode ser os dois?"

"Acho que poderíamos chamar de 'Bom e Trágico'."

Dou uma risadinha. "Perfeito."

"E então, a metade trágica"—ele toma um gole de água—"imagino que seja em formato de mansão e repleta de segredos?"

Resisto à tentação de passar a mão pelos cabelos. Tornar-me a dona oficial de Larkwood nunca seria uma experiência agradável. Mas, pelo menos, tenho um plano para me livrar disso. Depois de saber da decisão da minha mãe de ficar com meu pai, voltei aos meus planos originais para o futuro de Larkwood. Só preciso encontrar um jeito de fazer a Gracie entender.

"Judy?"

Levanto os olhos do garfo que estava ajeitando. "Desculpe", respondo. "Na verdade, estou pensando em outra coisa."

Henry acena com a cabeça, como se já esperasse por isso. "Gracie."

Meu Deus, será que sou tão óbvia assim? Será que ele consegue ver meu coração batendo forte por ela através da minha blusa, ou será que eu desmaiei e tatuei o nome dela na minha testa?

"É", digo, com a garganta seca, procurando o garçom com o olhar. Onde diabos está meu "*Bom e Trágico*"?

Ele inclina a cabeça, me observando. “Ela realmente queria te fazer mudar de ideia sobre vender, cara. Quando você vai dizer a ela que não quer?”

Não era o que eu esperava ouvir, mas minha culpa tem uma coleção inteira de facas, e esta me corta, rápida e sem derramamento de sangue.

“Este fim de semana”, digo baixinho, sem deixar de rezar por um milagre para que ela me perdoe.

“E quanto tempo ela vai ter para se mudar e encontrar um lugar para morar?”, ele pergunta. “Parece que você está com o tempo bem apertado se pretende vender no início de agosto.”

“Não vou deixá-la sem teto”, digo, mais ríspida do que pretendia. “Tenho um plano.”

Não importa o que aconteça, ela vai ficar bem. Vou garantir isso. Mas o olhar que ele me lança — como se duvidasse que eu pudesse cuidar da Gracie como ela merece — me atinge em cheio e começa a me queimar por dentro.

“Bem”, ele diz, “sei que ela provavelmente tem amigos com quem poderia ficar, mas vou me oferecer para que ela fique comigo, só por precaução.” Ele franze a testa e solta um suspiro. “Ela terminou tudo entre nós, mas isso não significa que eu não esteja preocupado com ela. E se isso levar a uma segunda chance…” Ele dá de ombros. “Eu também não me oporia a isso.”

Merda, merda, merda. Uma sensação de vazio e enjoo no peito engole qualquer resposta que eu possa dar. Por um milagre, o garçom chega nesse instante com a minha bebida. Ele também trouxe uma travessa de flores de abóbora fritas, mas o cheiro me dá náuseas. Pego minha bebida e dou um longo gole.

"Tá com muita sede?", pergunta Henry, rindo sem graça quando coloco o copo meio vazio na mesa.

"Hen, escuta", digo, me inclinando para frente. "Eu disse que tinha um plano para a Gracie, e tenho mesmo. Eu ia mesmo pedir para ela ficar comigo enquanto procura um lugar para morar."

A princípio, Henry só consegue me encarar. Depois, sorri como se tivesse acabado de entender uma piada muito ruim. "Certo, tá bom", diz ele, pegando uma flor da travessa e dando uma mordida. "Caramba, isso está delicioso", murmura, antes de limpar as mãos e a boca com o guardanapo.

"Não estou brincando", digo, observando atentamente sua reação.

"Eu não disse que estava", responde ele, e desta vez, não há nenhum traço de leveza em seu rosto. "Eu sei que você se sente mal por tê-la deixado numa situação difícil", diz ele. "Mas tenho quase certeza de que você tem mais chances de ter um segundo pênis do que de fazê-la ficar com você. Mas nunca pare de sonhar, amigo."

Com o estômago embrulhado, digo baixinho: "Acho que ela pode ficar, sim."

Henry observa minha expressão e seu maxilar se contrai. "Do que você está falando?"

Diante do meu silêncio constrangedor, ele se aquieta. "Você não fez isso." Ele para. Solta uma risada curta e aguda. "Meu Deus. Você realmente não levou meu conselho a sério, levou?"

Eu o encaro, piscando os olhos. "Que conselho?"

"Quando eu te falei pela primeira vez sobre a casa de campo ir para a Gracie, eu disse que se você a queria tanto, era só seduzi-la." Ele balança a cabeça, com incredulidade estampada no rosto. "Era uma piada, cara."

Um calor intenso sobe ao meu peito, tão forte que minha visão começa a ficar turva. Recuso-me a sequer dignificar essa acusação com uma resposta.

Lentamente, com clareza, digo: "As coisas mudaram entre a Gracie e eu. Ficamos mais próximos."

Henry fecha os olhos com força enquanto leva a mão à testa para esfregá-la. Ele acena com a cabeça, como se fosse exatamente o que deveria ter previsto. "Você quer dizer que transou com ela", diz ele em voz baixa. "É por isso que ela terminou comigo."

Me esforço para não me chatear. Claro que ele está bravo, digo a mim mesma. Você sabia que ele ficaria bravo.

"É mais do que isso", digo o mais firmemente que consigo.

"Tudo bem", diz ele, jogando o guardanapo na mesa. "Vamos esquecer por um momento que você sabia que eu gostava dela e que prometeu ficar longe. Você está tentando me dizer que de repente é capaz de algo mais do que se entregar a qualquer corpo quente que encontrar esta noite? Porque isso seria novidade para mim."

A pressão começa a aumentar no meu corpo, lenta, mas imparável. Preciso de toda a minha força de vontade para manter a calma quando digo: "Eu também não sabia, mas isso é diferente. Pode ser algo mais."

"Meu Deus", ele murmura, olhando pela janela. "Igualzinho à última vez."

"Como é?"

Ele me olha, e há exaustão em seus olhos. "*Priya*. Lembra desse nome?"

Nos segundos que minha mente leva para divagar nessa direção inesperada, Henry revira os olhos e solta uma risada que parece um tapa. "Claro que não."

"Não, eu me lembro dela", digo, grata por ter me lembrado, mesmo que tenha levado um segundo. "Priya Agarwal. Nossa monitora de Direito Imobiliário. Genial."

“Mas não brilhante o suficiente para você namorar com ela. Para se importar com os sentimentos dela.”

Franzei a testa, tentando me lembrar dos detalhes de um encontro casual que aconteceu anos atrás. Vagamente, lembro-me dela ter ficado desapontada quando eu disse que não estava procurando nada sério, mas na minha cabeça, tínhamos seguido caminhos separados amigavelmente. Será que eu estava errado?

“Desculpe, mas o que a Priya tem a ver com isso?”, perguntei, ficando frustrado.

“Eu era louco por ela, isso sim”, ele disse. “Mas, é claro, ela não tinha olhos para ninguém além de você, não é?”

Estou perdido, me sentindo cada vez mais um idiota a cada segundo que passa. “Desculpe.” Balancei a cabeça. “Eu não teria dormido com ela se soubesse, Henry.”

“Mas você sabia”, ele acusa, apontando para mim. “Você sabia, mas eu disse para você seguir em frente se achasse que poderia virar algo real. Então você seguiu, mesmo que nunca tenha dado em nada, porque nunca dá. E agora você está fazendo a mesma maldita coisa com a Gracie. Só que dessa vez, você nem me perguntou. E agora, você vai ficar enrolando até se cansar, ou até se sentir ameaçado demais por realmente sentir algo, e aí, quem você acha que ela vai correr para ela?” Os olhos de Henry estão arregalados e perturbados. “Para quem você acha que a *Priya* correu, implorando para saber o caminho para o coração do meu melhor amigo, enquanto você partia para a próxima garota? A Gracie não merece isso, Jude. Ela merece alguém que possa amá-la e—”

"Eu a amo", deixo escapar, alto o suficiente para fazer as pessoas nas mesas próximas olharem para nós. Mas a pressão que vinha se acumulando dentro de mim finalmente chega ao limite. "Eu a amo, Hen", digo com a voz rouca, o coração disparado pela confissão. "Deve ser isso, né?", pergunto desesperadamente. "Sentir

que estou morrendo quando ela não está comigo? Sentir que estou morrendo quando ela está, porque sei que ela não é minha?" Ele me encara como se eu tivesse começado a falar em línguas, e talvez eu tenha mesmo.

"Você... a ama", ele repete lentamente.

“Desculpe”, digo, desejando que ele soubesse o quanto eu estava falando sério. “Sinto muito pela Priya e por ter sido um idiota insensível e sem noção com você. Você é meu melhor amigo e eu nunca quis te magoar, mas sim. Se houver alguma chance de a Gracie sentir pelo menos um pouco do que eu sinto por ela, então vou tentar fazer dar certo.”

“E você realmente acha que ela vai te querer depois da bomba que você está prestes a jogar nela?”

Balanço a cabeça, fazendo uma careta. “Não sei. Não sei se ainda há esperança. Mas mesmo que ela me odeie depois de tudo isso, não vou deixá-la na mão.” Engulo em seco. “Vou cuidar dela.”

“E ela te disse que é isso que ela quer? Ela disse que sente o mesmo?”

Balanço a cabeça, desejando ter uma resposta diferente para dar. "Não. Ela tem ainda menos motivos para confiar em mim do que você. Ela está se protegendo, mas eu sei que ela também sente algo por mim."

"E você já pensou que talvez devesse simplesmente deixá-la em paz?"

Esfrego os olhos com a mão, me odiando pela verdade. "Eu tentei. Eu sabia que ela estaria melhor com você — você é tudo o que ela merece. Mas eu fui egoísta demais e ela—" Paro, sem querer magoá-lo mais do que já o fiz.

"Ela também queria você", ele completa por mim.

Henry está me encarando como se nunca tivesse me visto por inteiro antes. Não tenho coragem de lhe dizer o quão pouco ele realmente sabe.

“Você tem que me prometer que não vai jogá-la fora”, ele diz finalmente. “Você já a fez sofrer demais, Jude.”

“Eu juro”, respondo. “Sou dela enquanto ela me aturar.”

Henry balança a cabeça e olha para as flores de abóbora geladas. Ouço um riso fraco e incrédulo vindo dele. “Jude Larkwood apaixonado. É tão assustador quanto você sempre imaginou?”

Afundo as mãos nos meus cabelos. “Muito pior.”

Henry se inclina para a frente, apoiando-se nos cotovelos, com amargura ainda presente em sua voz. “Quer um conselho?”

“Qualquer coisa.”

“Seja honesto com ela”, diz ele. “Você acha que precisa proteger todo mundo com seus segredos, mas esconder coisas das pessoas que você ama, mesmo quando acha que tem as melhores intenções…” Ele se recosta na cadeira e de repente parece exausto. “Digamos que eu sei por experiência própria o quanto dói não ser confiável.”

“Henry—”

“Não peça desculpas. Eu sei que isso é um problema seu e não meu. Mas a Gracie não teve anos para se acostumar com as suas besteiras. Ela não vai entender, e seus segredos vão machucá-la, se já não a machucaram. Então… seja honesto. O mais honesto que puder.”

Ele me disse para não me desculpar, mas todos esses anos em que o mantive no escuro me oprimem como o calcanhar de uma bota. Quero contar a ele o quão perto cheguei de contar tudo a ela — sobre Larkwood, meu passado e meu presente. Mas, no fim, não consegui. Assim como nunca consegui contar a ele.

"Tudo bem", digo, com a garganta apertada. "Prometo tentar e sinto muito. Por tudo."

Ele acena com a cabeça e, se tem algo mais a dizer sobre o assunto, não fico sabendo, porque, nesse instante, o garçom retorna com nossos pratos principais.

"As flores de abobrinha não lhe agradaram?", pergunta ele, olhando para o prato quase cheio.

Henry lhe dá um sorriso forçado. “Estavam ótimos. Mas meu pobre amigo aqui está tão apaixonado que não consegue comer nada.”

Nosso garçom me lança um olhar compreensivo. “Estamos todos esperando pela vacina. Posso lhe oferecer outra bebida?”

“Só duas”, diz Henry, e estou tão grata por sua disposição em sentar comigo — em, de alguma forma, encontrar um jeito de superar isso — que mal presto atenção em suas próximas palavras murmuradas. “Acho que preciso de uma mais do que ele.”

35 GRAÇA

Dia do Casamento

Esta manhã, quando abri os olhos duas horas antes do despertador, soube que não adiantava tentar voltar a dormir. Levantei-me com cuidado, tentando não acordar o Jude, que apareceu ontem à noite com pizza, vinho e um "Como posso ajudar?" muito apreciado.

Depois de me fazer ler todo o meu cronograma de coordenação para ele (duas vezes), ele me obrigou a relaxar e dormir um pouco. Finalmente. Mas agora que o Dia do Casamento chegou, estou com a energia e o foco de um esquadrão antibombas hiperativo o dia todo.

Respiro fundo, lançando um olhar para o relógio de parede atrás do grupo de padrinhos e madrinhas para me certificar de que ainda estamos dentro do cronograma. De alguma forma, apesar de termos que trabalhar dentro desse prazo ridiculamente curto, tudo o que planejei correu sem problemas hoje.

Bem, quase tudo.

Conferindo se Phoebe ainda está distribuindo os buquês e se nenhuma das madrinhas de Brooke está tirando fotos escondidas ou tentando pular dos móveis, pego meu celular.

> Gracie: Por favor, me avise quando o bolo chegar e você estiver voltando.
> Jude: Essa é a terceira vez que você repete o mesmo pedido em menos de 10 minutos. Impressionante. Gracie: JUDE. Jude: Eu aviso quando o bolo estiver seguro. Relaxe a mandíbula.

Notei, com irritação, que minha mandíbula estava, de fato, tensa e fiz um esforço para relaxá-la. Esta manhã, quando Valerie me disse que houve uma emergência familiar e que ninguém estava disponível para entregar o bolo, eu estava à beira do pânico. Mas então, um par de mãos grandes e quentes acariciou meus ombros e minhas costas. "Eu cuido disso", ele disse contra meu pescoço. Expirando, minha mandíbula relaxou e meu telefone vibrou.

Jude: Viu? Não é melhor assim?

Eu balanço a cabeça, um sorriso relutante surgindo nos meus lábios.

Gracie: Bom saber que você não se importa de instalar uma babá eletrônica, pervertido. Jude: Eu jamais faria isso. Gracie: Claro. Só me diga qual planta em vaso eu devo mostrar. Jude: Pare antes que você derreta a Siri. Estou tentando dirigir com segurança, Gracie. Gracie: 😇 Jude: Seu vestido serve? É tudo em que consigo pensar.

Vejo meu reflexo no vidro polido da estante ricamente entalhada ao lado da qual estou parada, e minhas bochechas coram. Esta manhã, acordei com uma pilha de caixas icônicas em preto e branco que não tinham nada a ver com a minha mesa de cozinha surrada. Quando insisti que não aceitaria um presente tão extravagante de jeito nenhum, ele me lançou o olhar mais triste e ingênuo que já vi.

"Pelo menos experimente", ele disse.

"Isso é ridículo. Não preciso de presentes assim."

Ele riu. "Acho que podemos concordar que este é um presente para mim mesma."

"Só porque você tem dinheiro para ser um sugar daddy, não significa que eu queira um sugar daddy", argumentei. "Adoro o jeito como você quer cuidar de mim, mas isso pode ser demais."

Isso o fez refletir. "A última coisa que quero é te deixar desconfortável. Se você não sentir prazer com isso, eu também não."

Foi a falta de pressão e a sinceridade dele que me fizeram reconsiderar. No fim, concordei em experimentar, mas só depois que ele saísse para comprar o bolo. Quando finalmente levantei a tampa da caixa maior com as mãos trêmulas, havia um bilhete dentro.

"Não é uma criação original da Gracie Holland, mas ouvi dizer que eles fazem um bom vestidinho preto."

Com o coração na garganta, meu cérebro juntou as peças — não era uma marca de luxo qualquer, mas sim a responsável pelo icônico vestido de "Bonequinha de Luxo" que eu tentara recriar para o funeral de Agatha. Desdobrei cuidadosamente o papel de seda e me deparei com um tecido de seda negra como a noite.

Meu peito apertou ao contemplar a silhueta perfeita refletida na estante. Eu sabia que seria lindo — como poderia não ser? Mas o que eu não esperava era o quanto me sentiria amada ao usá-lo. Ou o quanto desejada. Alisei o tecido sobre os quadris enquanto um calor se acumulava na minha barriga. Pensei na última caixinha, a menor de todas, que continha outro bilhete.

Para combinar com seus outros laços.

Corando, percebo que não respondi à mensagem dele e ainda tenho um casamento para organizar. Envio uma mensagem rápida de volta.

Gracie: Você deveria estar pensando no BOLO. Volte logo, estou com saudades. ♥

"Gracie, oi."

Me viro rapidamente e vejo Calvin vindo em minha direção com um sorriso enorme no rosto. Ele está incrivelmente bonito de smoking, mas toda a angústia que eu esperava sentir neste dia desapareceu. Em vez disso, só sinto arrependimento por ter passado tanto tempo suspirando por alguém que eu achava bom demais para mim, quando, na verdade, ele simplesmente não era o certo.

"Oi, Cal", respondo, sorrindo.

"Nossa", ele diz, me olhando de cima a baixo. "Você está linda, Gracie."

"Obrigada", digo, mal sentindo o eco do que essas palavras teriam significado para mim há apenas alguns meses. "Como você está se sentindo? Pronto para a grande caminhada?"

Ele infla as bochechas e solta um longo suspiro. "Mais do que pronto, graças a você. Não sei como você conseguiu organizar algo assim em tão pouco tempo, mas

é mais do que jamais sonhamos. Até os pais da Brookey não encontraram nada para criticar."

Aceno com a mão como se os últimos dois meses de privação de sono da minha vida tivessem sido uma alegre caminhada pelo parque. "Foi um prazer."

O sorriso no rosto dele se fecha um pouco. "Tenho certeza que não foi. Aliás, apostaria meu traseiro esquerdo que foi uma baita dor de cabeça desde o início."

"Só o esquerdo?" pergunto com um sorriso.

"Tudo bem, os dois", ele responde.

Dou de ombros, modestamente. "Deu bastante trabalho, mas tive ajuda", digo, pensando em Jude. "Todos os fornecedores se empenharam muito para isso."

Calvin olha para as pontas polidas de seus sapatos. "É, mas não estou falando só do trabalho."

Fico em silêncio e ele levanta o olhar, sem jeito. "Acho que o que estou tentando dizer é: desculpe por ter te perguntado."

"Ah", digo, sem muita convicção.

Ele coça a nuca. "Eu sabia que era inapropriado, mas, honestamente, eu estava procurando uma desculpa para entrar em contato e, na época, parecia que eu mataria dois coelhos com uma cajadada só." Ele aperta os lábios. "Foi... idiota. Eu sei. Principalmente depois do jeito que eu terminei as coisas entre nós e depois meio que..."

"Desapareceu?" Eu completo por ele, atônita por estar recebendo qualquer tipo de pedido de desculpas a essa altura.

"É", ele diz com a voz pesada. "Eu sei que não é uma desculpa, mas você sempre foi tão... intimidadora."

Meus olhos se arregalam. "O quê?"

Ele dá de ombros. "É verdade. Você sabe que eu nunca me desviei do padrão. Estudei na mesma escola que meus pais. Aceitei o emprego que eles me arranjaram. Mas você nunca teve medo de ter esses sonhos grandiosos e criativos e de se realizar. Isso me fazia sentir… sei lá. Pequeno, eu acho. E às vezes—" Suas sobrancelhas loiras se juntam enquanto ele franze a testa. "Às vezes, isso me dava vontade de fazer você se sentir ainda menor. Eu odiava isso em mim, então… eu fui embora."

Engulo em seco. Se eu tivesse ao menos uma vaga ideia disso dois anos atrás, ou autoestima suficiente para superar a rejeição dele em vez de internalizá-la, onde eu estaria agora?

Não em Larkwood, sussurra uma vozinha dentro de mim.

Balanço a cabeça para clarear os pensamentos. "Por que você está me contando tudo isso agora?"

Ele respira fundo e olha por cima do ombro para onde os padrinhos e madrinhas estão tirando selfies do outro lado do salão. Brooke ainda não desceu da suíte nupcial com Sofia, mas sei que ele está pensando nela.

"Uma coisa sobre a Brooke", ele diz lentamente, "é que ela não se importa de me confrontar. Tentei fazer a mesma coisa com ela no trabalho, e ela não deixou barato. Acho que, com o tempo, comecei a acordar. Já faz um tempo que quero me desculpar com você, e acho que hoje pareceu a última chance de esclarecer as coisas."

Ele diz essa última parte como se estivesse pedindo permissão, e não vou mentir — ainda existe uma pequena parte de mim que quer culpá-lo pela minha decisão de desistir da Grace & Veil e me esconder para sempre debaixo do meu cobertor. Mas é um sussurro comparado à parte muito mais barulhenta de mim que finalmente está aceitando minha própria responsabilidade em tudo isso.

Então, respiro fundo e lhe dou um sorriso que me traz uma doce sensação de alívio, como se anos de bagagem tivessem caído dos meus ombros. "Obrigada por dizer tudo isso. Estou mais do que pronta para seguirmos em frente como amigos, Cal."

O sorriso surpreso que ele me dá é tão juvenil e genuíno que não o impeço quando ele vem me abraçar. "Obrigado, Gracie. Você sempre foi boa demais para mim."

“Não é verdade”, digo contra o ombro dele. “Aprendemos exatamente o que precisávamos um do outro, e ninguém pode pedir mais do que isso.”

Ele solta um suspiro de alívio quando alguém do outro lado da sala chama seu nome. Eu o afasto delicadamente de mim e sussurro: “Vamos. Vamos casar vocês.”

A cerimônia é perfeita. Nuvens brancas e fofas deslizam pelo céu azul ameno, e todas as rosas do jardim estão em plena floração. Brooke e Calvin estão lindos juntos, mesmo que a maquiagem de Brooke não consiga esconder completamente o galo ainda cicatrizando em sua testa.

Parada no mesmo pórtico onde um dia desabei nos braços de Agatha, é incrível para mim sentir tanta paz agora. Gostaria que ela estivesse aqui para testemunhar isso. Apesar de todas as adversidades, não só encontrei a paz que ela desejava para mim, como também o amor que ela previu que eu encontraria onde menos esperava.

Meu estômago se enche de alegria quando penso em Jude, voltando correndo para mim. Hoje, a farsa que estávamos encenando finalmente está chegando ao fim. Mas, pela primeira vez, não estou com medo. Ele viu o quanto Larkwood é importante para os vendedores que dependem dela. E embora ainda possamos discordar sobre o legado de Agatha, estou começando a acreditar que provei a Jude que o amor pode ser encontrado. Pode ser raro e precioso, mas isso só o torna ainda mais digno de ser celebrado. Espero que seja aqui mesmo, em Larkwood.

Em meio à explosão repentina de aplausos e assobios, levanto os olhos e vejo Calvin e Brooke, compartilhando seu primeiro beijo como um casal casado. Meu coração se enche de alegria por eles e pelo meu próprio futuro também, mas meu momento de êxtase acaba.

Na hora seguinte, Phoebe e eu nos movemos como dois borrões sincronizados e, em um piscar de olhos, já é hora de levar todos para o salão de baile para o jantar. Estou tão ocupada que me esqueci completamente de me preocupar com o bolo ou mesmo de importunar Jude, até que um garçom que passava me disse: "Há uma entrega para você na cozinha".

A onda de nervosismo que me percorre é tão rápida e intensa que me surpreende não deixar marcas de queimadura no piso de madeira ao sair correndo. Quando chego à porta, meu estômago gira a toda velocidade enquanto aliso meu vestido. Nunca me senti tão bonita nem tão nervosa. Mas, de alguma forma, todos os pensamentos acelerados e tarefas da minha lista de afazeres desaparecem quando o vejo.

Ele está encostado na ilha da cozinha, com o smoking que pedi para ele usar para "se misturar". Mas, olhando para ele agora, é óbvio que "se misturar" não vai ser

uma opção.

Prendo a respiração ao observar o corte perfeito de seu paletó preto, as lapelas pontiagudas apontando como flechas para a largura descomunal de seus ombros. Abaixo da gravata borboleta preta, o decote em V branco e impecável de sua camisa guia meu olhar por seu corpo incrivelmente longo, até chegar aos seus tornozelos nus e provocantes, cruzados um sobre o outro. E de repente eu entendo. Se eu pudesse vesti-lo assim todos os dias, eu o faria. Eu iria à falência só para vê-lo assim repetidas vezes.

"Amor", ele sussurra, a voz rouca como um alvo de tiro enquanto se endireita lentamente, afastando-se da ilha.

Meus olhos se voltam para os dele, e sou engolida por seu olhar num único gole faminto.

“Serve”, digo sem propósito. Então, corando um pouco, “Tudo serve”.

Ele acena com a cabeça, engolindo em seco. “Você pode se virar para mim?”, pergunta.

Aceno com a cabeça, sentindo um aperto no estômago. Quando começo a girar, ele diz: “Mais devagar”.

Minha respiração acelera ao ouvi-lo atravessar o quarto. Quando estou de costas para ele, sinto o sussurro do seu toque na minha nuca nua. Lentamente, a ponta de um dedo desliza pela minha coluna completamente exposta, e arrepios percorrem meu corpo como se cada centímetro da minha pele implorasse por sua atenção.

Seus lábios roçam minha orelha enquanto meus olhos se fecham, meus mamilos se contraindo e doendo. “Meu Deus, Gracie. Como eu posso fazer qualquer coisa além de precisar de você agora?”

Sua voz grave me causa um arrepio enquanto o desejo se intensifica entre minhas pernas, quente e rápido. Precisando vê-lo novamente, me viro quando ele segura meus quadris.

"Não é demais?", pergunto, hesitante.

"É muito, muito demais", ele sussurra roucamente. Puxando meus quadris para mais perto, seus dedos cravam na seda. "Tem uma copa aqui", diz ele com uma voz rouca e grave. "Só preciso de cinco... não... quinze minutos. No máximo trinta. Por favor."

Suas mãos e lábios são os melhores vendedores do mundo, mas a menção de minutos me lembra abruptamente que levantar o vestido dentro de um closet definitivamente não está nos meus planos para hoje.

“Jude, o bolo”, digo, oscilando tão rapidamente entre a excitação e a ansiedade que meu corpo parece uma tocha mergulhada em água gelada. “Precisamos levá-lo para o buffet. Os convidados já estão jantando.”

“Bolo”, ele concorda lentamente, como se todas as células cerebrais brilhantes que o ajudam a executar procedimentos legais complicados tivessem sido reduzidas a partículas de poeira rodopiantes. “Eu não deveria tê-lo trazido para a cozinha?”

Levanto a mão e coloco um dedo na covinha do queixo dele como um botão de reset. “Não é aqui que o buffet monta o equipamento — eles têm suas próprias cozinhas móveis estacionadas nos fundos”, digo, querendo me dar um chute pelo meu descuido. Claro que ele não saberia disso.

Mas, aparentemente, a covinha no queixo dele é uma espécie de botão de reinicialização, porque seus olhos instantaneamente ficam menos atordoados. "Certo. Ok, eu sei um atalho, mas preciso que você segure algumas portas para mim."

"Claro."

"E me deixe te dar um pedaço de bolo mais tarde."

"Claro."

"E me deixe estragar seu batom bonito."

"Jude, o bolo."

Ele solta um grunhido de frustração antes de pegar a caixa gigantesca do bolo de casamento que estava na bancada da cozinha. De alguma forma, chegamos aos veículos do buffet sem nenhum contratempo causado pelos hormônios, mas, pelo jeito que senti os olhos dele na minha bunda o tempo todo, provavelmente foi por pouco.

O bolo chega na hora certa. Sofia tira fotos de Calvin delicadamente colocando um pedaço de bolo de chocolate na boca de Brooke, e de Brooke esmagando um pedaço de bolo Battenberg na boca de Calvin. Consigo lançar um olhar furioso para Jude enquanto as lembranças do nosso primeiro beijo ecoam entre nós, antes que uma das babás contratadas para o evento venha correndo até mim.

"Gracie, me desculpe, mas uma das crianças vomitou purê de cenoura em cima de um tapete." Seus olhos se voltam para Jude e depois para mim enquanto ela sussurra em pânico: "*Um tapete muito chique.*"

Me viro para pegar Kit, mas Jude chega antes de mim. "De jeito nenhum você vai limpar vômito de laranja desse jeito", diz ele, jogando Kit por cima do ombro como um profissional experiente. Quando um garçom passa por nós, ele o para com a mão no ombro. "Você poderia, por favor, trazer um prato de comida para esta mulher e garantir que ela coma?", pergunta. "Ela organizou todo o evento hoje à noite."

O jovem olha de Jude para mim com os olhos arregalados. "Claro."

"Ela também vai precisar de fatias dos dois sabores de bolo. Fatias grandes."

O homem sorri. "Pode deixar."

Jude enfia a mão no bolso interno do paletó e tira um prendedor de dinheiro prateado. "Você também poderia mandar um pouco de comida para as pessoas que cuidam das crianças?"

Depois que o garçom aceita a gorjeta e sai, Jude olha para mim. “Quando eu voltar da limpeza, você quer que eu comece a distribuir as contas aos fornecedores primeiro, ou que eu me certifique de que tudo esteja pronto para a despedida com velas de faísca? Eu também poderia falar com o motorista da locadora de carros antigos. Tenho quase certeza de que ele está tirando um cochilo no Rolls-Royce lá fora.”

Por um instante, tudo o que consigo fazer é encará-lo. Sei que ele me fez uma pergunta, mas diante de sua pura competência e disposição em me ajudar, as dezenas de tarefas que giravam na minha cabeça caem por terra.

“Gracie?”, ele pergunta, erguendo uma sobrancelha.

“Ah, sim. Quer dizer, distribuir os cheques dos fornecedores seria ótimo”, digo, reorganizando meus pensamentos às pressas. “A Phoebe já está cuidando da despedida, mas você também poderia falar com o técnico de iluminação sobre as danças individuais? A Brooke pediu especificamente que não houvesse holofotes azuis para evitar ‘parecer um cadáver’”, faço aspas com os dedos.

“Entendido. Distribua os cheques dos fornecedores. Sem luzes de cadáver”, ele diz, antes de olhar para a babá, que o observava, com a boca ligeiramente entreaberta. “Você pode me mostrar onde fica o vômito?”

Acho que não sou a única que fica excitada com um homem prestativo, porque ela praticamente faz uma reverência enquanto acena com a cabeça e começa a se afastar rapidamente. Jude me lança um olhar que faz meu coração palpitar como as páginas de um romance. "Te encontro depois."

Eu aceno com a cabeça, e então ele se foi.

De alguma forma, consigo beliscar um pouco do meu prato de jantar abarrotado entre as últimas conversas com Phoebe, a banda, o cinegrafista, o vendedor de ostras e o artista que pintará o retrato da primeira dança dos recém-casados. Cada vez que cruzo com Jude ou Phoebe, dou a eles uma nova lista de tarefas, mas continuo girando sem parar. Só consigo respirar fundo quando as luzes se apagam e Angie, da banda The Love Notes, convida todos para a pista de dança.

Sofia me dá um high-five silencioso enquanto passa rapidamente por mim com sua câmera, tirando fotos espontâneas dos dançarinos. Ela sabe que a parte mais difícil do evento já passou. A menos que alguém quebre o tornozelo dançando o Electric Slide (sim, já aconteceu antes), posso relaxar um pouco até que minhas tarefas de fim de noite comecem.

"Uma dança?"

Me viro ao ouvir a voz baixa e familiar, e lá está ele, com o olhar tão suave quanto a versão lenta de "Fly Me to the Moon" tocada pela banda. Como organizadora de casamentos, nunca danço nas recepções dos meus clientes. Mas Jude está me olhando como se estivesse esperando por esse momento a noite toda, e enquanto observo o salão repleto de alegria, sei que ninguém sentirá minha falta por alguns instantes.

“Não posso dançar com os convidados”, digo a ele.

Ele sorri e pega minha mão. “Conheço o lugar perfeito”, diz ele, me guiando até o mesmo vaso de plantas em que fiquei presa quando nos conhecemos.

Quando ele me puxa para trás do vaso, para um pequeno recanto sombreado, prendo a respiração quando ele me abraça contra si.

“Se você está tentando ser romântico”, digo, olhando para as folhas afiadas como lâminas, “poderíamos fingir que nos conhecemos em um lugar menos perigoso.”

“E sacrificar a autenticidade?”, ele repreende, enquanto suas mãos quentes encontram a pele nua da minha lombar. “Aceito os riscos.”

“Até dedos esmagados? Agatha Christie nunca me fez aprender valsa”, aviso, automaticamente entrelaçando meus pulsos atrás do seu pescoço.

O turbilhão de luzes rosa e laranja se atenua em nosso canto sombreado, mas seu sorriso é radiante. "Sem dúvida, um dos seus únicos grandes arrependimentos na vida."

Inclino a cabeça para trás para encontrar seu olhar enquanto a música nos envolve em um movimento suave. "Pelo menos estamos vestidos para a ocasião", digo enquanto seu calor reconfortante começa a permear meu fino tecido de seda. "Ela teria adorado nossas roupas."

"Hum, acho que ela teria preferido que estivéssemos usando algo... mais chamativo."

Sorri. "Talvez ela tivesse razão. Adoraria te ver com aquele bolero roxo de lantejoulas algum dia."

Ele aponta com o polegar por cima do ombro. "Eu poderia vesti-lo agora, se você quiser", oferece. "Combina perfeitamente com o collant dourado de lamê que ela me deu de aniversário no ano passado."

Sorrio para ele enquanto ele nos gira lentamente em um círculo. "E você ofuscou meu vestido? Acho que não."

"Nem a própria Audrey Hepburn conseguiria te ofuscar com esse vestido." A mão dele desliza para baixo e me aperta com força. "Ela não tem o bumbum para isso."

Eu riria se o aperto dele não estivesse fritando todas as minhas capacidades, além de respirar pela boca.

"Você gostou?", ele pergunta, deslizando os dedos pela curva da minha bochecha até a parte inferior das minhas costas.

Minhas pálpebras se fecham enquanto me arqueio em direção ao seu toque. "Sim", respiro.

"Bom saber, mas eu estava falando do vestido", ele diz com uma risadinha.

Meu rosto se transforma em um ímã para todo o sangue do meu corpo. "Eu sabia o que você queria dizer", minto.

“Então é um sim”, ele diz com cautela, mas consigo perceber o quanto ele quer que eu concorde. Que eu diga que sim, que gosto de receber tanto quanto ele gosta de dar.

“Eu gostei”, confesso.

Sinto sua reação física no movimento de suas mãos e em sua curta expiração contra minha franja.

“Obrigado por usar”, ele diz, como se eu tivesse passado por um grande sacrifício.

“É o mínimo que eu poderia fazer”, respondo. “Você ajudou a que tudo corresse perfeitamente hoje.”

Ele balança a cabeça. "Eu sou só o esquadrão do vômito. Todo esse evento... a felicidade de todos..." Ele olha por cima do meu ombro para a festa antes de encontrar meus olhos novamente. "Tudo isso é por sua causa, Gracie." Ele balança a cabeça. "Nenhum cínico teria chance nesta sala esta noite. Você poderia tirar amor de uma pedra."

Amor. A palavra é pesada e brilhante como uma joia na minha mente, girando em sincronia com nossas próprias rotações lentas. Meu coração começa a acelerar, apertando minha garganta enquanto pulsa com uma pergunta que, de repente, tenho medo demais para fazer diretamente.

"Então talvez casamentos não sejam tão desprezíveis quanto você imaginava?"

Suas mãos me puxam para mais perto enquanto seus olhos percorrem meu rosto. "Você torna fácil imaginar passar o resto da minha vida com uma pessoa só."

"Jude", sussurro enquanto meus braços se apertam em volta do seu pescoço. Ele me beija, e sinto como se cada parte de mim que queria parar de acreditar no amor renascesse. Pela primeira vez em muito tempo, sinto algo como uma esperança real irradiar em meu peito. Talvez o amor não seja apenas para personagens de filmes e romances — mas finalmente algo caloroso e sólido ao qual eu possa me apegar.

Inclino o rosto, precisando que ele saiba o quanto o quero perto. Sinto a vibração do seu gemido nas pontas do meu cabelo enquanto nosso beijo se transforma em algo selvagem demais para um jazz convencional. Lá no fundo, sei que estou sendo pouco profissional. Estou trabalhando. Mas ele acabou de me dar a declaração de amor mais próxima que já recebi, e a menos que aconteça um grande acidente, ninguém vai sentir minha falta por alguns minutos. Então, me liberto e digo as únicas duas palavras que consigo articular: "A despensa".

36 GRAÇA

Não consigo parar de andar de um lado para o outro quando chego à despensa antes do Jude, que disse que ia falar com a Phoebe antes de sumirmos por um tempo. Nunca matei aula assim antes, e mesmo que ninguém vá sentir minha falta por um tempinho, ainda me sinto nervosa.

Tirei o fone de ouvido para ligar o viva-voz (só por precaução, caso alguém quebre o tornozelo na pista de dança), e minha mente está a mil com todas as tarefas de fim de noite que ainda tenho pela frente. Segundo a matemática de uma organizadora de casamentos, definitivamente não tenho tempo para ficar me divertindo na despensa. A menos que—

Uma ideia me ocorre como se minha eficiência inata e minha tesão tivessem tido um filho. Sem me dar tempo para hesitar, deslizo minha mão até o zíper discreto do meu vestido e o puxo. A peça escorrega de mim como se fosse minha cúmplice mais dedicada neste plano para transar o mais rápido possível. Saindo cuidadosamente dele com meus saltos, estou me abaixando para pegá-lo quando a porta da despensa se abre.

Minha cabeça se ergue bruscamente quando Jude solta a maçaneta e a porta se abre. A cozinha além dele está escura, mas a luz suave da despensa ilumina o choque mudo em seu rosto. Por reflexo, puxo o vestido para cima para me esconder atrás dele. Entrando rapidamente, ele fecha a porta atrás de si.

Com o clique da fechadura, o ar no quarto sofre uma reconfiguração imediata. As moléculas se rearranjam em algo muito menos oxigenado enquanto seus olhos me percorrem. Há três, talvez quatro passos entre nós, permitindo que ele observe tudo, desde meu coque impecável até as pontas finas dos meus saltos agulha pretos brilhantes. Entre esses dois extremos, não há muito mais. Meias pretas

transparentes presas por pequenos laços de cetim e uma cinta-liga preta igualmente transparente. Calcinha preta combinando e cada grama trêmula da minha vulnerabilidade.

"Eu sei que você gosta de me despir, mas temos que ser rápidos, então—"

“Tire o vestido”, ele diz baixinho. Ao perceber a mudança para um tom que meu corpo já começou a associar a orgasmos de tirar o fôlego, eu estremeço. Deixo a seda escorregar das minhas mãos, onde estava cobrindo meu peito nu.

“Venha aqui”, ele ordena gentilmente. Com a respiração já um pouco ofegante, caminho lentamente em sua direção, desviando cuidadosamente do vestido que tirei e de todas as tarefas inacabadas do casamento que sumiram da minha mente. Quando o som dos meus saltos para diante dele, ele levanta a mão e, pela primeira vez, noto que ele segura um prato de cristal com duas fatias de bolo.

“Você não comeu a sobremesa”, ele observa. “Por quê?”

Desvio o olhar, envergonhada. Eu poderia dizer que estava muito ocupada, mas essa não seria toda a verdade, e ele saberia. Então, tento ser honesta.

"Eu estava guardando. Você me fez prometer que..." De alguma forma, consigo terminar a frase, mas sai um murmúrio que soa muito como "*lulu fumu*".

Ele coloca um dedo sob meu queixo com a mão livre e inclina meu rosto para cima. "O que foi isso?"

Levanto os olhos para os dele, respirando fundo e tremendo. "Você me fez prometer que eu deixaria você me dar bolo na boca", repito.

"Hum", ele diz, como se estivesse feliz por eu ter me lembrado da promessa. Seu polegar acaricia a parte de baixo do meu lábio inferior. "Você é boa em seguir instruções, não é?"

Tento não gemer enquanto sou inundada por calor. Assinto.

"É porque você gosta de receber ordens?"

Junto as mãos à minha frente, entrelaçando os dedos. Tudo isso é tão novo para mim, é difícil de explicar. Gosto de receber ordens, mas esse não é o meu objetivo final. É mais...

"Ou você só quer que eu diga que você tem sido uma boa menina?"

Nesse instante, minhas coxas se pressionam contra o calor intenso entre minhas pernas. Meus lábios tremem, um suspiro escapando de meus lábios.

“Era o que eu pensava”, ele murmura, acariciando minha bochecha. “No começo, achei que estava imaginando coisas. Esse tremor nas suas coxas sempre que eu te elogio”, ele para de falar, olhando para meus lábios. “Mas você anseia por isso, não é? Você planejaria o casamento do seu ex. Se desdobraria para agradar sua família indiferente. Se despiria na despensa quando deveria estar trabalhando, só para me agradar. Para receber um pouco de carinho.”

Uma pontada de vergonha me invade o estômago. O que isso diz sobre mim, que ele esteja certo?

Ele deve ter percebido minha expressão de tristeza, porque de repente ele está segurando meu rosto, inclinando-o para cima, em direção ao seu. "Meu bem, não", ele diz, com os olhos fixos nos meus. "Que vergonha para eles. Que vergonha para todos que pegaram, pegaram, mas nunca retribuíram sua generosidade. Que nunca apreciaram sua bondade e seu talento. Eles nunca te escolheram, Gracie." Sua voz grave embarga. "Mas eu escolho. Quero te escolher todos os dias até que você não acredite que um dia teve medo disso."

Estou emocionada. Transbordando de amor. Porque é isso que tem que ser, não é? Meu coração não está apenas batendo forte — está disparando em direção a ele, pronto para mergulhar.

“Eu também escolho você”, digo apressadamente. “Até mesmo as partes que você ainda não pode me mostrar. Eu confio em você, Jude.”

Seu pomo de Adão sobe e desce enquanto seus olhos procuram os meus, e toda a fome que se acumulou entre nós nos últimos dois meses atinge um ponto de ruptura do qual estou pronta para pular.

“Você quer me dar a sua confiança?”, ele repete suavemente.

Eu aceno com a cabeça, ansiosa para provar meu valor além das palavras. Mal consigo respirar fundo enquanto o observo levantar o prato de cristal e quebrar um pequeno pedaço de bolo Battenberg rosa fosco com os dedos. Ele o ergue entre nós.

“Abra a boca.”

Faço isso sem pensar, com uma fome que nunca senti antes. Ele solta um som baixo e dolorido ao deslizar o pedaço de bolo entre meus lábios ansiosos. Eu gemo, metade pela doçura, metade pela demora em tocar seus dedos, ainda pegajosos de glacê.

"Ah, sim", ele sussurra, empurrando-os mais fundo. "Chupe até limpar."

Eu gemo e faço o que me mandam, afundando as bochechas enquanto seus lábios se entreabrem, observando-me por baixo de cílios pesados. Uma onda inesperada de prazer se entrelaça irrevogavelmente com o desejo. Saber que elogios e afeto me aguardam do outro lado de qualquer tarefa que ele me dê é como apertar um botão de dopamina intocado bem na base do meu crânio. Quase choro de tão simples. De tão claramente que ele enxergou essa sede insaciável em mim.

Quando ele retira os dedos molhados da minha boca, abro os olhos, a visão turva. Ele me encara como se eu não fosse a única no meio de uma revelação sexual que mudaria minha vida. "É assim que você precisa que eu cuide de você, Gracie?", pergunta ele, levando a mão até a altura dos meus seios antes de circular meu mamilo direito com a ponta do dedo molhado. Ele já está duro como uma pluma, mas com seu toque leve como uma pena, eu solto um suspiro. "Você precisa que eu te dê uma lista de tarefas? Que eu te recompense por cada item riscado?"

Eu me arqueio em direção ao seu toque, buscando mais pressão enquanto ele desliza levemente a ponta do dedo pelas curvas dos meus seios até o outro lado. "Sim", eu arfo, morrendo de vontade de que ele me diga o que fazer em seguida.

"Abra a boca", ele diz. "Você ainda não experimentou o chocolate."

Meu queixo cai instantaneamente, e ele repete o que fez com o Battenberg. Desta vez, não consigo evitar que meus cílios tremulem enquanto engulo, gemendo baixinho ao redor de seus dedos por causa do gosto.

"Você gosta mais deste?"

Assinto com a cabeça o melhor que posso.

"Por quê?", ele pergunta, tirando os dedos limpos da minha boca para deslizá-los pelo meu pescoço.

Me remexo nos saltos, desconfortável com o quanto minha calcinha ficou molhada. "Tem o seu gosto", digo sem fôlego. "Como a sua boca quando nos beijamos pela primeira vez."

Ele solta um suspiro pesado. "Você gostaria de provar mais de mim?"

"*Por favor.*" Eu gemo, desejando nada mais do que rasgar seu smoking impecável e beijá-lo por todo o corpo.

"Você se lembra do que mais eu te pedi para fazer?" ele pergunta, colocando o prato em uma prateleira próxima.

Meu cérebro está uma bagunça, mas não consigo esquecer as palavras que me atingiram como um tapa quente entre as coxas. “Você pediu para estragar meu batom bonito”, recito obedientemente, desejando um beijinho na testa pelo meu esforço.

“Isso mesmo”, ele diz, com a voz rouca enquanto roça o polegar no canto da minha boca. “É algo que você gostaria de fazer de joelhos?”

Minhas pernas cedem como as de um filhote de cervo na pressa de me jogar diante dele, minhas meias-calças não oferecendo nenhuma proteção aos meus joelhos contra o piso frio e duro. Mas, de alguma forma, eu também gosto dessa sensação. Gosto de tudo nisso, mas nada tanto quanto o jeito que ele geme quando o acaricio por cima da calça. Atrapalhada na minha pressa para libertá-lo das camadas extras de seu paletó abotoado e da faixa de seda preta na cintura, consigo arrancar um grunhido dele quando finalmente o liberto. Ao meu toque, seus ombros caem para trás contra a porta com um baque surdo.

“Meu Deus. Olhe para mim. Deixe-me ver esses olhos”, diz ele, pegando o prato da prateleira novamente. Com as mãos roçando seu corpo robusto, observo-o passar o dedo por uma generosa porção de glacê rosa claro antes de dizer: “Mostre a língua. Mantenha-a macia.”

Sigo suas instruções, e então seu dedo começa a espalhar o glacê cremoso na minha língua até que eu esteja coberta e salivando. É tão difícil não fechar a boca e engolir, mas então ele murmura: “Só mais um pouco. Você está indo tão bem”, e meus dedos dos pés se contraem com o carinho em sua voz. Abro a boca um pouco mais, implorando com os olhos.

Ele me devora, como se precisasse de um instante para gravar essa imagem em sua memória. Finalmente, ele acena com a cabeça, soltando um suspiro trêmulo. "Me coloca na sua boca. Quero te sujar toda."

Suspiro de alívio quando finalmente afundo minha boca sobre os primeiros centímetros do seu queixo. Vou abocanhando mais e mais até que não haja espaço suficiente para ele e toda a cobertura. Em um minuto voraz, está por toda parte, viscoso, doce e delicioso. Sinto escorrer pelo meu queixo enquanto a palma da mão dele envolve a parte inferior da minha mandíbula, abrindo-a.

“Puta merda.” Seu corpo inteiro estremece com o palavrão sussurrado, e eu estou embriagada por esse poder. Ele mal consegue se controlar, sua respiração

vindo em rajadas curtas e ofegantes enquanto diz: “Só mais um pouco, querida. Isso… isso… Você aguenta tão bem.”

Eu gemo em volta dele, suas palavras me impulsionando além do limite do meu conforto pessoal. Eu o quero tão fundo que não consigo respirar. Meus olhos estão lacrimejando, minhas mãos e rosto pegajosos de glacê, mas eu não consigo me saciar. Quero ser dele — mostrar a ele o quanto estou disposta a dar se ele me amar do jeito que eu amo…

“*Gracie*.” Meu nome sai como um gemido quando ele solta meu queixo para segurar rapidamente a lateral do meu cabelo. Ele me puxa para longe, me deixando vazia e ofegante.

“Meu Deus, olha só para você”, ele sussurra. “Um anjo, de joelhos para mim. Vem cá.”

Com a ajuda dele, me levanto com as pernas trêmulas, grata quando ele me puxa contra seu peito ofegante. Ele acaricia meu rosto entre as mãos e geme novamente, os olhos percorrendo o rastro das minhas lágrimas e dos meus lábios inchados. “Tão linda”, ele sussurra, inclinando-se para lamber um pouco de glacê que escorreu do canto da minha boca. “Tão generosa.” Ele suga meus lábios e minha língua, me beijando tão profundamente que meu interior se liquefaz.

“Por favor”, sussurro, minhas mãos tremendo enquanto desabotoo sua gravata borboleta. Os botões da camisa dele. Se ele não me tocar logo, vou chorar.

Ele acaricia minha bochecha, e seus olhos são tão ternos, tão compreensivos, que acho que ele entende. "Eu sei que dói", diz ele. "Vire-se, e eu vou aliviar."

Trêmula, eu me viro, e ele nos reposiciona para que eu fique de frente para a porta. Com uma mão firme e segura entre minhas omoplatas, ele me guia para frente até que minha bochecha e minhas mãos estejam pressionadas contra a superfície fria de madeira.

"Tudo bem?", pergunta ele, deslizando a mão pela minha coluna em um carinho bem-intencionado. Mas nada me acalma agora — nada vai aliviar essa dor, exceto senti-lo dentro de mim.

Eu aceno com a cabeça, inquieta, arqueando as costas. "Preciso de você agora", respiro, desejando que ele vá mais rápido.

Mas suas mãos roçam a malha fina da cinta-liga, os dedos deslizando até os fechos que prendem minhas meias. Sinto-o deslizar os dedos por baixo delas,

puxando as ligas antes de prendê-las novamente contra minha bunda. Solto um suspiro com a leve ardência, e ele grunhe em aprovação. Então, seu polegar roça o centro quente e úmido de mim — apenas um sussurro de pressão contra minha calcinha, e meus joelhos quase cedem.

"Ai, meu Deus", expiro, fechando os olhos com força.

"Shh. Vai ficar tudo bem", ele promete enquanto seus dedos deslizam por baixo do tecido encharcado. Por longos instantes, tudo o que consigo fazer é me contorcer contra seu toque, empurrando meus quadris para trás, implorando silenciosamente por mais.

“Droga”, ele sussurra por cima dos sons úmidos que preenchem a despensa. “Vai ser tão fácil te encher hoje à noite, não é?”

Mordo meu lábio inferior, assentindo fervorosamente enquanto ele desliza minha calcinha até o topo das minhas meias. O ar frio me faz sentir ainda mais exposta, mas então Jude se pressiona contra mim. Gemei ao sentir sua bunda larga deslizando contra mim, de um lado para o outro. Me batendo com um som úmido.

“*Jude*”, resmunguei, movendo meus quadris num movimento desesperado.

Ele geme e finalmente — finalmente — força a entrada. Eu solto um suspiro, meus dedos se transformando em garras na porta enquanto ele murmura um palavrão ininteligível. Ele tinha razão — eu estava tão pronta para ele que ele conseguiu entrar quase completamente, mas a intrusão ainda foi um choque para o meu corpo. Eu me levanto na ponta dos pés com um guincho, ofegante, enquanto Jude cobre minhas mãos com as suas. Sua cabeça cai ao lado da minha.

"Desculpe", ele ofega, cobrindo meu rosto com beijos. "Você está bem?"

“Sim”, eu suspiro, entrelaçando meus dedos nos dele na maçaneta, saboreando o calor reconfortante. Meu corpo se adapta rapidamente à sensação inacreditável de estar unida a ele, e logo, a dor que me atormentou a noite toda começa a exigir fricção. “Mais”, imploro contra seus lábios.

Ele emite um som como se estivesse morrendo e flexiona os quadris contra mim. Cuidadosamente. Delicadamente. Inserindo-se com expirações curtas e ásperas até que eu sinta sua camisa branca impecável contra minha pele febril. Suas mãos pressionam as minhas contra a porta, cada veia saltando, e por um instante, tudo o que consigo fazer é tentar respirar em meio à leve ardência e ao prazer ensurdecedor de estar tão preenchida. Até que, lentamente, ele se afasta, deixando

cada centímetro pelo qual lutou tão vazio que eu grito. Quando ele se impulsiona novamente com um movimento suave, meus olhos reviram, minha coluna se arqueia. Mas logo, seu ritmo lento e cauteloso passa de quase insuportável para apenas uma provocação.

"Mais forte", gemo, pressionando-me contra ele.

Ele balança a cabeça, o cabelo roçando minha maçã do rosto. "Vou te machucar."

"Vou gostar", prometo.

"*Porra*", ele rosna. Apertando minhas mãos com mais força, ele me penetra como se também precisasse disso. Meu queixo cai, e eu quero dizer o quanto está sendo bom, mas estou sem ar. Ele se move para dentro de mim repetidas vezes, seus movimentos tão fluidos e exigentes que me sinto como a água na qual ele adora se perder.

"Tão perfeito para mim", ele diz, ofegante e desesperado. "Como eu tive tanta sorte? Me diga como te merecer."

Meus olhos se enchem de lágrimas enquanto a pressão implacável e deliciosa cresce dentro de mim, suas doces palavras se cristalizando em cada recôndito do meu coração. "Eu te amo", grito, fechando os olhos com força enquanto a verdade nua e crua escapa de mim sem querer.

“Meu Deus, Gracie”, ele ofega enquanto se retira rapidamente e me gira, de modo que minhas costas fiquem contra as prateleiras da despensa. Em um instante, suas mãos descem e ele rasga minha calcinha para tirá-la do caminho. Ela fica pendurada em farrapos acima de uma meia, presa pelas ligas da minha cinta-liga, mas parece bom o suficiente para ele. Ele tira o paletó rapidamente, deixando-o cair no chão. Com a gravata borboleta frouxa e o cabelo caindo sobre os olhos selvagens, ele parece tão descontrolado e desesperado por isso quanto eu.

Ele me ergue rapidamente, minhas coxas se enrolam em seus quadris enquanto meus cotovelos se apoiam na prateleira. Uma pilha de tigelas de metal perto da borda cai no chão, tilintando e se espalhando descontroladamente, mas mal percebo o som enquanto ele me penetra novamente. Grito seu nome, fechando os olhos com força, e tudo o que consigo fazer é não me desmanchar em lágrimas.

"Olhe para mim", ele exige, movendo os quadris de um jeito que faz estrelas brilharem atrás dos meus olhos fechados. Atordoada, levanto os cílios, e vale a pena o esforço para ver seu rosto milagroso me encarando.

“Nunca foi algo casual para mim”, confessa ele, com a voz rouca. “Nunca foi só ficar. Nunca foi nada além de te amar. Mesmo antes de saber como chamar isso, eu te amava, Gracie.” Ele solta um suspiro pesado, os cílios tremendo. “Você tem a minha confiança. Meu tudo. Tudo o que eu tenho para te dar é seu.”

Não consigo responder com mais do que um soluço enquanto ele arrasta sua boca faminta pelo meu pescoço, me levando ao limite a cada estocada. Esse amor que encontramos está me invadindo, preenchendo cada vazio dentro de mim até que eu me torne uma represa prestes a transbordar. Ele beija minha boca ofegante, um beijo salgado e doce, e eu quero tudo. A escuridão e a luz, o dito e o não dito, contanto que seja com ele.

Sua mão encontra meu ponto de ruptura, acariciando-me além do limite do controle. Eu me entrego a um grito sufocado, e ele me acompanha, rosnando em êxtase enquanto um canal se abre entre nós. Um ciclo de feedback irrevogável de confiança e conhecimento. Saber que, se tudo mais desmoronar, sempre haverá isso. A sensação de ser escolhida. De ser amada além de qualquer dúvida razoável.

37 GRAÇA

Eu te amo, você me ama, eu te amo. Quando acordo na manhã seguinte, essas palavras estavam passando como uma fita de notícias silenciosa nos recônditos da minha mente a noite toda. Abro os olhos, meio que me perguntando se todo o estresse e a expectativa para o casamento finalmente me levaram a uma série de alucinações sexuais extremamente lúcidas, nas quais eu repetidamente declarava meu amor por Jude Larkwood. Mas a escuridão de seus cabelos contra meus travesseiros e as linhas pesadas e amolecidas pelo sono de seu corpo sob a luz da manhã pareciam confirmar que a noite passada não tinha sido um sonho. Nem mesmo a parte em que ele disse que também me amava.

A lembrança brilha no meu peito (sim, brilha mesmo) antes de se espalhar até a ponta dos meus dedos das mãos e dos pés. Não é a primeira vez que alguém me diz essas palavras — Calvin costumava dizê-las, mas só depois que eu as dizia primeiro e sempre de forma casual. Também te amo, meu bem!

Mas ontem à noite, Jude deixou seus sentimentos sobre o assunto bem claros, o que provavelmente explica por que eu não consegui ficar estressada depois que nos arrumamos e voltamos para a recepção. É por isso que não consigo parar de sorrir como uma louca para ele enquanto ele ainda está inconsciente.

Alerta de tarado, Gracie.

Relutantemente, desvio o olhar de seu perfil sério. Como ele consegue ter essa cara de quem consegue ler um depoimento dormindo? Suspiro. Não tem jeito de eu voltar a dormir agora, mas, como meu estômago ronca, decido retribuir o favor e tomar café da manhã na cama.

Saio do quarto o mais silenciosamente possível. Como sempre, não tenho nada de interessante nos meus armários, mas depois de passar um tempo agradável na

despensa de Larkwood ontem à noite, sei que vou conseguir preparar algo lá. Com um pequeno arrepio, visto a camisa branca de botões do Jude, apesar do batom vermelho borrado na gola e em algumas partes suspeitamente mais baixas.

Depois de rabiscar um bilhete rápido para ele, saio da casa e corro pelo jardim até a porta da cozinha. Como sempre, está destrancada, mas quando entro, um grito de surpresa me faz gritar também e quase caio para trás, para fora da porta.

"Meu Deus, Gracie. Pensei que você fosse o Ronald McDonald."

Meu coração ainda está convencido de que meu esôfago é um lugar muito mais seguro do que meu peito, mas é só o Henry. Henry... que provavelmente é a última pessoa que eu gostaria de ver usando a camisa de outro homem manchada de batom. Principalmente a do melhor amigo dele.

"Ronald McDonald?", repito com uma risada nervosa, tentando acalmar meu pulso. "Essa é uma conclusão bem específica para se tirar."

“Bem, se ele fosse o seu maior medo de infância, você provavelmente pensaria nele também.”

“Seu maior medo de infância era ser atacada pelo palhaço do McDonald’s?” pergunto, momentaneamente distraída.

“Atacada? Você o descreve como um bandido de estrada com uma queda por anáguas e virgens.”

“E isso é menos assustador por quê?”

“Boa observação.” Henry estremece. “Desculpe por ter te assustado. Passei a manhã inteira trocando mensagens com o Jude. Geralmente nos encontramos na piscina aos domingos, mas ele não apareceu. Fiquei preocupado que o Taco finalmente o tivesse assassinado e vindo para cá, mas…” Seus olhos percorrem cada mancha de batom na camisa de Jude como se ele estivesse mapeando evidências da cena do crime. “Parece que ele só mudou de ideia.”

Meus braços se cruzam, descruzam e se cruzam mais uma vez enquanto tento (sem sucesso) esconder as manchas vermelhas escuras. Jude me disse que contou para Henry sobre nós, mas na correria dos preparativos para o casamento, não tive a chance de conversar com ele sobre como foi. Mas pela mágoa estampada no rosto de Henry, não poderia ser mais óbvio como ele se sente.

"Sinto muito por tudo o que aconteceu", digo sinceramente, desejando poder amenizar sua decepção. "Tudo com o Jude aconteceu tão inesperadamente."

Ele tenta sorrir, mas o sorriso sai como uma careta. "Gostaria de poder dizer que estou surpreso, mas a essa altura já não é novidade."

"Nada de novo?", repito.

Henry franze a testa para as chaves em cima da bancada de madeira. "Ah, só o padrão já conhecido das mulheres por quem me interesso se apaixonando perdidamente pelo meu melhor amigo."

Suas palavras me deixam atônita. Até aquele momento, eu imaginava a vida sexual de Jude como algo com um histórico rastreável em aplicativos e tão distante do âmbito "pessoal" quanto o simples ato de esfregar dois corpos. A revelação de que, de alguma forma, isso se cruzava com a vida amorosa de Henry — que minha situação com os dois não era única — me deixa sem fôlego.

Ele me ama, digo a mim mesma. E embora eu me sinta péssima por Henry estar sofrendo com meus sentimentos não correspondidos, lembro a mim mesma que lhe dei uma chance e não senti nenhuma faísca. Tentei tanto ignorar o que sentia pelo melhor amigo dele, mas no fim, nossa conexão me consumiu. Consumiu Jude também.

Respiro fundo. "Sinto muito que isso não seja a primeira vez que acontece, mas prometo que nunca foi minha intenção te magoar."

"Não sou eu quem você deveria se preocupar em magoar", ele diz, com o rosto sombrio.

Com a insinuação dele, aperto meus braços contra a cintura. "Ele se importa comigo", digo, tentando não deixar que ele perceba as pequenas rachaduras que está criando. "Ele me disse que me ama."

“Te ama?” ele repete, com as sobrancelhas arqueadas. “Nossa, ele foi longe demais.”

Sua surpresa me atinge como uma facada, mas forço minha voz a soar confiante. “Acredite ou não, sim, ele me ama.”

Ele deve ter percebido pelo meu tom — ou talvez seja a forma como meu peito parece ter murchado com a nova ferida — que ele tocou num ponto sensível.

“Droga, Gracie, eu não quis dizer que você não me ama—” Ele suspira. “Não tem nada a ver com você. É que eu conheço o Jude há quase metade da minha vida, e não acho que ele seja capaz de se permitir amar alguém, por mais maravilhosa que a mulher em questão seja.”

“Então por que diabos ele diria isso se não fosse sincero? Você é a melhor amiga dele. Você, mais do que ninguém, deveria saber o quanto ele é capaz de amar”, argumento, deixando transparecer parte do meu medo como uma xícara agitada.

“Eu nunca disse que ele não era capaz de amar; eu disse que ele nunca se permitiria amar”, diz ele, com frustração transparecendo em sua voz. “Se você não percebeu, toda a personalidade dele é manter as pessoas à distância. Ele acha que está protegendo todos que ama de seja lá o que tenha acontecido com ele aqui, mas se você acha que eu estou mais perto de descobrir o que foi, minha teoria atual é que ele foi sondado por alienígenas.”

Não quero que as palavras dele me façam duvidar de Jude, mas algumas perguntas começam a surgir. Sim, ele é reservado, mas será que ele também não me confiou esses segredos mais íntimos? Será que ele não me mostrou alguns vislumbres?

Como se Henry me ouvisse pensar nisso, ele pergunta: "Jude realmente te contou alguma coisa sobre si mesmo? Sobre o passado dele?"

Estou prestes a responder que sim, contou. Na outra noite, ele me falou sobre o trabalho dele com violência doméstica e sobre as tatuagens.

Mas só porque você insistiu, argumenta uma vozinha. E mesmo assim, ele só te contou o mínimo possível.

Mordo o lábio, buscando provas concretas contra as suposições de Henry. Mas naquela mesma noite, quando finalmente senti que Jude ia se abrir, ele me cortou novamente. Não me pergunte isso. Não posso falar sobre isso com você. Odeio guardar segredos de você.

Mas ele guarda segredos. E por mais que eu queira ter argumentos sólidos, os meus saem tão fracos que me pergunto se eu mesma acredito neles. "As ações dele falam mais alto do que qualquer segredo doloroso que ele possa me contar", insisto. "Ele se importa comigo e vai se abrir quando estiver pronto."

"As ações dele", repete Henry baixinho, balançando a cabeça enquanto apoia o peso nas mãos. "Então, presumo que ele ainda não te contou os planos dele para Larkwood?"

Um pedaço de gelo pontiagudo parece surgir no meu estômago como uma geleira. "Ele vai ficar com ele", digo, desejando ter soado mais confiante. "Vamos conversar sobre isso hoje."

Henry leva a mão ao rosto, olhando para mim como se eu fosse uma criança de sete anos prestes a descobrir de uma vez só que Papai Noel, Coelho da Páscoa e Fada do Dente não existem. "Gracie, ele está vendendo. Conversei com ele há alguns dias, e esse é o plano dele. Sempre foi o plano dele."

Balanço a cabeça. "Não, não é isso. Ontem à noite ele disse—" Paro, o pânico apertando minha garganta. "Ele prometeu—"

"O que ele prometeu exatamente?", pergunta Henry, mas seu tom não é vingativo. É cansado.

A resposta ecoa dentro de mim como um eco em um quarto vazio. *Nada. Nada. Nada.*

"Escute", ele diz gentilmente. "Eu acho que ele se importa com você. Mas não há nada — nada — que ele se importe mais do que se livrar de Larkwood." Seu olhar é compassivo. "Não quero dizer que ele faria grandes declarações vazias para atingir seus objetivos, mas se ele estivesse encurralado e desesperado... eu não sei. Ele realmente precisa da sua casa, Gracie."

Dou um passo para trás. "Não", digo, como se essa simples palavra pudesse banir todas as possibilidades venenosas que Henry me obrigou a considerar. "Não, ele não faria isso. Isso seria... não", gaguejo, relutante em considerar a possibilidade.

Quando fizemos nosso acordo, ele concordou em manter a mente aberta. Ele fez todos os favores que lhe pedi e me disse que conhecer os vendedores de Larkwood havia aberto seus olhos. Mas, mais do que isso, eu o vi mudar de ideia — não apenas sobre mim, mas sobre o próprio amor.

Talvez eu o tenha julgado mal no início, mas agora eu conheço Jude. Ele me apoiou de maneiras que eu pensava que só Sofia e sua família seriam capazes. Ele me ajudou a encontrar a confiança para enfrentar minha família. Ele dedica grande parte da sua vida a ajudar pessoas em situações terríveis. Ele é um bom homem, e nada que Henry diga vai abalar isso.

“Eu sei que é difícil de ouvir e, honestamente, a culpa é minha por ter sugerido isso”, continua Henry, massageando distraidamente o ombro oposto.

“Sugerir o quê, exatamente?”, pergunto, com a voz tensa a ponto de quase quebrar.

Henry ergue os olhos para os meus num olhar lento e culpado. “Foi só uma piada idiota. Eu não fazia ideia de que ele consideraria isso a sério. Mas acho que

subestimei o que ele é capaz de fazer para se livrar deste lugar."

Não acho que esteja saindo fumaça pelas minhas orelhas, mas Henry claramente percebe meu pedido não verbal para que ele diga logo o que está pensando. Ele suspira, deixando a mão cair de volta no balcão. "Foi no dia em que eu disse a ele que Agatha deixou a casa de campo para você. Ele estava desesperado para te convencer a vendê-la para ele, e eu..." Ele dá de ombros, desconfortável. "Eu sugeri que ele simplesmente te seduzisse para conseguir a casa."

É como se as palavras tivessem sido impressas no fundo de uma bigorna caindo. Eu as entendo, mas quando elas realmente me atingem, todo o ar é expelido dos meus pulmões. Não tenho um segundo para recuperar o fôlego antes que Henry continue falando.

"No começo, ele só revirou os olhos e disse que não ia dar certo porque você o odiava. Não pensei mais nisso até que soube que você tinha saído para beber e cantado karaokê com ele." Ele balança a cabeça incrédulo. "Pensei comigo mesmo: se alguém conseguiria dar essa guinada de 180 graus, seria o Jude."

Meu coração está acelerado, desesperado para escapar da avalanche de evidências que comprovam que tudo o que eu pensava saber sobre Jude era mentira. Estou tentando não chorar — não quero derramar uma única lágrima até que ele confesse a manipulação emocional grosseira ou me apresente provas irrefutáveis. Mas mesmo que o faça, isso não curaria completamente a dor de finalmente saber que estou perdendo Larkwood, mesmo depois de todos os meus esforços para fazê-lo mudar de ideia.

"Preciso ir", digo, me afastando de Henry.

"Gracie—"

"Por favor", digo, parando por um instante e fechando os olhos. "Preciso conversar com Jude e depois preciso de um tempo sozinha."

"Mas a escritura da sua casa de campo... eu ia entregar esta semana", diz ele.

Engulo em seco, resistindo à pressão ardente que se acumula atrás dos meus olhos. "Não se preocupe. Jude pode ficar com ela."

38 JUDE

Assim que a porta da casa se abre, levanto os olhos, ansioso como um cão deixado sozinho por muito tempo. Tenho segurado o bilhete que Gracie me deixou, antecipando seu retorno, mas imediatamente percebo que algo está errado. É o olhar preocupado em seus lábios antes que ela perceba que a estou vendo. A curvatura de seus ombros para dentro, como se estivesse tentando decidir entre se encolher em posição fetal e permanecer em pé. Quando finalmente me vê, parado em sua sala de estar vestindo apenas a cueca boxer de ontem, ela se assusta.

"Jude—"

"O que houve?" pergunto, com a voz rouca de sono. "Sofia está bem? Sua família?" pergunto, procurando algo que possa ter causado essa palidez e angústia em seu rosto.

Ela olha para os pés enquanto tira os tênis. "Estão bem."

Sua voz é seca, e essas duas palavras são tudo o que preciso para saber que, de alguma forma, eu estraguei tudo. De alguma forma, apesar de toda a minha cautela e planos premeditados, eu a magoei. *Mas quando?* Ela está usando minha camisa, o que significa que algo deve ter acontecido depois que ela saiu da cabana.

Quando ela finalmente olha para cima, seus olhos estão cautelosos, e a constatação me atinge como um soco no estômago — ela está com medo de mim. Seja lá o que tiver acontecido, a deixou em alerta, e de repente me sinto grande demais e vulnerável demais para essa situação.

“Quer que eu vá embora?” pergunto de repente. “Não precisa explicar. Eu vou agora mesmo se precisar. Podemos conversar quando você estiver pronta.”

Uma mistura de confusão e mágoa se estampa em seu rosto, quase como se a simples gentileza que ofereci de repente não correspondesse ao que ela esperava de

mim. Ela cruza os braços. “Não. Precisamos conversar. Mas talvez—”

Seus olhos desviam-se brevemente para o meu corpo quase nu.

“Claro. Quer se trocar primeiro?” pergunto, observando minha camisa de botões manchada com o batom dela.

Ela rapidamente baixa o olhar, como se tivesse esquecido o que estava vestindo, e acena com a cabeça uma vez antes de ir para o quarto. Quando a porta se fecha, é como se uma pedra gigante rolasse para dentro. A mensagem é clara: não confio mais em você.

Tentando não entrar em pânico, fecho os olhos, desejando que todos os anos de terapia penetrassem o turbilhão fervilhante de "*e se*" que tenta me afundar.

Faço os exercícios de respiração. Lembro-me do que posso e não posso controlar, em vez de tentar desesperadamente encontrar uma solução para uma situação da qual ainda não tenho plena consciência. Quando a porta da Gracie se abre novamente, sinto-me um pouco menos como se minha cabeça estivesse em chamas. Quando ela me estende a camisa e o resto do meu smoking amassado, pego-os com os dedos dormentes e visto-me rapidamente enquanto ela desvia o olhar.

"Estou apresentável", digo enquanto termino de abotoar a camisa.

Ela se vira para mim, e a decepção pesada em seus olhos interrompe minha inquietação, minha respiração e possivelmente todas as funções dos meus órgãos. "Você vai se livrar de Larkwood", ela finalmente diz.

Por um instante, minha mente fica em branco. Mas então, como uma televisão que muda de um sinal estático para um canal de alta definição, vejo cada um dos meus erros que me levaram a este precipício. Cada vez que eu poderia ter sido mais honesto com ela. Droga.

"Sim", sussurro, perplexo demais para sequer perguntar como ela descobriu. "Eu ia te contar ontem à noite, mas aí—" Paro. Não preciso dar a ela um resumo de como eu estava fora de mim de amor e desejo.

A boca dela se contrai. "Ontem à noite, você disse que tudo o que tivesse para me dar seria meu. E embora eu nunca esperasse que você guardasse tudo por minha causa, fui tola o suficiente para pensar que você havia mudado de ideia." Ela balança a cabeça. "Pensei que você estivesse começando a se importar mais com meus amigos do que com sua própria ganância, ou qualquer que seja o motivo que você

tenha para fazer isso. Cheguei a pensar que algo havia mudado em sua opinião sobre Agatha. Que você finalmente estava começando a respeitar o que ela queria porque o amor não lhe parecia mais tão ridículo. Mas acho que eu deveria ter lido as entrelinhas."

Diante de suas acusações, até mesmo a gola desabotoada da minha camisa começa a me sufocar.

"É claro que me sinto péssima por ter cortado relações com todos os fornecedores. Por ter cortado relações com você", digo rapidamente. "Você me mostrou exatamente o que estava em jogo ao fechar as portas de Larkwood e, para ser sincera, você me fez questionar o que a Nana queria. Mas você precisa acreditar em mim quando digo que ela sabia que eu estaria desesperada para me livrar disso. Ela se conformou com isso quando me deixou a responsabilidade, mas mesmo assim eu ponderei todas as opções, como prometi", digo a ela, enquanto a frustração, a culpa e a defensiva lutam para dominar logo abaixo do meu esterno.

"Você não faz ideia de quantas vezes considerei ficar com ele — e não por nenhum motivo nobre. Passei tantas noites pensando em jogar fora essa oportunidade para a herança só para te fazer feliz."

Minha respiração está irregular, meu coração acelerado. Obviamente, não posso contar a ela que também o ofereci à minha mãe num ato precipitado e equivocado, mas não importa. Gracie me encara como se visse cada uma das minhas omissões cuidadosas como se fossem buracos de bala na minha história.

"Nunca se tratou apenas da minha felicidade, Jude! Agatha—"

Balanço a cabeça, a impaciência transbordando. "Nunca se tratou apenas da minha avó ou dos vendedores", interrompo. "No fundo, nós duas sabemos o verdadeiro motivo pelo qual você tem se esforçado tanto para salvar Larkwood, Gracie."

Seu lábio inferior treme, mas seus olhos permanecem firmes. "Então vá em frente. Diga."

"Você está com medo. Medo demais de se machucar de novo para tentar viver no mundo real. Mas ficar trancada nesta cabana pelo resto da vida não vai te proteger de nada. Nem do fracasso, nem da dor, nem do luto. Você está se agarrando à ilusão de que ficar aqui não é a pior coisa possível para você, quando o que você deveria estar fazendo é seguir em frente com a sua vida."

“E o que te qualifica para saber o que é melhor para mim?”, ela dispara. “Isso é só mais uma parte do seu cuidado, ou você é realmente tão egocêntrica assim?”

Usar meu fetiche contra mim é um golpe baixo, e pelo lampejo de arrependimento em seus olhos, ela sabe disso. Mas ela também não está errada. Talvez seja egocentrismo, mas depois de ponderar todas as opções repetidamente, sei que minha decisão é a melhor. Mesmo que eu nunca consiga explicá-la a ela.

“Sinto muito.” As palavras escapam da minha boca, insuficientes, mas sinceras. “Você pode não concordar com a minha decisão, mas eu já a tomei. Larkwood não será mais um local para casamentos, mas prometo fazer tudo ao meu alcance para amenizar o impacto quando você me vender a casa. Quero que você fique bem — mais do que bem. Nunca quis te magoar.”

Ela solta uma risada oca. “Não? Nem mesmo quando você estava falando em me seduzir para conseguir o que queria? Talvez eu devesse te parabenizar pelo excelente trabalho.”

A incredulidade me faz cruzar os braços. “Do que você está falando? Eu jamais faria isso—” Mas paro quando a compreensão finalmente me atinge.

“Você falou com o Henry”, digo. Fecho os olhos. A disposição do Henry em me sacrificar me machuca, mas não consigo sentir raiva. A verdade é que eu mereço isso. Mereço por achar que tinha algum direito a amor e amizade quando tudo o que posso oferecer em troca é uma versão diluída, feita para ferir as pessoas.

“Sim, falei com ele”, ela diz, seus olhos escuros brilhando com lágrimas não derramadas. “Ele ficou surpreso que você teve coragem de seguir a sugestão dele, mas acho que ele sabe melhor do que eu o quão desesperada você estava.”

“Seduzir você para conseguir seu chalé nunca foi meu plano. Eu tentei ficar longe de você, Gracie. Você sabe que tentei”, digo, com os olhos arregalados e angustiado. “Mas no fim, você veio até mim, e me desculpe por não ter sido forte o suficiente para dizer não. Me desculpe por o jeito que eu te quero destruir completamente meu bom senso e minha decência. Ninguém sabe melhor do que eu que eu não te mereço — que você não merece estar com alguém que não deveria estar com ninguém. Mas para mim, te conhecer é te amar, Gracie.”

Meu coração está batendo como se eu tivesse acabado de nadar cem metros com uma geladeira amarrada nas costas. Seus olhos brilhantes me encaram, e preciso de toda a minha força de vontade para não diminuir a distância entre nós.

“Quero acreditar em você”, ela sussurra. “Quando estou com você, sinto o quanto você se importa. O quanto você quer me amar. Mas como posso confiar em você se você não se abre comigo? Se até sua melhor amiga mal te conhece por trás de todos os segredos que você guarda? Devo simplesmente aceitar que você nunca vai me deixar entrar enquanto eu te dou tudo?” Ela balança a cabeça. “O amor não se sustenta em bases incompletas, Jude.”

Com os olhos e o nariz ardendo enquanto as lágrimas me obrigam a assentir, só consigo acenar com a cabeça. Ela está apenas dizendo o que eu sempre soube ser verdade. Ela merece a verdade completa, e eu não posso contá-la. Não sem trair uma confiança que protegi por toda a minha vida.

“Você tem razão”, eu sussurro. “Sinto muito por ter deixado chegar a esse ponto. Você estava certa sobre a minha ganância. O meu egoísmo.” A palavra me corta como uma facada, afiada e amarga como a casca de um limão. “Eu me deixei levar por você, sabendo que isso ia te machucar, e a todos os outros que eu amo.”

Enxugo as lágrimas impacientemente, mas isso só faz com que sua expressão devastada fique ainda mais nítida. Respiro fundo, tentando me recompor. Para dizer adeus. “Vou contratar um intermediário para cuidar da venda da casa. Você não precisará mais falar comigo. Espero…” Engulo em seco. “Espero que você encontre alguém que mereça te amar, Gracie.”

Ela não me impede de ir até a porta da frente. Não diz meu nome enquanto enfio os pés nos sapatos desamarrados. Não diz absolutamente nada quando abro a porta e saio. E é melhor assim.

Porque eu não mereço uma única palavra.

39 GRAÇA

Nada representa melhor o fundo do poço do que se mudar para o porão da sua mãe. Nos últimos dias, desde que joguei algumas coisas essenciais em uma mochila e saí da casa de campo, me acostumei um pouco mais à minha nova vida como ocupante ilegal. Para o crédito dela, minha mãe não pestanejou quando apareci e pedi para ficar, nem mesmo depois da nossa última conversa. Talvez fosse a névoa de vergonha e desespero que me envolvia ou as marcas de lágrimas no meu rosto, mas ela, sem dizer uma palavra, pegou minha mochila, me sentou na cozinha e prontamente preparou um sanduíche de queijo grelhado com um copo de leite com café. Eu não tinha ideia de como eu poderia ficar emocionada com as comidas reconfortantes da minha infância, mas a simples gentileza daquele gesto foi como um amortecedor para a minha queda.

E depois do que aconteceu entre mim e Jude, um lugar seguro para me apoiar era exatamente o que eu precisava.

Eu sei que poderia ter ligado para a Sofia. Dividir a cama com ela com certeza teria sido mais confortável do que este sofá-cama enferrujado e desconfortável onde estou dormindo agora. Mas depois da nossa briga, recorrer a ela com mais uma crise não me pareceu certo. Ela sempre será a pessoa em quem posso confiar, mas agora, é ela quem precisa do meu apoio.

Em um nível mais vergonhoso, posso admitir que ainda não estou pronto para encarar o fato de que ela estava certa o tempo todo. Certa sobre o quão covarde eu fui e certa sobre a futilidade de tentar mudar a opinião de Jude sobre Larkwood.

Só de pensar nele, o nó de dor do tamanho de um punho que eu costumava chamar de coração se aperta com força. Com esforço, reprimo a mágoa, assim como fiz todas as outras vezes que ela tentou vir à tona desde que o vi sair do meu chalé.

Será que você não pode me dar um minuto para me preocupar com o meu melhor amigo, por favor? Penso nisso com raiva.

Completa a compartimentalização, suspiro. Se o iminente "Eu te avisei" da Sofia não fosse suficiente para me fazer querer me enfiar num saco gigante de batatas fritas e comer até entrar em coma de vergonha, eu também sei o que ela sugeriria que eu fizesse com a minha carreira agora, principalmente porque minha situação financeira mudou.

Ontem, recebi um e-mail do corretor de imóveis do Jude com uma oferta à vista pelo chalé, que me fez atualizar a página só para ter certeza de que havia carregado corretamente. O valor não só quitaria minhas dívidas, como também me proporcionaria uma boa reserva para poupança. Ou (em uma hipótese extremamente remota), me permitiria investir em um novo empreendimento.

De qualquer forma, foi ver aquele número em preto e branco que finalmente me permitiu entender o que Jude e Sofia vinham tentando me mostrar o tempo todo: aceitar a oferta dele desde o início teria sido a jogada mais inteligente. Mas mesmo depois de falhar em salvar Larkwood, ainda não consigo me arrepender de ter lutado pelos empregos dos meus amigos, ou pelo legado de Agatha. Foi a coisa certa a fazer, mesmo que tenha me custado mais do que eu jamais imaginei. Agora que tudo acabou, só preciso descobrir o que vou fazer para escapar do destino de me tornar um morador permanente do porão.

Com a bochecha apoiada na palma da mão, sentada à mesa da cozinha, clico sem muita convicção em um anúncio de emprego intitulado "Gerente Assistente de Banquetes" em uma rede de hotéis econômicos. É um dos muitos resultados de busca semelhantes no site de empregos que tenho vasculhado em busca de vagas para organizadores de eventos. O salário é quase nulo, mas oferece benefícios, algo que nunca tive antes. Mentalmente, comparo isso com "Limpeza noturna de eventos", que consta como uma das "principais responsabilidades" do cargo. Existiria alguma vez um eufemismo mais claro para patrulha de vômito?

E assim, de repente, me vejo pensando em Jude no casamento, marchando bravamente para resolver a situação do vômito da criança para mim. Talvez algumas mulheres imaginem seus heróis em cavalos brancos galopando ou entrando em jardins com caixas de som portáteis. Mas, para mim, talvez não haja nada mais romântico do que ver um homem carregando uma sacola de produtos de

limpeza e lenços umedecidos tira-manchas no ombro. Estou revivendo o momento em câmera lenta, acrescentando uma brisa inexistente que bagunça seus cabelos escuros quando me dou conta.

Droga. Nos últimos dias, minha mente não para de produzir essas lembranças como se não tivesse recebido o aviso: fantasiar com o Jude não é mais algo que fazemos, e isso inclui fantasias de derramar leite azedo no assoalho impecavelmente aspirado do Mercedes dele e sequestrar o Taco.

"Como está a busca por emprego?"

Olho para cima quando minha mãe entra na cozinha, largando as chaves, a bolsa e a lancheira no balcão. Ela está vestida com seu agasalho característico, o cabelo preto curto e sem frescuras ainda úmido do banho.

Me endireito, deixando para trás uma postura quase desleixada. "Descobri que alguns dos supermercados maiores oferecem benefícios e descontos para funcionários em compras de comida. Talvez valha a pena me candidatar."

Ela acena com a cabeça, começando a reunir os ingredientes para seu shake de proteína pós-aula. "Não é uma má opção. Mas nada na área de eventos?"

Dou de ombros. "Algumas vagas em hotéis. Mas todas exigem formação em hotelaria."

Ela faz um som de "pshh", colocando manteiga de amendoim no liquidificador individual. "Com toda a sua experiência em Larkwood? Você seria a escolha certa."

Depois de anos demonstrando pouco ou nenhum interesse no que eu faço da vida, seu incentivo repentino tem sido tão surpreendente quanto tocante. "Obrigada, mãe", digo baixinho.

Ela me lança um sorriso rápido e um pouco forçado enquanto continua a se movimentar pela cozinha. Tem sido assim desde que voltei para casa. Nunca tivemos facilidade em nos conectar, mas depois que cancelei meus serviços de planejamento de festas, ela tem se esforçado para tentar. Parece óbvio em retrospectiva, mas ao me tornar indisponível da maneira que ela esperava e com a qual contava, tudo o que me restou foi eu. Desde que me lembro, isso nunca pareceu suficiente — mas a cada nova pergunta hesitante que ela faz e a cada sorriso de apoio que me dá, começo a questionar aquelas antigas inseguranças.

"Barulho alto", ela avisa, antes de ligar o liquidificador.

O som familiar do liquidificador ecoa pela cozinha, e volto minha atenção para a tela. Olhando fixamente para o botão "Enviar currículo" para a vaga de assistente de gerente de banquetes, tento imaginar os próximos um ou dois anos da minha vida nesse emprego. Montar pilhas de cadeiras dobráveis para seminários de contabilidade e limpar festas pós-casamento não é o emprego dos meus sonhos, mas também não é algo que eu deva desprezar. Ofereceria uma renda modesta e plano de saúde, e depois da venda da casa de campo e da quitação das minhas dívidas, é tudo o que eu realmente preciso.

O liquidificador para, e minha mãe se aproxima com dois copos. "Aqui, fiz um pouco para você também."

Ela se senta comigo à mesa, e eu fecho meu laptop enquanto ela desliza um copo de smoothie proteico espesso, marrom-acinzentado, em minha direção.

"Obrigada", digo, embora a bebida tenha a mesma aparência de papelão líquido. Dou um pequeno gole por educação e me surpreendo ao sentir o gosto de banana, manteiga de amendoim e chocolate.

"Bom?", ela pergunta.

Ergo uma sobrancelha e tomo outro gole. "Acho que nunca se deve julgar um shake de proteína pela cor."

"A regra de ouro do professor de educação física", ela diz, antes de me dar outro sorriso hesitante. "Sinto muito que o mercado de trabalho esteja tão ruim. Tenho ouvido falar disso em todos os lugares."

"Tenho certeza de que algo vai aparecer", digo, com zero confiança.

Ela segura o copo com as mãos e me olha de relance. Ainda não consigo distinguir essa versão nervosa dela da mulher confiante e franca que ela é com minhas irmãs postiças e meu padrasto, mas resisto à tentação de quebrar o silêncio. Depois de um segundo, ela diz: "Você já pensou em reabrir seu negócio? Aquele dos vestidos?"

É a última pergunta que eu esperava dela, principalmente porque sua opinião sobre minha formação e carreira ao longo dos anos tem sido categórica: "Muito caro, muito impraticável."

"Hum, eu não tinha pensado nisso."

Mentira, mentira, calça de moletom velha pegando fogo.

“Bem, você deveria considerar isso”, diz minha mãe, recuperando um pouco da confiança na voz. “Talvez eu nunca tenha entendido, mas você sempre teve uma faísca criativa, e um talento como o seu não deveria ser desperdiçado.” Ela bufa. “Você consegue imaginar se Tom Brady tivesse desistido do futebol americano só porque foi draftado como reserva? Ele nunca teria descoberto que era o melhor de todos os tempos!” Ela me olha com uma sinceridade que eu só vi nela quando está usando um dedo gigante de espuma. “Quem sabe, você pode ser a melhor de todos os tempos em vestidos, Gracie.”

Encaro-a, boquiaberta. Meu choque é a única razão pela qual tenho coragem de dizer: "Mãe, da última vez que meu negócio de design de vestidos de noiva surgiu no assunto, você e a Josie caíram na gargalhada quando a Brianna o chamou de minha 'alergia ao trabalho de verdade'."

Seu semblante se contrai. "Eu disse isso?"

"Sim. Você também riu na formatura quando a Josie me parabenizou pelo meu diploma em 'Glitter e Cola'."

Ela passa a mão pelos cabelos ainda úmidos, fazendo-os ficarem espetados. "Não posso dizer que estou muito orgulhosa de como as coisas têm sido entre nós", diz ela, olhando para o smoothie. "Desculpe por ter rido."

Engulo um gole do smoothie, na esperança de que me refresque. "Obrigada."

Ela balança a cabeça e depois dá uma risada vazia. "Sabe, às vezes eu pensava que tinha havido uma troca acidental de bebês quando você nasceu. Que de alguma forma, eu tinha ficado com o filho de algum artista brilhante e famoso que eu não tinha a menor condição de criar." Ela levanta os olhos para os meus. "Sua habilidade de criar beleza a partir de retalhos, linhas e qualquer outra coisa que você tocasse deveria ter sido uma alegria para mim, mas em vez disso..." Ela aperta os lábios com força. "Só me fazia sentir perdida. Como se eu nunca fosse capaz de te dar o que você precisava."

Ela ergue as sobrancelhas e suspira. "E então, claro, Joel, Bri e Josie entraram na minha vida, e eu pude entendê-los. Eles eram exatamente como eu. Eles tornaram um pouco fácil demais me convencer de que você não estava interessado em nós mesmo. Que você era mais feliz sendo deixado em paz para fazer suas próprias coisas." Ela olha para as mãos enquanto anos de negligência vêm à tona como uma farpa. "Me desculpe, Gracie. Eu estava errada."

Por longos momentos, não sei como reagir. Meu primeiro instinto é ignorar e dizer que está tudo bem, mas não está. Nunca esteve. Passei a vida inteira internalizando a indiferença dela, acreditando que era resultado das minhas próprias deficiências. Se eu nunca tivesse conhecido Sofia, sua família ou Jude, talvez nunca tivesse enxergado nenhuma falha além das minhas.

Mas, como eu as conheci, sei que tenho todo o direito de não aceitar o pedido de desculpas dela. Eu poderia dizer que é tarde demais para qualquer tipo de reconciliação. E talvez seja mesmo. Mas há algo a se dizer sobre um pedido de desculpas sincero, por mais tardio ou insuficiente que seja. Um pedido de desculpas pode ser uma ponte para um novo lugar. Ou, no mínimo, um balanço de corda instável.

"Acho que eu realmente precisava ouvir isso", digo por fim.

Os olhos da minha mãe brilham quando ela diz: "E acho que eu realmente precisava levar uma bronca. No fim de semana passado, quando você e seu namorado vieram aqui e me disseram que não iam terminar de planejar a festa, vocês me derrubaram com uma pena. Isso me acordou. Me abalou de verdade, e pode ter certeza de que eu conversei com suas irmãs sobre o jeito que elas te tratam." Ela abaixa a cabeça, as sobrancelhas franzindo. "O jeito que nós te tratamos."

Há tanta coisa que eu poderia dizer. Tanta coisa para responder, mas não consigo ir além de duas sílabas.

"Ele não é meu namorado." As palavras escapam dos meus lábios dormentes.

Minha mãe ergue uma sobrancelha negra como azeviche. "Tem certeza disso, querida? Ele parecia muito... protetor com você."

O apelido, que eu não ouvia desde antes de aprender a amarrar os sapatos, me faz olhar para ela. E talvez seja o jeito como ela está me dando atenção completa pela primeira vez, ou o pedido de desculpas, ou aquele carinho há muito perdido, mas toda a minha resistência em realmente assimilar o que perdi finalmente se desfaz. Agatha. Meu emprego. Minha casa. Minha fé em finais felizes. Mas, de alguma forma, pior do que tudo isso, *Jude*. O som involuntário que escapa de mim é meio soluço, meio gemido.

Escondo o rosto nas mãos e, alguns segundos depois, um par de braços fortes que não sentia há anos me envolve. Afundo nos braços da minha mãe mais do que

desde antes do divórcio dela, inalando seu perfume de chá Irish Spring e giz. Pelo jeito que seu peito e ombros começam a tremer contra os meus, percebo que ela está se perguntando a mesma coisa que eu: como chegamos a esse ponto? Em que momento nosso medo de sermos honestos um com o outro se tornou uma barreira tão grossa que não conseguimos transpor?

"Conte-me o que aconteceu", ela diz no meu cabelo. "Conte-me tudo, e depois eu mando a Brianna e a Josie atrás dele."

Um riso trêmulo escapa de mim, mas dura pouco. Enxugo os olhos enquanto me afasto dela. Depois dos últimos dois meses de desespero insensato para manter Larkwood, eu poderia fechar os olhos e apontar para qualquer número de desastres para começar esta história. Mas no centro da minha miséria, há um ponto vermelho pulsante. Uma dor que vai mais fundo do que qualquer outra coisa.

Em um sussurro sufocado, conto a verdade a ela. "Eu ainda o amo, mãe."

Ela estende a mão e segura a minha. "E ele também te ama?"

Tento conter as lágrimas que caem livremente pelo meu rosto. Há alguns dias, a resposta teria me vindo em uma onda de alegria e incredulidade: sim. Mas agora, nada é certo.

“Eu... eu não sei. Ele disse que sim, e eu daria tudo para acreditar nele, mas ele esconde tanta coisa de mim”, digo a ela, com o estômago embrulhado enquanto me aproximo do cerne da questão: por que não posso ficar com ele?

“Ele já mentiu para você antes?”, ela pergunta, com a voz ficando mais ríspida.

“Não abertamente. Não que eu saiba”, respondo. “Mas ele também nunca se abriu completamente. Ele me mostra partes de si mesmo, mas quando se trata de conhecê-lo de verdade, ele sempre se fecha.”

Não menciono a raiva persistente que sinto pelo fato de ele estar levando adiante uma venda que será incrivelmente lucrativa para ele, às custas do legado de Agatha. É simplesmente demais para explicar, então, em vez disso, digo: "De certa forma, ele é a pessoa mais altruísta que já conheci. Ele trata todas as minhas imperfeições como se fossem tão preciosas quanto as minhas qualidades. Mas, como há tanta coisa que ele não compartilha, não tenho explicação para o fato de algumas de suas decisões parecerem tão egoístas."

Esfrego a testa enquanto uma dor de cabeça começa a latejar acima dos meus olhos. "Não posso ficar com alguém que não confia em mim com suas próprias

imperfeições. Se vou entregar meu coração por inteiro a alguém, não posso me contentar com apenas metade dele em troca."

Minha mãe concorda com a cabeça. "Eu sei que é difícil se desapegar de um amor que não te faz bem, querida. Fazer a coisa certa quase nunca é fácil, e você tem feito muito disso ultimamente." Ela aperta minha mão. "Mas se Jude for tão altruísta quanto você diz, e se essas decisões que ele está tomando tiverem uma explicação que ele tem medo de compartilhar, então ele encontrará um jeito de se abrir com você."

Apoio a testa na mão. "Não sei, mãe. Ele nem se abre com o melhor amigo, e eles se conhecem há metade da vida."

"Vamos ter que esperar para ver. A decisão está nas mãos do Jude", diz ela, soltando-me e batendo levemente as mãos nos joelhos. "A grande questão é: o que vai te dar a resposta que você precisa?"

"Estou sendo instruída agora?"

"Com certeza. Já estava na hora de você receber uma ajudinha minha." Ela me lança um olhar repentino e inquisitivo. "Falando em ajuda, o que a Sofia tem a dizer sobre tudo isso?"

Dou um gole no meu smoothie, adiando a resposta. "Eu... ainda não conversei com ela sobre isso."

Os olhos da minha mãe se arregalam. "Mas vocês dois são inseparáveis. Aconteceu alguma coisa?"

Quero responder à pergunta dela com um "*Não, claro que não!*", sem rodeios. Mas já contei tudo o resto — por que não isso também?

"As coisas estão melhores... mas estamos nos recuperando de uma fase difícil", digo. Da forma mais sucinta possível, conto a ela sobre a separação dos pais da Sofia, a desilusão que tenho enfrentado desde então e meu medo de reabrir a Grace & Veil, apesar do incentivo dela.

"Eu simplesmente não consegui me obrigar a contar a ela o que aconteceu", admito. "Ela está passando por um momento tão difícil, e eu não quero sobrecarregá-la ainda mais, justamente quando ela precisa de apoio."

Minha mãe toma um grande gole do seu smoothie, quase terminando-o. "Então não precisa acrescentar nada", diz ela simplesmente, colocando o copo de lado. "Você ainda pode contar a ela o que aconteceu sem parecer carente. Apenas resolva

seus problemas para que ela não precise se preocupar com isso. Você é organizadora de eventos, não é? Faça um plano de cinco anos para si mesma e certifique-se de que ele lhe traga alegria. Ela é sua melhor amiga. Ver você feliz e realizada — ou pelo menos a caminho disso — ajudará muito a acalmar os ânimos."

Assinto com a cabeça, maravilhada com a sabedoria inesperada da minha mãe, e me agarro à ideia de um plano de cinco anos como a uma tábua de salvação. "Eu consigo fazer isso", digo, já imaginando as planilhas coloridas que vou criar. Sem surpresas, não há sinal da vaga de assistente de gerente de banquetes na minha fantasia, mas há rolos de tecido novos e listas de contatos de fabricantes desempoeiradas.

Minha mãe sorri para mim como se pudesse ver as engrenagens girando na minha cabeça. "Viu? Não é tão difícil. Mas sinto muito pelos pais dela, Gracie." Seu sorriso se torna dolorido e constrangido. "Eu sei que você é próxima deles."

Minha mente agitada se acalma imediatamente ao perceber que já faz mais de uma semana desde que entrei em contato com ela para falar sobre a família dela. "Preciso ligar para ela."

Ela acena com a cabeça. "Sim, você precisa. Veja como ela está, mas também certifique-se de confiar nela. Ela gostaria que você fizesse isso."

Engulo em seco. "Vou sim. Obrigada, mãe."

Seus olhos brilham com lágrimas que ainda não caíram. "Sempre que precisar. Só me faça um favor."

"O quê?"

"Volte para o jogo, Gracie. Encontre um espaço para atendê-la e pare de fingir que costurar não é a única coisa que sempre te fez mais feliz. Ninguém gosta de covardes."

Sorrio com lágrimas nos olhos e levanto meu copo de smoothie. "Ao deixar de ser covarde."

Minha mãe brinda com o meu copo. "Essa é a minha garota."

E por mais frágil que seja, o balanço de corda aguenta firme.

40 JUDE

Olá Jude, parabéns! O proprietário acabou de aceitar sua oferta pelo chalé. Hora de estourar o champanhe! Você mencionou contratar um representante para estar presente no fechamento do negócio em seu nome. Me envie as informações de contato dele e eu cuidarei de tudo. Obrigada!

Deslizo o e-mail da minha corretora de imóveis para longe, esperando o alívio me atingir. *Ela vai ficar bem.* Mas, de alguma forma, até mesmo a certeza de que consegui dar à Gracie uma segurança financeira mal se compara ao rugido oco da perda que vem abafando tudo desde que nos separamos. Dinheiro não vai comprar o perdão dela, não vai lhe dar a verdade que ela pediu e, definitivamente, não me torna mais qualificado para estar em um relacionamento do que um fungo parasita.

Eu suspiro, reprimindo meu autodesprezo, que me atormentará mais tarde. A única coisa a dizer sobre os últimos dias é que foram terrivelmente corridos. Acontece que se livrar discretamente de uma propriedade histórica é uma baita complicação. Eu até precisei interromper meu trabalho voluntário só para participar de todas as reuniões necessárias entre a equipe de liderança do futuro proprietário, a empresa de custódia, os consultores financeiros, meu advogado de espólio, o administrador fiduciário e uma perdiz numa pereira.

Mas hoje estou em Larkwood porque, embora de alguma forma tenha conseguido vasculhar toda a propriedade e separar os pertences da minha avó em categorias como guardar, leiloar ou doar, ainda há um cômodo que não toquei.

Paro em frente à porta, que está fechada desde que ela faleceu. Eu tinha uma tímida esperança de que Gracie e eu pudéssemos enfrentar essa tarefa gigantesca juntas. Meu peito se contrai ao pensar em como isso teria nos unido.

Mas essa possibilidade se foi. Não só parti o coração dela, como também a privei de uma última despedida. Com o estômago embrulhado, abro a porta do quarto da vovó, sabendo que mereço qualquer dor que me espere lá dentro.

Mas, ao cruzar a soleira, o aroma familiar do Chanel Nº 5 me envolve como um abraço. Elementos do quarto que haviam perdido o encanto com a familiaridade parecem brilhar novamente. O pôster autografado da peça *Funny Girl*, da Broadway, ocupa um lugar de destaque acima da lareira. O roupão jogado displicentemente sobre o divã verde. O espaço é tão acolhedor e eclético quanto a minha avó era, e, apesar das lágrimas que me queimam os olhos, não consigo evitar a sensação de conforto.

Enquanto examino o cômodo, sem saber por onde começar, meus olhos se deparam com um pedaço de papel amarelo brilhante na lareira. Algo nele me parece familiar, e ao atravessar o cômodo, vejo que é um cartão que fiz para ela quando criança. Na frente, há um desenho infeliz de um golfinho que se parece quase indistinguível de um pênis, completo com um jato de água gráfico saindo de seu orifício respiratório mal posicionado. Abaixo, em letras rabiscadas, estão as palavras:

Para a Vovó, com amor, Jude. Feliz Aniversário!

O riso surpreso que me escapa é quase doloroso depois de dias franzindo a testa. Claro, esta é a relíquia de infância que ela exibiria. Pego-a, surpresa ao constatar que é pesada. Meu coração dispara. Dentro, há um envelope preso com um clipe de papel na parte de trás do cartão, com a etiqueta escrita na caligrafia perfeita da vovó: *Jude*. Com o estômago embrulhado, rapidamente o retiro.

Tirando a carta com as mãos trêmulas, caminho distraída até o divã e a abro.

Querida Judy, então você encontrou seu cartão. Quanto tempo levou para você reunir coragem para entrar nos meus aposentos assombrados? Se eu fosse uma pessoa de apostas (e sou), diria que provavelmente levou tempo suficiente para você estar se lamentando agora, se perguntando por que esperou tanto. Mas, infelizmente, não vou cumprir essa aposta, porque se você está lendo isso, eu já estou morta. Desculpe pela morbidez (na verdade, não me arrependo — quem não gosta de uma carta póstuma cheia de detalhes?). Mas sei que você provavelmente tem algumas

perguntas urgentes e, como estou com pouco tempo, tanto no dia a dia quanto no sentido existencial, vou direto ao ponto. Pergunta 1: "Vovó, você vai me amaldiçoar com calvície por me livrar de Larkwood?" Como você ousa perguntar uma coisa dessas? Primeiro, você viu seu cabelo, menino? Pombas cairiam do céu e anjinhos chorariam por sua perda. Segundo, não: eu estou morta! Se joguei minhas cartas direito (e tenho certeza que joguei), estou completamente nu em uma banheira de hidromassagem paradisíaca com Cary Grant, Paul Newman e Omar Sharif enquanto você lê isto. Acredite em mim quando digo que o destino de Larkwood é a última coisa em que penso. Mas entendo sua preocupação. Sim, eu frequentemente e em voz alta proclamava que transformar Larkwood em um local para casamentos foi a melhor decisão que já tomei. Sim, vê-lo desempenhar um papel de destaque em tantas novas histórias de amor me trouxe uma felicidade incrível. Mas, mais importante, isso me ajudou a alcançar o que sempre desejei para a propriedade: ser um lugar de esperança e novos começos após tanta escuridão. E embora eu suspeite que teremos maneiras muito diferentes de alcançar esse objetivo, deixei Larkwood para você, Judy. Você é quem decide o que acontece agora e, por causa de quem você é — o homem mais atencioso e altruísta que já conheci — sei que tudo o que você fizer será de uma moralidade e bondade comoventes. Pergunta 2: "Então por que diabos você deixou a casa de campo para a Gracie, Nana?" Ah, mal posso esperar para responder a essa. Enquanto me preparo para deixar este fabuloso corpo mortal, um dos meus únicos arrependimentos é saber que nunca verei a bomba nuclear explodir nos seus olhos quando você vir a Gracie Holland pela primeira vez. Mas consigo imaginar como vai ser. Naturalmente, vocês vão se matar quando você descobrir que ela é minha cerimonialista e ela descobrir que você está planejando demiti-la. Mas por causa da casa de campo, vocês ficarão num impasse, a menos que encontrem uma maneira de resolver a situação. E aí reside o meu delicioso motivo para colocá-la nessa situação de discórdia. Depois de três anos conhecendo a Gracie, cheguei à conclusão irrefutável de que cada uma de vocês tem algo que a outra precisa desesperadamente. Depois de ter sofrido muito no amor, a Gracie se isolou do mundo e ficou presa ao passado. Ela precisa de alguém tão pragmático quanto você para tirá-la de seus problemas e mostrar que nem todas as pessoas com quem ela compartilha seu coração terno serão descuidadas com ele. E você, meu doce e reservado neto, precisa de alguém por quem se apaixonar perdidamente. Como alguém que te conhece desde bebê, posso dizer sem

hesitar que, apesar da sua postura pouco romântica, você tem mais amor para dar no seu dedinho mindinho do que todos nós juntos. E embora canalizar esse amor para causas nobres seja um esforço nobre, parte meu coração ver você se privar da experiência de receber amor em troca. Você é digno desse tipo de amor, Jude — não importa o que você diga a si mesmo — e eu espero que conhecer a Gracie te abra os olhos para ele. Pergunta 3: "Vovó, por que você não me disse que estava morrendo?" Ah, meu querido. Algo me diz que você já sabe a resposta para essa, mas vou explicá-la mesmo assim. Foi uma das maiores dores da minha vida ver você crescer carregando o fardo de tanta tristeza e preocupação por coisas que estavam além do seu controle. Nenhuma criança deveria ter que presenciar o que você presenciou, assim como eu nunca deveria ter visto minha filha e neta suportarem tanta dor. Mais do que tudo, eu gostaria que sua mãe e eu tivéssemos encontrado uma maneira de superar as nossas diferenças, apesar das escolhas dela. É por isso que também escrevi uma carta para ela, na esperança de dizer que não houve um único momento desde que ela nasceu em que eu não a tenha amado com todo o meu coração. Você a encontrará no meu closet, embaixo do seu antigo ursinho de pelúcia. Por favor, entregue as duas cartas a ela. E assim, sabendo da dor que vocês duas suportaram, omitir meu diagnóstico foi o mínimo que eu poderia fazer para poupá-las de mais sofrimento. Deixe-me assegurar-lhe, Jude: não havia nada que você pudesse ter feito para prolongar minha vida ou me dar mais conforto. Você tem sido o eixo em torno do qual toda a minha esperança e amor se expandem. Simplesmente por existir, você já fez mais do que imagina. E agora, rumo ao meu horário no salão de manicure. Consegue me imaginar chegando aos Portões do Céu com o esmalte lascado? Deus me livre! Literalmente! Mas vou deixar você com esta reflexão: é lindo proteger aqueles que amamos. Mas quando protegê-los significa sacrificar o seu próprio bem-estar, é hora de parar. Sua mãe é uma mulher adulta, Jude. Ela aguenta mais do que você imagina, principalmente se isso significar ver você feliz. E, com sorte, minha intromissão vai te ajudar a encontrar exatamente isso. Beijos da banheira de hidromassagem, Vovó. P.S.: Você encontrará uma carta para a Gracie no meu porta-joias. Entregue a ela. E se você se apaixonou perdidamente por ela, como eu suspeito, talvez queira considerar dar a ela mais alguma coisa que esteja na caixa também.

Ao terminar a leitura, deixei a carta cair no sofá ao meu lado, apenas para pegá-la imediatamente de volta. Não bastava lê-la uma vez. Ter as palavras e a sabedoria da minha avó preenchendo minha mente, quando eu jamais imaginei que as ouviria novamente, me deixa com uma sensação de plenitude e fome ao mesmo tempo. Releio avidamente a parte em que ela explica o esquema de casamento arranjado mais elaborado e maquiavélico que já existiu, e balanço a cabeça enquanto uma risada rouca escapa de meus lábios.

Enxugando as lágrimas, a alegria inesperada de encontrar essa mensagem se mistura à tristeza e, acima de tudo, à vontade irresistível de compartilhar essas palavras com Gracie, junto com a carta dela.

Meus olhos se fixam nas palavras que ficaram presas no meu peito enquanto as lia. É lindo proteger quem amamos. Mas quando protegê-los significa sacrificar o próprio bem-estar, é hora de parar. Uma resistência automática surge dentro de mim, pronta para aniquilar qualquer tentativa de me priorizar em detrimento dos segredos que guardei por tanto tempo. Engulo em seco mais um nó na garganta. Mas desta vez não é só o meu coração que está em jogo — o de Gracie também.

Soltando um suspiro difícil, levanto-me e tiro o celular do bolso. Um plano se cristaliza na minha mente como se sempre tivesse estado ali, esperando permissão para ser colocado em prática. Mas se eu quiser ter alguma chance de executá-lo e reparar o estrago que fiz, vou precisar de ajuda.

Encarando o nome de Henry por um instante, toco nele para ligar.

"Jude, oi."

Ele parece nervoso, mas meu estômago se acalma ao saber que ele está disposto a atender minha ligação.

"Oi", respondo, esperando que ele não perceba que mal parei de chorar.

"Você parece doente", ele diz.

Respiro fundo, tremendo. Sinceramente. "Não. Só estou tendo um colapso emocional daqueles."

“Droga. Jude, escuta”, ele diz, apressadamente, desesperado. “Eu sei que errei. Não tenho desculpa — eu só vi a Gracie com a sua camisa e aquele batom e... Meu *Deus*. Eu fiquei com tanta inveja e raiva, mas assim que me acalmei, não acreditei no que eu disse a ela sobre você. Me desculpa mesmo.”

Eu balanço a cabeça, mesmo sabendo que ele não pode me ver. “Não estou brava”, respondo sinceramente. “Agradeço o pedido de desculpas, mas ela sempre acabaria descobrindo que eu não vou ficar com a Larkwood. Eu deveria ter contado a ela primeiro.”

“É, mas eu não precisava plantar nenhuma semente maligna na cabeça dela, precisava? Eu disse a ela que você a estava seduzindo para o chalé!” Ele solta um suspiro como se estivesse morrendo de vontade de desabafar. “Isso não foi só baixo, foi subterrâneo.”

“Não vou discutir com isso”, murmuro.

“Exatamente. Então, por que diabos você está me dando atenção?”

Olho para as nuvens luminosas pintadas no teto, prometendo dias melhores. “Porque preciso te contar algumas coisas que deveria ter compartilhado anos atrás, e se você estiver disposto, preciso da sua ajuda.”

“Claro”, ele diz, e então fica em silêncio, como se soubesse que eu preciso de espaço para abrir essa porta entre nós.

“Você nunca me fez sentir que eu precisava compartilhar as partes da minha vida que eu preferiria manter escondidas”, começo. “Você sempre aceitou meus limites sem questionar, mas estou começando a entender o quão unilateral isso deve parecer. Como se eu simplesmente não confiasse o suficiente em você.” Fecho os olhos. “Mas eu confio em você, Hen. A única razão pela qual nunca compartilhei essas partes de mim com você é porque elas não eram só minhas para compartilhar.”

“Na minha família, sempre recebi uma confiança que superou meu próprio desejo de me abrir com você. Cheguei a racionalizar que estava te fazendo um favor ao não te sobrecarregar com todos os meus problemas.” Respiro fundo. “Mas sei que também não é justo te excluir, por isso hoje vou pedir permissão para compartilhar essas coisas com você e com a Gracie.”

Esfrego meus olhos embaçados com impaciência. “Vocês são duas das pessoas mais importantes da minha vida e merecem minha confiança. Estou começando a perceber que também mereço contar a vocês. Mas antes disso, preciso da sua ajuda para recuperar a Gracie”, digo, com a voz embargada. “Eu a amo, Hen. Não posso perdê-la agora que finalmente estou pronta para contar tudo a ela.”

"Jesus, Judy", diz Henry, com a voz embargada como a minha. "Só me diga o que fazer, e a gente sai daqui bem cedinho."

Fecho os olhos ardendo enquanto um alívio e uma gratidão me invadem. "Você consegue alugar uma van de mudança e chegar o mais cedo possível amanhã?"

"Já estou providenciando. Estamos falando de uma U-Haul ou de um caminhão Mack?"

Um sorriso quase doloroso se abre no meu rosto. "Uma U-Haul é ótimo. Obrigada, Hen. Por tudo."

"Não me agradeça até ter sua garota de volta."

Aperto os lábios, rezando para a vovó para que não seja tarde demais. "Tá bom. Te vejo amanhã."

Desligamos e, sem me dar tempo para dúvidas ou medo me dominarem, passo para a segunda fase do meu plano.

Abrindo meus contatos, ligo para minha mãe.

41 GRAÇA

Gracie: Ei, você vem me visitar essa semana? Estou com saudades e tenho uma surpresa. Sofia: Sai da minha cabeça, Gracie! Eu ia te mandar mensagem agora mesmo! Você pode vir ao KILN amanhã às 3? Sabe que eu adoro uma boa surpresa. Gracie: Estarei lá!

42 GRAÇA

Não sou estranha a romances. Sim, posso adorar um filme de terror com zumbis tanto quanto qualquer outra pessoa, mas quando estou realmente deprimida, me refugio em histórias com um final feliz garantido. Esta semana, me deixei levar pela mais recente comédia romântica de Margot Bradley, devorando cada página como se a esperança e o riso que elas proporcionavam pudessem injetar hélio diretamente no meu coração pesado. Entendo que finais felizes raramente funcionam na vida real, e certamente não funcionaram para mim — ainda. Mas, ao longo dos últimos dias sombrios, percebi que finais felizes não pertencem exclusivamente ao amor romântico.

Elas podem ser encontradas na confiança crescente entre uma mãe e uma filha afastadas. Às vezes, só podem ser conquistadas terminando um relacionamento. Mas também podem ser encontradas nas amizades que te sustentam em todos os momentos, mesmo que você tenha que encarar um ocasional "Eu te avisei".

Respiro fundo enquanto pego Randy no colo e seguro a sacola de donuts com a outra mão em frente à KILN. Pode não haver espaço para mim, mas Sofia disse que estaria disposta a me espremer num armário de vassouras se eu quisesse dar outra chance à Grace & Veil. E depois de finalizar a venda do meu chalé e elaborar um plano de cinco anos extremamente detalhado, acho que finalmente estou pronta para tentar novamente.

Empurro a porta e Sofia está me esperando na entrada com um sorriso.

"Trouxe donuts", digo como cumprimento, mostrando a sacola.

Seu queixo cai quando seus olhos se fixam na caixa grande e brilhante debaixo do meu outro braço. "Esquece os donuts, é o *Randy*?"

"Ei, esses são donuts da Knead Doughnuts — se você não consegue apreciá-los, vou ter que comer todos sozinha."

Seus olhos se desviam relutantemente de Randy para a sacola de papel manchada de gordura que estou segurando. "Tá bom, pode trazer aqui", diz ela, caminhando em direção a um banco de metal amarelo brilhante embaixo do mural de avisos da comunidade. "Com o Randy."

Nós nos sentamos e eu abro a sacola barulhenta, entregando a ela o donut de brioche com canela que eu sei que ela venderia segredos de estado por ele.

"Ai meu Deus!", ela diz, dando uma mordida enorme, com as pálpebras tremendo.

"Então, agora que te deixei toda animada com manteiga e açúcar... como estão as coisas com a sua mãe? Ela ainda está indo àquela aula de cerâmica que ela tanto gostava?"

Sofia sorri e me conta as novidades sobre a família, aguentando todas as minhas perguntas até finalmente dizer: "Ok, ok, agora você, Gracie. A gente ainda não conversou sobre o casamento! Não pense que eu não vi o Jude te seguindo por aí como um cachorrinho apaixonado."

Ao ouvir suas palavras, uma dor aguda percorre meu peito como se tivesse lâminas no lugar dos saltos, mas consigo me controlar enquanto conto tudo o que aconteceu desde o casamento.

Ela segura minha mão quando chego à parte que mal consigo pensar, muito menos admitir em voz alta. Que acabou entre Jude e eu. "Sinto muito, Gracie", ela sussurra.

Assinto com a cabeça, apertando sua mão de volta. "Eu me apaixonei por ele, Sof. Mas, no fim, ele não conseguiu se entregar o suficiente para estar em um relacionamento." Mordo o lábio, tentando conter as lágrimas que se acumulam nos meus olhos. "Mas mesmo que não tenha dado certo, ele me ajudou a aprender a ser mais corajosa. A começar a proteger meu tempo para que eu possa estar presente para as pessoas que amo."

“Gracie—” Sofia diz baixinho, mas eu balanço a cabeça diante do seu tom conciliador.

“Eu sei que tenho o hábito de me esconder de tudo que dói demais. Fugi da minha vida inteira quando as coisas desmoronaram com o Calvin. Desisti dos meus

sonhos quando a Grace & Veil tropeçou. Mas chega de desculpas e chega de medo", digo a ela.

Me viro, pego o Randy no colo e coloco a caixa brilhante entre nós. "Se você tiver um armário de vassouras disponível, estamos prontos para nos mudar. Vou tentar de novo e, desta vez, não vou te dar como garantida, nem o seu apoio."

Nesse momento, os olhos de Sofia estão tão marejados quanto os meus. Quando ela me abraça pelo pescoço, com o donut meio comido esfarelando no meu cabelo, sinto como se fôssemos duas engrenagens desalinhadas que finalmente se encaixaram.

"Você sempre terá um lugar aqui", ela diz com a voz embargada.

"Então você me perdoa por ter demorado tanto para te ouvir?"

"Claro que te perdoo. Eu sabia que você acabaria caindo em si." Ela me solta, com os olhos castanhos marejados. "Grace & Veil ressurgirá; mais linda e poderosa do que nunca."

"Me contento com o lucro", digo rindo, limpando as migalhas de donut do meu cabelo antes de voltar a ser séria. "Obrigada por sempre acreditar em mim, Sof."

"Ora, claro. E por acaso, também tenho uma pequena surpresa para você."

"Ah?"

Ela dá outra mordida enorme no donut e pega a sacola enquanto se levanta. "Siga-me."

Quando chegamos à porta do estúdio onde o almoço coletivo aconteceu, lanço-lhe um olhar intrigado. Mas ela simplesmente abre a porta com um sorriso e, a princípio, não consigo processar completamente o que estou vendo. Em vez de ferramentas de gravura, o espaço está repleto de móveis e equipamentos de costura maravilhosamente familiares.

Tudo foi organizado com tanto cuidado, com um amplo espaço de trabalho nos fundos e um pequeno showroom e área de provas perto das janelas da frente. Parece a minha casa, mas de alguma forma muito melhor. Uma mistura de admiração e incredulidade me invade, me preenchendo a ponto de quase explodir quando ouço a outra porta do espaço se abrir.

"Um pouco mais para a sua esquerda... ai! Não, para a sua outra esquerda, Judy! Tem certeza de que passou no teste da OAB?"

E assim, de repente, meu coração dispara como um cavalo de corrida, batendo sem parar contra o meu peito. Observo Jude entrar de costas pela porta, segurando uma das pontas da minha máquina de overloque. Ele e Henry respiram com dificuldade enquanto carregam o equipamento pesado, mas tenho quase certeza de que meus pulmões estão trabalhando ainda mais. Rapidamente, me viro para Sofia, que me olha com um sorriso de orelha a orelha, como se meu iminente ataque cardíaco fosse a sua maior vitória.

Os rapazes finalmente conseguem posicionar a mesa, e Jude se vira para observar o estúdio, afastando os cabelos que caíram sobre sua testa. Quando me vê, fica completamente imóvel.

Cada célula do meu corpo se impulsiona para frente, me impelindo em sua direção, mas eu resisto, paralisada. Quero me encolher diante da dor de vê-lo novamente. De seus grandes olhos âmbar às suas belas mãos nervosas, cada traço dele parece um polegar implacável pressionando meu coração ferido e sensível. Mas não consigo desviar o olhar. Nunca consegui.

"Gracie", ele diz, me observando com olhos tão famintos quanto os meus. Depois de um instante, ele se aproxima lentamente. Um anseio me invade à medida que ele se aproxima, impensado e selvagem antes que a lógica o alcance.

Passei anos com um homem que nunca se entregou completamente a mim. O jeito reservado do Jude pode ser diferente do do Calvin, mas me recuso a ficar com alguém que me faz implorar por migalhas de confiança e honestidade. Mesmo que isso signifique lutar contra a correnteza de todo o amor que ainda me inunda, não vou dar mais nenhum passo para trás.

"Bem, acho que eu e o Henry vamos comer uns donuts", anuncia Sofia. "É só mandar mensagem se precisar de mim, Gracie", diz ela, lançando-me um olhar significativo que deixa claro que, se necessário, aparecerá com armadura e espada.

Dou-lhe uma assentida hesitante. "Ok."

Sofia me lança um sorriso encorajador antes de olhar para Henry, que, para minha alegria, a encara com um olhar atordoado, como se tivesse levado uma martelada na cabeça. Quando ela lhe dá um sorriso tímido e imediatamente desvia o olhar, quase me distraio da minha conversa iminente com Jude. Quase.

Mas então eles saem, e tudo o que resta é ele e a dor de conter um rio de amor e saudade. "O que você está fazendo aqui?", pergunto, desejando que as janelas

enormes não transformassem seus olhos em poças de mel iluminadas pelo sol, profundas o suficiente para me afogar nelas.

Ele dá uma olhada rápida ao redor do estúdio, jogando o cabelo para trás. Quando seu olhar encontra o meu novamente, ele diz: "Achei que fosse óbvio. Estou te chamando com gestos grandiosos."

Franzi a testa. "Mas esse era o plano da Sofia", disse, hesitante. "Esse é o grande gesto dela para me superar em... grande gesto."

Ele balançou a cabeça. "Embora ela tenha dado alguma ajuda estratégica, eu mantenho todos os direitos autorais sobre esse grande gesto."

"Mas... como?", perguntei, atordoada. "Era um estúdio de gravura."

Ao ouvir isso, ele pareceu um pouco constrangido. "Depois que a Sofia comentou o quanto queria que você alugasse um espaço de estúdio dela, não consegui me livrar da ideia. Eu ainda estava indeciso sobre manter o Larkwood naquela época, mas pensei que você talvez quisesse um espaço para projetos pessoais. Mesmo que você só quisesse costurar uma colcha gigante com os dizeres 'JUDE É UM LIXO'."

Não consigo conter o sorriso até me lembrar do gravurista de voz suave que conheci no jantar comunitário. "Mas o artista que estava aqui antes... você não o ameaçou com jargões jurídicos para conseguir o espaço, né?"

Isso o faz sorrir. "Não, eu só tive sorte. Quando entrei em contato com a Sofia, ela me disse que um estúdio estava abrindo, e era este."

Fecho os olhos enquanto o impacto total do que ele fez me atinge. "Mas a Sofia não disse uma palavra."

"É, sim", ele diz com um olhar constrangido. "Foi mais difícil de lidar. Mas no fim, eu a convenci de que você saberia em breve de qualquer maneira e que seria, ah, mais romântico como uma surpresa."

Em algum momento do nosso relacionamento, eu certamente teria perguntado se o simples fato de usar a palavra "romântico" significava quebrar o pacto de sangue que ele certamente havia feito ao se tornar advogado de divórcio. Mas agora, seus esforços para me fazer sentir amada não me surpreendem. De certa forma, é romântico. Por outro lado…

"Mas, Jude", digo, lentamente. "Essa não era uma decisão sua. Esta é a minha vida. E se eu não quisesse um estúdio?"

Diante disso, ele acena com a cabeça, franzindo a testa. "Você tem toda a razão. É por isso que aluguei por apenas um mês. Não cabe a mim, Sofia, nem a ninguém mais decidir se você reabrirá seu negócio ou se voltará a costurar." Ele me encara. "E se você me der a chance de explicar algumas coisas, e mesmo assim não quiser nada disso", diz ele, e eu sei que não está falando apenas do espaço, "então eu entenderei."

"Jude", digo, enquanto o cansaço e a dor da última semana começam a transparecer na minha voz. "Por mais generoso ou atencioso que isso possa parecer", digo, olhando ao redor do meu estúdio dos sonhos que agora se tornou realidade, "eu não consigo mais fazer isso com você. Você vendeu Larkwood, apesar de quantas pessoas dependem dela. Você vendeu a casa e o legado de Agatha. Mas, de alguma forma, o que mais dói é que você nem sequer consegue me dizer o porquê. Eu compartilhei tudo com você, mas você não me deu essa confiança em troca." Mordo os lábios por um instante enquanto lágrimas se acumulam nos meus olhos. "Eu nunca precisei de um grande gesto. Eu só queria te conhecer."

Ele fecha os olhos por um momento. "E é exatamente isso que eu quero te dar. Toda a verdade, se você estiver disposta a ouvir."

Não tenho certeza se ele realmente entende o que estou procurando, mas aceno com a cabeça mesmo assim, com uma réstia de esperança tremulando como um fósforo úmido no meu peito.

Ele suspira. "Primeiro, sei que você está chateada com os vendedores de Larkwood. Eu também estava. Mas haverá um leilão em breve para todas as obras de arte e antiguidades que venho organizando, e a renda será mais do que suficiente para compensar a perda de receita que eles terão nesta temporada. Isso vai preencher a lacuna e dar a eles tempo para encontrar novos locais."

Eu o encaro, atônita. "Era esse o seu plano desde o início?"

Ele dá de ombros. "Não era uma certeza até que eu concluísse toda a avaliação, mas eu esperava que desse certo."

Não consigo responder. Dois meses inteiros de estresse e preocupação começam a se dissipar de mim como se eu estivesse vestindo uma roupa de chumbo. Ele continua.

"Quanto a não manter o legado da vovó, entendo que não saber o porquê tenha sido doloroso e frustrante. Não consigo descrever o quanto eu queria explicar tudo,

e hoje, finalmente, posso. Vou lhe contar meus planos para Larkwood, mas primeiro, preciso que você entenda que esta informação ainda é extremamente sensível. Se vazar, pode causar problemas de segurança para as pessoas envolvidas."

A surpresa me paralisa, e sem qualquer lógica, minha mente salta para a teoria de Henry sobre sondas alienígenas. "Você não vai me dizer que está envolvido em algum tipo de acobertamento governamental de OVNIs, vai?"

O sorriso surpreso em seu rosto é mais brilhante que toda a luz que entra pelas janelas. "Não", ele diz, rindo. "Isso seria muito mais legal do que é." Seu sorriso se desfaz. "Você concorda em guardar segredo sobre o que eu lhe contar?"

"Sim, claro", respondo sem hesitar.

"Então, a primeira coisa que você precisa saber é que eu não estou vendendo Larkwood — estou doando." Ao dizer isso, seus ombros caem cinco centímetros.

"Doando?", repito, incrédula.

Ele acena com a cabeça. "Você nunca ouviu falar da Pathways, não é?"

Eu balanço a cabeça lentamente. "Não, acho que não."

Ele acena com a cabeça novamente. "Eles são uma organização local que oferece casas de acolhimento para mulheres que fogem de situações de violência doméstica. Eu realizo quase todo o meu trabalho voluntário por meio deles, e eles estão procurando um novo local para abrigar a casa até agosto. É para eles que estou doando Larkwood, mas manter a transferência o mais discreta possível tem sido essencial para a segurança futura de suas clientes. Ninguém pode saber para que será usada, exceto a organização e a comunidade que atendemos. Para o público em geral, será vendida para outro proprietário privado."

O silêncio no estúdio que se seguiu foi profundo. Lentamente, meu sangue começou a ferver até que um zumbido ecoou nos meus ouvidos, como se mil abelhas tivessem se instalado na minha mente. No meu coração. Pensei na minha amiga Maya, da despedida de solteira da Brooke, cuja gratidão por Jude foi muito além da ajuda que ele lhe ofereceu naquela noite. Lembro-me do caso pro bono urgente em que ele estava trabalhando quando visitei seu apartamento pela primeira vez. Do pânico dele depois que eu o arranquei com a verdade sobre suas tatuagens e cheguei perto demais da verdade. Todo esse tempo, eu estive tão preocupada com o que Agatha pensaria se soubesse que Larkwood estava sendo

vendida, e o que os vendedores fariam sem a propriedade. Mas agora finalmente acredito no que Jude vem dizendo o tempo todo — isso é mais importante.

Sem querer, dou um passo à frente. Na noite em que cheguei mais perto de entender por que essa causa é tão importante para ele, ele não estava pronto para me contar detalhes. Não quero pressioná-lo, mas se ele confiou em mim o suficiente para finalmente revelar seus planos, então talvez esteja pronto agora.

"Quando você me contou sobre suas tatuagens e seu trabalho voluntário", começo com cautela, "você deixou claro que era algo pessoal."

Ao abrir caminho para ele, seus cílios se fecham num gesto de emoção. Prendo a respiração, preparada para ser gentilmente afastada novamente.

“É algo pessoal para mim”, ele finalmente diz. Quando se força a olhar para mim, há uma ansiedade silenciosa em seus olhos que me faz querer fechar todo o espaço entre nós. “Decidi doar Larkwood para a Pathways porque…”

Ele faz uma pausa, e sua expressão é aberta, assustada e determinada ao mesmo tempo. “Porque eu cresci no tipo de situação da qual a Pathways ajuda mulheres e crianças a saírem.”

“Jude—” sussurro, sentindo as rachaduras mal remendadas do meu coração se abrirem ainda mais. Ele balança a cabeça.

“Você precisa saber que, se fosse apenas uma questão de discrição sobre a doação, eu teria te contado. Eu queria te contar tudo desde a primeira vez que você me deixou te beijar. Até antes disso.” O arrependimento em seu olhar me deixa sem ar. “Mas isso significaria compartilhar meu passado e minha realidade atual também, e essa não é só a minha história.”

“Sua ‘realidade atual’?” pergunto, sentindo um arrepio na nuca.

“Minha mãe ainda está no ciclo, Gracie. Ela nunca foi para um abrigo”, ele diz baixinho. “Continuo vivendo com medo e preocupado com a segurança dela, mas ela fez a escolha dela há muito tempo.”

Um suspiro silencioso percorre seu peito enquanto uma lágrima escorre rapidamente pelo meu rosto.

“Passei a vida fazendo tudo o que podia para estar na melhor posição possível para apoiá-la, mas a terrível verdade é que a maioria das vítimas nunca deixa seus agressores. Nunca é culpa delas, e certamente não é da minha mãe. Aliás, o trabalho dela só acrescenta mais desafios.”

Ele engole em seco. "Por causa da posição dela em evidência pública e de como a verdade poderia comprometer todo o trabalho de defesa que ela realiza, ela sempre precisou de privacidade absoluta quando se trata dos nossos... assuntos familiares", explica ele, enquanto a ruga entre suas sobrancelhas se aprofunda. "Sou a única pessoa em quem ela confia a verdade e, como sei o quanto a confidencialidade da vítima é importante... como a amo, nunca me senti à vontade para compartilhar nada disso com ninguém. Nem mesmo com o Henry."

Jude. Se meu coração pudesse gritar o nome dele, gritaria. Todo esse tempo, as peças estiveram lá — fragmentos de mosaico afiados como navalhas que eu não conseguia conectar. Agora que ele as organizou na imagem completa, cada momento em que me frustrei com a falta de transparência dele volta para me atormentar.

Penso em como o julguei silenciosamente por nunca ter se confidenciado com Henry, mas agora, tudo o que consigo imaginar é a dor que deve ter sido guardar esses segredos por tanto tempo. Outra lágrima escorre pelo meu rosto. Eu disse à minha mãe que Jude era o homem mais altruísta que eu já conheci, mas eu não fazia ideia. Nenhuma ideia mesmo.

"Mas isso não é justo", digo, enxugando o rosto impacientemente. "Ter que guardar tudo isso para si mesmo sem nenhum tipo de apoio... ninguém merece carregar algo assim sozinho!"

Seu rosto se fecha enquanto ele argumenta: "Não estou completamente sozinho. Tenho um terapeuta que conhece minha situação, e o apoio dele tem sido... tudo."

“Mas ter que esconder isso do Henry”, digo, ofegante pelas fissuras que se espalham como linhas de falha no meu peito, “sua mãe não podia deixar você ter pelo menos uma amiga em quem confiar? Depois de todo esse tempo?”

“Ela tem todos os motivos para ser protetora.”

“Sim, claro que tem. Nem consigo imaginar o que ela passou. Mas você também merece proteção”, digo, com a voz embargada. “Tudo o que você faz é em prol dos outros. Proteger sua mãe, doar para Larkwood, todo o seu trabalho voluntário… o jeito como você cuida de mim”, digo, com a voz subindo à medida que minha garganta aperta. “Você também merece ser cuidada. Mais do que qualquer pessoa que eu conheça.”

“Gracie”, é tudo o que ele consegue dizer enquanto me aproximo, atraída por ele através do espaço e de qualquer outra coisa que possa nos separar. Quando ele levanta a mão para enxugar minhas lágrimas, sua palma quente é melhor do que qualquer reencontro que eu possa imaginar.

“Ela sabe?”, pergunto. “Que você planejava me contar?”

Ele acena com a cabeça em silêncio, os lábios entreabertos como se não pudesse acreditar que está me tocando novamente. Dou um passo à frente, desejando poder protegê-lo de toda a dor que ele já conheceu e carregou em silêncio.

“Quando você me deixou”, ele diz, fazendo meu peito querer se contrair, “eu me forcei a aceitar que era o melhor. Você estava certa em deixar alguém que não conseguia se abrir com você. Alguém que viveria com medo constante de compartilhar demais. Mas então, eu encontrei isso.”

Ele leva a mão ao bolso de trás e tira dois envelopes pequenos. Reconheço imediatamente a caligrafia e minha boca se abre num suspiro silencioso. “Cartas da Agatha?”

Ele acena com a cabeça. “Uma para cada um de nós. Quer ler agora?”

Nesse momento, meu coração dispara, livre e descontrolado. Solto um “Sim, claro!” sem fôlego.

Ele não me faz esperar. Minhas mãos tremem quando ele me entrega as cartas. Olho para ele, com lágrimas frescas já se formando. "Não sei qual ler primeiro."

Um canto da boca dele se ergue. "Diz a mulher que uma vez passou trinta minutos bisbilhotando minha gaveta de meias. Pode ler."

Soltando uma risada abafada, pego a carta dele, que está amassada nas bordas, como se já tivesse sido lida umas cinquenta vezes. A verdade é que eu quero guardar a minha carta por último — nem que seja só para poder guardar as últimas palavras desconhecidas dela por mais um tempinho.

Desdobrando o papel, começo a ler e imediatamente começo a chorar. E a rir. E a suspirar. E a chorar mais um pouco. Quando termino de ler, meu peito parece ter sido solicitado a conter o dobro da sua capacidade de amor e tristeza.

"Jude—" começo, mal sabendo como expressar meu desejo desesperado de me tornar um escudo vivo contra qualquer coisa que possa tentar machucá-lo. Ou como me desculpar pelos meus próprios julgamentos equivocados e suposições. Ou como digerir o fato absurdo de que Agatha conseguiu nos unir do além-túmulo.

Mas ele balança a cabeça. "Leia a sua."

Acenando com a cabeça, devolvo-lhe a carta antes de abrir a minha.

Ao ver meu nome em sua caligrafia elegante, não consigo conter o suspiro trêmulo.

Querida Gracie, se você está lendo isso, então acredito que posso presumir que você já está sentindo minha falta há algum tempo. Querida, eu também já estou com saudades. Mas, com a minha partida, um dos meus maiores consolos é saber que você finalmente conheceu meu neto incrivelmente lindo, Jude. E se você concorda, acho que um grande e brilhante "Eu te avisei" é apropriado. Se ele deixou você ler a carta dele (e presumo que sim, porque fiz um excelente trabalho criando-o como um cavalheiro), então você já sabe sobre minhas intromissões românticas. E embora eu não sinta o menor remorso (adoro uma pitada de drama com meu champanhe), eu simpatizo com as dificuldades que vocês devem ter enfrentado depois de se conhecerem. Eu entendo o quanto você se apoiou em Larkwood para se manter em sua amada zona de conforto e, inversamente, o quanto Jude ansiava por sair de lá. Nunca seria uma tarefa fácil. Mas, como já disse antes, sempre acreditei que Larkwood deveria ser um lugar de esperança e novos começos — não importa se continuar sendo um local para casamentos ou se transformar em algo novo. Acima de tudo, espero que tenha se tornado um meio para um novo começo para vocês dois — juntos. Porque (como você sabe) sou uma romântica incurável. Como alguém que conhece e ama vocês dois, ter que esperar o momento certo para apresentá-los foi como segurar duas metades do mesmo coração em mãos separadas. E talvez eu esteja completamente enganada. Talvez vocês dois ainda se detestem — não seria uma reviravolta? Mas algo me diz que, se Jude estiver com você enquanto lê isso, ele está olhando para você com cada gota do — francamente, alarmante — amor que ele é capaz de sentir. E que você está retribuindo esse amor na mesma medida. Essa é a única razão pela qual consigo me despedir de você agora com um sorriso. Não há palavras para expressar o quanto você se tornou querida para mim, mas ficarei tranquila sabendo que você e Jude se encontraram. Só peço que dê a ele um último beijo por mim e que, quem sabe, dê o meu nome a um neto ou neta — um nome do meio está ótimo. Estou brincando, é claro. Com amor eterno, Agatha. P.S.: Ou será que não?

Quando termino de ler, com um som entre riso e soluço, levanto os olhos para Jude. E, exatamente como sua avó previu de forma tão estranha, ele está me encarando como se meu rosto banhado em lágrimas fosse a fonte de luz para toda a sua felicidade futura. Seu amor corre em minhas veias, tão permanente e necessário quanto o oxigênio, e sei que sou incapaz de refletir algo menos do que isso para ele.

"Ela sabia", sussurro finalmente, sabendo que ele entenderá.

Ele acena com a cabeça, o sorriso suave e um pouco cansado. "Claro que ela sabia que eu me apaixonaria por você, Gracie. Como não me apaixonaria?"

Sinto como se mãos invisíveis estivessem se estendendo em sua direção. Dou um passo à frente. "Ela nos chamava de duas metades do mesmo coração."

Ele fecha os olhos por um instante, engolindo em seco. "Talvez devêssemos consultar um médico."

Sorrio em meio às lágrimas, levando minhas mãos até a nuca dele. Quando ele me olha como se ainda não conseguisse acreditar que eu o quisesse depois de todo o bem imensurável que ele fez, tento não desmoronar sob o peso de quanto tempo ele se isolou.

"A carta da Agatha foi o motivo de você ter conversado com sua mãe sobre se abrir comigo?"

Ele solta um suspiro e acena com a cabeça. "No fim, não foi bem uma escolha. Mesmo tendo jurado que seguiria em frente depois que você fosse embora, perder você para sempre foi" — seu pomo de Adão se move intensamente — "insuportável. A carta dela me deu o empurrão final que eu precisava."

A mão dele desliza até meu queixo. "Então liguei para minha mãe e disse que te amo", ele diz simplesmente. "Disse a ela que, se você me permitisse, eu queria passar o resto da minha vida te amando, Gracie. E, de alguma forma, ela me ouviu. Ela me deu permissão para te contar tudo." Os olhos dele me procuram. "Mas a única pergunta é: você vai me deixar? Vai me deixar te amar do jeito que você sempre mereceu, pelo máximo de tempo possível?"

Num último e dilacerante, meu coração parece explodir no peito, e percebo que, enquanto pensava que estava se partindo, na verdade estava apenas se expandindo. Incapaz de conter todo esse amor. Ele me invade até que uma única palavra escapa.

"*Sim*", digo entre lágrimas. "Eu também te amo", tento dizer, mas ele já está me beijando, e eu sinto — a mesma represa se rompendo em seu peito, paredes de

concreto desmoronando e se dissolvendo até estarmos juntos na torrente. Suspensos e sem peso neste amor arrebatador do qual não precisamos mais nos conter.

Quando ele se afasta um pouco, seu sorriso é lindo demais para ser sufocado por outro beijo. “Então isso é um sim”, diz ele, sem fôlego.

“Sim”, respondo, com um sorriso tão largo que chega a doer.

Ele acaricia meu rosto. “E você percebe que tecnicamente acabou de concordar com um acordo para a vida toda?”

Uma onda de emoção me invade. “Eu não tinha me dado conta de que havia assinado algum tipo de contrato.”

“Isso pode ser providenciado”, diz ele com a voz rouca, o olhar escurecendo.

Dou um tapinha leve no peito dele e rio nervosamente. “Não dá para falar essas coisas para uma cerimonialista! Levamos contratos românticos para a vida toda muito a sério.”

Seus lábios pressionam os meus, leves como uma pluma e cheios de carinho, antes de se moverem para o meu queixo, fazendo-me estremecer. “Quem disse que eu não estava falando sério? Você, mais do que ninguém, deveria saber o quanto sempre respeitei a instituição do casamento.”

Minha risada é ofegante enquanto me agarro aos seus ombros largos, desejando que esse momento nunca acabe. Balanço a cabeça, maravilhada. “Jude Larkwood, falando de casamento. Nunca pensei que veria esse dia.”

Ele encosta a testa na minha. "Gracie Holland, não há cerimônia que eu não faria, contrato que eu não assinaria e juramento que eu não faria para te ter como minha."

Meus olhos se fecham enquanto suas palavras me atingem em cheio. "Então acho que sou sua", sussurro.

Seus lábios encontram os meus e, desta vez, é como virar uma página. O fim de algo antigo. O começo de algo novo. O início de uma eternidade.

Epílogo GRAÇA

Um Ano Depois

Eu realmente não entendo por que eu tenho que—ai!

"Desculpe!"

"—Usar maquiagem. Eu já estou fantasiada."

"Você está literalmente com o mesmo terno que usou no tribunal hoje", aponto para Jude, que está visivelmente emburrada com essa reviravolta.

Quando lhe contei pela primeira vez que queria dar uma festa à fantasia de Halloween no meu estúdio para a comunidade KILN, ele pareceu entusiasmado. ("E exatamente quão reveladora será a sua fantasia?") Depois, quando o informei que iríamos como Emily e Victor de A *Noiva Cadáver* — nosso filme favorito para nos confortar —, ele pareceu concordar. ("Prático. Vou como eu mesmo.") Mas hoje à noite, quando o sentei no meu estúdio e peguei meu kit de maquiagem, ele não ficou nada contente. ("Minha palidez já não é fantasmagórica o suficiente?") Foi preciso um pouco de estratégia com os cílios e um "Por favor" perfeitamente cronometrado, mas ele não teve a menor chance.

"Coloquei um colete e troquei a gravata", argumenta ele, como se seu terno de três peças impecavelmente ajustado pudesse ser considerado uma fantasia de Halloween. "Você sabe que eu nunca uso um nó Windsor completo."

"Que ousadia a sua", digo rindo, enquanto aplico suavemente uma sombra escura ao redor dos seus olhos. Dá a ele um ar assombrado que, de alguma forma, fica absurdamente atraente nele.

"Minha pele parece estar selando meu crânio a vácuo", diz ele enquanto retoco as olheiras que esfumei sob suas maçãs do rosto. "Isso é normal?"

Reviro os olhos com um sorriso e largo o pincel de maquiagem. "Pronto. Terminei, seu chorão."

Levanto-me para procurar um espelho, e o vestido branco etéreo que fiz para a ocasião rodopia em torno das minhas pernas num farfalhar de chiffon leve como

uma pluma e renda esfarrapada. Os olhos escuros de Jude me seguem pelo quarto como se ele não conseguisse desviar o olhar, e meu estômago dá um pulinho sob o corpete apertado. Estaria mentindo se dissesse que usar um vestido de noiva na frente dele — mesmo que seja apenas uma versão macabra de fantasia — não faz meu coração acelerar um pouco. E talvez seja precipitado pensar assim. Mas a verdade é que começar nossa vida juntos tem sido mais fácil do que respirar.

O que começou como uma "estadia temporária" na casa dele se transformou em "por que me mudar se passamos todos os momentos livres juntos?". Isso simplificou as coisas, e ultimamente, simplicidade tem sido algo raro. Principalmente depois que um dos meus modelos de vestido de noiva viralizou inesperadamente há seis meses, e a vida ficou tão corrida que nem consigo pensar em me mudar — e cheia de motivos para ficar.

Ainda existem dias difíceis. Ele fez duas tatuagens novas desde que me mudei para cá, e às vezes fico apavorada com a possibilidade do meu negócio incipiente fracassar de novo. Mas nenhum de nós se sente sozinho agora. Eu e a mãe dele nos tornamos muito próximas, e eu e minha mãe corremos juntas todo mês, trocando receitas de smoothies como se fosse a nossa versão proteica de uma linguagem do amor. Sofia e Henry também estão prosperando no relacionamento deles (talvez até demais, a julgar pelo nosso histórico extremamente competitivo no pickleball de casais), assim como a Sra. Morales e o novo namorado dela.

Como alguém que passou quase a vida inteira ansiando por uma família que me apoiasse, é o tipo de abundância com que sempre sonhei. Mas no centro de toda a minha alegria está Jude. Em todos os momentos bons e ruins, o cuidado dele por mim é tão constante e inabalável quanto o meu por ele. É por isso que — mesmo que eu não trabalhe mais com planejamento de casamentos — há mais um que estou secretamente louca para organizar.

"Aqui", digo, voltando para onde ele está encostado em uma das minhas mesas de trabalho cobertas de abóboras, parecendo a versão adulta do Victor em seu, entre aspas, "fantasia".

Ele pega o espelho de mão e o ergue para inspecionar seu belo rosto, contornado em tons de cinza. "Eu pareço—"

"Pronto para ser o libertino do submundo?"

Ele coloca o espelho de lado e deixa seu olhar percorrer meu rosto cuidadosamente maquiado. Depois de assistir a alguns tutoriais online e fazer alguns testes que envolviam gritar com cílios postiços, me sinto linda com minha maquiagem dramática e pele azulada.

Seus olhos se desviam do meu batom rosa chiclete para encontrar o meu, famintos de uma forma que eu nunca tinha visto antes. "Parece que estou pronto para pedir minha linda noiva cadáver em casamento."

Meu coração dispara com o que poderia ser simplesmente uma referência ao ponto central da trama do filme, ou algo completamente diferente.

"Tecnicamente, Victor só pede em casamento acidentalmente", digo, minha voz repentinamente ofegante, como se eu tivesse dado uma volta ao mundo correndo.

“Mas todos nós sabemos que foi a melhor decisão que ele já tomou”, diz Jude, aproximando-se de mim.

“Acho que ele discordaria, considerando que acabou se casando com outra pessoa”, observo.

“Bem, ainda bem que, ao contrário do Victor, eu não sou uma completa imbecil.”

Dou uma risada, mas ela fica presa na minha garganta como uma bolada quando Jude se ajoelha lentamente. Observo, estupefata, enquanto ele tira uma caixa de veludo preto do bolso do paletó.

“Como é mesmo o juramento do filme?”, ele pergunta, pensativo. Mas não consigo responder. Estou paralisada, mesmo com meu coração disparando em cada pulsação. De boca seca, observo-o levantar a caixa. “'Com esta mão, eu aliviarei suas tristezas. Seu cálice jamais se esvaziará, pois eu serei seu vinho.'”

Meu coração se transforma em uma fera selvagem no meu peito enquanto ele abre a caixa, e vejo o anel de diamante mais espetacular de Agatha brilhar como uma chama viva ao ser exposto à luz.

“'Com esta vela'”, ele continua, “'iluminarei seu caminho na escuridão. Com este anel, peço que você seja minha.'”

“Jude—”, sussurro, ainda meio convencida de que isso é algum tipo de fantasia de cosplay e não a vida real.

Mas ele encontra meu olhar, dissipando qualquer dúvida da minha mente quando diz: "Gracie Elizabeth Holland", com mais ternura do que meu nome jamais

foi pronunciado.

"Desde o primeiro instante em que a vi presa naquela planta horrível, soube que travaria uma batalha perdida contra me apaixonar perdidamente por você. Cada dia desde então me faz questionar como pude viver sem você. Por favor, você me faria o homem mais feliz do mundo sendo minha esposa?"

Meus olhos se embaçam enquanto aceno com a cabeça e digo a única coisa que consigo dizer em resposta. "Claro que sim. Quer dizer... é claro. Sim", gaguejo, completamente emocionada. O sorriso que se estende por seu belo rosto é enorme enquanto ele coloca o deslumbrante anel no meu dedo.

“A manchete perfeita para o nosso anúncio de noivado”, diz ele, levantando-se e me puxando para perto. “Ela disse ‘Sim!’”

Eu rio, incapaz de ficar constrangida quando ele me olha assim — os olhos brilhando como se eu realmente o tivesse feito o homem mais feliz do mundo.

“Eu sempre posso voltar atrás, sabe?”, ameaço sem convicção, sem conseguir acreditar que o encontrei. A minha alma gêmea.

“Com que justificativa?”, pergunta ele, fingindo indignação.

“Com a justificativa de que meu futuro marido precisa melhorar no pickleball. Henry e Sofia estão nos matando.”

Ao ouvir a palavra marido, suas mãos na minha cintura se contraem possessivamente. "Anotado, mas receio que você estaria infringindo a cláusula 87b do 'Acordo Sem Volta'", diz ele com uma voz mais exaltada do que a piada justificava.

"Bem, não queremos isso", respondo baixinho enquanto ele me inclina para trás.

"Não, não queremos."

Quando ele me beija, a sensação é melhor do que qualquer promessa. É um pedido de casamento — para compartilhar um futuro mais lindo do que eu jamais poderia ter imaginado.

AGRADECIMENTOS

Quando comecei a trabalhar em "Não É Esse Tipo de Proposta", já tinha ouvido o boato de que o segundo romance de um autor é o mais difícil de escrever. Ingenuamente, pensei: "Que nada!". Escrevi meu primeiro romance enquanto lutava contra o câncer de mama, e o que poderia ser mais difícil do que isso? (Veja os agradecimentos do meu primeiro romance, muito mais fácil de escrever, "Qualquer Clichê Menos Você".) Como se vê, os boatos estavam certos. Sem o apoio de tantas pessoas incríveis, esta história certamente ainda estaria definhando na minha pasta de rascunhos. Então, sem mais delongas:

À minha equipe da Atria, obrigada pelo apoio inabalável e por serem incrivelmente bons no que fazem. À minha assessora de imprensa, Camila Araujo, obrigada por trabalhar incansavelmente para divulgar minhas histórias em um mercado tão competitivo e por ser uma profissional excepcional. À minha gerente de marketing, Zakiya Jamal (outra autora de comédias românticas que vocês definitivamente deveriam ler), obrigada por ser incrivelmente gentil, além de ter um talento impressionante. Obrigada à minha maravilhosa revisora, Shelly Perron, por ter um olhar tão apurado. E, claro, um agradecimento extra (extra!) especial à minha editora, Elizabeth Hitti Musicant, sem a qual este livro simplesmente não existiria. Eu sabia, quando trabalhamos juntas em *ATBY*, que tinha encontrado uma parceira verdadeiramente talentosa, mas colaborar em *NTKOP* com você despertou novos níveis de admiração. Obrigada por emprestar sua sensibilidade e seus talentos extraordinários a este livro tão pessoal, tudo isso enquanto planejava seu próprio casamento (que eu sei que a Gracie teria adorado!).

Um enorme agradecimento à minha leitora de sensibilidade, Dra. Kelly O'Connor, por ler este romance com sua perspectiva especializada e experiência

clínica em trauma, cura e resiliência em populações expostas à violência. Foi uma honra contar com seu tempo e sabedoria! E à Emilia Rhodes, muito obrigada por me ajudar a cortar palavras quando eu precisava desesperadamente de uma tesoura extra.

À Jessica Mileo, minha incrível agente de quem falo sem parar para todos os meus amigos escritores, muito obrigada. Você me dá firmeza quando mais preciso, e não há um dia sequer em que eu não seja grata por tê-la ao meu lado. Da mesma forma, à minha maravilhosa co-agente do Reino Unido, Louise Lamont, obrigada por sempre me apoiar — mal posso esperar para conversar com você sobre o Capitão von Trapp pessoalmente algum dia!

Mais uma vez, um enorme agradecimento a toda a minha equipe do Reino Unido na Zaffre Books. À minha editora, Melissa Cox, muito obrigada por acreditar em mim — quero muito te orgulhar! À Enisha Samra, Georgia Marshall e Florence Philip, vocês têm o poder incrível de me fazer sorrir sempre que um e-mail de vocês chega à minha caixa de entrada. Obrigada por sempre se esforçarem ao máximo para me apoiar — sou imensamente grata.

À minha talentosíssima ilustradora da capa, Sandra Chiu, muito obrigada mais uma vez por desenhar a capa dos meus sonhos e por aturar todos os meus pedidos do tipo "podemos deixar o Jude mais gato?". Acho que todos concordamos que ele está no auge da beleza agora. À Davina Mock-Maniscalco, Min Choi e toda a equipe de produção e design, obrigada por transformarem meu documento do Word bagunçado neste livro absolutamente lindo.

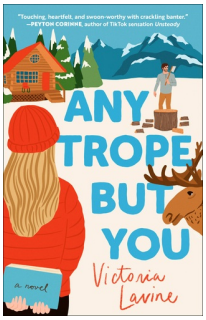
Um agradecimento especial e imenso aos leitores, bibliotecários e livreiros que abraçaram *Any Trope but You* de todo o coração. O entusiasmo de vocês por *Not That Kind of Proposal* foi o vento que me impulsionou, e vocês são a razão pela qual continuo escrevendo quando parece difícil demais.

Aos meus amigos e familiares que me apoiaram durante este ano de transformação, não há palavras suficientes para expressar minha gratidão. Vocês me enviaram mensagens de apoio quando eu estava com prazos apertados. Tornaram o dia do meu lançamento tão especial, mesmo eu estando grávida demais para andar direito. Trouxeram comida para minha família quando estávamos cansados demais para cozinhar (ou até mesmo pedir comida pelo aplicativo). Um agradecimento especial aos meus pais, Sandra e Tom, à minha querida afilhada

Luzannette Cortez e às minhas amigas mais queridas: Eden Campbell, Regina Verret-Foster, Meghann Utrata, Laurie Palagyi, Christine McIntire, Elizabeth MacInnes, Kate Strait, Jill Lydon e Meaghan Chemelski. Obrigada também à minha incrível comunidade de autoras de romance — vocês são tantas que me ajudam a dar sentido a este trabalho, e eu estaria perdida sem vocês.

Para meus filhos, Georgie e Roman, vocês são o sol no meu rosto e a luz do luar no meu coração — nunca há escuridão por causa de vocês. E para você, James. Obrigada por ser a personificação de "homens escritos por mulheres". Você torna tão fácil manter o amor vivo.

Mais do autor



Qualquer clichê, menos você.

SOBRE O AUTOR

Victoria Lavine é a autora de sucesso internacional de *Any Trope but You* e *Not That Kind of Proposal.* Seu amor por romances começou no ensino médio com uma caixa de livros antigos de romances picantes e um aceno da bibliotecária local. Agora, ela escreve seus próprios finais felizes quando não está curtindo o maravilhoso estado do Maine com o marido, a filha e o filho; atendendo aos pedidos de seus dois gatos; ou inventando excelentes motivos para preparar seu próximo café com leite.



SimonandSchuster.com

www.SimonandSchuster.com/Authors/Victoria-Lavine

@AtriaBooks

Esperamos que você tenha gostado de ler este ebook da Simon & Schuster.

Ganhe um ebook GRÁTIS ao se inscrever na nossa lista de e-mails. Além disso, receba novidades sobre lançamentos, ofertas, recomendações de leitura e muito mais da Simon & Schuster. Clique abaixo para se inscrever e ver os termos e condições.

CLIQUE AQUI PARA SE INSCREVER

Já é assinante? Forneça seu e-mail novamente para que possamos registrar este ebook e enviar mais conteúdo do seu interesse. Você continuará recebendo ofertas exclusivas na sua caixa de entrada.

A Atria Books, um selo da Simon & Schuster, promove um ambiente aberto onde ideias florescem, autores de sucesso alcançam novos patamares e as melhores vozes do futuro são descobertas e cultivadas. Desde seu lançamento em 2002, a Atria publicou centenas de best-sellers e livros extraordinários, o que não teria sido possível sem o apoio e a experiência inestimáveis de sua equipe e parceiros editoriais. Agradecemos aos colegas da Atria Books que colaboraram em "*Not that Kind of Proposal*", bem como às centenas de profissionais dos departamentos de publicidade, áudio, comunicação, design, ebook, finanças, recursos humanos, jurídico, marketing, operações, produção, vendas, cadeia de suprimentos, direitos subsidiários e logística da Simon & Schuster, que ajudam a Atria a dar vida a grandes livros.

EDITORIAL
Elizabeth Hitti Musicant
Emilia Rhodes
Natalie Argentina

DESIGN DA CAPA
Min Choi
Sandra Chiu
James Iacobelli

MARKETING
Zakiya N. Jamal

EDITORIAL DE DIREÇÃO
Paige Lytle
Shelby Pumphrey
Sofia Echeverry
Abby Borchers

PRODUÇÃO
Laura Wise
Allison Har-zvi
Shelly Perron

Davina Mock-Maniscalco

ASSUNTOS DE IMPRENSA
Camila Araujo

EDITORAL
Dana Trocker
Suzanne Donahue
Abby Velasco

DIREITOS SUBSIDIÁRIOS
Nicole Bond
Sara Bowne
Rebecca Justiniano



Uma marca da Simon & Schuster, LLC
1230 Avenue of the Americas
Nova York, NY 10020

www.SimonandSchuster.com

Há mais de 100 anos, a Simon & Schuster defende os autores e as histórias que eles criam. Ao respeitar os direitos autorais da propriedade intelectual de um autor, você permite que a Simon & Schuster e o autor continuem publicando livros excepcionais por muitos anos. Agradecemos seu apoio aos direitos autorais do autor ao adquirir uma edição autorizada deste livro.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em qualquer formato, nem pode ser carregada em qualquer website, banco de dados, modelo de linguagem abrangente ou outro repositório, sistema de recuperação ou inteligência artificial sem autorização expressa. Todos os direitos reservados. Consultas podem ser dirigidas à Simon & Schuster, 1230 Avenue of the Americas, Nova Iorque, NY 10020 ou permissions@simonandschuster.com.

Este livro é uma obra de ficção. Quaisquer referências a eventos históricos, pessoas reais ou lugares reais são usadas ficticiamente. Outros nomes, personagens, lugares e eventos são produtos da imaginação do autor, e qualquer semelhança com eventos, lugares ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Copyright © 2026 por Victoria Lavine

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reproduzir este livro ou partes dele em qualquer formato. Para obter informações, entre em contato com o Departamento de Direitos Subsidiários da Atria Books, 1230 Avenue of the Americas, Nova York, NY 10020.

Esta edição em brochura da Atria é de julho de 2026.

ATRIA PAPERBACK e o colofão são marcas registradas da Simon & Schuster, LLC.

A Simon & Schuster acredita firmemente na liberdade de expressão e se opõe à censura em todas as suas formas. Para mais informações, visite BooksBelong.com.

Para informações sobre descontos especiais para compras em grande quantidade, entre em contato com o Departamento de Vendas Especiais da Simon & Schuster pelo telefone 1-866-506-1949 ou pelo e-mail business@simonandschuster.com.

O Simon & Schuster Speakers Bureau pode levar autores ao seu evento presencial. Para mais informações ou para agendar um evento, entre em contato com o Simon & Schuster Speakers Bureau pelo telefone 1-866-248-3049 ou visite nosso site em www.simonspeakers.com.

Design de interiores por Davina Mock-Maniscalco
Design e ilustração da capa por Sandra Chiu

Dados de Catalogação na Publicação da Biblioteca do Congresso disponíveis.

ISBN 978-1-6680-8329-1 (brochura)
ISBN 978-1-6680-8330-7 (e-book)